

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS

Aline Vargas Stawinski

**À ESCUTA DA *LANGUE-PAROLE*:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA SAUSSURIANA**

Porto Alegre

2020

Aline Vargas Stawinski

**À ESCUTA DA *LANGUE-PAROLE*:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA SAUSSURIANA**

Tese em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Luiza Ely Milano.

Porto Alegre

2020

CIP - Catalogação na Publicação

Stawinski, Aline Vargas

À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana / Aline Vargas Stawinski. -- 2020.

186 f.

Orientadora: Luiza Ely Milano.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. escuta. 2. falante. 3. ouvido. 4. ouvinte. 5. Saussure. I. Milano, Luiza Ely, orient. II. Título.

Aline Vargas Stawinski

**À ESCUTA DA *LANGUE-PAROLE*:
CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA SAUSSURIANA**

Tese em Estudos da Linguagem com ênfase em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 27 de agosto de 2020.

Resultado: A

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Daiane Neumann
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Prof. Dr. Gabriel Ottero
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Giuseppe D'Ottavi
Institut des textes et manuscrits modernes - ITEM (CNRS/ENS)

Prof^a Dr^a Luiza Ely Milano
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (Orientadora)

*À minha família, pelo incentivo,
apoio e confiança.*

AGRADECIMENTOS

À Luiza Milano, pelos mais de oito anos de pesquisa e escuta, parceria e incentivo constante. Obrigada por tudo – este é um trabalho nosso.

À Janaína Gomes, pela amizade, diálogo e apoio. Os anos de mestrado e doutorado não produziram os mesmos efeitos sem a tua presença questionadora.

À Laura Frydrych, pelas leituras atentas e críticas, e pela lembrança, tão necessária, de que há muito a ser explorado para além das línguas orais.

Ao Giuseppe D'Ottavi – pela generosidade das leituras realizadas desde o projeto desta tese e pelas preciosas recomendações bibliográficas –, e à Daiane Neumann, pelos questionamentos instigantes e pelo incentivo em seguir à escuta.

À Mélanie Dias, pela parceria que se construiu ao longo dessa trajetória acadêmica, mas que não se restringe a ela.

Ao grupo do Rastro: Carol, Augusto, Rosana, Joana, Silvani, Bianca, Victória, Tiago, Elisa – vocês tornaram esse caminho muito mais leve.

À Sara Hoff, por todo apoio – da bibliografia às conversas para além da universidade.

À Catia Vargas – meu exemplo de dedicação.

Ao Heitor de Sousa, pela confiança e incentivo em buscar o meu melhor – ontem, hoje e sempre.

*Dans le dialogue, parler est un événement, et
entendre, une constante.*

Jacques Coursil (2000, p.7)

Estar à escuta é sempre estar à beira do sentido.

Jean-Luc Nancy (2014, p.17).

RESUMO

O intuito desta tese é propor um conceito de *escuta* em articulação com as noções de *langue* e *parole*, levando em consideração o papel atribuído ao *ouvido* e ao *falante* a partir da reflexão linguística saussuriana. Para tanto, empreendemos uma pesquisa teórica, entrelaçada em três capítulos: o primeiro é dedicado ao *ouvinte*, o segundo ao *falante* e o terceiro à *escuta*. Cada uma dessas concepções, apesar de estarem dispostas separadamente em capítulos, estão imbricadas no decorrer de toda a nossa discussão; nesse sentido, sublinhamos que as três partes da tese mantêm um constante diálogo e apresentam a questão da *escuta* de pontos de vista singulares. No capítulo 1, “*Monsieur B* e a posição de *ouvinte*”, introduzimos o debate a partir de uma contextualização acerca do *ouvido* e suas implicações terminológicas, com ênfase no manuscrito *Phonétique*. Além disso, propõe-se uma visada do circuito da *parole* saussuriano para além da posição de falante, sublinhando a posição ativa do *ouvinte* frente à *langue*. Por fim, trabalhamos a partir da noção de *função muda da linguagem*, proposta por Jacques Coursil, com o intuito de apontar a posição de *ouvinte* como uma constante na linguagem. No capítulo 2, “*Monsieur A*: o encontro *langue-parole*”, situamos a concepção de *falante* nos estudos linguísticos e seu lugar na teoria saussuriana. Em seguida, abordamos a *parole* como experiência, mostrando como os conceitos de *langue* e *parole* estão unidos pela concepção saussuriana de *sujet parlant*. Na sequência, encaramos o *sentimento* da *langue*, presente em textos saussurianos, como um termo que reforça a experiência da *parole* e sua indissociabilidade em relação à *langue*. No capítulo 3, “A *escuta* linguística: efeitos do *ouvido*”, delimitamos as diferenças entre os termos *ouvir* e *escutar* e rastreamos definições de *escuta* e suas possíveis relações para a construção de um conceito linguístico. Lançamos mão de considerações advindas da filosofia com o propósito de ampliar uma concepção de *escuta* distante da objetividade e da passividade, realizando um deslocamento de tais considerações para o campo dos Estudos da Linguagem. Finalmente, redirecionamos nossa atenção à Linguística, buscando um embasamento teórico a partir de dois pesquisadores fundamentais: Roman Jakobson e Arild Utaker, cada um a seu modo, sob os efeitos do pensamento saussuriano. Concluimos, assim, que a *escuta* é uma *função* de interpretação linguística capaz de questionar a divisão *langue-parole*, cuja implicação pode repercutir em diferentes perspectivas dos Estudos da Linguagem.

Palavras-chave: escuta; falante; ouvido; ouvinte; Saussure.

RÉSUMÉ

L'objectif de cette thèse est de proposer un concept d'*écoute* en articulation avec les notions de *langue* et *parole*, en tenant compte du rôle attribué à l'*oreille* et au *sujet parlant* à partir de la réflexion linguistique saussurienne. Pour ce faire, nous avons effectué une recherche théorique, entrelacée en trois chapitres : le premier est dédié à l'*auditeur*, le deuxième au *sujet parlant* et le troisième à l'*écoute*. Chacune de ces conceptions, bien qu'étant séparément disposées en chapitres, sont imbriquées tout au long de notre discussion ; en ce sens, nous soulignons que les trois parties de la thèse entretiennent un dialogue constant et elles posent la question de l'*écoute* à partir de points de vue singuliers. Dans le chapitre 1, « Monsieur B et la position d'*auditeur* », nous introduisons le débat à partir d'une contextualisation sur l'*oreille* et ses implications terminologiques, en mettant l'accent sur le manuscrit *Phonétique*. En outre, le circuit de la parole saussurien est visé au-delà du sujet parlant afin de souligner la position active de l'*auditeur* face à la langue. Enfin, nous travaillons à partir de la notion de *fonction muette du langage*, proposée par Jacques Coursil, dans le but de souligner la position de l'*auditeur* comme une constante dans le langage. Dans le chapitre 2, « Monsieur A : la rencontre *langue-parole* », nous situons le concept de sujet parlant dans les études linguistiques et sa place dans la théorie saussurienne. Ensuite, nous abordons la *parole* comme une expérience, en montrant comment les concepts de *langue* et de *parole* sont unis par la conception saussurienne de sujet parlant. Après, nous exploitons le *sentiment* de la langue, présent dans les textes saussuriens, comme un terme qui renforce l'expérience de la *parole* et son inséparabilité par rapport à la *langue*. Dans le chapitre 3, « L'*écoute* linguistique : des effets de l'*oreille* », nous délimitons les différences entre les termes *entendre* et *écouter* et nous recensons des définitions de l'*écoute* et ses relations possibles pour la construction d'un concept linguistique. Nous avons fait appel à des considérations issues de la philosophie dans le but d'élargir l'idée d'*écoute* loin de l'objectivité et de la passivité, en déplaçant ces considérations vers le domaine des Études du Langage. Enfin, nous réorientons notre attention vers la Linguistique, à la recherche d'une base théorique ancrée sur deux chercheurs fondamentaux : Roman Jakobson et Arild Utaker, chacun à sa manière, sous les effets de la pensée saussurienne. Nous concluons donc que l'*écoute* est une *fonction* d'interprétation linguistique capable de questionner la division *langue-parole*, dont l'implication peut avoir des répercussions dans de différentes perspectives des Études du Langage.

Mots-clés : auditeur ; écoute ; oreille ; Saussure ; sujet parlant.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Tabela de termos em Cosenza (2016, p.597, grifo nosso).....	34
Figura 2 – Circuito da <i>parole</i> (SAUSSURE, 1972, p.27)	49
Figura 3 – Descrição do circuito da <i>parole</i> (adaptado do CLG pela autora).....	49
Figura 4 – Segundo circuito (SAUSSURE, 1972, p.28)	50
Figura 5 – Collation Sechehaye (2015, p.408)	50
Figura 6 – <i>Circuit de la parole</i> (CONSTANTIN, 2005, p.215).....	51
Figura 7 – Conceito e imagem acústica em Constantin (CONSTANTIN, 2005, p.220)	54
Figura 8 – O circuito da escuta a partir de Coursil (adaptado do CLG pela autora)	55
Figura 9 – Relações associativas (CLG, 1995, p.175).....	89
Figura 10 – Notas em R, G, Ca, C – CLG/E (SAUSSURE, 1989, p.289)	90
Figura 11 – “ <i>Parole</i> ” em Cosenza (2016, p.598)	107
Figura 12 – “ <i>Sentiment</i> ” em Cosenza (2016, p.605)	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – <i>Langage, langue, parole</i> e suas versões em outras línguas	105
Quadro 2 – “ <i>Sentiment</i> ” no corpus saussuriano.....	113
Quadro 3 – <i>The Sourcebook of Listening Research</i>	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CFS – *Cahiers Ferdinand de Saussure*, revista publicada pelo *Cercle Ferdinand de Saussure*.

CLG – *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure. [Edição francesa: Saussure, 1972. Edição brasileira: Saussure, 2006]*.

CLG/E Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*, edição crítica de Rudolf Engler, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968-1974 [Saussure, 1989].

*Abreviações conforme os autores das anotações reproduzidas na edição crítica de Engler: Albert Riedlinger (R), Louis Caille (Ca), Léopold Gautier (G), François Bouchardy (B), Émile Constantin (C), George Dégallier (D), Mm A. Secheyay (S) e Francis Joseph (J).

ELG – *Écrits de linguistique générale*, edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler, Paris, Gallimard, 2002 [Edição brasileira : Saussure, 2004].

KI – Ferdinand de Saussure, *Premier cours de linguistique générale, par les cahiers d’A. Riedlinger* (1907). Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1996.

KII – Ferdinand de Saussure, *Deuxième cours de linguistique générale, par les cahiers d’A. Riedlinger et Ch. Patois* (1908-9). Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1997.

KIII – Ferdinand de Saussure, *Troisième cours de linguistique générale (1910–1911) d’après les cahiers d’Émile Constantin/Saussure’s third course of lectures on general linguistics (1910–1911) from the notebooks of Émile Constantin*. Edited by Eisuke Komatsu. English trans. R. Harris, Oxford: Pergamon, 1993.

LTS – *Léxique de la terminologie saussurienne*, Utrecht-Anvers, Spectrum, 1968. (Engler, 1968).

Ph – *Phonétique. Il manoscritto di Havard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995. [Saussure, 1995].

ScL – *Science du langage*. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des *Écrits de linguistique générale*, établie par René Amacker, Genève, Droz. [Saussure, 2011].

SM – Robert Godel, *Les Sources manuscrites du Cours de linguistique generale de F. de Saussure*. 282 S. 4°. Vol. 61. Université de Genève. Genève : Droz, 1957. [Godel, 1969].

ThS – *Théorie des sonantes. Il manoscritto di Ginevra*. Bibliothèque Publique de Genève, edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU : Genève, 2002.

*Entre colchetes, acrescentamos as edições referenciadas neste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MONSIEUR B E A POSIÇÃO DE <i>OUVINTE</i>	28
1.1 O OUVIDO: IMPLICAÇÕES TERMINOLÓGICAS	28
1.1.1 <i>Phonétique</i> : a criação de um ponto de vista?	37
1.2 O <i>OUVINTE</i> COMO POSIÇÃO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA.....	44
1.2.1 O circuito para além da <i>parole</i>	48
1.2.2 O “lado B” do circuito da <i>parole</i>	56
1.3 COURSIL E A FUNÇÃO MUDA DA LINGUAGEM	62
1.3.1 As bordas temporais da <i>parole</i>	63
1.3.2 O diálogo é intersubjetivo?	68
2 <i>MONSIEUR A</i> : O ENCONTRO <i>LANGUE-PAROLE</i>	74
2.1 O FALANTE E SEUS EFEITOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM	76
2.1.1 De <i>sujeito a falante</i>	79
2.1.2 O <i>sujet parlant</i> no âmbito da teoria saussuriana	84
2.2 A <i>PAROLE</i> COMO EXPERIÊNCIA	99
2.2.1 <i>Langue e parole</i> : dois conceitos, um fenômeno	103
2.2.2 O sentimento de unidades linguísticas: uma ilusão para ser falante.....	111
3 A ESCUTA LINGUÍSTICA: EFEITOS DO <i>OUVIDO</i>	120
3.1 ENTRE <i>OUVIR</i> E <i>ESCUTAR</i> : NO RASTRO DAS DEFINIÇÕES	124
3.2 DO <i>SENTIDO SENSÍVEL</i> AO <i>SENTIDO SENSATO</i> : À ESCUTA DA FILOSOFIA .	132
3.3 EM BUSCA DA ESCUTA – UM CONCEITO LINGUÍSTICO?	144
3.3.1 À <i>escuta do sentido</i>	149
3.3.2 Do <i>órgão à função</i> : a <i>escuta</i> como conceito linguístico	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	174
REFERÊNCIAS	178

INTRODUÇÃO

Falar, escutar, escrever, ler, dialogar... Ser e estar em uma (ou mais) língua(s) torna estes verbos corriqueiros, até mesmo banais. Para os estudiosos da linguagem, no entanto, não há fenômeno mais complexo do que essa troca, fundamental, que acontece entre os falantes de uma língua. A trajetória de pesquisa que empreenderemos neste trabalho é uma continuidade dos estudos acerca do lugar que o *ouvinte* ocupa nessa troca – considerações as quais foram tecidas a partir da linguística saussuriana. Esboçaremos brevemente o percurso de pesquisa que influenciou os questionamentos desta tese.

O interesse pelo “lado B” do circuito da *parole*¹, de certa forma, já estava presente nos nossos questionamentos de pesquisa desde 2012: a transcrição de falas sintomáticas² instigou-nos a olhar para o lugar de escuta do analista-terapeuta da linguagem, posição essa longe da passividade de uma suposta “decodificação” da fala, colocando em jogo a subjetividade da transcrição em função dos efeitos da escuta. No projeto desenvolvido naquele ano, buscou-se olhar para a transcrição como um ato enunciativo, dependente da condição de ouvinte do analista de determinado fato de linguagem. Apesar de não termos inicialmente vinculado aquele trabalho a um ponto de vista saussuriano, acreditamos que esta retomada é importante para situarmos o início das nossas reflexões relacionadas à escuta.

Tanto a *escuta* quanto a subjetividade são temas que instigam pesquisadores para além do campo da linguística. Nosso objetivo, porém, é contribuir para o debate a partir do olhar de linguistas. O nosso interesse na escuta não é desvinculado dos estudos sobre a subjetividade na linguagem, e esse percurso foi realizado, pessoalmente, na escrita do trabalho de conclusão da graduação, sob o título *A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos* (STAWINSKI, 2013). Nesse trabalho, buscamos fundamentar a subjetividade da linguagem lançando mão de ideias promovidas por Bréal, Saussure e Benveniste – autores que levaram em conta o lugar do falante a partir da linguística.

¹ Neste trabalho, utilizaremos o termo *parole* em lugar do conceito saussuriano usualmente traduzido para o português como *fala*. O mesmo se dará com o termo *langue*, a fim de demarcar seu estatuto de conceito e de evitar possíveis confusões de língua entendida como idioma e de fala entendida com realização articulatória (cf. RIBEIRO, 2019).

² O trabalho *A heterogeneidade na transcrição de falas sintomáticas: marcas subjetivas* foi embasado em Émile Benveniste e esteve vinculado ao projeto de pesquisa *A especificidade da transcrição da fala sintomática: aspectos enunciativos*, coordenado pela Profa. Dra. Luiza Milano (PPG Letras-UFRGS, 2009-2013).

Em 2014, a partir da participação no projeto de pesquisa *O rastro do som em Saussure: sobre o aspecto fônico da língua*³, foi possível investigar mais a fundo o lugar do ouvinte levando em consideração os estudos saussurianos. Nosso percurso trilhado na dissertação de mestrado, intitulada *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana* (STAWINSKI, 2016), pode ser resumido basicamente em três movimentos, os quais influenciaram diretamente nossa pesquisa atual: (1) partimos do *Curso de Linguística Geral* (2006) e seus principais conceitos, com ênfase no circuito da *parole* e nos capítulos e apêndice sobre fonologia; (2) adentramos os *Escritos de Linguística Geral* (2004), principalmente no que se refere à relação forma-sentido e à dupla essência da linguagem; (3) por fim, estudamos o manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995), cuja edição de Maria Pia Marchese oportunizou o contato com as ideias de Ferdinand de Saussure acerca do lugar que o aspecto fônico ocupa nas suas considerações linguísticas. Assim, acabamos nos deparando com leitores de Saussure – como Jacques Coursil (2000) e Herman Parret (2014a), dentre outros – cujos estudos envolvem a questão da materialidade, do aspecto fônico da língua e do lugar ocupado pelo interlocutor no diálogo, pontos de discussão que caminham em direção a uma noção de *ouvinte* e de *escuta* a partir de Saussure.

Em que a presente tese busca avançar? A trajetória que partiu do aspecto fônico da língua para se debruçar sobre a presença do *ouvido* nos textos saussurianos permitiu um mergulho exploratório que possibilitou vislumbrarmos a problemática da escuta por um viés linguístico fundamentado nos estudos saussurianos. Inicialmente, foi possível estabelecermos uma relação entre o recorte das unidades linguísticas – ou seja, o reconhecimento / percepção do que é um signo linguístico – e o lugar de *ouvinte* de uma língua. Apesar de tal consideração, ainda é preciso desenvolvermos um aprofundamento maior com relação a uma construção teórica que permita refletirmos sobre o que vem a ser uma noção ou conceito de *escuta* de um ponto de vista linguístico com base nos princípios saussurianos. Antes de seguirmos os novos rumos desta investigação, cabe destacarmos algumas questões teóricas trabalhadas em Stawinski (2016), as quais alicerçam a proposta deste trabalho.

A leitura do CLG (2006), dos ELG (2004) e do manuscrito *Phonétique* (1995) permitiram constatar a presença do *ouvido* como uma posição linguística responsável por delimitar o *signo*. Particularmente com relação aos ELG, o manuscrito sobre a dupla essência da linguagem gerou uma interrogação banal, mas nem por isso sem importância: afinal, o que

³ Projeto coordenado pela Profa. Dra. Luiza Milano (PPG Letras-UFRGS, 2013-...) que segue em andamento.

é a dupla essência da linguagem? Do que trata essa dualidade? Tal investigação permitiu percebermos que há uma oposição fundamental entre a “fenômeno vocal *como tal*” e o “fenômeno vocal *como signo*”. Uma leitura apressada pode levar o leitor a considerar que tal oposição trata da relação entre significante e significado, as duas contrapartes do signo linguístico saussuriano – entretanto, não é ao significante/significado que a dupla essência diz respeito. A dupla essência da linguagem chama a atenção para a oposição entre o “som” (ou outra materialidade) como substância e o “som” (ou qualquer outra unidade linguística) como *signo*. Reiteramos: não se trata de uma oposição entre o fato “físico” e o fato “mental” (“som” X “ideia”), mas justamente entre o fato físico *versus* o fato físico-mental (“som” X signo). É essa leitura que nos permite encarar a materialidade linguística na dependência do *ouvido*, capaz de atribuir sentido ao que poderiam ser simplesmente massas amorfas de som, e que nos leva agora em direção a uma concepção de *escuta* (trataremos mais sobre essa questão em 1.2).

Quanto ao termo *oreille*, cabe sublinharmos que, neste trabalho, optamos pela tradução *ouvido* – escolha distinta de Stawinski (2016), quando optou-se pelo termo *orelha*, por influência da relação estabelecida em Parret (2014) entre *oreille* e *bouche* (*orelha* e *boca*, respectivamente – que carregam um sentido mais corporal e que causou estranhamento para alguns leitores em nosso trabalho). A opção por *ouvido* também nos permite aproveitaremos a ambiguidade entre o substantivo (“o ouvido”) e a forma verbal do particípio passado do português (“aquilo que foi ouvido”, “escutado”) para enfatizar o sentido de *escuta* linguística. Nos distanciamos, portanto, da definição fisiológica que *orelha* pode acarretar ao leitor: pensaremos este conceito diretamente relacionado à noção de *escuta* e suas implicações.

Propomo-nos a dar continuidade à pesquisa, afinal, como aponta Luiza Milano, “ser capaz de escutar o som que ressoa no legado saussuriano revela uma escolha um tanto singular: é o efeito de uma escuta que testemunha o valor do aspecto fônico da língua na herança saussuriana” (MILANO, 2017a, p.98, *tradução nossa*)⁴. Seguimos com o objetivo principal de explorar mais profundamente o que compreendemos por *escuta* a partir da reflexão linguística saussuriana. Para que isso seja possível, a tese organiza-se em três capítulos, os quais descrevemos a seguir.

⁴ « être capable d’écouter le son qui résonne dans l’héritage saussurien révèle un choix assez singulier : c’est l’effet d’une écoute qui témoigne de la valeur de l’aspect phonique de la langue chez l’héritage saussurien » (MILANO, 2017a, p.98).

No capítulo 1 – *Monsieur B* e a posição de *ouvinte* – abordaremos a questão do *ouvinte* e aquilo que está relacionado à esfera da recepção e da delimitação das unidades linguísticas. A fim de aprofundarmos a questão, será necessário tratarmos de alguns conceitos que acabam sendo implicados ao sublinharmos a posição daquele que escuta: *receptor*; *ouvinte-falante*; *ouvido*; entre outras questões terminológicas que mobilizam desdobramentos teórico-metodológicos, fruto da interpretação que fazemos da teoria hoje – cujo apoio pode ser encontrado em releitores do legado saussuriano, como Jacques Coursil (2000), Giuseppe D’Ottavi (2010), Giuseppe Cosenza (2016). Partiremos, assim, de uma discussão terminológica acerca do *ouvido*, perpassando o manuscrito *Phonétique*, a fim de sustentar a relação do *ouvido* com uma perspectiva de análise das unidades linguísticas, que será detalhada a partir da retomada do circuito da *parole*. Ultrapassamos, assim, o circuito da *parole*, a fim de explorar as implicações da *função muda da linguagem*, elaborada por Coursil (2000), dentre outras considerações, as quais discutem a intersubjetividade e a posição de *ouvinte*.

No capítulo 2 – *Monsieur A*: o encontro *langue-parole* – abordaremos questões relacionadas à concepção de *falante* e seus efeitos nos Estudos da Linguagem. A fim de produzirmos uma reflexão prospectiva, será necessário contarmos com a contribuição de outros pesquisadores que estão atentos à figura do *falante* e às questões relacionadas à *parole* no *corpus* saussuriano – nesse sentido, Robert Godel (1957), a edição comentada do CLG por Tullio De Mauro (SAUSSURE, 1971) e a coleção terminológica de Giuseppe Cosenza (2016) servirão de base. A *parole* encarada como *experiência* buscará sublinhar a união entre *langue* e *parole*, além de nos encaminhar para uma problematização do termo *sentimento* nos escritos saussurianos. Marina de Palo (2010), Antonino Bondi (2014), Raffaele Simone (1995), Alessandro Chidichimo (2009) e Emanuele Fadda (2013a, 2013b) são alguns dos pesquisadores que nos auxiliarão durante o percurso.

Por fim, o terceiro capítulo – A *escuta* linguística: efeitos do *ouvido* – tem como objetivo elaborar uma concepção teórica de *escuta* a partir dos estudos saussurianos e suas implicações para os Estudos da Linguagem. Para isso, será necessário contextualizar os conceitos de *escuta* pertinentes a essa reflexão, partindo, inicialmente, de uma distinção entre *ouvir* e *escutar*. A fim de ampliar a compreensão com relação à *escuta*, buscaremos suporte em considerações advindas da filosofia, a partir de autores que trabalharam diretamente com essa noção, como Jean Luc Nancy (2014) e Rafael Echeverría (2003); quanto a Merleau-Ponty, o filósofo nos ajudará a pensar a percepção da matéria sensível e seu lugar no

fenômeno da linguagem. Em seguida, nos voltaremos à escuta do sentido, levando em conta a reflexão jakobsoniana, assim como as considerações de Federido Albano Leoni (2014). Finalmente, nos propomos a empreender uma leitura com base em Arild Utaker (2016), com o intuito de elaborar um conceito de *escuta* tributário da reflexão saussuriana.

Antes de nos colocarmos à escuta da *langue*, é necessário tratarmos do *corpus* saussuriano, definido como “um conjunto de documentos formado por fontes de natureza heterogênea” (FIORIN et. al., 2013, p.13) em razão da magnitude e diversidade de textos – que vai desde o próprio *Curso de Linguística Geral* e outras edições de textos publicados postumamente, como os *Escritos de Linguística Geral*, até trabalhos publicados e não publicados por Saussure, anotações de sua autoria para a preparação de cursos, cartas pessoais, além de cadernos de estudantes que participaram de suas aulas, entre outros... Enfim, a natureza heterogênea desse material merece ser destacada, e cada fonte deve ser considerada tendo em vista sua especificidade.

Em *Saussure: a invenção da linguística* (FIORIN et al., 2013), é estabelecida uma distinção entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa*. O primeiro faz referência a todo um conjunto de manuscritos e textos saussurianos – cartas, notas acadêmicas, cadernos de alunos e anotações do próprio Saussure; o segundo diz respeito, justamente, ao *corpus* que será mobilizado pelo(a) pesquisador(a) que busca trabalhar a partir das ideias de Ferdinand de Saussure, levando em consideração objetivos específicos. A seguir, buscaremos fornecer uma ideia do que é caracterizado como *corpus saussuriano* para, em seguida, definirmos nosso *corpus* de pesquisa.

Do *corpus* saussuriano

Buscamos oferecer um panorama do conjunto de textos que pertencem ao *corpus* saussuriano a fim de ressaltar a heterogeneidade das fontes, seja com relação à temática, ao formato, autoria ou objetivo – apesar disso, a lista não pretende ser exaustiva⁵. Conforme Giuseppe Cosenza (2016), organizaremos as fontes em ordem cronológica. Os materiais também serão divididos de acordo com o tipo: publicações autográficas de Saussure; edições póstumas estabelecidas a partir de manuscritos; edições póstumas voltadas à divulgação;

⁵ Estanislao Sofia (2019) apresentou um levantamento cronológico detalhado do conjunto de textos publicados por Saussure – um número significativamente reduzido de páginas tornadas públicas pelas mãos do autor em comparação ao vasto conjunto de escritos encontrados após sua morte. Retornaremos a essa questão em seguida, após a apresentação do *corpus*.

edições complementares ao CLG; publicações de outros autores a partir de textos manuscritos; obras filológicas e estudos de referência.

Publicações autográficas

- 1878 – *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* – Trabalho de Ferdinand de Saussure realizado para a conclusão do mestrado, cursado na Universidade de Leipzig (Alemanha). A dissertação está disponível em *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* (1922, p.1-268)
- 1881 – *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (1881) – Trabalho de Ferdinand de Saussure realizado para a conclusão do doutorado, também cursado na Universidade de Leipzig (Alemanha). A tese também se encontra disponível nos *Recueil* (1922, p.269-338).

Edições póstumas estabelecidas a partir de manuscritos

- 1881-1884 – *Phonétique – Il manoscritto di Harvard Houghton Library bMS Fr 266 (8)* – edição estabelecida por Maria Pia Marchese (SAUSSURE, 1995), Ed. Unipress (Padova, Itália) – O conjunto de manuscritos intitulado *Phonétique* veio a público, primeiramente, a partir de excertos publicados por Herman Parret (1994). Em 1995, as notas manuscritas foram editadas e publicadas por Maria Pia Marchese, atual curadora do material. A obra conta com uma ampla introdução da pesquisadora, escrita em italiano, além de apresentar uma descrição detalhada do texto original, apontado rasuras, apagamentos, notas marginais, substituições de termos, entre outras observações.
- 1891-1892 – *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. de Saussure 372* – edição estabelecida por René Amacker (SAUSSURE, 2011), Ed. Droz (Genebra, Suíça) – A publicação estabelecida por Amacker é uma edição crítica dos manuscritos sobre a dupla essência da linguagem, os quais foram publicados, primeiramente, nos ELG (SAUSSURE, 2002a). A presente edição propõe uma nova ordenação do material, além de contar com a transcrição de rasuras, acréscimos marginais e omissões da primeira versão publicada, e segue uma escolha editorial próxima à de Maria Pia Marchese (SAUSSURE, 1995; 2002b).

- 1895-1897 – *Théorie des Sonantes – Il manoscritto di Ginevra BPU Ms. fr. 3955/1* – edição estabelecida por Maria Pia Marchese (SAUSSURE, 2002b), Ed. Unipress (Padova, Itália) – Assim como *Phonétique*, a obra conta com uma introdução em italiano de Maria Pia Marchese; a edição segue os mesmos princípios editoriais estabelecidos para a publicação do manuscrito de Harvard.

Edições póstumas voltadas à divulgação

- 1881-1907⁶ – *Écrits de Linguistique Générale* (2002a), Ed. Gallimard (Paris, França) – Edição organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, os ELG contam com manuscritos inéditos, encontrados em 1996, além de documentos antigos, oriundos da edição crítica de Engler. A obra foi publicada com uma proposta de resgatar um pensamento “fiel” aos escritos saussurianos, posicionando-se criticamente em relação ao CLG. Entre os novos documentos estão os manuscritos *sobre a dupla essência da linguagem*, a *nota sobre o discurso*, entre outros. Os ELG foram publicados em português dois anos depois da publicação original, em 2004 (editora Cultrix) – o que contrasta fortemente com o longo período de ausência da edição brasileira do CLG, e que demonstra um interesse renovado no pensamento saussuriano ao longo dos últimos anos.
- 1907-1911 – *Cours de Linguistique Générale* – publicação realizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger, a partir dos cursos ministrados por Saussure (SAUSSURE, 1916), Ed. Payot (Paris, França) – A obra foi baseada nos cursos ministrados por Saussure entre os anos 1907 e 1911, na Universidade de Genebra, e foi responsável por divulgar o pensamento saussuriano em diversos países ao longo dos anos⁷. No Brasil, a recepção é tardia – a publicação do

⁶ Os ELG contam com uma vasta gama de textos manuscritos que vão de 1891 a 1907, um período que supera 15 anos de anotações diversas. O trabalho de Giuseppe Cosenza (2016) ajuda-nos a dar uma ideia mais clara de tais notas manuscritas apresentadas nos ELG: “1891 Prolusioni Ginevrine da ELG pp. 143-173; 1891-1892 De la double essence du langage, da ScL, pp. 63-237 §§ 17-139; 1893-1894 Status et motus, da ELG pp. 222-228; 1894 Notes Whitney, da ELG pp. 203-222; 1899-1903 Notes Item (pp. 93-119), Aphorismes (p. 123), Unde exoriar (pp. 281-282), Anatomie et physiologie (pp. 257-258) da ELG; 1907 - Notes pour le cours I (1907), da ELG, pp. 297-298; - Notes pour le cours II (1908-1909), da ELG, pp. 298-306. (COSENZA, 2016, p.142-143).

⁷ Em *Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction* Joseph e Velmezova (2018) apresentam os leitores com um panorama bastante vasto das traduções do CLG e das diferentes recepções da obra em diversos países. A partir de Mollinová (2013), que realizou um trabalho sobre as traduções do CLG, pode-se verificar que há traduções do CLG em inúmeros idiomas, como tcheco, russo, polonês, croata, ucraniano, sérvio, inglês, alemão, africâner, sueco, espanhol, português, italiano, romeno, galego, catalão, chinês, japonês, húngaro, árabe, coreano, turco, grego, basco, indonésio, norueguês, persa, vietnamita, albanês e búlgaro.

Curso de Linguística Geral chegou ao país apenas na década de 1970, pela editora Cultrix.

Edições complementares ao CLG

- *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de F. de Saussure* – Robert Godel (1957), Ed. Droz (Genebra, Suíça) – Robert Godel é responsável por inaugurar a pesquisa em busca dos manuscritos saussurianos que deram origem ao CLG, visto que sua tese teve como objetivo buscar as fontes que foram utilizadas para a organização e publicação do CLG. A partir de sua pesquisa, Godel conseguiu reunir diversos manuscritos de ex-alunos de Ferdinand de Saussure, que serviram de base para a edição crítica de Engler, publicada uma década depois em um primeiro volume⁸.
- *Cours de Linguistique Générale* – edição crítica de Rudolf Engler (1967-1968), Ed. Otto Harrassowitz (Wiesbaden, Alemanha) – a obra de Engler, publicada em dois tomos, aprofunda a iniciativa de Robert Godel, ao estabelecer uma edição cuja proposta é comparar o CLG com os cadernos manuscritos dos alunos, assim como levar em consideração notas autográficas de Saussure. A obra é apresentada em seis colunas, organizadas da seguinte maneira: a primeira coluna reproduz o CLG (levando em conta até a 3ª edição do livro, de 1931); da segunda à quinta coluna, são reproduzidas as notas dos cadernos dos alunos dos cursos de Saussure; por fim, a sexta conta com anotações do próprio Ferdinand de Saussure. Vale destacar que, entre as notas dos alunos, um dos cadernos mais completo é o de Émile Constantin, descoberto somente após a publicação do CLG⁹.
- *Cours de Linguistique Générale* – edição com notas de Tullio de Mauro (1967), Ed. Laterza (Bari, Itália) – a publicação em italiano do CLG é, além de uma tradução, uma edição comentada, a qual conta com 305 notas de Tullio De Mauro, além de uma

⁸ Godel também presenteia os leitores com uma entrevista de Riedlinger (19/1/1909, BGE Ms. Fr. 9168/4) (1957, p.29-30).

⁹ O primeiro acesso público às notas de Émile Constantin foi possibilitado por Robert Godel (1959) nos CFS nº 16. O caderno de Constantin foi publicado nos CFS nº 57 (2005), se tratando de um material de anotações bastante completo referente ao terceiro curso ministrado por Saussure. Em apresentação às notas do estudante, Quijano destaca: “Les notes de Constantin du troisième cours de linguistique générale, sont donc un document travaillé, construit. Ces cahiers sont à *proprement parler* l’œuvre d’Emile Constantin, raison pour laquelle nous les publions sous ce nom d’auteur” (QUIJANO, 2005, p.51); “As notas de Constantin do terceiro curso de linguística geral são, portanto, um documento trabalhado, construído. Esses cadernos são, estritamente falando, obra de Emile Constantin, razão pela qual os publicamos sob o nome do autor” (*tradução nossa*).

introdução. As anotações do pesquisador italiano abordam desde a contextualização de debates promovidos pelo CLG, até problemas teóricos e epistemológicos. As notas foram traduzidas e publicadas em uma nova edição francesa do CLG (SAUSSURE, 1972), que conta também com a introdução de Tullio De Mauro. No Brasil, a introdução de Tullio De Mauro foi traduzida para a língua portuguesa em 2018, em uma publicação inédita para a *Fragmentum* (DE MAURO, 2018).

Publicações de outros autores a partir de manuscritos de Saussure

- *Les mots sous les mots : les anagrammes de Ferdinand de Saussure* – Jean Starobinski (1971), Ed. Gallimard (Paris, França) – os cadernos correspondentes aos anagramas, classificados por Robert Godel, foram objetos de análise de Starobinski nessa obra. Os anagramas foram objeto de análise de Ferdinand de Saussure, que estava em busca do modo de organização de combinações fônicas singulares, percebidas pelo linguista em obras de poetas gregos e latinos. A obra de Jean Starobinski, assim como o CLG e os ELG, foi publicada no Brasil (1974), dessa vez, pela editora Perspectiva.
- *Anagrammes homériques* (2013), Éditions Lambert-Lucas (Paris, França) – a publicação apresentada e organizada por Pierre-Yves Testenoire é responsável por reunir um grande corpus de textos inéditos pertencentes a 24 cadernos (dos mais de 100) de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas, que tratam dos poemas homéricos. Nesse mesmo ano, o pesquisador publicou os resultados de sua tese, sob o título *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*, pela mesma editora. Dessa maneira, uma obra complementa a outra: Testenoire propõe uma discussão sobre filologia, linguística e poética a partir das análises e reflexões promovidas por Saussure.

Obras filológicas e estudos de referência

- *Cahiers Ferdinand de Saussure* (1941 - ...) – revista fundada em 1941, sob o comando do *Cercle Ferdinand de Saussure* desde 1957, a publicação é responsável pela divulgação das pesquisas inéditas relacionadas à obra saussuriana, assim como à atualidade de pesquisas em linguística geral, semiologia e história e epistemologia da linguística. As sessenta primeiras edições podem ser acessadas gratuitamente na

página oficial do *Cercle Ferdinand de Saussure*¹⁰. Os CFS também exercem um papel fundamental de divulgação de textos manuscritos saussurianos¹¹.

- *La «Collation Sechehaye» du 'Cours de linguistique générale' de Ferdinand de Saussure* – Estanislao Sofia (2015), Ed. Peeters (Leuven, Bélgica) – A *Collation Sechehaye*, editada, introduzida e anotada pelo pesquisador argentino, Estanislao Sofia, é uma espécie de “pré-texto” ao CLG, o qual foi elaborado por Albert Sechehaye, e contou com a revisão de Charles Bally. A edição de Sofia conta com a reprodução dos manuscritos em *fac-símile*, acompanhadas de uma transcrição, seguindo uma orientação filológica da genética textual. É, por isso, uma publicação de natureza singular, única em sua forma de apresentação.
- *Dalle parole ai termini. I percorsi di pensiero di Saussure* – Giuseppe Cosenza (2016), Ed. Edizioni dell’Orso (Alessandria, Itália) – A obra é composta por uma coleção terminológica organizada em dezesseis seções que contemplam manuscritos saussurianos, cuja proposta é traçar um caminho histórico-evolutivo de uma possível “passagem” de *palavras* a *termos*. A obra conta com uma longa introdução aos manuscritos de Saussure por um viés terminológico e faz uma análise a partir dos índices remissivos de edições publicadas dos manuscritos.

Como podemos constatar a partir do breve resumo acima, há muitos materiais que pertencem ao corpus saussuriano – sendo que nossa lista não é exaustiva. Conforme Estanislao Sofia (2019), de todo o material reunido do *corpus* saussuriano, são cerca de 30 mil páginas, sendo que apenas 10% do conjunto se refere a trabalhos publicados por Ferdinand de Saussure. Com relação à datação de toda a produção, 65% estão concentradas entre os anos 1876-1881, e as outras 35% entre 1881-1912. Essas cerca de 30 mil páginas estão divididas entre duas bibliotecas: a *Bibliothèque de Genève* (BGE, atinga BPU), da Universidade de Genebra, e a *Houghton Library*, da Universidade de Harvard. A maior parte do material pode ser encontrado em Genebra. Vejamos como os manuscritos estão distribuídos.

¹⁰ Página oficial: <https://www.cercleferdinanddesaussure.org/>

¹¹ A "Note Whitney" (BGE Ms. Fr. 3951/10, ff. 1bis-4, 22-23, 88-87) foi publicada na edição CLG/E e nos ELG. Cf. Gambarara (2007), "Ordre graphique et ordre théorique: présentation de Ferdinand de Saussure, Ms. fr. 3951/10", CFS 60. As notas "La théorie de la voyelle et de la syllable" também foram publicadas por Gambarara (2011), CFS 64. Há ainda algumas entrevistas importantes, dentre elas uma entre Gautier, ex-aluno de Saussure, e M. de Saussure (6/5/1911, BGE Ms. Fr. 3973c, Ms. Fr. 3957/2), CFS 58 (2007).

*Bibliothèque de Genève*¹²: dos *Cours Universitaires*, são 134 cadernos de estudantes (em torno de 6 mil páginas), sendo que apenas 20 cadernos, aproximadamente, foram editados. Quanto aos *Manuscrits Français*, são 7 mil folios (que somam, aproximadamente, 12 mil páginas) de anotações feitas por Saussure. De todo esse material, em torno de mil páginas encontram-se editadas. Estanislaio Sofia (2019) apresenta as edições por tema: (a) Linguística Geral: Godel (1957), Engler (1967-1974), Engler-Bouquet (2002); (b) Anagramas: 147 cadernos, dos quais 25 estão integralmente editados (Wunderli, 1972; Testenoire, 2013); (c) Lendas germânicas: 18 cadernos (435 das aproximadamente 1400 páginas estão editadas) (Marinetti & Meli, 1986); (d) Notas sobre *Kritik der Sonantentheorie* (1895), 159 folios editados (Marchese, 2002). Por fim, nos *Archives de Saussure*, são 5 mil folios, dos quais 259 estão editados (Engler-Bouquet, 2002). Entre os materiais inéditos, estão escritos referentes ao Lituano (1200 folios) e às línguas germânicas (800 folios inéditos), além de outros materiais em catalogação (SOFIA, 2019)

Houghton Library (Harvard)¹³: o conjunto intitulado *F. de Saussure's Linguistic Papers* conta com 627 folios (973 páginas). A coleção contém o manuscrito *Phonétique*, com 153 fólhos editados por Marchese (1995), além da tese de Saussure e outras notas diversas, material que soma 377 folios (inéditos).

Do corpus de pesquisa

Primeiramente, destacamos nossa concordância com a consideração de que “uma discussão dicotomizada entre o *verdadeiro Saussure* e o *falso Saussure* perde relevância quando se tem claro que se está frente a um corpus heterogeneamente formado” (FIORIN et. al., 2013), e nossa proposta aqui não é conferir sentido de *verdade* às nossas leituras, realizadas a partir de um *corpus* tão rico e vasto e que, inevitavelmente, demanda um recorte. No *corpus* de pesquisa desta tese, lançamos mão da consulta a obras de natureza diversa, tanto obras publicadas e com amplo acesso ao público em geral, quanto direcionadas a especialistas nos estudos saussurianos.

Do primeiro grupo, podemos situar o *Curso de Linguística Geral* e os *Escritos de Linguística Geral*, que foram consultados nas edições em francês (SAUSSURE, 1972;

¹² A lista de materiais que pertencem aos *Archives Ferdinand de Saussure* está disponível para consulta no site da instituição (<http://w3public.ville-ge.ch/bge/odyssee.nsf/>).

¹³ A coleção *Ferdinand de Saussure linguistic papers, 1874-1889* pode ser encontrada no site da instituição (<http://id.lib.harvard.edu/alma/990006019780203941/catalog>).

SAUSSURE, 2002a, respectivamente) e em suas edições brasileiras (SAUSSURE, 2006; SAUSSURE, 2004, respectivamente).

Do segundo grupo, fazem parte a publicação de Robert Godel (1957), o léxico de Rudolf Engler (LTS, 1968) e sua edição crítica do CLG (CLG/E, 1989), assim como o manuscrito *Phonétique* (SAUSSURE, 1995), além da edição de Amacker (2011), *Science du langage*, a *Collation Sechehaye* (SOFIA, 2015) e a coleção terminológica disponível em Cosenza (2016). Também contamos com o apoio dos CFS, assim como com as releituras e interpretações do pensamento saussuriano operadas por diversos pesquisadores da área, e que são mencionados ao longo do trabalho.

Das escolhas terminológicas e tradutórias

Para favorecer a fluência da leitura desta tese, optamos por apresentar, no corpo do texto, as traduções em língua portuguesa – que estarão acompanhadas por nota de rodapé com o texto original e sua referência.

No caso das entradas terminológicas pertencentes às obras de Engler (LTS, 1968) e Cosenza (2016), optamos por manter o idioma original no texto, sem acompanhamento de tradução em português. Mantemos a escolha para os casos de verbetes de enciclopédias e dicionários, cuja reprodução será feita no idioma original, visto a natureza particular desse tipo de obra, e cujas traduções poderiam resultar em alterações significativas de sentido – por exemplo, *language* pode ser compreendida como *língua* ou *linguagem* a depender do contexto. Ao manter o texto no original, acreditamos preservar o intuito da fonte bibliográfica.

Acompanhamos Ribeiro (2019) e sublinhamos a nossa opção em utilizar os termos saussurianos *langue* e *parole* em lugar das traduções *língua* e *fala*, com o intuito de demarcar seu estatuto conceitual, além de evitar possíveis interpretações redutoras de “língua” como idioma e de “fala” como realização articulatória. *Langue*, assim, reforça a compreensão de *sistema* linguístico, enquanto *parole* faz referência ao ato individual que realiza uma atividade de linguagem não redutível à fonação. Para os casos nos quais não fazemos referência aos conceitos saussurianos, são utilizados os substantivos comuns (língua e fala). Além disso, como acreditamos na relação indissociável entre esses dois conceitos, lançaremos mão, muitas vezes, da grafia *langue-parole*, a fim de demarcar nosso posicionamento. Cabe ressaltar, no entanto, que as edições brasileiras do CLG (2006) e dos ELG (2004) optaram por traduzir os

conceitos para a língua portuguesa (*língua* e *fala*); nesses casos, manteremos as citações conforme o original¹⁴.

Por fim, sublinhamos que a concepção e o uso da expressão *langue-parole* têm repercussão nos usos das expressões *ouvite-falante* ou *falante-ouvinte*¹⁵, as quais são utilizadas no decorrer desta tese. Assim como *langue* e *parole* são conceitos interdependentes, as posições de *falante* e *ouvinte* não podem ser separadas, a não ser para fins didáticos, com o objetivo de enfatizar a perspectiva da *parole* ou da *escuta*. Nesse sentido, ao lançarmos mão de uma concepção de *falante*, pressupomos a *escuta* da *langue*.

¹⁴ Em sua tradução do CLG, Tullio De Mauro optou por manter *parole* em francês, a fim de sublinhar o aspecto teórico do termo e evitar a associação com *parola*, do italiano: « De Mauro décrit le problème avec une traduction du terme *parole* en italien. Le mot qui se propose est *parola*, mais cela pourrait causer une ambiguïté. Pour cela de Mauro a opté pour laisser le terme français, *parole*, dans le texte italien » (MOLLINOVA, 2013, p.37).

¹⁵ Tanto a expressão *langue-parole* quanto *falante-ouvinte* (*sujet parlant-auditeur* no original) foram utilizadas em artigo de Milano (2017). É também válido destacar que o uso da expressão composta *speaker-hearer* ou *speaker-listener* foi utilizada por Noam Chomsky (1965) em *Aspects of the theory of syntax*.

1 MONSIEUR B E A POSIÇÃO DE OUVINTE

A *escuta* tornou-se um problema de pesquisa a partir da nossa leitura das fontes saussurianas em busca do aspecto fônico da língua. Podemos dizer, assim, que a porta de entrada para a possibilidade de construção de uma noção de escuta com inspiração saussuriana foi o olhar para a posição de *ouvinte* e sua relação com a delimitação da *langue*. Tal consideração tem repercussões metodológicas: o primeiro capítulo desta tese é dedicado justamente ao *ouvinte* – o “lado B” do circuito da *parole* – para somente depois nos endereçarmos à questão do *falante*. Esta decisão está relacionada a uma concepção de *falante* indissociável do *ouvido*: o falante, nesse sentido, é sempre *ouvinte*, afinal, “é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna” (SAUSSURE, 2006, p.27)¹⁶. As ocorrências das expressões *ouvinte-falante* e *falante-ouvinte* têm o intuito de lembrar constantemente o leitor dessas posições, sempre complementares, frente à *langue*.

Percorremos este capítulo instigadas pelas ocorrências insistentes do *ouvido* na reflexão sobre a *langue* saussuriana, termo que, até recentemente, como veremos, não recebeu muita atenção nos estudos saussurianos. As ocorrências do termo, vinculadas essencialmente à questão fundamental da delimitação das unidades linguísticas na cadeia falada, nos convocaram a buscar responder algumas novas perguntas: quais as implicações epistemológicas ao considerarmos teoricamente o termo *oreille/ouvido*? Podemos aproximar *oreille/ouvido* de um conceito de *escuta*? Qual a função/repercussão da *escuta* na *langue*? Buscaremos investigar estas questões no decorrer deste capítulo.

1.1 O OUVIDO: IMPLICAÇÕES TERMINOLÓGICAS

Em 2016, na dissertação de mestrado *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana* (STAWINSKI, 2016), buscamos situar a discussão sobre o *ouvinte* a partir dos estudos saussurianos – seja lançando mão da releitura de textos já consagrados, como o fundador CLG e a edição dos ELG, seja a partir de manuscritos menos conhecidos, como é o caso do conjunto de anotações reunidas em

¹⁶ « C’est en entendant les autres que nous apprenons notre langue maternelle » (SAUSSURE, 1972, p.37).

Phonétique (SAUSSURE, 1995)¹⁷. Para além do corpus de textos de Ferdinand de Saussure, também contamos com os trabalhos de outros pesquisadores da área: Herman Parret (1993, 2014a) e Jacques Coursil (2000), que, especialmente, trabalharam voltados ao *lado B* do circuito da *parole*. A leitura de ambos nos ajudou a percorrer os manuscritos de Harvard com o olhar mais atento à materialidade linguística e aos efeitos que a cadeia falada produz nos *falantes-ouvintes*. Atualmente, outro pesquisador que contribui fortemente com a nossa pesquisa é o italiano Giuseppe D’Ottavi (2010)¹⁸, que dedicou um artigo especificamente ao “*Monsieur B*”.

Todo o nosso trabalho de pesquisa cuja base foi o manuscrito *Phonétique* partiu do termo *oreille*. O uso deste termo ofereceu-nos abertura para refletirmos acerca do lugar que o *ouvinte* ocupa na reflexão saussuriana, o que nos levou à consideração de um possível conceito de *escuta* em termos linguísticos. Este deslocamento de *ouvido* a *ouvinte* não foi empreendido por Saussure, que apenas sugeriu, na sua reflexão, o papel que o *ouvido* tem em julgar, delimitar, (de)compor os signos da *langue*. Nossa reflexão, nesse sentido, *parte* de observações de Saussure e de seus leitores. Herman Parret, por exemplo, exerceu grande influência no sentido de corroborar a pertinência de nosso questionamento acerca do *ouvido*.

Parret foi o primeiro curador dos manuscritos de Harvard. Esta função oportunizou o seu trabalho diretamente com as fontes saussurianas. A partir dos estudos dos materiais disponíveis, o pesquisador escreveu alguns artigos com foco em temas que o interessavam particularmente. Em seu livro *Le son et l’Oreille*, Parret diz:

Minha concepção de linguística saussuriana foi totalmente abalada pelo apuramento e estudo desses milhares de páginas manuscritas. Esse aprofundamento da epistemologia subjacente do corpus saussuriano foi confirmado em 2002 pela publicação dos *Escritos*. Meu interesse pelos manuscritos de Harvard está focado no conjunto sobre o estatuto linguístico do som e sobre a quase ausência de uma concepção elaborada da voz, do corpo, do falante e da temporalidade (PARRET, 2014a, p.4, *tradução*)

¹⁷ Manuscrito bMS Fr 266 (8) de Harvard (Houghton Library). Faremos referência ao manuscrito como *Phonétique* ou *Ph*, no caso das citações diretas, indicando a página da edição de Maria Pia Marchese (SAUSSURE, 1995), a seção correspondente (“cadernos” de 1 a 5) e o folheto (fólio) onde a passagem é encontrada. Ex: *Ph*, p.65, seção 2, fólio 18r).

¹⁸ Giuseppe D’Ottavi é um linguista italiano, membro do *Cercle Ferdinand de Saussure* e pesquisador associado do *Institut des textes et manuscrits modernes* (ITEM - CNRS/ENS). D’Ottavi teve sua tese orientada por Tullio De Mauro em 2009, e é estudioso dos manuscritos de Saussure, com os quais trabalhou diretamente como pesquisador convidado em Harvard, onde encontra-se uma parte desse amplo material (*Houghton Library*). Julgamos importante ressaltar a presença e influência de linguistas italianos nesta tese, muitos dos quais consideramos representantes do legado do professor e pesquisador Tullio De Mauro (1932-2017) – cujas contribuições e influência surtirão ainda muitos efeitos nos estudos linguísticos – particularmente os ligados à tradição saussuriana – mas não só. Marina De Palo, Federico Albano Leoni, Emanuele Fadda e Giuseppe Cosenza são alguns dos linguistas que contribuem para nossa leitura de Ferdinand de Saussure.

nossa)¹⁹.

Nesse sentido, nossa aproximação das reflexões de Parret deu-se a partir do ponto de vista particular do pesquisador acerca do “som” e do aspecto material nos Estudos da Linguagem. Neste livro, Parret discorre sobre a cadeia falada (*chaîne parlée*) e chega ao conceito de “Ouvido-analista” (*l’Oreille-analyste*). Este conceito foi fundamental para os nossos estudos relacionados ao *ouvinte* a partir de Saussure. O conceito de “Ouvido-analista” está relacionado à função de recortar as unidades linguísticas na cadeia falada, durante a realização discursiva. A questão do “corpo”²⁰ (fato material) é de grande relevo para a discussão do pesquisador, visto que é somente a partir do aspecto material que é possível “acessarmos” a língua e chegarmos à sua abstração.

Para além destas discussões, o livro reedita publicações anteriores de Parret: *Réflexions saussuriennes sur le Temps et le Moi* (1995), *Métaphysique saussurienne de la voix et de l’oreille* (2003), *Le fondement impensable de la théorie linguistique saussurienne* (2011), *Les grandeurs négatives: de Kant à Saussure* (2014b), e *L’intimité fuyante de Saussure* (2013). O livro *Le son et l’Oreille*, de certa forma, foi o que deu estatuto de termo à palavra *ouvido*. Para definirmos o que compreendemos por *ouvinte*²¹, é fundamental, então, discutirmos o conceito de *oreille/ouvido* que será empregado aqui.

De início, lançaremos mão das definições encontradas no dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2001). Para a discussão dos termos em Francês, faremos uso

¹⁹ « Ma conception de la linguistique saussurienne a été totalement bouleversée par le dépouillement et l’étude de ces mille pages de manuscrits. Cet approfondissement de l’épistémologie sous-jacente du corpus saussurien a été confirmé en 2002 par la publication des *Écrits*. Mon intérêt pour les manuscrits de Harvard s’est focalisé d’emblée sur le statut linguistique du son et sur la quasi-absence de conception élaborée de la voix, du corps, du sujet parlant et de la temporalité » (PARRET, 2014, p.4).

²⁰ De acordo com Herman Parret, o corpo é “o ser fonético não semiotizado por sua relação com a ideia, a significação, a ‘coisa espiritual’ [...] Uma frase fragmentária do curto texto *Unde exoriar*, retomada nos *Escritos*, resume o estatuto problemático do corpo na reflexão saussuriana: ‘Mas, anteriormente, onde existe [], que espécie de corpo, que espécie de entidade ele representa no conjunto de coisas deste globo? Seria um engano, como todo mundo sabe, supor que ele é uma sequência de letras. Será que é, então, uma sequência de sons? Também não, porque []. É então []?’ (SAUSSURE, 2004, p.241). Acumulação de ‘brancos’ estratégicos, e é verdade que aqui tocamos na caixa preta da ‘teoria da cadeia sonora’” (PARRET, 2013, p.16, *tradução nossa*). « l’être phonétique non sémiotisé par sa relation avec l’idée, la signification, la ‘chose spirituelle’ [...] Une phrase fragmentaire du court texte *Unde exoriar*, repris dans les *Écrits*, résume le statut problématique du corps dans la réflexion saussurienne : ‘Mais, préalablement, où existe [], quelle espèce de corps, quelle espèce d’entités dans l’ensemble des choses de ce globe cela représente-t-il ? On se tromperait, de l’aveu de tout le monde, en supposant que c’est une suite de lettres. Est-ce donc une suite de sons ? Pas davantage car [] Est-ce donc []?’ (281). Accumulation de ‘blancs’ stratégiques, et c’est vrai que l’on touche en ce lieu la boîte noire de la ‘théorie de la chaîne sonore’ (PARRET, 2013, p.16)

²¹ É importante destacar que *ouvinte* não é um conceito empregado por Ferdinand de Saussure.

do dicionário online TLFi (1994)²². Não faremos uso de todas as acepções – apenas das que possam ser diretamente relacionadas à discussão proposta. Após a apresentação das definições encontradas em dicionários, lançaremos mão das ocorrências presentes nas fontes saussurianas, assim como também nos apoiaremos no trabalho de Cosenza (2016)²³, sobre o qual falaremos mais adiante.

O que podemos compreender por *Oreille*? Segundo o TLFi:

(A) “Oreille”: (1) Organe sensoriel. Cour. [chez l’homme] (2) Organe de l’ouïe. Ensemble de l’appareil auditif envisagé dans sa fonction de perception, d’identification des sons, de compréhension des messages sonores et p. méton. ouïe (OREILLE, 1994).

Ouïe é o termo correlacionado: “(B) “Ouïe”: Action d’entendre; audition. Sens qui permet la perception des sons. Synon. Audition” (OUÏE, 1994). Em francês, temos, assim, o termo *oreille* ligado à noção de órgão e às funções de percepção e identificação sonora, assim como também à função de compreensão das “mensagens sonoras”. *Oreille* é um termo relacionado a *ouïe*, sendo este último associado à ação de ouvir, ao *sentido* da audição, e é também seu sinônimo.

Em português, também há dois termos: *orelha* e *ouvido*. No dicionário Houaiss encontramos “Orelha”: “(1) (anatom. humana) órgão da audição, que possui três partes principais (externa, média e interna) [Anteriormente denominada *ouvido*].”; “Ouvido”: “(1) que se ouviu; escutado. (2) sentido pelo qual se percebem os sons. (3) (anatomia geral) órgão de audição e de equilíbrio dos vertebrados” (a partir de 1994, o termo da anatomia é *orelha*).

Utilizaremos, em português, o termo *ouvido* em detrimento de *orelha*²⁴. Ambas acepções remetem ao sentido da percepção dos sons. Esta *percepção* será tomada aqui tanto com relação ao aspecto físico (sonoro, material, sensível) quanto com relação à percepção da matéria audível enquanto unidade linguística. É este último sentido que será priorizado, tendo em vista que toda a discussão acerca do recorte das unidades linguísticas pode ser implicada em uma teorização sobre a função de *ouvinte* da língua; o caráter da percepção física é apenas uma constatação do fato fisiológico.

No manuscrito *Phonétique*, fica evidente que o *ouvido* está vinculado a diversas implicações de um lugar de *ouvinte* na reflexão saussuriana. Saussure reflete sobre a distinção entre soantes e consoantes – oposição importante para os estudos fonéticos do indo-europeu –

²² TLFi : *Trésor de la langue Française informatisé*, <http://www.atilf.fr/tlfi>, ATILF - CNRS & Université de Lorraine.

²³ “*Dalle parole ai termini. I percorsi di pensiero di F. de Saussure*” (COSENZA, 2016).

²⁴ Utilizaremos o termo *orelha* exclusivamente quando estivermos nos referindo ao órgão do corpo humano.

por um viés singular, que coloca a *percepção* das unidades em um lugar central da teoria. Tal movimento não está restrito aos manuscritos de Harvard. A importância do recorte das unidades linguísticas via valor *percebido* e sua relação com a delimitação de uma definição de *langue* mostrou-se presente na edição do CLG, assim como nos ELG e em outros manuscritos, conforme apontado em Stawinski (2016). Desde o início da leitura do conjunto de escritos de *Phonétique*, é possível perceber que o linguista sublinha a importância de olhar para os elementos a partir da cadeia falada – e não de maneira isolada. Além disso, é somente na análise da cadeia falada que é possível tomar os elementos como distintivos ou não – “Na verdade, tudo depende do que se deseja considerar como foneticamente equivalente ou como foneticamente distintivo (*Ph*, p.13, seção 1, fólio 11r, *tradução nossa*)²⁵. Conforme apontamos em Stawinski (2016), a noção de distintividade está fortemente associada aos efeitos acústicos produzidos pela cadeia falada; *oreille*, nesse sentido, passou a ser um termo central na nossa reflexão à procura de uma concepção de *escuta*.

Com novas publicações relacionadas ao corpus saussuriano, tivemos acesso à pesquisa detalhada de Giuseppe Cosenza, publicada em 2016 sob o título *Dalle parole ai termini. I percorsi di pensiero di F. de Saussure*. O pesquisador nos presenteia com um levantamento detalhado de uma reflexão sobre a terminologia saussuriana. A partir de Cosenza (2016), faremos uso das referências de *oreille*. Antes de iniciarmos esta etapa, no entanto, faz-se necessário contextualizar o livro de Cosenza, visto ser uma obra cuja complexidade e nível de detalhamento merecem ser destacados.

No prefácio, Emanuele Fadda e Daniele Gambarara tecem algumas observações sobre as particularidades do livro de Cosenza:

a coleção terminológica que ele elabora e apresenta aqui nos fornece muita informação terminológica e conceitual, tendo em vista uma elaboração teórica da linguística a partir do percurso de pensamento de Saussure (COSENZA, 2016, Cf. *Prefazione*, IX, 2016, *tradução nossa*)²⁶.

A publicação reúne 612 páginas ao todo, e é dividida em três grandes partes: estado da questão sobre a terminologia saussuriana; apontamentos metodológicos para uma coleção terminológica saussuriana; e a estratégia terminológica em Saussure. Conforme Fadda e Gambarara,

²⁵ « En effet tout dépend de ce qu’il plaira de regarder comme phonétiquement équivalente ou comme phonétiquement distinctif » (*Ph*, p.13, seção 1, fólio 11r).

²⁶ “la raccolta terminologica che egli elabora e presenta in questa sede ci mette a disposizione molte informazioni terminologiche e concettuali, in vista di un’elaborazione teorica della linguistica a partire dai percorsi di pensiero di Saussure” (COSENZA, 2016, Cf. *Prefazione*, IX, 2016).

O subtítulo – “caminhos do pensamento” – anuncia de certa forma a principal aquisição teórica do livro, que coincide com a exibição do caráter perpetuamente orgulhoso da transformação, da parte de Saussure, de palavras em termos, e como esse trabalho, incansável e sempre reiniciado, nunca será capaz de estabelecer uma conclusão (COSENZA, 2016, Cf. *Prefazione*, IX-X, 2016, *tradução nossa*)²⁷.

Trabalhar a partir de um pensamento em construção certamente não é um empreendimento simples. Além disso, estamos sempre sujeitos à nossa própria interpretação de teorias e discursos – alguns objetos de estudo apenas evidenciam tal complexidade que a matéria falada ou escrita demanda de cada ouvinte-falante. Vislumbrar certas palavras como termos ou não é uma dessas interpretações, que serão justificadas a partir de exemplos de uso. Cosenza demonstra ter absoluta ciência da dificuldade da tarefa empreendida em seu livro, e sobre a questão da terminologia, afirma que, no caso da obra saussuriana, só cabe falarmos em *terminologias*, no plural:

No presente estudo, mostrarei que a terminologia de Saussure não é unívoca nem unitária: não é unívoca porque as palavras de Saussure - não raramente - têm uma dupla aparência técnica e não técnica; não é unitária porque, mesmo quando parece que uma palavra atingiu o grau de termo técnico, em momentos subsequentes ou em contextos diferentes, pode se despir do papel de termo ou assumir outro valor técnico. Portanto, não é lícito falar de terminologia no singular, mas de terminologias no plural (COSENZA, 2016, p.2, *tradução nossa*)²⁸.

Giuseppe Cosenza ressalta o caráter da incompletude – ou melhor – da constante adaptação e reconsideração que Saussure demonstra em seus manuscritos, sem a eles podermos atribuir uma terminologia fechada. Esta é a justificativa, portanto, para o trabalho singular no que se refere à abordagem terminológica. Para dar vida ao livro, Cosenza lançou mão das seguintes obras: o léxico de Godel (1957) - *SM*; o léxico da terminologia de Engler (1968) – *LTS*; são também utilizados os índices remissivos das seguintes publicações: as anotações dos três cursos de Saussure publicados por Komatsu entre 1993 e 1997 - *KI*, *KII*, *KIII*; os manuscritos publicados por Marchese, em 1995 e 2002 (*Phonétique - Ph* e *Théorie des Sonantes - ThS*); os manuscritos editados por Bouquet e Engler em 2002 - *ELG* e o

²⁷ “Il sottotitolo – “percorsi di pensiero” – annuncia in qualche modo la principale acquisizione teorica del libro, che coincide col mostrare il carattere perennemente in fieri della trasformazione, da parte di Saussure, di parole in termini, e come questo lavoro, instancabile e ogni volta ricominciato, non possa mai giungere ad acquietarsi in un completamento” (COSENZA, 2016, Cf. *Prefazione*, IX-X, 2016).

²⁸ “Nel presente studio mostrerò che la terminologia di Saussure non è né univoca né unitaria: non è univoca perché le parole di Saussure presentano – non di rado – una doppia veste tecnica e non-tecnica; non è unitaria perché anche quando sembra che una parola abbia raggiunto il grado di termine tecnico, in momenti successivi o in contesti diversi può svestire il ruolo di termine o assumere un altro valore tecnico. Dunque non è lecito parlare di una terminologia al singolare, ma di terminologie al plurale” (COSENZA, 2016, p.2).

manuscrito sobre a dupla essência da linguagem, reeditado por Amacker em 2011 - *ScL*; por fim, o léxico computacional Simple_FdS, desenvolvido pelo ILC-CNR²⁹ (COSENZA, 2016).

Ao final da obra, Cosenza apresenta em tabela uma lista com a coleção terminológica saussuriana. Conforme é descrito pelo pesquisador, na primeira coluna constam todas as entradas as quais são encontradas nos índices pesquisados. As colunas seguintes fazem referência aos textos do linguista, identificados pelas siglas correspondentes. A fim de demarcar a presença, nos índices, de determinada entrada, utiliza-se o sinal positivo (+); na última coluna, Cosenza identifica a área terminológica de cada entrada conforme a sua classificação na coleção – A (outros saberes especializados), B (linguística histórico-comparativa e gramática clássica) ou C (tentativas terminológicas de Saussure) –, sendo que constará a abreviatura NT (*non termine*) nos casos em que a entrada não é considerada um termo em sua coleção (conf. COSENZA, 2016, p.569). Vejamos um excerto do apêndice, observando especialmente a entrada *oreille*, destacada por nós em amarelo:

Entrata	CLG 1922	SM 1957	LTS 1968	KI 1996	KII 1997	KIII 1993	Ph 1995	ThS 2002	ELG 2002	ScL 2011	
Opérer				+							NT
Operture			+						+		C
Opposé						+					C
Opposition	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	C
Oral									+		C
Ordonnance			+								C
Ordre			+	+	+	+			+	+	C
Oreille				+	+	+	+				AC
Organe			+	+	+	+			+		AC
Organisme		+	+	+	+	+			+	+	AC

Figura 1- Tabela de termos em Cosenza (2016, p.597, grifo nosso)

A partir das análises de Cosenza, *oreille* pertence tanto ao grupo de termos de saberes especializados, quanto ao grupo de tentativa terminológica empreendida por Saussure. Esse ponto de vista, apesar de não ter sido aprofundado em detalhe, foi percebido por Herman Parret – pioneiro na abordagem a partir de Saussure cuja reflexão centrou-se na importância de *oreille*, *voix* e *corps* no contexto geral da teoria. Cosenza, conforme verificamos na tabela acima, aponta que *oreille* consta nos índices das edições de Komatsu do primeiro e do terceiro curso (KI, KIII), e também em Phonétique (Ph). Vale ressaltar que o estudioso não trabalhou diretamente com os manuscritos propriamente ditos, mas com as suas edições, visto que já havia um amplo material publicado a partir do corpus saussuriano. Além disso, ao contrário de *oreille*, *écoute*, na pesquisa empreendida por Cosenza, não é um termo saussuriano. Apesar

²⁹ ILC-CNR - Istituto di Linguistica Computazionale “A. Zampolli”, Centro Nacional de Pesquisa de Pisa.

de *écoute*, de fato, não pertencer à coleção terminológica saussuriana, para nós a noção se mostra presente, implicitamente, a partir da consideração dos efeitos provocados no *ouvinte*.

Vejamos mais detalhadamente as definições de *oreille* na coleção terminológica organizada por Cosenza. Cada entrada conta com um exemplo de uso, com a referência correspondente, assim como a indicação da área terminológica:

Oreille: [Medicina; «L'un des deux organes de l'audition et de l'équilibration des Vertébrés, constitué d'éléments logés dans la boîte crânienne et, dans certaines classes, d'éléments visibles» (*TLFi*)]; Il part de cet espace homogène pour l'oreille, sans quoi il ne pourrait pas découper d'unité dans la chaîne de parole phonatoire. (N 23.2, *CLG/E* 751); (COSENZA, 2016, p.217)

No verbete acima, vemos o uso especializado de *oreille*, cujo significado é o órgão humano, objeto de estudos da medicina. Este órgão opera um papel fundamental na recepção sonora. A determinação do que é considerado ou não como um som de um idioma dependerá do reconhecimento dos sons recebidos como sendo linguísticos ou não, conforme é sublinhado no exemplo da entrada abaixo, do manuscrito *Phonétique*:

Oreille: [v. area A; soprattutto per il ruolo che ha nella determinazione dei suoni linguistici, in questo senso inteso come organo dell'udito nel suo complesso]; L'oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions. Ce ne sont pas les perceptions, mais leurs causes qui sont dans une dépendance mutuelle ou peut être supposée y être. (p. 99) Cfr. *acoustique, phonème, sensation* (COSENZA, 2016, p.298)

Essa concepção de *oreille* ultrapassa, portanto, a recepção sonora: seu papel é fundamentalmente determinar os sons de uma língua. Em Stawinski (2016), ressaltou-se este aspecto do uso de *oreille* como um operador da teoria saussuriana a partir da leitura do CLG, dos ELG e de *Phonétique*, visto a insistência de suas ocorrências no sentido de delimitação, julgamento e percepção das unidades linguísticas.

Na edição de *Théorie des sonantes*, *oreille* não é listado no índice terminológico, apesar de sua ocorrência textual. Abaixo, lemos uma dessas ocorrências, demarcada por Cosenza como um termo cujo sentido tem ocorrência única:

Oreille: [Hapax ; v. area A ; in particolare qui si sottolinea il ruolo dell'orecchio nel definire i suoni propri di una lingua]; Tel est le caractère générique de la famille; mais si nous considérons les différences individuelles, il est clair que l'explosion involontaire sera deux ou trois fois moins sensible chez ijo (io) que chez n_{no} (n_o). Cela est à proportion de l'écart d'aperture des deux implosions qu'on lie. Il résulte de là qu'en prenant une famille complètement différente en principe de savoir ijo, rro (implosion m explosion m implosion), la différence pourra être rendue très appréciable pour l'oreille dans les cas où l'écart d'aperture était presque nul (donc io

contre ijo), mais non dans les cas []. (p. 104) Cfr. *Phonème* (COSENZA, 2016, p.399)

Novamente, *oreille* está tomado como uma “função” responsável pela delimitação dos sons da língua – o *ouvido* é capaz de apreciar as diferenças produzidas pela mudança na articulação, caso tal mudança produza um efeito distintivo.

No primeiro curso de Saussure, temos a seguinte definição:

Oreille: [v. area A; importanza dell'orecchio nel distinguere gli elementi della catena parlata]; Il faut insister toujours sur ce point que nous ne pouvons faire des coupures, distinguer des unités dans la chaîne parlée, que grâce à l'oreille, à la donnée acoustique; c'est elle qui nous avertit qu'à tel endroit est une voyelle, qu'on passe d'une voyelle à une consonne, d'une syllabe à une autre syllabe. (p. 24) Cfr. *acoustique, chaîne parlée, phonème* {Ph; III corso} (COSENZA, 2016, p.476)

O *ouvido* funciona como uma síntese de operações fundamentais da relação do ouvinte-falante com a *langue*: sentir, recortar, diferenciar – dar *valor* ao que poderia ser simplesmente massa amorfa, desprovida de estatuto linguístico. No terceiro curso, o uso de *oreille* está relacionado, indubitavelmente, à determinação dos fonemas:

Oreille: [v. area A; importanza nella determinazione dei fonemi]; En ignorant le son que cela représente, le physiologiste ne saura combien il y aura d'unités. Le physiologiste commencera par se guider sur l'impression acoustique [...] L'oreille nous dit: le temps est homogène, ou n'est pas homogène dans le son. (p. 54) Cfr. *Acoustique* {Ph; I corso} (COSENZA, 2016, p.552)

Não é por acaso que, na coleção de Cosenza, *oreille* é um dos termos relacionados às entradas *méthode* e *valeur* – ambos conceitos basilares de toda a discussão saussuriana sobre o que pode ser, teoricamente, definido como *langue*. Vejamos as definições dos termos a partir do manuscrito *Phonétique*:

Méthode: [v. area A; in relazione alla fonetica S. distingue due possibili metodi : l'uno che tende a definire le specie fonetica sulla base della produzione dei suoni e dell'apparato fonico-aritcolatorio; l'altro che parte dell'effetto acustico per distinguere i suoni di una lingua]; Il est bien à remarquer ici que cette méthode est loin d'être la plus naturelle; elle est imposée par la dépendance où nous nous trouvons toujours du fait acoustique. D'où prendrions-nous l'idée de découper de la sorte le jeu continu des organes s'il ne s'agissait toujours pour nous de rendre compte du fait donné par l'oreille. (p. 113); {Mém; LG; I corso; II corso} (COSENZA, 2016, p.296)

Em Milano e Stawinski (2017), falamos justamente sobre a questão da metodologia do CLG ao manuscrito *Phonétique*, cuja perspectiva vincula-se essencialmente ao papel exercido pelo

ouvido na reflexão saussuriana. Tal perspectiva, certamente, não pode ser desvinculada do *valor*:

Valeur: [...] Le fait des deux valeurs est un fait donné; nous en avons la connaissance directe par l'oreille, sans qu'il y ait à faire appel à aucune autre notion. Ce point ne doit pas être perdu de vue. [...] (COSENZA, 2016, p.310)

Vemos mais uma vez que o linguista insiste na importância atribuída ao *ouvido* – ponto de vista que não deverá ser esquecido por aqueles que se debruçam sobre as operações em jogo na *langue*. Passagens como essas instigaram nossas primeiras investigações acerca do lugar do ouvinte a partir do aspecto fônico da língua – e é o que nos move a seguirmos nos interrogando a respeito da *escuta*, a fim de sustentar a potência dessa noção para os estudos linguísticos. O *ouvido* abre margens para refletirmos a partir de um viés até então pouco considerado: o lugar daquele que *sente, percebe, recorta e significa* as unidades da cadeia falada. Podemos pensar o *ouvido* como operador de uma função interpretativa que instaura a *langue*? Essa e outras questões nos servirão de guia para essa pesquisa. Antes de aprofundarmos a questão, no entanto, lançaremos mão de considerações inspiradas, inicialmente, pelo manuscrito *Phonétique*.

1.1.1 *Phonétique*: a criação de um ponto de vista?

O manuscrito *Phonétique*, aliado à releitura do *Curso*, foi o gatilho que orientou a nossa pesquisa (STAWINSKI, 2016) para o lugar do aspecto fônico da língua nos estudos saussurianos com foco no *ouvinte*, pesquisa a qual buscou ir além de considerações históricas acerca da presença de um pensamento sobre fonética e fonologia em Saussure, olhando justamente para as implicações teóricas gerais de tal presença, muitas vezes dispersa, do *ouvido*. Devido à importância de tal manuscrito para o início de nossos estudos, dedicamos esta seção a contextualizar brevemente a sua organização, assim como destacar passagens que sintetizam a relevância do aspecto fônico e de sua influência para refletirmos sobre o lugar da *escuta* nos estudos do genebrino. Em um artigo dedicado ao *Phonétique*, Giuseppe D'Ottavi apresenta o conjunto de manuscritos, que estão disponíveis na biblioteca de Harvard desde 1968:

Classificado sob o número de chamada bMS Fr 266 ('Ferdinand de Saussure linguistic Papers'), o fundo se compõe de 638 folhetos (de 995 páginas, ao

todo), organizados em nove dossiês de diferentes volumes, reunidos em uma só caixa, de tonalidade escura, de 40 x 30 x 10cm (...). Os suportes materiais são muito variados: cadernos, fichas, envelopes, cartas e folhas soltas de formatos e gramaturas diversos (D’OTTAVI, 2017, p.154).

Tal caixa de textos manuscritos não possui coerência de formato ou material, conforme observado acima. Dentre o conjunto desses folhetos, encontra-se o dossiê 8 – bMS Fr 266 (8) –, intitulado *Phonétique* (1881-1884). O manuscrito *Phonétique* é composto por cinco seções, cuja catalogação, conforme descreve Giuseppe D’Ottavi, “fez corresponder a cinco cadernos em formato grande, em um total de 153 folhetos para 177 páginas” (D’OTTAVI, 2017, p.157). As cinco seções são agrupadas em cinco cadernos, os quais são formados a partir de “folhetos duplos dobrados em dois, empilhados uns sobre os outros, reunidos por cinco largas pastas claras” (D’OTTAVI, 2017, p.157). São 177 páginas dedicadas a questões sobre fonética/fonologia, às quais Jakobson³⁰ faz referência já em 1969 no volume 26 dos *Cahiers Ferdinand de Saussure* (JAKOBSON, 1969a).

A empreitada de editar e publicar o conjunto destes manuscritos só foi concedida pela Biblioteca de Harvard em 1990. O material permaneceu sob curadoria de Herman Parret quando, em 1993, publicou trechos destes manuscritos saussurianos. Atualmente, todo o conjunto de manuscritos de Harvard está sob cuidados de Maria Pia Marchese, pesquisadora responsável por trazer o material integralmente a público em 1995, além de também editar o manuscrito intitulado *Théorie des sonantes*, publicado em 2002. Estes escritos estão datados aproximadamente entre 1881 e 1884 (cf. SAUSSURE, 1995, *Introduzione*, p.XVII).

A riqueza das reflexões linguísticas encontradas neste material é inegável. Muito além de presentear-nos com noções e teorizações sobre o que viria a ser o que atualmente conhecemos por Fonologia, Saussure disserta a respeito de princípios que são o alicerce da sua compreensão sobre o que é definido como *langue*. Para Roman Jakobson, “ao lidar tanto com a produção quanto com a percepção da fala, esse projeto de fonética geral é rico em

³⁰ *Saussure's unpublished reflexions on phonemes*: “A vacilação de seus termos e conceitos, as dúvidas expressas, questões abertas, divergências e contradições entre seus diversos escritos e conferências, e mesmo dentro de qualquer rascunho ou curso, são um constituinte vital de uma busca ansiosa e esforço inquieto, bem como de sua visão essencialmente multilateral da linguagem” (JAKOBSON, 1969a, p.7, *tradução nossa*); “the vacillation of his terms and concepts, the outspoken doubts, open questions, divergences and contradictions between his diverse writings and lectures and even within any single draft or course to be a vital constituent of an anxious seeking and restless striving as well as of his essentially multilateral view of language” (JAKOBSON, 1969a p.7)

observações e generalizações novas, concretas e apropriadas” (JAKOBSON, 1969a, p.8, *tradução nossa*)³¹.

É essencial destacar que a leitura de *Phonétique* permitiu que vislumbrássemos a problemática terminológica: nos trabalhos sobre o indo-europeu, por exemplo, o termo *phonétique* estava associado ao estudo histórico – ou seja, ao estudo das mudanças dos sons na língua através do tempo. *Phonologie*, por outro lado, era considerada pelo genebrino uma disciplina auxiliar à linguística, tendo em vista que seu objeto era o estudo do som fora do tempo – ou seja, a fisiologia articulatória. Como veremos mais adiante em detalhes, Saussure, nesse manuscrito, lança um olhar que supera tanto o estudo diacrônico como o fisiológico. O linguista, em inúmeras passagens, sugere uma terceira via: a de uma fonética semiológica³².

A fim de buscarmos uma concepção de *ouvinte* e de *escuta* a partir dos estudos saussurianos, optamos por realizar um levantamento das passagens nas quais há ocorrência de *oreille*³³, visto que seu uso é recorrente em *Phonétique*. Veremos que a este termo associam-se verbos como “julgar”, “decidir”, “compor”, “distinguir”, “conduzir” – palavras cujos significados associam-se a um entendimento do aspecto ativo da posição de ouvinte na língua, entre outras expressões que reforçam esta compreensão. Podemos verificar que a maior parte das ocorrências está concentrada no terceiro caderno³⁴. O termo, no entanto, aparece nas outras seções, com exceção da primeira. Vejamos algumas amostras destas passagens:

A distinção consoante/vogal na cadeia fonética não significa que um mesmo elemento possa ser consoante ou vogal. Sendo desconhecidas as condições gerais, [e] a distinção sendo demandada empiricamente ao ouvido, supomos sempre uma cadeia fonética determinada (*Ph*, p.29, seção 2, fôlio 4v, *tradução nossa*)³⁵.

O *ouvido*, representação metonímica da figura do *ouvinte* de determinada língua, é responsável por fazer distinção entre os elementos da cadeia fônica, que apenas pode ser realizada na cadeia falada. Só será fonema o som que produzir um efeito sensível, ou seja,

³¹“In handing both the production and the perception of speech, this blueprint of general phonetics is rich in novel, concrete and apposite observations and generalizations” (JAKOBSON, 1969a, p.8).

³² Luiza Milano aborda a distinção entre fonética e fonologia e explora a questão da fonética semiológica especialmente em dois artigos: *Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral* (MILANO, 2015) e *Le statut du phonique dans le CLG* (MILANO, 2017a).

³³ Em Stawinski (2016), realizamos um levantamento geral de algumas ocorrências – as mais significativas durante nossa leitura. Ainda não tínhamos acesso ao trabalho de Cosenza. É importante também sublinhar que não há ocorrências de *oreille* apenas no manuscrito *Phonétique* (cf. *fig. 1*).

³⁴ Na edição de Marchese, as 5 seções (correspondentes aos 5 cadernos) estão distribuídas da seguinte maneira: Seção 1 - 15 páginas; seção 2 - 55 páginas; seção 3 - 92 páginas; seção 4 - 23 páginas; seção 5 - 43 páginas.

³⁵ « la distinction consonne voyelle en chaîne phonétique n'est pas qu'un même élément peut être consonne ou voyelle. Et les conditions générales étant inconnues, la distinction étant demandée empiriquement à l'oreille, on suppose toujours une chaîne phonétique déterminée » (*Ph*, p.29, seção 2, fôlio 4v).

perceptível para o ouvinte: “A abertura faríngeo-velar incidente que se localiza no limite do fonema não nasalizado e fonema nasalizado pode produzir um ruído sensível ao ouvido” (*Ph*, p.48, seção 2, fólio 10v, *tradução nossa*)³⁶. É sempre a percepção das unidades linguísticas que está em jogo. Neste sentido, é importante estabelecer uma distinção linguística entre *audição* e *escuta*, que será abordada no terceiro capítulo (cf. 3.1).

Pensar o *Monsieur B* leva-nos, necessariamente, a considerar a relação som-sentido na *langue*. Para isso, é preciso ultrapassar a noção de *audição sonora*, a qual não está necessariamente vinculada a uma noção de *langue*. O ponto de vista da audição está vinculado aos estudos da fonética de maneira restrita, sem a consideração dos elementos fonológicos que produzem valor linguístico. A fim de superar uma visão simplista sobre recepção do *ouvinte* na relação discursiva, a qual ficaria restrita a uma decodificação da *parole*, a noção de *escuta* (ou *audição linguística*³⁷) entra em jogo, sublinhando o lugar do *ouvido* na delimitação das unidades linguísticas. Tal concepção é retomada em detalhe no terceiro capítulo desta tese (cf. 3.3.2).

Passamos a encarar a *escuta*, no campo dos Estudos da Linguagem, como a *escuta* do sentido – e tal *sentido*, vale ressaltar, é indissociável de uma *forma*; dessa maneira, quando lidamos com a *langue*, estamos à mercê da *forma-sentido*³⁸, que poderia ser representada, tal como o signo saussuriano, pelas duas faces de uma mesma moeda. Federico Albano Leoni, em *Des sons et des sens – la physionomie acoustique des mots* (2014), nos ajudará a abordar de forma mais detalhada a questão da *escuta* no terceiro capítulo (cf. 3.2.1). Por enquanto, nos restringiremos à problemática do *ouvinte* propriamente dito. Para o estudioso italiano, há um desequilíbrio entre as “dicotomias saussurianas”, e tal abordagem assimétrica exemplifica-se por alguns clássicos pares associados à linguística de Saussure: *langue/parole*, *signifiant/signifié* e *locuteur/auditeur*. Quanto ao desequilíbrio entre *locuteur/auditeur*, o pesquisador destaca:

o primeiro é amplamente aberto para o exterior, é visível, perceptível e auto-perceptível; o segundo é inteiramente interior, invisível, tende a nos escapar e requer para esse fim técnicas e métodos de observação, registro e estudo que a linguística considera estranhos a seus dispositivos críticos (ALBANO

³⁶ “L’ouverture pharyngo-vélaire incident qui se place à la limite de phonème non nasalisé et phonème nasalisé peut produire un bruit sensible à l’oreille [...]” (*Ph*, p.48, seção 2, fólio 10v).

³⁷ A expressão *audition linguistique* foi sugerida por Giuseppe D’Ottavi após a qualificação desta tese, e a tomaremos como sinônimo de *escuta* ou *escuta linguística*.

³⁸ Essa problemática encontra-se, particularmente, nas notas de Saussure acerca da dupla essência da linguagem (ELG, 2002; ScL, 2011).

LEONI, 2014, p.20, *tradução nossa*)³⁹.

Vemos que a questão do lado B do *circuito da parole* encontra-se, aparentemente, limitada pela ausência de *materialidade* a ser analisada. Será que pensar o *ouvinte* é, de fato, ultrapassar as fronteiras da linguística? Apesar disso, não podemos esquecer que a noção de *ouvinte* é base fundamental para que se considere o *falante*, na medida em que a *langue* é delimitada na relação entre duas funções, desempenhadas pelo *Monsieur A* e pelo *Monsieur B*: “De fato, o som, qualquer som, na ausência de um órgão receptor que o colete e de um sistema nervoso individual que o desenvolve, é pouco mais que uma oscilação de moléculas de ar” (ALBANO LEONI, 2014, p.24, *tradução nossa*)⁴⁰. É o ouvinte-falante comendo, distinguindo, julgando e recortando as unidades sonoras às quais confere o estatuto de *langue*. Já que *ouvir é uma constante*, estamos incessantemente analisando, involuntariamente, a cadeia discursiva.

Os escritos presentes em *Phonétique* ilustram bem o papel da análise das unidades na cadeia falada, e esse ponto de vista está inevitavelmente ligado a considerações que apenas seriam feitas com ênfase a partir da fonologia como uma das disciplinas da Linguística. Muito do que lemos no *Phonétique* apresenta-se ao leitor como formas embrionárias daquilo que veio a se instituir como o campo da Fonologia a partir da proposta de Jakobson e Troubetzkoy, representantes do Círculo Linguístico de Praga. Noções como as de distinção e valor são fortemente destacadas no decorrer de todo o manuscrito – o que leva à recorrente discussão sobre identidade e delimitação das unidades linguísticas: “*Chaînon*: espaço de som tendo como limite inicial e como limite final, ou um silêncio, ou um som que o ouvido não julga idêntico a si” (*Ph*, p.90, seção 3, fólio 6v, *tradução nossa*)⁴¹. Saussure salientava a importância de olhar para os elementos acústicos na cadeia fonética, em posição de crítica à postura de Sievers⁴²:

Considerar a totalidade dos elementos acústicos remete a distinguir as

³⁹ « le premier est en grande partie ouvert sur l’extérieur, il est visible, perceptible et auto-perceptible ; le second est tout intérieur, invisible, tend à nous échapper et requiert pour cela des techniques et des méthodes d’observation, de relevé et d’étude que la linguistique considère étrangères à ses appareils critiques » (ALBANO LEONI, 2014, p.20).

⁴⁰ « En effet, le son, n’importe quel son, en l’absence d’un organe récepteur qui le recueille ainsi que d’un système nerveux individuel qui l’élabore, n’est guère qu’une oscillation de molécules d’airs » (ALBANO LEONI, 2014, p.24)

⁴¹ « *Chaînon*: espace de son ayant pour limite initiale et pour limite finale, ou un silence, ou un son que l’oreille ne juge pas identique avec lui » (*Ph*, p.90, seção 3, fólio 6v)

⁴² Eduard Sievers (1850-1932) foi um dos grandes nomes da escola neogramática. Professor de filologia germânica e línguas clássicas, Sievers é considerado um dos precursores na abordagem sistemática do aspecto fonético da língua (cf. KOERNER, 1973).

unidades acústicas sucessivas: são duas expressões do mesmo ponto de vista. É somente uma única e mesma operação. É a própria operação do ouvido, enquanto percebe o discurso (*Ph*, p.103, seção 3, fólio 11r, *tradução nossa*)⁴³

A operação do *ouvido* atuará sempre na cadeia discursiva, já que é apenas na cadeia que podemos analisar linguisticamente as unidades que compõem a *langue*. Fora do discurso acabamos por cair em definições meramente fisiológicas. Para a proposta de Saussure, isto não é o suficiente. É necessário sempre manter um pé em cada cadeia⁴⁴. Para o linguista, é possível partir do fato fisiológico com o intuito de buscar o valor do elemento fonético:

Neste caso, dada uma combinação de fatores sincrônicos, há três perguntas a fazer:

1º ela teria um efeito acústico qualquer

2º se sim, ele seria distinto de qualquer outro, isto é, em qual limite eu poderia fazer variar um fator sem alterar o efeito; ou: qual é o fato característico em cada fator, pois uma combinação diferente é uma combinação de efeitos diferentes.

3º qual qualidade o som teria?

Partindo da sensação, como a qualidade está dada, fica claro que somente se considera aquilo que tem um efeito acústico e, ao mesmo tempo, que se sabe que o efeito é distinto. (...) primeira intervenção inevitável do controle do ouvido (*Ph*, p.154, seção 3, fólio 35v, *tradução nossa*)⁴⁵.

Isso não significa analisar a produção do som por um viés fisiológico. Afinal, o que importa é o efeito que o falante buscará produzir, e este efeito se dá por meio da experiência⁴⁶, e não pela análise da produção sonora do aparelho fonador. A importância dos efeitos produzidos no ouvido do ouvinte-falante é o efeito da distinção entre as unidades: só produz efeitos aquilo que é distintivo.

Em *Phonétique* também há, surpreendentemente, inúmeras definições de fonema. Por ora, destacaremos as passagens que acabam por utilizar na sua definição o termo *oreille*:

⁴³ « Considérer la totalité des éléments acoustiques revient à distinguer les unités acoustiques successives : ce sont deux expressions du même point de vue. Ce n'est qu'une seule et même opération. C'est l'opération même de l'oreille pendant qu'elle perçoit le discours » (*Ph*, p. 103, seção 3, fólio 11r)

⁴⁴ « le phonème est la somme des impressions acoustiques et des mouvements articulatoires, de l'unité entendue et de l'unité parlée, l'une conditionnant l'autre: ainsi c'est déjà une unité complexe, qui a un pied dans chaque chaîne » (SAUSSURE, 1972, p.65) – “o fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios, da unidade ouvida e da unidade falada, uma condicionando a outra: assim já é uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia” (*tradução nossa*).

⁴⁵ « Dans ce cas, étant donnée une combinaison de facteurs synchroniques, il y a trois questions à se poser : / 1º a-t-elle un effet acoustique quelconque / 2º si oui, est-il distinct de tout autre, c'est-à-dire dans quelle limite puisse faire varier un facteur sans changer l'effet ; ou : quel est le fait caractéristique dans chaque facteur car une combinaison différente est une combinaison d'effets différents. / 3º quelle qualité le son a-t-il ? / En partant de la sensation, comme la qualité est donnée, il est clair qu'on ne considère que ce qui a un effet acoustique et en même temps qu'on sait que l'effet est distinct. [...] première intervention inévitable du contrôle de l'oreille » (*Ph*, p.154, seção 3, fólio 35v)

⁴⁶ No capítulo 2, Fadda (2013a) nos ajudará a pensar a questão da *sensação* acústica em uma discussão sobre o *sentimento* da língua e do falante.

Fonema. 1º = Som da fala em oposição a qualquer espécie de som.

2º Estado da *parole*, oposto aos sons parciais, aos elementos com os quais pode ser composto: Z é um fonema, mas nem o som laríngeo, nem o som estridente, que originalmente aí se distinguem, são fonemas. Se o fonema é um som composto para nosso ouvido, [

Diante de um ruído, não sabemos se ele poderá ser fonema (*Ph*, p.88, seção 3, fólio 35v, *tradução nossa*)⁴⁷

O fonema é composto pelo *ouvido*. Sublinhamos novamente de que *ouvido*, aqui, pressupõe uma *escuta linguística* operada pelo *ouvinte-falante* (não é, portanto, sinônimo de *orelha*). Aqui estamos pensando nas unidades mínimas da *langue*, visto que Saussure estava elaborando noções de uma “fonologia” ainda em vias de construção. Porém, as nossas considerações pretendem ir além das unidades mínimas a fim de pensar a posição de ouvinte no discurso. Como já vimos, essa é uma posição ativa que está constantemente compondo sentidos na relação de diálogo com o falante, na busca incansável pelo valor semiológico: “fonema = sempre possibilidade de um valor semiológico” (*Ph*, p.90, seção 3, fólio 6v, *tradução nossa*)⁴⁸. O valor semiológico é o que importa na reflexão linguística: “O ouvido é bem presente na fonética semiológica, não aquele do fisiologista, mas o ouvido do falante e ‘analista’ que apreende as saliências” (PARRET, 1995, p.99, *tradução nossa*)⁴⁹.

Decidir, identificar, diferenciar: estas podem ser consideradas as atitudes constantes da *escuta linguística*: “O ouvido só pode naturalmente decidir as semelhanças, identidades e diferenças de percepção” (*Ph*, p.99, seção 3, fólio 10r, *tradução nossa*)⁵⁰. O “sentimento do ouvido” (*Ph*, p.153, seção 3, fólio 35v, *tradução nossa*)⁵¹, assim, pode ser associado diretamente ao “sentimento da *langue*”, expressão recorrente nos ELG que vincula a língua fortemente à concepção de *falante*⁵².

Em suma, após um levantamento inicial das ocorrências de *oreille*, podemos dizer que nossa proposta de definição de *oreille/ouvido* pode ser entendida como um sinônimo de *ouvinte*, aos moldes da perspectiva de Parret (1995), que fala em um *Ouvindo-analista*. Pensar

⁴⁷ « Phonème. 1º = Son de la parole par opposition à toute espèce de son. / 2º État de la parole, opposé aux sons partiels, aux éléments dont il peut être composé: Z est un phonème, mais ni le son laryngien ni le son strident qui s’y distinguent à l’origine ne sont des phonèmes. / Si le phonème est un son composé pour notre oreille, [/ Étant donné un bruit on ne sait pas s’il pourra être phonème » (*Ph*, p.88, seção 3, fólio 35v).

⁴⁸ « phonème = toujours possibilité d’une valeur sémiologique » (*Ph*, p.90, seção 3, fólio 6v).

⁴⁹ « L’oreille est bien présente dans la phonétique sémiologique, non pas celle du physiologiste, mais l’oreille du sujet parlant et ‘analysant’ qui saisit les saillances » (PARRET, 1995, p.99).

⁵⁰ « L’oreille ne peut naturellement décider que les ressemblances, identités et différences des perceptions » (*Ph*, p.99, seção 3, fólio 10r).

⁵¹ « sentiment de l’oreille » (*Ph*, p.153, seção 3, fólio 35v).

⁵² Conforme mencionado anteriormente, a discussão sobre o *sentimento* em Saussure será discutida com o apoio das reflexões de Fadda (2013), assim como das de Chidichimo (2009), no próximo capítulo (cf. 2.2.2).

a presença do termo *oreille* nos manuscritos torna-se necessário para contextualizarmos a importância desta posição no pensamento saussuriano. Este conceito é fundante da categoria de *ouvinte* e é nossa abertura para uma concepção de *escuta*.

1.2 O *OUVINTE* COMO POSIÇÃO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Não buscamos, aqui, teorizar filosófica ou psicologicamente sobre “o sujeito” ou empiricamente sobre “o ouvinte”, mas pensar em seu estatuto, a partir de categorias linguísticas. O que importa para o presente trabalho, nesse sentido, é a construção de um ponto de vista com relação à função de *ouvinte* na *langue* e suas implicações. Sendo assim, quando Saussure fala sobre a consciência dos sujeitos falantes, sobre o sentimento da *langue* (cf. 2.2.2), a preocupação não é essencialmente a figura do falante, mas em que tal conceito repercute na noção de *langue*.

Novamente, partiremos das definições comuns encontradas no dicionário.

Segundo o Dicionário Houaiss (2001), *ouvinte*⁵³ é: “(1) que ou aquele que ouve; ouvidor. (2) (ling) a pessoa que recebe os enunciados produzidos por um locutor. Obs.: *destinatário, interlocutor e receptor*”. Na nossa concepção, *ouvinte*, para além dessas acepções, é uma posição de análise e interpretação da *langue*. Reforçaremos, assim, o caráter da não-passividade, bem como a posição do *ouvinte* de recortar as unidades linguísticas percebidas na cadeia falada. É a partir da posição de *ouvinte* que nos colocamos ao reconhecer uma palavra como signo de nossa língua ou de uma língua conhecida; é a partir da posição de *ouvinte* que construímos o nosso singular tesouro linguístico; e é a partir dessa posição que nos reconhecemos como capazes de produzir e reconhecer sentidos, sob efeito da cadeia discursiva – vemos que tal ponto de vista está distante de uma concepção passiva de recepção.

No Dicionário de Linguística da Enunciação (FLORES et al, 2009), encontramos três termos que podem ser relacionados com uma concepção de ouvinte mais geral⁵⁴: “alocutário”, “destinatário” e “interlocutor”. Vejamos as definições dos três termos: *alocutário* – para Ducrot, “aquele para quem as palavras do locutor são dirigidas”; “aquele que é

⁵³ Vale destacar que nossa concepção de *ouvinte* não pretende ser estritamente associada à capacidade física da audição. Podemos falar em *ouvinte* como posição na *langue* mesmo no caso de línguas sinalizadas. O mesmo valerá para o que compreendemos por *escuta*. Essa problemática será discutida com maior profundidade no terceiro capítulo.

⁵⁴ Em Flores et al. (2009) não se encontra um verbete para “ouvinte”, propriamente dito, ou mesmo para o “tu” ou “interlocutor” benvenistiano.

linguisticamente representado no enunciado como alvo da enunciação” (FLORES et al, 2009, p.47-48); *destinatário* – para Ducrot, “paciente do ato de fala, que tem como agente o enunciatador”; para Jakobson, “elemento do ato de comunicação verbal que corresponde àquele com quem se fala” (FLORES et al, 2009, p.79); *interlocutor* – para Ducrot, “aquele a quem é dirigida a enunciação”; para Greimas, “destinador de uma fala de um diálogo” (FLORES et al, 2009, p.145).

Em nossa opinião, todas essas definições podem, de uma certa forma, ser resumidas à posição do *ouvinte* com relação à figura do *falante*. Como destacamos logo acima, para nós, a questão do *ouvinte* vai além do lugar de endereçamento da fala. Sendo assim, acreditamos que é importante lançarmos mão de um termo até então não utilizado de forma metódica, que é o *ouvinte* como uma posição de interlocução cuja função é a *escuta*. Tal função, corporificada pelo *ouvido*, sintetiza a compreensão que propomos da dupla essência da linguagem na medida em que o *ouvido* é justamente responsável por aliar forma e sentido: vemos a passagem da figura vocal *como tal* à figura vocal como *signo*.

Acreditamos que a dupla essência da linguagem é um dos debates fundamentais, presente de maneira significativa nos manuscritos saussurianos, que potencializa uma reflexão em direção à *escuta linguística*, conceito que será trabalhado detalhadamente no terceiro capítulo. Brevemente, sintetizamos a questão da dupla essência com o objetivo de contextualizar a nossa problemática relacionada à posição de análise da *langue*, corporificada, aqui, pela posição de *ouvinte*. A dupla essência da linguagem permite que consideremos o aspecto material da *parole* – imprescindível a qualquer expressão simbólica instaurada na relação com o *outro* – em sua complexidade: como matéria significante em um sistema linguístico que apenas existe no *diálogo*⁵⁵. Por esse ângulo, o circuito da *parole*, apresentado no CLG, pressupõe a superação da ideia de oposição entre *som* e *sentido*. A dualidade diz respeito à oposição entre a figura vocal *como tal* e a figura vocal *como signo* (concretude x abstração).

⁵⁵ Émile Benveniste é um dos maiores leitores de Saussure, e não parece ser por acaso a presença, em seu pensamento, de uma relação indissociável entre *forma* e *sentido*. Sobre a questão da *dupla essência* da linguagem, destacamos uma passagem do linguista: “a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua ‘evocação’. Assim é a linguagem, uma entidade de dupla face. É por isso que o símbolo linguístico é *mediatizante*. Organiza o pensamento e realiza-se numa forma específica, torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro numa expressão articulada e representativa, e não por meio de um sinal como um grito modulado; realiza-se numa determinada língua, própria de uma sociedade particular, não numa emissão vocal comum à espécie inteira” (BENVENISTE, 2005b, p.30).

A reedição organizada por René Amacker dedicou-se aos manuscritos que abordam particularmente a dupla essência: *Science du Langage: de la double essence du langage* (SAUSSURE, 2011) é composta de manuscritos que reúnem 274 folhetos e que pertencem ao *Arch. de Saussure 372*⁵⁶. Destacamos aqui a célebre passagem desse manuscrito, que veio a público em 2002 a partir da edição dos ELG:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato ‘físico’ do som por oposição ao fato ‘mental’ da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o ‘signo’ mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (SAUSSURE, 2004, p. 24)⁵⁷.

Saussure elaborou um trajeto de reflexão da materialidade sonora (fenômeno vocal) ao sentido (signo). Tal reconhecimento do *signo* – ou seja, da própria *langue* – é dependente da posição de um ouvinte-falante que analisa a materialidade em sua potência significativa⁵⁸. Esse ponto de vista é desenvolvido por Milano, que afirma: “é necessário aceitar que o poder do signo não é dado *a priori* pela materialidade significante” (MILANO, 2017a, p.87, tradução nossa)⁵⁹.

Quando pensamos a posição de ouvinte e a função de *escuta* por um viés dos Estudos da Linguagem, é de um movimento parecido que nos valem: para que possamos, efetivamente, elaborar um conceito de *escuta* linguística, será necessário reforçarmos em primeiro lugar as particularidades das noções de *escuta* que estão delimitadas, também, a

⁵⁶ Segundo a introdução de Amacker (SAUSSURE, 2011), a maior parte do material manuscrito está organizado em folhas dobradas em duas ou quatro partes, e o conjunto integral é formado de doze pequenos envelopes. A organização numérica foi realizada por Rudolf Engler. Em Stawinski (2019), falamos mais detalhadamente sobre o manuscrito e a problemática da dupla essência da linguagem.

⁵⁷ « Le dualisme profond qui partage le langage ne réside pas dans le dualisme du son et de l’idée, du phénomène vocal e du phénomène mental ; c’est là la façon facile et pernicieuse de le concevoir. Ce dualisme réside dans la dualité du phénomène vocal COMME TEL, et du phénomène vocal COMME SIGNE – du fait physique (objectif) et du fait physico-mental (subjectif), nullement du fait « physique » du son par opposition au fait « mental » de la signification. Il y a un premier domaine, intérieur, psychique, où existe le signe autant que la signification, l’un indissolublement lié à l’autre ; il y en un second, extérieur, où n’existe plus que le « signe » ; mais à cet instant le signe réduit à une succession d’ondes sonores ne mérite pour nous que le nom de figure vocale » (SAUSSURE, 2011, p. 86-87).

⁵⁸ É importante atentar para a flutuação terminológica inerente aos textos saussurianos: o termo *signo*, por exemplo, pode servir tanto para fazer referência à unidade linguística (união do significante/significado) quanto apenas à face *significante*.

⁵⁹ « il faut accepter que la puissance du signe ne soit pas donnée *a priori* par la matérialité signifiante » (MILANO, 2017a, p.87).

partir de uma materialidade sonora para que possamos, enfim, distinguirmos esta materialidade da função simbólica apreendida na relação entre falante, ouvinte, *parole, langue*:

A distinção fundamental e única, em linguística, depende, então, de saber: - se é considerado *um signo ou uma figura vocal como signo (...)* – ou se é considerado *um signo ou uma figura vocal como figura vocal (...)* porque, a cada momento de sua existência, só EXISTE linguisticamente o que é percebido pela consciência, ou seja, o que é ou se torna *signo* (SAUSSURE, 2004, p.44)⁶⁰.

Essa *dupla essência* da linguagem – ou *duplessência*⁶¹, para lançarmos mão de um neologismo – ajuda-nos a pensar a relação necessária entre os aspectos concreto e abstrato, assim como a indissociabilidade entre as duas faces do signo linguístico. Retornando a Milano, afirmamos: “considerar o signo como uma unidade de interdependência recíproca entre o *significado* e o *significante* é afirmar que a imagem acústica não está presente como puro som material; ela representa uma *impressão psíquica*” (MILANO, 2017a, p.87, *tradução nossa*)⁶².

As representações do circuito da *parole* permitem-nos vislumbrar diferentes pontos de vista: o fisiológico e o acústico. Veremos que ambos são necessários para a reflexão linguística, visto que é o aspecto fisiológico (material, concreto) que nos permite analisar a *langue*, delimitando suas unidades e refletindo acerca dos efeitos de sentido produzidos na cadeia falada. Tal reconhecimento das unidades linguísticas só é possível quando o *falante* está sob os efeitos da *parole* – ou seja, está operando na posição do *outro*, aquele que *escuta*. Para que possamos aprofundar a função do *ouvido*, na seção a seguir, veremos como a posição de ouvinte pode operar nos estudos a partir do corpus saussuriano, tendo como ponto de partida o circuito da *parole*.

⁶⁰ « La distinction fondamentale et unique en linguistique dépend donc de savoir : Si on considère un signe ou une figure vocale comme signe [...], ou si on considère un signe ou une figure vocale comme figure vocale ; [...] parce qu'à chaque moment de son existence il n'EXISTE linguistiquement que ce qui est aperçu par la conscience, c'est-à-dire ce qui est ou devient signe ». (SAUSSURE, 2011, p. 102-103)

⁶¹ A noção da *dupla essência* que permeia esta tese foi discutida amplamente em Stawinski (2016) – trajetória que antecedeu nossa empreitada em busca da *escuta* linguística a partir de Saussure. O neologismo *duplessência* pode servir para sublinhar a importância do aspecto fônico (ou material) da *langue* sem perder de vista as implicações teóricas que tal distinção, *fundamental*, impõe. Em Milano (2017) e em Stawinski (2019), é possível encontrar uma reflexão que permeia essa discussão, apesar de não falarmos literalmente em *duplessência* – empreendimento para um texto futuro.

⁶² « considérer le signe comme une unité d'interdépendance réciproque entre le *signifié* et le *signifiant*, c'est d'affirmer que l'image acoustique n'est pas présentée comme étant du pur son matériel ; elle représente plutôt une *impression psychique* » (MILANO, 2017a, p.87).

1.2.1 O circuito para além da *parole*

O terceiro capítulo da introdução do CLG, “Objeto da Linguística” (SAUSSURE, 2006, p.15-25), foi um ponto de partida importante em nossa trajetória de pesquisa acerca do lugar do ouvinte e da *escuta* na reflexão saussuriana. Uma das grandes questões abordadas por Saussure foi a delimitação das unidades linguísticas, visto que sua preocupação primordial esteve relacionada à epistemologia da linguística – e, para o estudioso da *langue*, nada seria mais importante do que a delimitação de seu objeto de estudo. O circuito da *parole* serviu de gatilho para que considerássemos com mais ênfase o lugar ocupado pelo *outro* na cadeia falada e, especialmente, seu papel de delimitação das unidades linguísticas. Trata-se de um esquema simplificado, mas que nem por isso deixa de levantar questões fundamentais, as quais nos levam à *escuta* linguística.

Nesta seção, buscamos desdobrar o circuito da *parole* ultrapassando o CLG, tendo como apoio fundamental a edição crítica de Engler⁶³ (CLG-E, 1989), e particularmente o caderno de Constantin (2005), publicado nos CFS 58 – material considerado a fonte manuscrita mais completa dentre os discípulos presentes no terceiro curso de Saussure. Também lançaremos mão da obra *La « Collation Sechehaye »*, organizada por Estanislao Sofia (2015). O foco de nosso estudo será a nossa concepção de *ouvinte*, tendo como horizonte um conceito de *escuta*. Apesar de ser apenas um esquema simplificado⁶⁴ do complexo processo de diálogo que se estabelece entre ouvinte-falante, o circuito da *parole* provoca o leitor da obra a questionar-se sobre conceitos basilares da reflexão saussuriana: *langue*, *parole*, signo, valor, falante, para mencionar os mais importantes. Buscamos provocar tal percepção com o apoio de dois autores fundamentais para nosso estudo: Giuseppe D’Ottavi (2010) e Jacques Coursil (2000).

Normalmente, pensamos em duas figuras essenciais para o circuito da *parole*: o locutor e o interlocutor, ou, como preferimos chamar, o *falante* e o *ouvinte*. Essas figuras, no entanto, não são necessariamente representantes de dois indivíduos, mas de duas posições

⁶³ Lembramos que, na edição de Engler, temos acesso às notas de Albert Riedlinger (R), Louis Caille (Ca), Léopold Gautier (G), François Bouchardy (B), Émile Constantin (C), George Dégalier (D), Mm A. Sechehaye (S) e Francis Joseph (J).

⁶⁴ Para Claudine Normand, “vê-se que a apresentação tão embaraçada que então é exposta serve, antes de tudo, como uma preparação à exposição do que é o funcionamento do sistema” (NORMAND, 2009, p.51). A linguista ressalta que o papel do circuito da *parole* introduzido no CLG serve precisamente para expor o funcionamento do mecanismo linguístico – e não para reduzir a *langue* à comunicação (ou para reduzir a comunicação ao sistema linguístico).

discursivas – podendo ser estabelecidas de forma condensada em um mesmo indivíduo, inclusive, na leitura silenciosa de um texto ou na escuta da própria fala. Abaixo, observamos o circuito da *parole* representado no CLG. Vemos duas figuras dispostas no circuito – A e B:



Figura 2 - Circuito da parole (SAUSSURE, 1972, p.27)

Ambas figuras demonstram, a partir das setas, a troca realizada entre falante e ouvinte de uma determinada língua. Nesse esquema, vemos três pontos destacados: a “mente”, a “boca” e o “ouvido”. Vale sublinhar que o ponto da “mente” não está destacado em nenhuma das fontes manuscritas dos alunos de Saussure (cf. CLG/E, p.37), havendo referência apenas à troca entre boca-ouvido. O ponto de partida, conforme a explicação que segue o circuito no CLG, está no cérebro do falante, “onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los” (SAUSSURE, 2006, p.19)⁶⁵.

A partir da descrição, o fenômeno que ocorre na mente é “psíquico”, enquanto a sua produção é um fenômeno “fisiológico”. Vejamos abaixo nossa adaptação do esquema do circuito da *parole* a partir do CLG:

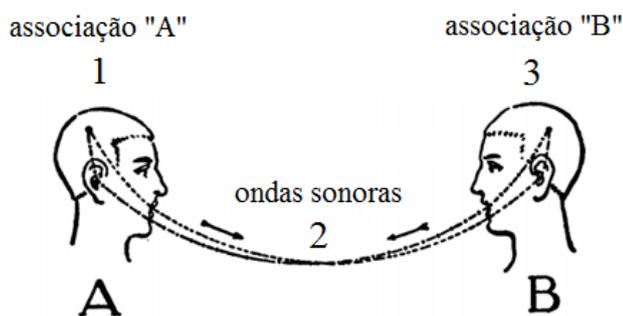


Figura 3 - Descrição do circuito da *parole* (adaptado do CLG pela autora).

Vemos, em (1), a representação do falante ao estabelecer associações entre significantes e significados; estas associações, no momento da fala, produzem uma onda sonora (2), que é percebida como significante pelo ouvinte (3), estabelecendo, assim, sua própria associação

⁶⁵ « où les faits de conscience, que nous appellerons *concepts*, se trouve associés aux représentations des signes linguistiques ou images acoustiques servant à leur expression » (SAUSSURE, 1972, p.28).

(atribuição de sentido). Destacamos que as associações estabelecidas em (1) e (3) não são idênticas, apesar de os falantes compartilharem a mesma língua. Nesse sentido, o circuito da *parole* acaba por demonstrar tanto o caráter social da *langue*, quanto o aspecto individual representado pelo tesouro linguístico de cada falante. O circuito também é rerepresentado no CLG conforme abaixo:

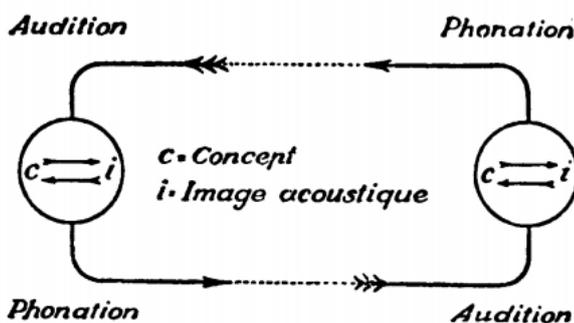


Figura 4 - Segundo circuito (SAUSSURE, 1972, p.28)

Antes de aprofundarmos a discussão sobre a perspectiva do *ouvinte* a partir do circuito da *parole*, é importante observar algumas questões com relação à apresentação dos esquemas no CLG, levando em consideração a edição de Engler (CLG/E, 1989), o caderno de Constantin (CFS 58, 2005) e a *Collation Sechehaye* (2015). Como podemos observar a partir da imagem abaixo (representações que condizem com as notas de todos os alunos no CLG/E), ambos esquemas do circuito da *parole* são introduzidos conjuntamente:

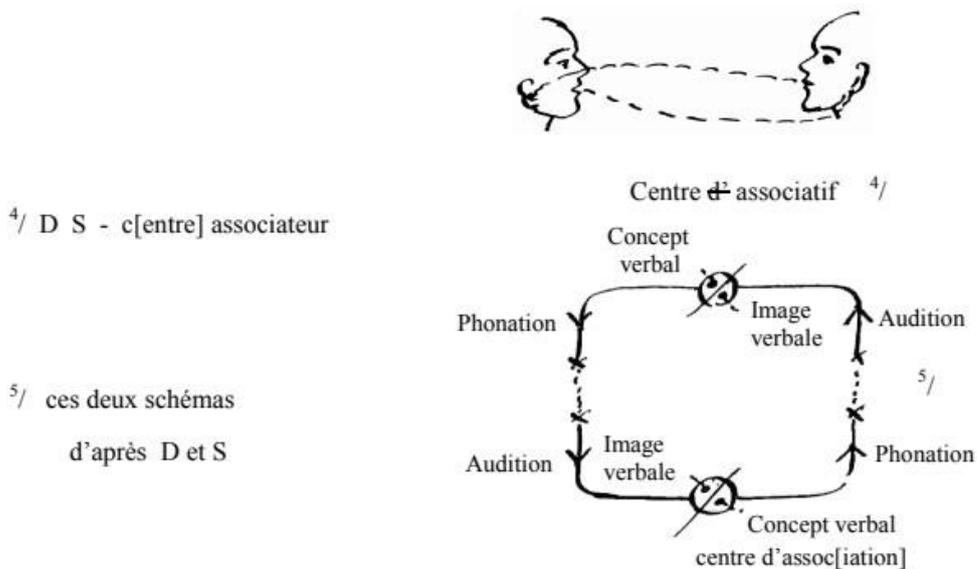


Figura 5 - Collation Sechehaye (SOFIA, 2015, p.408)

Na edição organizada por Bally e Sechehaye, como sabemos, há uma separação entre ambos os esquemas, mas, como bem observou Forel (2016), a divisão textual dos dois esquemas não é a única diferença a destacar. Conforme veremos em seguida (cf. *fig. 6*), há especialmente duas mudanças marcantes. A primeira diz respeito à representação da relação *Monsieur A* e *Monsieur B*: não há indicação da parte mental/cerebral nas notas dos alunos, apenas uma relação marcando a troca dialógica estabelecida entre boca/ouvido; a segunda diz respeito ao segundo esquema do circuito, que busca mostrar suas fases distintas (audição/fonação), além de representar o signo de maneira singular, sem o corte horizontal, mas diagonal. A única exceção é o esquema anotado por Mm. Sechehaye, cuja linha divisória está ausente (cf. CLG/E, p.37). Retornemos brevemente à figura 4 para fins de comparação (cf. *acima*). Conforme observamos ao consultar a edição de Engler (CLG/E), não há referência ao *centro associativo* na edição do CLG, ausência também sublinhada por Forel (2016):

Sob o esquema, a ausência da menção expressa ao lugar da parte psíquica – o centro associativo – o demarca com relação aos fenômenos fisiológicos que são a audição e a fonação, mas não mostra em seguida que aquele [o centro associativo] é o contrapeso destes (FOREL, 2016, p.215, *tradução nossa*)⁶⁶.

Vejamos a representação do circuito conforme as notas de Constantin. Como já mencionamos, não há indicação da parte “mental” ou “cerebral” no desenho dos falantes A e B – somente indicações da boca e do ouvido. Além disso, há também uma diferença terminológica: enquanto no CLG lemos *concept* e *image acoustique*, nas fontes manuscritas de Constantin, assim como nas dos demais alunos, lemos *concept verbal* / *image verbale* (conceito verbal / imagem verbal), par introduzido pela locução *centre associatif* (centro associativo), cuja ausência acabamos de apontar⁶⁷:

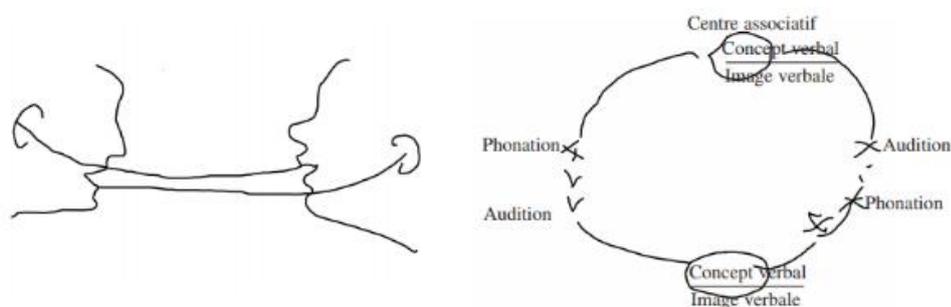


Figura 6 - *Circuit de la parole* (CONSTANTIN, 2005, p.215)

⁶⁶ « Sur le schéma, l’absence de la mention en toutes lettres du lieu de la partie psychique – le centre associatif – le démarque par rapport aux phénomènes physiologiques que sont l’audition et la phonation, mais ne donne pas tout de suite à voir qu’il est le contrepois de ces dernières » (FOREL, 2016, p.215).

⁶⁷ Ou *centre associeateur*, nas anotações de Mme A. Sechehaye (SAUSSURE, 1972, p.37).

Constantin anota: “No centro associativo, puramente psíquico, são colocados em contato um *conceito verbal* e uma *imagem verbal*” (III C 266 – SAUSSURE, 1989, p.37, *tradução nossa*)⁶⁸. O centro associativo, assim, representa a associação entre as duas partes psíquicas do signo linguístico, a partir da materialidade percebida pelo ouvinte-falante.

O conceito verbal e a imagem verbal (ou imagem acústica) passaram a ser nomeados *significado* e *significante*. É sempre válido destacar a possibilidade de compreendermos o *signifié* na sua forma de particípio passado – *significado* porque passou a ter sentido; e *significante* porque a matéria é representativa, simbólica, e não substância pura. A imagem do circuito acima (cf. *fig. 3*) permite identificarmos e distinguirmos três pontos de vista relacionados à materialidade sonora: (a) a sensação acústica pura, (b) a identificação dessa sensação com a imagem acústica latente, e (c) a imagem muscular da fonação⁶⁹.

O CLG passa a fazer uma distinção entre as partes físicas (ondas sonoras), as partes fisiológicas (fonação e audição) e as partes psíquicas (imagem acústica e conceito). Observa-se, em seguida, um ponto *capital*: “De fato, é fundamental observar que a imagem verbal não se confunde com o próprio som e que é psíquica, do mesmo modo que o conceito que lhe está associado” (SAUSSURE, 2006, p.20)⁷⁰. Deparamo-nos, ao fim, com três pontos de vista gerais com relação às partes do circuito: exterior e interior; psíquico e não psíquico; ativo (executivo) e passivo (receptivo).

A questão sobre o que é ativo e passivo pode trazer algumas problematizações com relação ao papel do ouvinte no circuito da *parole*. Segundo lemos nas anotações de Constantin: “Podemos ver a divisão em parte passiva (da audição ao centro associativo) e em parte ativa (do centro associativo à audição)” (SAUSSURE, 1989, p.38, *tradução nossa*)⁷¹. Tullio de Mauro, na nota 61 de sua edição comentada, acrescenta a esta passagem do CLG: “Ao contrário, como nós sabemos hoje, a audição está bem longe de poder ser considerada como um simples mecanismo receptivo, um registro inerte” (SAUSSURE, 1995, p.419,

⁶⁸ « Dans le centre associatif, purement psychique, sont mis en contact un concept verbale et une image verbale » (III C 266 – SAUSSURE, 1989, p.37)

⁶⁹ « on pourrait distinguer encore: la sensation acoustique pure, l’identification de cette sensation avec l’image acoustique latente, l’image musculaire de la phonation, etc. » (SAUSSURE, 1972, p.28); “poder-se-iam distinguir ainda: a sensação acústica pura, a identificação desta sensação com a imagem acústica latente, a imagem muscular da fonação etc” (SAUSSURE, 2006, p.20).

⁷⁰ « Il est en effet capital de remarquer que l’image verbale ne se confond pas avec le son lui-même et qu’elle est psychique au même titre que le concept qui lui est associé » (SAUSSURE, 1972, p.28)

⁷¹ « On peut voir division en partie passive (de l’audition au centre associatif) et en partie active (du centre associatif à l’audition) » (SAUSSURE, 1989, p.38)

tradução nossa)⁷², fazendo referência aos trabalhos de Miller, *Langage et communication* (1956) e Tomatis⁷³, em *L'oreille et le langage* (1963).

Quanto à questão da parte receptiva, em Constantin lemos um importante questionamento: “Qual parte do circuito pode dar lugar a essa <capitalização> cristalização social?” (CONSTANTIN, 2005, p.217, *tradução nossa*)⁷⁴:

Não é uma parte qualquer; não é a parte física <assim nós somos tomados pelo som de uma língua estrangeira que não conhecemos, <mas nós não estamos no fato social da *langue* > Note-se também que não é toda a parte psíquica que se torna social. O indivíduo permanece mestre. A execução permanecerá individual, é aí que vamos reconhecer o domínio da *parole*. **É a parte receptiva e coordenativa <(que é social)>**, que forma um depósito nos diferentes indivíduos, o que é apreciavelmente conforme em todos os indivíduos (CONSTANTIN, 2005, p.216, *grifos e tradução nossos*)⁷⁵.

É a parte receptiva e coordenativa que é social. A *langue* está representada pelo fato de dois (ou mais) falantes se comunicarem apesar de não compartilharem com exatidão os mesmos conceitos associados às mesmas imagens acústicas. Os signos são compartilhados, mas jamais corresponderão com exatidão entre o tesouro linguístico de cada indivíduo que constitui a massa social de falantes de determinada língua, como lemos no CLG: “todos produzirão – não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2005, p. 21)⁷⁶.

Conforme podemos acompanhar nos registros de Constantin, “A imagem acústica <não é o som material>, é a impressão psíquica do som” (CONSTANTIN, 2005, p.220, *tradução nossa*)⁷⁷. A questão da “impressão acústica” pode servir para pensarmos o lugar

⁷² « Au contraire, comme nous le savons aujourd’hui, l’audition est bien loin de pouvoir être considérée comme un simple mécanisme réceptif, un enregistrement inerte » (SAUSSURE, 1995, p.419)

⁷³ Alfred Tomatis (1920-2001) foi um famoso otorrinolaringologista francês, cujos métodos (considerados alternativos) vislumbraram uma interdependência entre voz (*voix*) e ouvido (*oreille*) – ou seja, entre a capacidade de produzir sons e a escuta desses sons.

⁷⁴ « Quelle partie du circuit peut donner lieu à cette <capitalisation> cristallisation sociale? » (CONSTANTIN, 2005, p.217).

⁷⁵ « Ce n’est pas une partie quelconque ; ce n’est pas la partie physique <ainsi nous sommes frappés par le son d’une langue étrangère que nous ne connaissons pas, <mais nous ne sommes pas dans le fait social de la langue> Remarquons aussi que ce n’est pas toute la partie psychique qui devient sociale. L’individu reste maître. L’exécution restera individuelle, c’est là que nous reconnaitrons le domaine de la parole. **C’est la partie réceptive et coordinative <(qui est sociale)>**, voilà ce qui forme un dépôt chez les différents individus, lequel arrive à être appréciablement conforme chez tous les individus » (CONSTANTIN, 2005, p.216, *grifos nossos*)

⁷⁶ « tous reproduiront, - non exactement sans doute, mais approximativement – les mêmes signes unis aux mêmes concepts » (SAUSSURE, 1972, p.29)

⁷⁷ « L’image acoustique <n’est pas le son matériel>, c’est l’empreinte psychique du son » (CONSTANTIN, 2005, p.220)

ocupado pela *escuta* na reflexão saussuriana. Vejamos abaixo outro esquema anotado por Constantin:

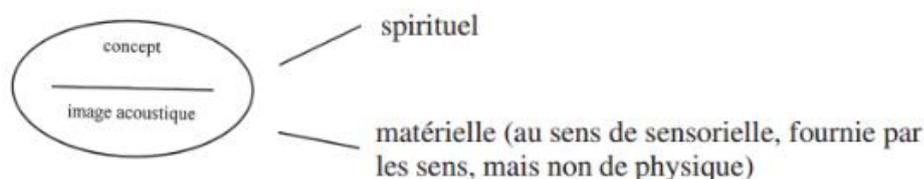


Figura 7 - Conceito e imagem acústica em Constantin (CONSTANTIN, 2005, p.220)

É importante sublinhar a concepção de *material* apontada no esquema: o que é material para o ouvinte, reiteramos, não é o som físico, mas a própria *sensação* produzida no *ouvido*. Nesse sentido, podemos dizer que material é o *efeito* da sensação, já carregado de valor pelo ouvido daquele que escuta – a forma sonora não é linguística por si só:

Se tomamos a sequência de sons, só é linguístico aquilo que é suporte material da ideia. *Uma língua desconhecida não é linguística para nós (...)* A palavra material, para nós, é uma abstração. Os diferentes conceitos (amar, ver, casa) se nós os desprendemos de um signo representativo, são os conceitos que, considerados por eles mesmos, não são linguísticos. *É necessário que o conceito seja apenas o valor de uma imagem acústica* (SAUSSURE, 1972, n. 204, p. 457, grifos e tradução nossa)⁷⁸.

Fora da interlocução, nada pode significar. Sendo assim, é ilusório pensar que o circuito da *parole* representa uma transmissão em que um receptor apenas decodifica a mensagem de um emissor. A posição de ouvinte, dessa maneira, não pode ser considerada de forma alguma passiva. Este ponto de vista será retomado com o apoio das considerações de Jacques Coursil (2000) e de Giuseppe D’Ottavi (2010). Gostaríamos de salientar novamente que, ao lançarmos mão do termo *escuta*, buscamos contrapor-nos à ideia de “audição”, visto que este último termo está vinculado, muitas vezes, a uma posição passiva frente à matéria ouvida. *Escuta*, assim, está associada, para nós, à posição de ouvinte na *langue*, enquanto que “audição” é resumida a ouvir sons de qualquer natureza, sejam ou não linguísticos⁷⁹. Um dos autores que nos auxilia a refletir nesse sentido é Jacques Coursil.

Coursil acabou apresentando-se a nós devido ao seu livro intitulado *La fonction muette du langage* (2000) – obra que dá ênfase à figura de ouvinte da *langue*. Apesar de inicialmente

⁷⁸ « Si nous prenons la suite de sons, n’est linguistique que si elle est le support matériel de l’idée. *Une langue inconnue n’est pas linguistique pour nous [...]* Le mot matériel, pour nous, est une abstraction. Les différents concepts (aimer, voir, maison) si on les détache d’un signe représentatif, ce sont concepts qui, considérés pour eux-mêmes, ne sont plus linguistiques. *Il faut que le concept ne soit que la valeur d’une image acoustique* » (SAUSSURE, 1972, n. 204, p.457, grifos nossos).

⁷⁹ Conferir discussão em 3.1.

não termos acompanhado de perto toda a teorização proposta pelo autor, nos é cara a sua proposta de um circuito da *parole* que não coloca o ouvinte como um mero receptor que tem destaque apenas quando toma a palavra. Pelo contrário: para Coursil, a posição de destaque na relação de diálogo é justamente a de ouvinte, visto que esta exerce uma função constante, enquanto que a posição da fala é “*um acontecimento*” – “no diálogo, falar é um acontecimento, e ouvir, uma constante” (COURSIL, 2000, p.7, tradução nossa)⁸⁰.

A perspectiva da constância do ouvir abre a possibilidade de uma releitura do circuito da *parole* para um *circuito da escuta*, que encara as figuras A e B não como potenciais falantes, mas como ouvintes da *langue*. Nesta perspectiva, o circuito é realizado por duas figuras – o ouvinte que fala e o ouvinte que escuta:

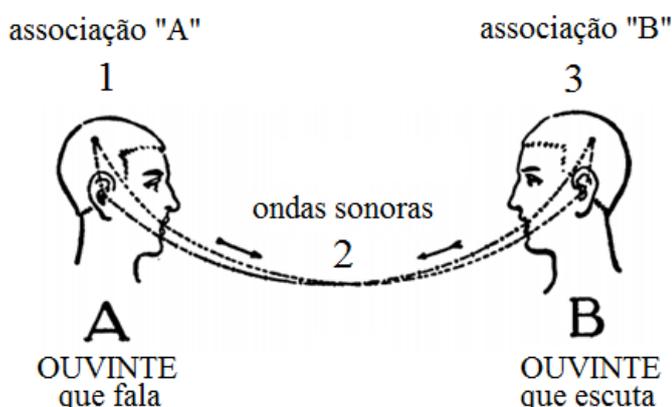


Figura 8 - O circuito da escuta a partir de Coursil (adaptado do CLG pela autora).

Não buscamos, todavia, apenas trocar o destaque do falante para o ouvinte: gostaríamos de ressaltar a importância que a função de *escuta* pode ocupar na reflexão sobre a *langue*, com motivação não unicamente na releitura do circuito da *parole*, mas muito pela recorrência do tema do aspecto fônico e do lugar que a percepção e o reconhecimento das unidades linguísticas ocupa nas teorizações saussurianas. Nesse sentido, em vez de adotarmos a nomenclatura de Coursil de “ouvinte que fala” e “ouvinte que escuta”, lançamos mão das expressões “ouvinte que fala” e “falante que escuta” (STAWINSKI, 2016, p.102), jogando com as palavras com o objetivo de não cairmos em uma dicotomia entre falante e ouvinte.

⁸⁰ « Dans le dialogue, parler est un événement, et entendre, une constante » (COURSIL, 2000, p.7).

1.2.2 O “lado B” do circuito da *parole*

A leitura do circuito operou como um disparador para as considerações sobre o lugar da *escuta* na relação de diálogo, e um dos pesquisadores que ajudará a embasar a nossa reflexão é o linguista Giuseppe D’Ottavi (2010), especialmente a partir de um artigo dedicado ao *lado B* do circuito da *parole*: “Ferdinand de Saussure e *Monsieur B*”. Nesse trabalho, o autor discorre sobre temas fundamentais para nós, os quais pretendemos resumir nesta seção – questões que vão do circuito da *parole* e da delimitação das unidades linguísticas ao aspecto social do circuito, além dos problemas relacionados à figura vocal – seu caráter acústico-motor e significante.

D’Ottavi inicia o artigo falando sobre como a discussão a respeito do lugar do falante está já situada nos estudos saussurianos, atrelada a uma “visão linguística como um todo” (2010, p.71, *tradução nossa*)⁸¹. Para o pesquisador, visto que a centralidade do falante foi reconquistada ao longo das releituras de diversos pesquisadores, cabe propor

uma tentativa de fazer emergir o papel do lado receptor, em busca dos requisitos e das habilidades interpretativas e da faculdade especificamente receptiva, com a finalidade de avaliar suas funções no âmbito da sistematização saussuriana (D’OTTAVI, 2010, p.74, *tradução nossa*)⁸².

Pode-se dizer que a possibilidade de olharmos para o “lado receptivo” do circuito da *parole* foi amplificada pelas problematizações com relação à *consciência* do falante. Esta temática, vinculada à questão do *tempo* (sobre a continuação e transformação da *langue*), atuam em prol do ponto de vista sincrônico. É válido dizer que é especificamente o ponto de vista da sincronia que nos leva com força à posição de *ouvinte* que aqui buscamos, tendo em vista que esse é “o papel epistemologicamente fundador do ponto de vista do observador e configura o princípio da dualidade essencial do fenômeno linguístico” (D’OTTAVI, 2010, p.73-74, *tradução nossa*)⁸³. Com o intuito de investigar a posição de “*Monsieur B*”, D’Ottavi parte para a leitura do circuito da *parole*. Destacaremos alguns pontos importantes trazidos pelo estudioso, que ampliam nosso entendimento construído até aqui.

⁸¹ “visione linguistica saussuriana nel suo complesso” (2010, p.71)

⁸² “un tentativo di elicitarne il ruolo del versante ricevente, alla ricerca dei requisiti e delle abilità interpretative e delle facoltà specificatamente ricettive, col fine di valutarne la funzione nell’ambito della sistemazione saussuriana” (D’OTTAVI, 2010, p.74)

⁸³ “il ruolo epistemologicamente fondante del punto di vista dell’osservatore e configura il principio della essenziale dualità del fenomeno linguistico” (D’OTTAVI, 2010, p.73-74)

D'Ottavi chama atenção para o fato de que, a partir do circuito da *parole*, é estabelecida uma delimitação da *langue* com relação à linguagem, assim como a primeira distinção entre *langue* e *parole* (D'OTTAVI, 2010, p.75). O circuito da *parole* tem uma grande importância no contexto de leitura da teoria saussuriana. Saussure lança mão do circuito para dizer que está interessado na especificidade da *langue* (frente à multiplicidade de signos que poderiam circular entre A e B), e que a forma com que os signos linguísticos circulam entre A e B tem algo de social, mas também algo de individual⁸⁴. Sabemos que o fato físico é evidente – há um *ouvido* frente ao Monsieur A – e isso não dá alternativas ao *Monsieur B*: ele *escuta*.

Para D'Ottavi, há uma *simetria evidente*: “*Monsieur A* e *Monsieur B* são especularmente idênticos e dividem de maneira uniforme o espaço” (2010, p.76, *tradução nossa*)⁸⁵. D'Ottavi observa que, até então, o circuito da *parole* não diz nada além do que foi representado pelo modelo de recepção conforme Shannon e Weaver⁸⁶. O mérito do circuito da *parole* apresentado por Saussure é, segundo ele, a representação clara da necessidade de duas posições: a do emissor e a do receptor. O modelo de Saussure, dessa forma, não tem um sentido unilateral, conferindo um valor teórico inédito à *alternância dialógica*: “o arranjo simétrico apresenta *Monsieur B* como o reflexo especular de *Monsieur A* e uma substancial homologia operativa liga os momentos produtivo e receptivo” (D'Ottavi, 2010, p.77, *tradução nossa*)⁸⁷. Essa alternância alude ao movimento de um pêndulo, cuja recursividade revela a *natureza essencial* da troca entre “o ouvinte que fala” (*Monsieur A*) e o “falante que escuta” (*Monsieur B*).

Na segunda parte de seu artigo, D'Ottavi justifica o motivo de o modelo linear de representação da interação linguística, aos moldes dos já citados Shannon e Weaver, entrar em “curto circuito”:

O pressuposto do modelo linear de interação linguística, e o conseqüente papel simplificado do receptor, são postos em crise por uma série de observações genuinamente saussurianas frente a uma disposição ativa do

⁸⁴ Ainda será preciso estudar detalhadamente as questões com relação ao aspecto individual e social do ponto de vista da *langue* e da *parole*. No segundo capítulo, trataremos especificamente da relação entre ambos conceitos.

⁸⁵ “*Monsieur A* e *Monsieur B* sono specularmente identici e si dividono equamente lo spazio” (D'OTTAVI, 2010, p.76).

⁸⁶ Shannon (1916-2001) e Weaver (1894-1978) são conhecidos por criarem um modelo matemático da troca de informações na comunicação.

⁸⁷ “la disposizione simmetrica presenta Monsieur B come il riflesso speculare di Monsieur A e una sostanziale omologia operativa lega i momenti produttivo e ricettivo” (D'OTTAVI, 2010, p.77)

lado receptivo do falante em seu trabalho de interpretação dos atos de *parole* (D’OTTAVI, 2010, p.77, tradução nossa)⁸⁸

É justamente a partir da conclusão do papel ativo do lado receptor do circuito da *parole* que nos unimos à tese do autor e vislumbramos uma noção de *escuta* na linguística saussuriana. Quando o falante produz ondas sonoras capazes de significar, “essa sequência de ondas sonoras não se perde no rumor, no caos circundante”, mas, como reforça D’Ottavi,

é interceptada pelo ouvido de *Monsieur B* e reconhecida como membro de uma classe de eventos sonoros ‘semelhantes’ – classe que corresponde diretamente a outra classe que, por sua vez, reúne todos os *sentidos* semelhantes desejados e expressos por *Monsieur A* (D’OTTAVI, 2010, p.77)⁸⁹.

Por conseguinte, é válido afirmar que a *langue* só tem existência quando deixa de ser identificada como um simples rumor, ao ser *ouvida* por um ouvinte-falante que é capaz de delimitar-lhe as unidades significativas. Tal condição é belamente sintetizada nesta breve passagem: “A mecânica semiótica prevê que *Monsieur A* produza – com vontade de significar – uma perturbação física do estado de quietude do ar, alguma coisa de fato material que se coloque no plano da expressão (uma *fonia*)” (D’Ottavi, 2010, p.77)⁹⁰.

Assim como o falante “produz sons” com *vontade de significar*, nossa posição de ouvintes-falantes da *langue* nos coloca sempre no lugar da *vontade de escutar* – e tal *escuta* está vinculada à noção de *interpretação* de unidades significantes. Sendo assim, visto que cada falante tem o seu tesouro linguístico a partir de um sistema socialmente compartilhado, o papel de *Monsieur B* não pode ser o de decifrar um código dado: este reconhecimento por parte de *Monsieur B* está muito além da passividade, especialmente quando pensamos no princípio arbitrário do signo linguístico:

Se a isso se adicionar o fato de que a arbitrariedade radical confere virtualmente a qualquer ondulação da substância a capacidade de interceptar limites de relevância – tornando, portanto, impossível a dedução do significado somente do signo –, é evidente como a natureza do envolvimento

⁸⁸ “L’assunzione del modello lineare dell’interazione linguistica, e il conseguente ruolo semplificato del ricevente, vengono messi in crisi da una serie di osservazioni genuinamente saussuriane che prospettano una disposizione attiva del versante recettivo del parlante nella sua opera di interpretazione degli atti di *parole*” (D’OTTAVI, 2010, p.77)

⁸⁹ “questa sequenza di onde sonore non si perde nel rumore, nel caos circostante, ma è intercettata dall’orecchio di Monsieur B e riconosciuta come membro di una classe di eventi sonori ‘simili’ – classe che corrisponde in modo diretto ad un’altra classe che a sua volta raccoglie tutti i *sensi* simili voluti e espressi da *Monsieur A*” (D’OTTAVI, 2010, p.77)

⁹⁰ “La meccanica semiótica prevede che Monsieur A produca – con volontà di significare – una perturbazione fisica dello stato di quiete dell’aria, qualcosa cioè di affatto materiale che va a collocarsi sul piano dell’espressione (una *fonia*)” (D’OTTAVI, 2010, p.77).

de *Monsieur B* no ato de *parole* interindividual não pode, a rigor, exaurir-se em uma tarefa de decifrar: *Monsieur B* é chamado a fazer suposições sobre a configuração do sistema de classificação, é chamado à construção contínua do código e a sua contínua confirmação pragmática no campo intercompreensão (D’OTTAVI, 2010, p.78, *tradução nossa*)⁹¹.

O *ouvido* do ouvinte-falante é solicitado a atribuir sentidos às sequências sonoras apreendidas na relação de diálogo, a partir do seu tesouro linguístico. Essa apreensão já é uma operação de delimitação e classificação, jamais estabelecendo-se como uma mera decodificação de um código linguístico do qual seriam apreendidos formas e sentidos previamente estabelecidos e determinados.

Na terceira seção de seu artigo, D’Ottavi parte da “imagem acústica” estabelecendo uma relação com a consciência do falante. Para aprofundar a questão, o autor lança mão de algumas considerações terminológicas referentes ao uso do adjetivo “acústico” no corpus saussuriano. No momento, basta destacar que, para o autor,

O uso de uma terminologia coerente permite capturar uma posição teórica bem definida: Saussure distingue claramente o momento receptivo daquele puramente físico, reservando a qualidade de ‘acoustique’ somente ao domínio sensorial e psico-acústico (‘sensation acoustique’ em oposição ao ‘phénomène physique’ da propagação sonora) (D’OTTAVI, 2010, p.84, *tradução nossa*)⁹².

Desse modo, a *recepção* está essencialmente ligada ao papel desempenhado pelo *Monsieur B* de delimitação dos elementos sonoros em unidades linguísticas, demarcando, conforme apontado por D’Ottavi, o que é puramente um fenômeno físico daquilo que é já *forma-sentido* cuja impressão foi estabelecida a partir do *ouvido*.

Em suma, em todos os apontamentos destacados até o momento, seja a partir das observações iniciais acerca do circuito da *parole*, seja a partir da síntese da leitura detalhada de Giuseppe D’Ottavi, fica evidente a importância de refletirmos sobre a posição de *ouvinte* da *langue*. Não é de surpreender que D’Ottavi chega a definir a percepção das ondas sonoras em unidades significantes como um *princípio heurístico* (cf. D’OTTAVI, 2010, p.86), que é o princípio da investigação, das descobertas. Afinal, exposto à cadeia falada, é desde a posição

⁹¹ “Se a questo si aggiunge il fatto che l’arbitrarietà radicale conferisce virtualmente a qualsivoglia increspatura della sostanza la capacità di intercettare soglie di pertinenza – rendendo quindi impossibile la deduzione del significato dal solo segnale –, appare chiaro come la natura del coinvolgimento di *Monsieur B* nell’atto di *parole* interindividuale non possa, a rigore, esaurirsi in un compito di decifrazione: *Monsieur B* è chiamato a formulare ipotesi sulla configurazione del sistema di classificazione, è chiamato cioè alla costruzione continua del codice e alla sua continua conferma pragmatica sul campo dell’intercomprensione” (D’OTTAVI, 2010, p.78).

⁹² “L’uso di una terminologia coerente permette di cogliere una posizione teorica bem definita: Saussure distingue nettamente il momento ricettivo da quello puramente fisico, riservando la qualifica di ‘acoustique’ al solo dominio sensoriale e psico-acustico (‘sensation acoustique’ in opposizione al ‘phénomène physique’ della propagazione sonora)” (D’OTTAVI, 2010, p.84)

de ouvinte que analisamos a *langue*, julgamos as relações de identidade e diferença, compomos as unidades fonéticas em signos pertencentes a um sistema linguístico.

Apesar de todas as pistas do “rastros do som” presentes na obra saussuriana, D’Ottavi aponta que “a atenção pelo lado acústico, no entanto, penetra com dificuldade no CLG, onde é acolhida (talvez relegada) ao apêndice fonológico, advertida como estranha à síntese teórica” (D’OTTAVI, 2010, p.88, *tradução nossa*)⁹³. Em decorrência disso, a discussão que abarca mais claramente a esfera da *percepção* – e, por conseguinte, uma possível consideração da posição de *ouvinte* – acabou ficando mais restrita, “testemunhada quase unicamente a partir do valor que apenas as notas manuscritas deixam atribuir à conotação receptiva da fórmula ‘*imagem acústica*’”⁹⁴ (D’OTTAVI, 2010, p.88, *tradução nossa*). No entanto, acreditamos que a falta de atenção ao aspecto fônico e à percepção e suas implicações na teoria saussuriana não é, necessariamente, uma questão de edição do CLG. Em Stawinski (2016) buscamos justamente mostrar a presença do aspecto fônico e do lugar do ouvinte partindo do CLG, para reencontrar os ecos de tal debate reafirmados e mais explícitos nos ELG e em *Phonétique*. A análise do circuito da *parole*, como vimos até aqui, já permite vislumbrar o papel ativo do lado receptor da troca dialógica. Poucos leitores, entretanto, deram destaque a tal problemática, explorada primorosamente por D’Ottavi, quando afirma:

é a partir de seu aspecto aural que Saussure aborda o fenômeno sonoro; dada a sequência das realizações fônicas da qual se sustenta a cadeia falada, o gesto que leva à sua análise formal baseia-se em *impressões acústicas* e a língua como forma aparece, principalmente, no *Monsieur B*, o ouvinte (D’OTTAVI, 2010, p.88, *tradução nossa*)⁹⁵.

A própria definição de tesouro individual do falante colabora para uma perspectiva que ultrapassa a esfera da *escuta* como um ato de decifração:

Do ouvido ao *esprit*, e daqui aos outros órgãos fonatórios: o gatilho ideal (talvez também glotogenético) do circuito da *parole* serão derrubados. O ponto de partida será exatamente o ouvido: é o som *ouvido*, e não o som *pronunciado*, que se apresenta em primeiro lugar ao sujeito, e é em função

⁹³ “L’attenzione per la sponda acustica, tuttavia, filtra a stento in CLG, dove è raccolta (forse relegata) nell’appendice fonologica, avvertita come estranea alla sintesi teorica” (D’OTTAVI, 2010, p.88).

⁹⁴ “testimoniata pressoché unicamente dal valore che solo le note manoscritte lasciano attribuire alla connotazione ricettiva della formula ‘*immagine acustica*’” (D’OTTAVI, 2010, p.88).

⁹⁵ “è a partire dal suo aspetto aurale che Saussure affronta il fenomeno sonoro; data la sequenza delle realizzazioni foniche di cui si sostanzia la catena parlata, il gesto che porta alla sua analisi formale riposa sulle impressioni acustiche e la lingua come forma appare, primariamente, in *Monsieur B*, l’ascoltatore” (D’OTTAVI, 2010, p.88).

de sua suposição como *imagem acústica* que o som começa a adquirir valor linguístico (D’OTTAVI, 2010, p.89, *tradução nossa*)⁹⁶.

Nessa passagem, Giuseppe D’Ottavi sublinha a relação entre o *ouvido* e o *valor linguístico*, entrelaçando-os a partir da definição de *imagem acústica*; afinal, o *som* por si só não significa nada: é preciso que este seja *ouvido* e reconhecido como tendo sentido na *langue* – e tal reconhecimento é realizado através do *ouvido* pelo ouvinte-falante. Sublinhamos aqui o duplo sentido de *ouvido* em língua portuguesa, que pode ser tomado seja como substantivo – o *ouvido* que é *corpo* –, seja como verbo no particípio passado – aquilo que foi ouvido, *escutado* e, conseqüentemente, interpretado por um falante.

No próximo capítulo aprofundaremos nossos estudos sobre o *falante* e, assim, será possível estabelecer laços indissociáveis entre essas duas posições frente à *langue*: a do *Monsieur A* e a do *Monsieur B*. A partir da relação *ouvinte-falante* poderemos investir no que D’Ottavi chama de *estatuto saussuriano da consciência do falante*:

pode-se sustentar que é na impressão acústica onde deve ser procurado o fundamento da consciência linguística do indivíduo e que sejam as impressões acústicas a marcar-lhe a atividade produtiva, também é verdade que somente uma vez coletadas, uma vez inseridas na circulação numa comunidade linguística, as impressões acústicas se tornam *língua*: um gesto teórico tipicamente saussuriano, o papel do receptor parece desaparecer, por assim dizer, para ser absorvido no quadro social, na “*communauté d’images auditives*”, na multiplicação de sujeitos implícita na ideia de intercâmbio comunicativo como “circuito” (D’OTTAVI, 2010, p.90, *tradução nossa*)⁹⁷.

É entre os papéis ativo e passivo de *Monsieurs A* e *Monsieurs B* que se torna possível vislumbrar o laço indissociável da dupla conceitual *langue-parole*, abalando a interpretação polarizada de atividade do falante e passividade do ouvinte. Para que possamos seguir refletindo sobre a relação entre o *Monsieur B* e o *ouvido*, lançaremos mão da leitura de Jacques Coursil, pesquisador que investigou a *função muda da linguagem* – aquela operada pelo *ouvinte*.

⁹⁶ “Dall’orecchio all’*esprit*, e di qui agli organi fonatori: l’*innesco* ideale (magari anche glottogenetico) del circuito della *parole* andrà ribaltato. Il punto di partenza sarà esattamente l’orecchio: è il suono *udito*, e non il suono *pronunciato*, che si presenta in primo luogo al soggetto, ed è in funzione della sua assunzione a *immagine acustica* che il suono si avvia ad acquistare valore linguistico” (D’OTTAVI, 2010, p.89).

⁹⁷ “si può sostenere che è nell’impressione acustica che vada ricercato il fondamento della coscienza linguistica dell’individuo e che siano le impressioni acustiche a improntarne l’attività produttiva, è anche vero che solo una volta collezionate, una volta inserite nella circolazione in una comunità linguistica, le impressioni acustiche diventano *lingua*: in un gesto teorico tipicamente saussuriano, il ruolo del ricevente sembra svanire, per così dire, per essere assorbito nel quadro sociale, nella «*communauté d’images auditives*», nella multiplicazione di soggetti implícita nell’idea dello scambio comunicativo come ‘circuito’” (D’OTTAVI, 2010, p.90).

1.3 COURSIL E A FUNÇÃO MUDA DA LINGUAGEM

Jacques Coursil é pesquisador, doutor em Linguística e professor emérito em Ciências da Linguagem, conhecido pelo seu trabalho a partir da teoria saussuriana. Dentre os trabalhos com foco em Saussure, publicou *Analytique de la Phonologie de Saussure: les deux théorèmes* (1995); *Le Syllabaire Saussurien* (1998), dentre outros. É autor dos livros: *La fonction muette du langage: essai de linguistique générale contemporaine* (2000) e *Valeurs Pures, Le programme systémique de Ferdinand de Saussure* (2015). Neste momento de nosso trabalho, abordaremos a proposta do pesquisador em *La fonction muette du langage*, visto que a obra está diretamente relacionada a uma concepção de *escuta*. Lançaremos mão de uma síntese da reflexão de Coursil, sublinhando as questões que são particularmente essenciais para desenvolvermos um conceito de *escuta*, empreendimento do terceiro capítulo desta tese.

Neste livro, Coursil (2000) propõe-se a discutir a *função muda da linguagem* a partir de interrogações com relação à natureza dialógica da língua. Essa função, definida a partir da posição do “*entendant*” – ou seja, do *ouvinte* –, é central para o estudioso, que defende o deslocamento do que chama de “duas metáforas” da linguística contemporânea: (1) a do paradigma “inter” (intersubjetividade, interação, intercomunicação...); (2) a do paradigma do “ego-agente” (sujeito da fala, sujeito da enunciação, da performance, do “eu” individual que age...). Segundo o autor, “estas duas metáforas colossais fundam nossas imagens ‘interativas’ do diálogo e nossas concepções de observador ‘externo’. Ao fazer isso, elas mascaram totalmente a atividade cognitiva do sujeito ouvinte” (COURSIL, 2000, p.101, *tradução nossa*)⁹⁸. Mantendo esses dois pontos em mente, lançaremos mão de observações e questionamentos que a leitura de Coursil suscitou.

Conforme já destacamos, Coursil foi uma base importante para refletirmos sobre o lugar do ouvinte a partir da linguística saussuriana. A grande questão da *função muda* está especificamente vinculada àquela do *ouvinte* na língua. O autor inaugura seu estudo refletindo acerca do *diálogo*: tal reflexão permite estabelecer algumas particularidades com relação à compreensão do verbo “*parler*” (*falar*). Desde o início, Coursil vincula “*parler*” a “*entendre*”, quebrando, prontamente, com o modelo de diálogo que estabelece um “falante / locutor” e um

⁹⁸ « Ces deux métaphores colossales fondent nos images ‘interactives’ du dialogue et nos conceptions d’observateur ‘externe’. Ce faisant, elles masquent totalement l’activité cognitive u sujet entendant » (COURSIL, 2000, p.101).

“ouvinte / interlocutor”: para o pesquisador, “falar pressupõe a capacidade de ouvir”⁹⁹. Na introdução a sua obra, Coursil salienta:

No diálogo, falar é um *acontecimento*, e ouvir, uma constante. A atividade de linguagem se divide então em dois papéis dialógicos: aquele do ouvinte que fala e aquele do ouvinte que não fala; em outros termos, há, em um diálogo, tantos ouvintes quanto participantes (COURSIL, 2000, p.13, *tradução nossa*)¹⁰⁰.

A recepção do ouvinte é considerada como tendo uma função ativa, “inteligente por excelência”, como uma “experiência de língua” (COURSIL, 2000, p.13)¹⁰¹. Coursil passa, assim, a analisar brevemente a função cognitiva da linguagem para alguns filósofos (Leibniz, Wittgenstein e Gadamer, com ênfase neste último), e inicia uma aproximação da noção de “*entendre*” com “*tendre à*”, mais do que à noção de *ouvir* propriamente dita: “a compreensão, função muda da linguagem, torna-se linguisticamente descritível e modalizável” (COURSIL, 2000, p.14, *tradução nossa*)¹⁰². Para desenvolver a sua reflexão, Coursil separa o livro em três partes ou análises: (1) *Bornes temporelles de la parole*, (2) *Topique du dialogue*, (3) *Grammaire et sémiologies des pratiques*. Acompanharemos atentamente a primeira e a segunda parte do livro, as quais relacionam-se mais diretamente com o escopo do nosso trabalho.

1.3.1 As bordas temporais da *parole*

Na primeira análise do livro apresentada por Coursil, o leitor é convidado a refletir a respeito de duas questões fundamentais: (1) a não-premeditação e (2) a não-consignação¹⁰³ da cadeia falada. Os apontamentos do autor são bastante originais no que se refere a uma aproximação entre *escuta* e *leitura*, a partir de um ponto de vista que tem como centro o “lado B” do circuito da *parole*. É por essa perspectiva que mergulhamos na reflexão do autor, com o

⁹⁹ « parler présuppose la capacité d’entendre »

¹⁰⁰ « Dans le dialogue, parler est un événement, et entendre, une constante. L’activité de langage se partage donc en deux rôles dialogiques, celui d’entendant qui parle et celui d’entendant qui ne parle pas ; en d’autres termes, il y a, dans un dialogue, autant d’entendants que de participants » (COURSIL, 2000, p.13)

¹⁰¹ « intelligent par excellence », « expérience de langue ».

¹⁰² « la compréhension, fonction muette du langage, devient linguistiquement descriptible et modélisable » (COURSIL, 2000, p.14)

¹⁰³ Segundo o Houaiss, “Consignação: ato ou efeito de pôr por escrito, de anotar, de inscrever” (CONSIGNAÇÃO, 2001).

intuito de ampliarmos nossa compreensão de uma *escuta linguística*, cuja discussão será desenvolvida detalhadamente no terceiro capítulo.

Quanto à não-premeditação da *parole*, Coursil destaca que não é um ato refletido a *priori*: “o ato de falar não é uma construção, mas um jorro” (COURSIL, 2000, p.19, *tradução nossa*)¹⁰⁴. A fim de esclarecer a distinção entre o que é “premeditado” e o que é “não-premeditado” na linguagem, o autor lança mão de variados exemplos. Inicia, assim, uma análise da diferença entre os verbos *raconter* (contar) e *chanter* (cantar). Pensemos: *contar* uma história é comparável a *cantar* uma canção? Coursil ressalta que, enquanto *raconter* está na esfera da não-premeditação, *chanter* situa-se na da premeditação. Ora, devemos concordar que as duas atividades de linguagem se diferenciam significativamente: quando *contamos* um fato ou história a alguém, mesmo quando temos o conhecimento prévio sobre o que se pretende narrar, não temos o propósito de *repetir* determinadas palavras de uma fala já proferida; o caráter da memorização está diretamente associado à premeditação: “recitar, citar ou declamar derivam talvez das artes da *parole*, mas não de seus princípios” (COURSIL, 2000, p.20, *tradução nossa*)¹⁰⁵. Assim, Coursil destaca que “a vontade é pouco operativa na prática da *langue*”; “o falante percebe que a linguagem não é um instrumento dócil, mas uma realidade estranhamente imprevisível e inquietante” (COURSIL, 2000, p.20, *tradução nossa*)¹⁰⁶.

Coursil insiste, assim, no caráter imprevisível da *parole*, rejeitando a concepção de que esta seria a tradução direta do pensamento – além de ampliar o conceito de *parole* à manifestação pela escrita. Segundo o autor, “a prosa pode se (re)trabalhar, mas não se forjar. A prática da escrita pode transformá-la, mas não a formar. O escritor não é um ‘compositor’ como um tipógrafo, mesmo que as letras sejam escritas uma após a outra”¹⁰⁷ (COURSIL, 2000, p.23, *tradução nossa*). Ser *falante* é muito mais complexo do que isso. É estar sob os efeitos não apenas daquilo que escutamos o outro dizer, mas sob os efeitos do nosso próprio dizer. Essa característica não é algo singular à produção falada *stricto sensu*, mas a qualquer produção linguística, incluindo-se a escrita:

¹⁰⁴ « l’acte de parler n’est pas une construction, mais un jaillissement » (COURSIL, 2000, p.19).

¹⁰⁵ « réciter, citer ou débiter relèvent peut-être des arts de la parole, mais non de ses principes » (COURSIL, 2000, p.20).

¹⁰⁶ « la volonté est peu operante dans la pratique de la langue”; “le parlant s’aperçoit que le langage n’est pas un instrument docile, mais une réalité étrangement imprédictible et rétive » (COURSIL, 2000, p.20).

¹⁰⁷ « La prose peut se (re)travailler, mais ne se forge pas. La pratique d’écriture peut la transformer, mais non pas la former. L’écrivain n’est pas un ‘compositeur’ comme l’est un typographe, même si les lettres s’écrivent l’une après l’autre » (COURSIL, 2000, p.23).

a propriedade da não-premeditação torna possível evitar a ilusão retórica de que se pode falar reunindo palavras, formando frases sob demanda, escrevendo-as na boca como um artesão (COURSIL, 2000, p.24, *tradução nossa*)¹⁰⁸.

Assim, vemos que as concepções de escrita e leitura de Coursil aproximam-se fortemente das concepções de *parole* e de *escuta*, visto que, para o autor, a posição do falante, ao escrever um texto, é a posição de um “primeiro leitor”: “a posição do escritor é menos de ‘escritor’ do que de um ‘primeiro leitor’”; “O ‘primeiro-leitor’ é um filtro, isto é, um juiz”; “O método de escrever é ler o que se inscreve” (COURSIL, 2000, p.24, *tradução nossa*)¹⁰⁹. Essa aproximação é fundamental para compreendermos o lugar do *ouvinte* como a posição de escuta da *langue*, estando presente, assim, nas diversas manifestações da *parole* – nas línguas orais, nas línguas gestuais ou na própria escrita. Como ressalta o autor:

O falante está necessariamente à escuta do que ele mesmo diz, porque ele não dispõe de um adiantamento sobre a cadeia. (...) Não há mais nenhum sujeito de linguagem que não seja um ouvinte: assim, o falante é basicamente um ouvinte que fala (COURSIL, 2000, p.25, *tradução nossa*)¹¹⁰.

Um *ouvinte que fala*: Coursil subverte o modelo tradicional da comunicação, enfatizando não a posição de *falante*, mas de *ouvinte*: a função muda da linguagem é sempre uma constante em qualquer relação dialógica, pois quem fala está também à mercê dos efeitos que a *parole* produz. A *parole*, a partir dessa perspectiva, não é “programada”, e “o falante não é redutível a um sistema previsível, determinista e controlável” (COURSIL, 2000, p.25, *tradução nossa*)¹¹¹.

Essa discussão nos leva ao caráter da não-consignação da cadeia falada, aspecto que sublinha a condição efêmera de toda a produção linguística. É essencial ressaltar que Coursil tem a posição de *ouvinte* da *langue* como ponto de vista, já que é o *ouvinte* que ocupa um lugar central na reflexão do autor. A cadeia falada é não-consignada na medida em que, na perspectiva do *ouvinte*, a cadeia é sempre efêmera: “Fora do seu tempo efetivo, não é um

¹⁰⁸ « La propriété de non-préméditation permet d’éviter l’illusion rhétorique qui consiste à croire qu’on parle en assemblant des mots, en façonnant ses phrases à la demande, en les écrivant en quelque sorte en la bouche comme un orfèvre » (COURSIL, 2000, p.24).

¹⁰⁹ « Le ‘première-lecteur’ est d’abord un filtre, c’est à dire un juge” ; “la méthode de l’écriture consiste à lire ce qui vient s’inscrire » (COURSIL, 2000, p.24).

¹¹⁰ « Le parlant est nécessairement à l’écoute de ce qu’il dit lui-même, puis qu’il ne dispose pas de coup d’avance sur la chaîne » ; « il ne reste plus au sujet de langage que d’être un entendant : ainsi le parlant est fondamentalement un entendant qui parle » (COURSIL, 2000, p.25).

¹¹¹ « La parole, c’est heureux, n’est pas programmée. Le sujet parlant n’est pas réductible à un système prédictible, déterministe et contrôlable » (COURSIL, 2000, p.25).

objeto de memória. Salvo ao invocar um caso de memorização e recitação, é apenas fugaz e efêmera” (COURSIL, 2000, p.26, *tradução nossa*)¹¹².

Novamente, quebrando a lógica habitual que distingue as características fundamentais da fala e da escrita, Coursil sugere que ambas são “não-consignadas”: “Assim como a escuta, a leitura, atividade cognitiva por excelência, não consigna as cadeias” (COURSIL, 2000, p.27, *tradução nossa*)¹¹³. Aqui, a posição de *ouvinte* é equivalente à posição de *leitor*, visto que se estabelece um comparativo entre fala-escrita e escuta-leitura. Como a expressão oral, a escrita não é retida *ipsis litteris* na memória do ouvinte-leitor – ambas posições estão sob efeito da cadeia discursiva (ou cadeia falada): “é, de fato, cada frase, nos limites temporais da leitura, que contém todo o texto como contexto” (COURSIL, 2000, p.28, *tradução nossa*)¹¹⁴. Se pensarmos a leitura como *processo*, ou melhor, como *diálogo*, fica evidente o seu caráter de não-consignação, afinal, como afirma Coursil, “a experiência de leitura divide o texto em duas zonas (cadeias já lidas – cadeias ainda não lidas), zonas às quais o leitor não tem acesso. Embora materialmente impressas, essas cadeias estão fora do campo durante a leitura” (COURSIL, 2000, p.28, *tradução nossa*)¹¹⁵.

A *experiência* do falante, deste modo, pressupõe sempre que se opere a partir dos efeitos produzidos na cadeia discursiva. Estar à mercê dos efeitos é estar à mercê do esquecimento inerente à atividade linguística, fundando, assim, um caráter de singularidade à percepção do *ouvinte-leitor*: “aquele que lê não grava a letra mais do que o ouvinte, o som. Os meios acústicos ou gráficos não são consignados nem um nem outro e não podem ser opostos a esse respeito” (COURSIL, 2000, p.30, *tradução nossa*)¹¹⁶. Se fôssemos considerar a não efemeridade da escrita com relação à fala oral ou gestual, bastaria refletirmos sobre as diversas possibilidades atualmente de registrar tais discursos. Possibilidade ou impossibilidade de registro não são relevantes para a diferenciação entre fala e escrita: ambas são não-premeditadas e não-consignadas se temos como ponto de vista a cadeia discursiva e a

¹¹² « En dehors de son temps d’effectivité, ce n’est pas un objet mémoire. Sauf à invoquer un cas de mémorisation et de récitation, elle n’est que fugitive et éphémère » (COURSIL, 2000, p.26)

¹¹³ « A l’instar de l’écoute, la lecture, activité cognitive par excellence, ne consigne pas les chaînes » (COURSIL, 2000, p.27)

¹¹⁴ « c’est en fait chaque phrase, dans les bornes temporelles de sa lecture, qui contient tout le texte comme contexte » (COURSIL, 2000, p.28).

¹¹⁵ « L’expérience de lecture partage le texte en deux zones (chaînes déjà lues – chaînes pas encore lues), zones auxquelles le lecteur n’a pas accès. Quoique matériellement imprimées, ces chaînes sont hors-champ pendant la lecture » (COURSIL, 2000, p.28)

¹¹⁶ « celui qui lit ne consigne pas plus la lettre, que celui qui écoute, le son. Les supports acoustiques ou graphiques ne sont consignés ni l’un ni l’autre et ne peuvent donc pas être opposés à cet égard » (COURSIL, 2000, p.30)

posição de interlocução. O que o autor coloca em jogo é o que chama de “ponto síncrono”: “no diálogo, a *parole* impõe-se a todos, juntos e ao mesmo tempo. O falante descobre a cadeia no mesmo momento que os outros a quem ele fala” (COURSIL, 2000, p.30, *tradução nossa*)¹¹⁷. A *parole*, assim, é tomada como um “advento”, em que o tempo de *percepção* é o mesmo para ambos, falante e ouvinte – ou, como poderia dizer Coursil, para o ouvinte que fala e para o ouvinte que escuta. Tal perspectiva do diálogo mostra que “a comunicação é incompatível com uma divisão do tempo entre um emissor e um destinatário” (COURSIL, 2000, p.31, *tradução nossa*)¹¹⁸.

Sabemos que o circuito da *parole* demonstrado no CLG é apenas um recurso didático. A proposta de Coursil ajuda-nos a vislumbrar o circuito não como algo estritamente linear, como em um passo a passo, mas como uma *experiência* de linguagem que leva cada envolvido na cadeia discursiva a sofrer os seus efeitos, já que, para o autor, a *parole* é “uma disposição antropológica primária” (COURSIL, 2000, p.32, *tradução nossa*)¹¹⁹. Para Coursil, a concepção de que o pensamento antecede a fala tem mais origem no senso comum do que em uma reflexão teórica propriamente dita; poder-se-ia dizer o mesmo da ideia de que a emissão do falante seria uma “decodificação”:

No protocolo presencial, a cadeia não é expedida de um falante a um destinatário ouvinte: não é codificada, decodificada nem segue caminhos lineares. A comunicação linguística não pode se efetuar em oposição entre um indivíduo que emite uma mensagem conhecida e um outro que a capta, e isso pela simples razão de que o reconhecimento da linguagem é efetuado, para o falante e ouvinte, em tempo-síncrono (COURSIL, 2000, p.34, *tradução nossa*)¹²⁰.

A ideia de que a escuta da cadeia falada se dá ao mesmo tempo para ambas posições – de falante e ouvinte – inaugura um ponto de vista singular com relação aos “esquemas de comunicação” comumente disseminados, colocando a *representação* ilusoriamente compartilhada como central para ambas as pontas do circuito. A função da escuta, assim, está essencialmente vinculada a tal representação e ao caráter efêmero de toda relação de diálogo.

¹¹⁷ « dans le dialogue, la parole s’impose à tous, ensemble et en même temps. Le parlant découvre la chaîne au même moment que les autres à qui il parle » (COURSIL, 2000, p.30)

¹¹⁸ « la communication est incompatible avec une partition du temps entre un expéditeur et un destinataire » (COURSIL, 2000, p.30).

¹¹⁹ « une disposition anthropologique primaire » (COURSIL, 2000, p.32)

¹²⁰ « Dans le protocole de vive voix, la chaîne n’est pas expédiée par un parlant a un destinataire entendant: elle n’est ni encodée, ni décodée, ni n’emprunte de parcours linéaires. La communication linguistique ne peut pas s’effectuer en opposition entre un individu qui émettrait un message connu de lui et un autre qui le capterait, et ceci pour la forte et simple raison que la reconnaissance du langage s’effectue, pour le parlant et l’entendant, en temps-synchrone » (COURSIL, 2000, p.34).

Por ser efêmera, a escuta é sempre única a cada instante, não podendo ser resgatada *a posteriori*. Em uma troca em que haja uma plateia de ouvintes, cada um, na sincronia do acontecimento, terá sua própria representação do diálogo em questão. Se um dos ouvintes grava a fala para ouvi-la posteriormente, é de um novo ato e de uma nova escuta que se trata¹²¹.

Por que insistimos na relação entre as posições de ouvinte e leitor / falante e escritor? Justamente porque pretendemos tomar a *escuta* como um conceito que não ficará restrito à expressão sonora – ressaltando, assim, o caráter de função linguística ativa, cujo fundamento está centrado na interlocução – seja ela real ou imaginária. Aprofundaremos nosso ponto de vista no capítulo dedicado à definição de *escuta* (cf. 3), no entanto, adiantamos a contribuição da reflexão de Coursil para nossa concepção, a qual busca justamente olhar para a posição do *Monsieur B* como aquele que sofre os efeitos da *parole* (seja sua própria, seja a de outro). Para Coursil, o fato de a experiência do *ouvinte* não ser *concreta* como a produção do falante não é justificativa para ignorar esta *esfera da linguagem*, representada por aquilo que é *ouvido*. Ao considerar a *escuta* como “a atividade inteligente por excelência”¹²², Coursil (2000, p.13, *tradução nossa*) desafia o linguista a superar o suporte na concretude da *parole* para apoiar-se justamente nos seus efeitos produzidos – efeitos fundamentais para a própria definição sobre o que compreendemos como *langue* – afinal, para que haja *langue* é preciso que aquilo que *falo* produza *sentido*.

Seguiremos na próxima seção discutindo especificamente o problema do diálogo e da intersubjetividade.

1.3.2 O diálogo é intersubjetivo?

Conforme mencionamos acima, a segunda análise do livro de Coursil (2000), *La fonction muette du langage*, é intitulada *Topique du dialogue*. A discussão empreendida pelo autor ajuda-nos a refletir acerca do lugar do ouvinte frente ao locutor – figura usualmente

¹²¹ É inegável a aproximação que podemos fazer da reflexão de Coursil, aqui sintetizada, com a perspectiva enunciativa de Émile Benveniste. Talvez seja interessante retomar a leitura de alguns textos do linguista a fim de aprofundar a discussão em um trabalho futuro. Em Milano (2020, no prelo), encontramos uma discussão sobre o *tu* de Benveniste e uma concepção de escuta que dialoga com essa perspectiva.

¹²² « Son activité d’entendant, activité intelligente par excellence, est une expérience de langue » (COURSIL, 2000, p.13).

evidenciada nas reflexões sobre a troca dialógica, o que nos leva a pensar que ao ouvinte/alocutário cabe apenas como uma miragem a quem o locutor precisa direcionar a *parole*. Nos perguntamos: o que importa é apenas o locutor? A que o termo intersubjetividade nos remete? O autor inicia uma empreitada partindo do “sujeito na *langue*” ou da “*langue* no sujeito”, diferenciando os pontos de vista de Saussure e de Benveniste. Segundo Coursil, o ponto de vista saussuriano é o da *langue* no indivíduo (a *langue* está no “cérebro” de cada sujeito); já na perspectiva benvenistiana, a ênfase está no sujeito, que se inscreve na *langue*. A partir daí, Coursil empreende uma longa discussão quanto a índices de posições das pessoas verbais, diferenciando-os dos marcadores formais. O estudioso começa então a avaliar o *Aparelho Formal da Enunciação* de Émile Benveniste. Na visão de Coursil, parece haver uma incompatibilidade na própria noção de intersubjetividade no que se refere à questão linguística. A fim de ponderarmos os apontamentos de Coursil, é válido revisitarmos brevemente o artigo de Benveniste.

Em *O Aparelho Formal da Enunciação*, Benveniste (2006) define a enunciação como “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p.82). O seu objeto de estudo, portanto, é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o enunciado propriamente dito: “este ato é o fato de o locutor que mobiliza a língua por sua conta. A relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p.82).

A leitura de Benveniste, como bem sabemos, se dá a partir do *eu*: “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 2006, p.83). A posição de locutor é fundamental para a sua reflexão sobre a enunciação – é o locutor que, ao fazer uso da palavra, materializa a língua: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade [de ser] língua” (...) “Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 2006, p.83-84).

Desse ponto de vista, em que medida podemos pensar em uma função de escuta? Interessa o ouvinte na sua posição de *locutor*, quando, após sofrer os efeitos da “forma sonora”, se coloca como sujeito do ato enunciativo. O ouvinte entra em cena tendo a posição de alocutário: o locutor, ao “assumir” a língua, “implanta o outro diante de si” (...) “toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p.84). Segundo Benveniste, o locutor é o “centro de referência

interno” (BENVENISTE, 2006, p.85), que necessita, por outro lado, da posição de alocação: “O que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p.87).

Benveniste reforça:

Esta característica coloca necessariamente o que se pode denominar o *quadro figurativo* da enunciação. Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura de *diálogo*. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação (BENVENISTE, 2006, p.87).

Como podemos observar, a posição ativa do ouvinte não é um ponto de debate até então. Apesar de igualmente necessárias, as “figuras” de falante e de ouvinte possuem estatutos distintos: origem e fim. Refletindo sobre a estrutura do diálogo, Benveniste sublinha o “caráter funcional” do *eu* e do *tu*: como vimos logo acima, o locutário pode ser o próprio falante. Desta forma, o monólogo possui igualmente uma estrutura dialógica: “o ‘monólogo’ é um diálogo interiorizado (...) entre um eu locutor e um eu ouvinte” (BENVENISTE, 2006, p.87).

Destacamos, aqui, o uso de *eu* tanto para a posição de falante quanto para a de ouvinte: “mesmo se apenas o ‘eu locutor’ fala, o ‘eu ouvinte’ permanece, entretanto, presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar significativa a enunciação do eu locutor” (BENVENISTE, 2006, p.88). Mais adiante, retornando à Coursil, veremos que esse uso é interessante, no sentido de que o autor considera o “tu” sempre um *eu*.

De acordo com Coursil, “a classificação de Benveniste autoriza a hipótese segundo a qual o sujeito emerge da relação entre uma primeira e uma segunda pessoa ‘je | tu’, ou, em outros termos, que a subjetividade supõe a intersubjetividade” (COURSIL, 2000, p.41, *tradução nossa*)¹²³. Há uma incompatibilidade na noção de intersubjetividade? Para Coursil, há quatro “categorias” dialógicas: (1) papéis; (2) índices; (3) funções; (4) operações. Os papéis dialógicos são dois: (A) falante e (B) ouvinte. Segundo o autor, o lugar de (A) só pode ser assumido por um único indivíduo. (B), por outro lado, pode ser assumido por um, dois, três... vários indivíduos simultaneamente, podendo ser, inclusive, o próprio falante (A)¹²⁴. Ao abordar o que chama de conversões dialógicas, Coursil afirma que o ouvinte, do seu ponto de

¹²³ « Le classement de Benveniste autorise l’hypothèse selon laquelle le sujet émerge du rapport entre une première et une deuxième personne ‘je|tu’, ou en d’autres termes, que la subjectivité suppose l’intersubjectivité » (COURSIL, 2000, p.41)

¹²⁴ Para fazer referência a esta situação, Coursil lança mão do termo “endophase” – quando um mesmo sujeito ocupa ele mesmo todas as posições do diálogo.

vista, ocupa sempre a posição (*je, moi*): “o ouvinte B é o valor constante (e mudo) da variável 1 [moi]” (COURSIL, 2000, p.45, *tradução nossa*)¹²⁵.

Nessa perspectiva e em oposição às categorias de Benveniste, Coursil defende que “tu” não é uma categoria de pessoa, mas uma função “fática”¹²⁶. Há, do seu ponto de vista, uma “ilusão intersubjetiva” (COURSIL, 2000, p.48-49, *tradução nossa*) visto que, conforme defende o autor, o modelo do *Aparelho Formal* “é dialogicamente impossível” (COURSIL, 2000, p.49, *tradução nossa*)¹²⁷. Para sustentar seu posicionamento, o estudioso faz referência a Lacan: “Dizer que o Outro é um lugar onde se constitui aquele que fala com aquele que escuta é de fato outra coisa que partir da ideia que o outro é um ser (...) [Lacan, 81]” (COURSIL, 2000, p.49, *tradução nossa*)¹²⁸. Nesse sentido, não vemos uma relação de isomorfismo entre “eu” e “tu” – característica defendida por Coursil. O autor critica enfaticamente o que chama de “paradigma linear da intercomunicação”:

Nada mais conveniente do que uma representação da comunicação sobre o modelo da troca de mensagens entre dois indivíduos. A adesão a tal representação pode ser facilmente transformada em evidência e certeza. Construídas sobre este esquema de transferência linear, as teorias intersubjetivas e interativas definem a comunicação em um modelo de alternância entre falantes. Neste modelo, onde cada um fala, a posição de ouvinte não é prevista. Cada sujeito é considerado como um agente em interação (ou intersubjetividade) com outros agentes (COURSIL, 2000, p.50-51, *tradução nossa*)¹²⁹.

Coursil estabelece um quadro de relações em que demonstra como ocorre aquilo que denomina como conversão dialógica. Essas conversões apontam para a assimetria do esquema intersubjetivo (A)-(B), enquanto Coursil defende a simetria entre falante e ouvinte. (A), ou seja, aquele que toma a palavra, precisa admitir que (B), aquele que o escuta, tem o valor de “moi” para ele mesmo: “dizer ‘tu’ institui os papéis A e B no diálogo, efetuando a partilha de

¹²⁵ « le rôle de l’entendant B est la valeur constante (et muette) de la variable 1 [moi] » (COURSIL, 2000, p.45)

¹²⁶ Para Jakobson, a função fática tem como propósito enfatizar o *contato* entre os interlocutores: as mensagens características dessa função servem para “atrair a atenção do interlocutor ou confirmar sua atenção continuada” (JAKOBSON, 1969b, p.126).

¹²⁷ « est dialogiquement impossible » (COURSIL, 2000, p.49).

¹²⁸ « Dire que l’Autre est un lieu où se constitue celui qui parle avec celui qui écoute est tout à fait autre chose que de partir de l’idée que l’autre est un être. [...] [Lacan, 81] » (COURSIL, 2000, p.49) .

¹²⁹ « Rien de plus commode en effet qu’une représentation de la communication sur le modèle de l’échange de messages entre deux individus. L’adhésion à une telle représentation peut se transformer aisément en évidence et en certitude. Bâties sur ce schéma de transfert linéaire, les théories intersubjectives et interactives définissent la communication sur un modèle d’alternance de parlants. Dans ce modèle où chacun parle, la fonction d’entendant n’est pas prévue. Tout sujet est considéré comme un actant en interaction (ou intersubjectivité) avec d’autres actants » (COURSIL, 2000, p.50-51)

1 [“moi”], quer dizer, a divisão do sujeito...” (COURSIL, 2000, p.52, *tradução nossa*)¹³⁰. Há, dessa forma, um *isomorfismo* de “tu” = “moi” – “é ele, em última instância, que estabelece que esse ‘tu’ dito por A é ‘eu’ e nada mais” (COURSIL, 2000, p.53, *tradução nossa*)¹³¹, visto que, em última instância, nenhuma dessas funções pode estar no diálogo como observador externo. A posição de *ouvinte* da *langue* é permanente, não sendo possível escapar: “não existe nenhuma disposição linguística que possa permitir-lhe escapar ao diálogo” (COURSIL, 2000, p.52, *tradução nossa*)¹³².

As considerações a partir de Coursil ainda repercutirão no terceiro capítulo desta tese, estabelecendo um diálogo com a reflexão de outros pesquisadores. Parret (2014), assim como Coursil (2000), foi um releitor importante na trajetória em direção a um conceito de escuta, mas sabemos dos limites da reflexão de cada um, assim como também sabemos da importância de buscarmos estudos de outros autores que não estão, necessariamente, vinculados aos estudos saussurianos. Esperamos poder contribuir para a construção de um conceito que se inspire em Saussure, mas que também ultrapasse os limites impostos à época e às interpretações de sua obra.

Coursil, assim, nos ajudará a refletir sobre essa *função muda* representada pela figura do ouvinte. A *langue* está na escuta? A *parole* está na *langue*? Podemos pensar que a *função muda*, a partir dos apontamentos de Coursil, ajuda-nos a encarar a *escuta* da *parole* como essencialmente vinculada ao que entendemos como a *langue* saussuriana – isso porque, quando consideramos o diálogo entre A-B, compreendemos que os efeitos produzidos pela *parole* nem sempre são supostos pelo *falante-ouvinte*. O que sabemos é que precisamos de uma posição de *ouvinte* para que a posição de *falante* realmente se efetive como *aquele que produz sentido em uma língua*. É nessa direção que apontamos que “a assimetria evidenciada na relação *eu-tu* merece ser repensada, considerando o efeito dos dizeres de *eu* no *tu*” (MILANO, 2020, no prelo).

No presente capítulo, vimos como a questão do *Monsieur B* mostra-se presente nos textos saussurianos, particularmente no que diz respeito ao lugar que *oreille* toma nas reflexões a partir de Saussure. Discutimos o circuito da *parole*, vislumbrando as figuras do *Monsieur A* e do *Monsieur B*, com ênfase na posição *do falante que escuta* a partir das

¹³⁰ « dire ‘tu’ institue les rôles A et B dans le dialogue en effectuant le partage de 1, c’est à dire la division du sujet... » (COURSIL, 2000, p.52).

¹³¹ “C’est lui, en dernier ressort, qui établit que ce ‘tu’ dit par A, c’est ‘moi’ et nul autre” (COURSIL, 2000, p.53)

¹³² « il n’existe aucune disposition linguistique qui puisse lui permettre d’échapper au dialogue » (COURSIL, 2000, p.52).

considerações de Giuseppe D’Ottavi (2010) para, assim, nos lançarmos frente à discussão promovida por Jacques Coursil. No próximo capítulo passaremos, assim, ao *Monsieur A*, realizando a trajetória inversa do circuito da *parole*: optamos por iniciar o percurso pelo “lado B” em decorrência de nossa visão de que o *falante* só é possível como consequência de haver uma posição de *ouvinte* – ou seja, pelo fato de haver *escuta*. Este ponto de vista nos encaminhará, primeiramente, a tecer considerações acerca do que podemos compreender como *sujet parlant* nos estudos saussurianos, levando-nos à discussão do encontro entre *langue* e *parole* no sujeito que *fala* e no sujeito que *escuta*, assim como ao debate em torno do *sentimento do falante* e da *langue*.

2 MONSIEUR A: O ENCONTRO *LANGUE-PAROLE*

Após termos nos debruçado sobre o *ouvinte*, retornamos ao tradicional ponto de partida do circuito da *parole*: o falante. Muitas vezes colocados cada um em uma extremidade da cadeia falada, as posições do falante e do ouvinte não são mais do que imagens especulares do mesmo fenômeno: a escuta. No caminho que está sendo percorrido neste trabalho, estamos em busca de uma concepção de escuta para os Estudos da Linguagem, e para isso, é preciso direcionarmos um novo olhar para a condição do *sujet parlant* e suas implicações para nossa compreensão da *langue* a partir de Saussure. Conforme avançamos em nosso percurso, fica cada vez mais difícil negligenciarmos as complexidades que a questão da *parole* e da escuta nos impõem: como abordar *falante* e *ouvinte* sem embaralhar essas concepções em uma reflexão que extrapola os estudos linguísticos? Que limites devemos superar e quais devemos circunscrever? Este capítulo propõe-se a preparar o terreno para discutirmos tais questões.

No capítulo anterior, vimos como o *ouvido* está presente de um modo instigante nos manuscritos de Saussure. Particularmente em *Phonétique*, foi possível vislumbrarmos a potência que o *falante-ouvinte*, aquele que recorta as unidades da cadeia falada, tem para a problematização saussuriana em geral. Afinal, o que é a *langue*? Esse conceito pode ser pensado sem colocarmos em jogo uma concepção de falante? Acreditamos que não. Nesse caso, que concepção de *falante* deve ser mobilizada? No primeiro capítulo, vimos também que a *parole*, tomada do ponto de vista da produção singular de um locutor, não pode ser separada da posição de *ouvinte*. Com apoio tanto em Giuseppe D'Ottavi (2010) quanto em Jacques Coursil (2000), podemos considerar que falar e escutar são indissociáveis; falar e escutar são processos *ativos* do ponto de vista linguístico, afinal de contas, a *langue* não é um *código* a ser decodificado univocamente: a apreensão da *langue* a partir da *parole* é singular, pois depende do falante e do ouvinte. Enfim, toda a discussão até aqui nos leva a uma necessidade de retomarmos uma pergunta essencial: afinal, o que a concepção de *falante* tem a nos dizer sobre os efeitos produzidos na *escuta* de uma língua?

Pensar o falante na sua condição de ouvinte da língua tem se tornado uma tarefa complexa. Essas concepções, tão essenciais para a discussão linguística elaborada por e a partir de Saussure, solicitam nossa atenção a fim de evitarmos conclusões simplistas ou lugares comuns, e é preciso justificar um capítulo dedicado especificamente ao falante em um trabalho que está em busca de uma concepção de *escuta*.

Após nossas pesquisas acerca da posição de ouvinte a partir da linguística saussuriana, tornou-se difícil dissociar essas duas funções: “falar”, afinal, é ao mesmo tempo “escutar” – vide a possibilidade de estabelecermos um diálogo interno ou de falarmos sozinhos. Aproximar fala e escuta, no sentido de ambas dividirem as faces opostas de uma mesma moeda, automaticamente leva-nos a aproximar falante e ouvinte como conceitos indissociáveis um do outro. Agora, quais as implicações desta reflexão? Como chegamos até aqui e onde mais pretendemos chegar?

Visto que partimos do estudo do estatuto do aspecto fônico na perspectiva saussuriana, fomos levados a encarar os aspectos concreto e abstrato do significante linguístico simultaneamente. Tal tarefa permitiu que discutíssemos o papel que a materialidade linguística desempenha na *langue*, assim como levou-nos a olhar para os efeitos produzidos pela cadeia discursiva – efeitos apreendidos desde a posição de ouvinte. Esses efeitos ligam-se à questão do recorte das unidades da *langue*, se tomarmos a sua delimitação como essencialmente perceptiva – seja com relação à percepção da substância fônica propriamente dita, seja com relação à percepção diferencial, relativa e opositiva dos elementos. Nesse sentido, conforme ressalta Bondi: “Se vamos refletir sobre o tema perceptivo em linguística, não podemos deixar de lado uma interrogação profunda sobre o estatuto epistemológico e semiótico do falante” (BONDI, 2014, p.2, *tradução nossa*)¹³³. Tendo em vista que buscamos trabalhar com a proposta de um conceito de *escuta*, mostra-se essencial, assim, debatermos sobre a questão do falante.

Conforme discutimos no capítulo anterior, o circuito da *parole* permite-nos ir muito além da discussão da mera reprodução de um código linguístico a ser decodificado por um interlocutor. Veremos como a concepção de *sujet parlant* tem sido abordada a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure. Para isso, será necessário lançarmos mão da (re)leitura de trabalhos que instauraram o debate nos estudos saussurianos e pós-saussurianos acerca do *falante*, e suas implicações para uma interpretação contemporânea do conceito. Percebemos que não ficaremos restritos ao campo dos Estudos da Linguagem: a questão do *sujet parlant* interessa a outras áreas do conhecimento, e a linguística em geral foi e segue atravessada pelas discussões da filosofia, da psicologia e da fenomenologia.

Para embasarmos nossa discussão sobre a temática do falante, o presente capítulo está organizado da seguinte maneira: inicialmente, falaremos sobre diferentes concepções de

¹³³ « Si on veut donc réfléchir sur le thème perceptif en linguistique, on ne peut pas se passer d’une interrogation profonde sur le statut épistémologique et sémiotique du sujet parlant » (BONDI, 2014, p.2).

falante e seus efeitos nos Estudos da Linguagem – seção que abarca a exploração de estudos que discutem desde a passagem da noção de *sujeito* à noção de *falante*, até a presença do *sujet parlant* na teoria saussuriana e os efeitos produzidos a partir daí. Em uma segunda parte, lançaremos um olhar para a *parole* tomada como experiência, para, em seguida, debatermos a indissociabilidade entre *langue-parole*. Por fim, chegaremos ao debate sobre o *sentimento* da *langue*, cujos apontamentos irão encaminhar o terceiro capítulo, quando nos voltaremos para um conceito de *escuta* inspirado pelas reflexões de Saussure.

2.1 O FALANTE E SEUS EFEITOS NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Quando a discussão acerca do *falante* entra em jogo nos Estudos da Linguagem? Com que concepção de que *falante* estamos lidando? A fim de contextualizar a discussão, Faraco e Negri (1998) fazem um apanhado histórico dessa noção nos Estudos da Linguagem, desde a concepção moderna até a sua desconstrução¹³⁴. Segundo os autores, “o falante que realiza essa instanciação do sistema raramente foi visto pelos estudos linguísticos como um ente problemático: ele/ela conhece a língua, isto é, tem uma competência gramatical e utiliza essa competência para falar e entender” (FARACO; NEGRI, 1998, p.159). Nem mesmo a Sociolinguística ou a Dialetoлогия parecem dar conta desse conceito, que, segundo os autores, tratam da variação, e não do falante. Tal ausência é justificada pelo próprio fundamento da linguística, historicamente encarada, segundo os autores,

como a ciência que centra sua atenção sobre a língua em si, vista como um código autônomo e autoregulado. Nesse quadro epistemológico, problematizar o falante é irrelevante. Daí que a concepção tradicional de pessoa humana (transformada em elemento de senso comum) é o limite máximo de eventuais asserções que os linguistas cheguem a fazer sobre o falante (FARACO; NEGRI, 1998, p.160).

Aproveitamos essa passagem para lembrar ao leitor que nossa concepção de falante não é aquela do ser empírico – do falante / locutor de carne e osso: estamos lidando com uma posição relacionada à cadeia discursiva.

¹³⁴ No artigo, Faraco e Negri (1998) fazem uma síntese histórica sobre a noção de falante nos estudos da linguagem, levando em consideração as teorizações pós-medievais (modernas) e as problematizações dessa concepção, demonstrando as relações entre as perspectivas sociais e psicanalíticas. Também é estabelecida uma relação entre o conceito de autoria e leitura e suas implicações para a noção de falante. Vale ressaltar que o artigo é inspirado nas discussões bakhtinianas.

Quando iniciamos nossa busca por “falante” (*sujet parlant*, *speaker*) em enciclopédias especializadas nos estudos linguísticos, não encontramos uma definição específica. Em inglês, por exemplo, na *Encyclopedia of Language & Linguistics* (2006) há o *falante nativo* (*native speaker*), o sujeito como a entidade empírica da produção da *parole* (o ser no mundo). Em *The Linguistics Encyclopedia* (MALMKJAER, 1991), não há uma entrada referente a *speaker*. Já na *International encyclopedia of linguistics* (BRIGHT, 1992), *speaker recognition* é a única entrada relacionada ao termo, e trata das propriedades acústicas para o reconhecimento da identidade do falante.

Em língua francesa, é possível operar com os termos *sujet parlant* ou *locuteur* – *falante* e *locutor* em português, respectivamente. Conforme o TLFi, ao buscar “*parlant*” nos deparamos com uma entrada especialmente dedicada aos estudos linguísticos:

LING. Sujet* parlant. Émetteur d'un message oral (D.D.L. 1976). Synon. locuteur. L'activité du sujet parlant doit être étudiée dans un ensemble de disciplines qui n'ont de place dans la linguistique que par leur relation avec la langue (SAUSS.1916, p. 37) (PARLANT, 1994).

Nesse verbete do dicionário, vemos inclusive uma referência direta ao CLG de Saussure, demarcando o estatuto que a locução tem a partir da reflexão saussuriana. Em português, por outro lado, o mesmo não ocorre, e podemos utilizar tanto *falante* quanto *sujeito falante*. No dicionário Houaiss, por exemplo, encontramos a seguinte definição referente ao termo *falante* de uma perspectiva da linguística: “pessoa capaz de usar uma língua (p.ex.: todo lusófono é falante do português)”; “locutor” (FALANTE, 2001). Não há uma entrada específica para *sujeito falante*, sendo, portanto, apenas uma expressão possível a ser utilizada no idioma, a fim de atribuir a qualidade de *falante* a *sujeito*.

Levando isso em consideração, optamos, neste trabalho, por traduzir *sujet parlant* por *falante*, mantendo, em algumas situações particulares, o termo original em francês. Vale ressaltar, no entanto, que tal escolha não busca abstrair a subjetividade do falante. Assim como vemos a *parole* para além da mera reprodução material de uma língua, o *falante*, para nós, é considerado como aquele que se apropria da *langue* na cadeia discursiva. Veremos algumas definições mais detalhadas em obras publicadas em francês e português.

No *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* (DUCROT; TODOROV, 1972), fizemos uma busca do termo *sujet parlant*, que não consta como uma das entradas da enciclopédia, e cuja ocorrência está dispersa na obra, a partir do ponto de vista de escolas e teorias distintas. Para os neo-gramáticos, por exemplo, o *sujet parlant* fez-se presente na

medida em que se considerou a necessidade de uma linguística histórica explicativa, e não descritiva. Diante disso, entram as considerações de Schleicher (1821-1868)¹³⁵, cuja compreensão é de que “as únicas causas verificáveis podem ser encontradas na atividade dos falantes, que transformam a língua utilizando-a” (DUCROT; TODOROV, 1972, p.27, *tradução nossa*)¹³⁶. Já quanto a Saussure, para os autores, o *sujet parlant* surge a partir de uma nova perspectiva, em oposição ao comparatismo de Bopp (1791-1867):

não é verdade, segundo Saussure, que o funcionamento da linguagem – seu uso pelos falantes para as necessidades de comunicação – é causa de desorganização, que leva a esse nivelamento gramatical deplorado por Bopp (DUCROT; TODOROV, 1972, p.31, *tradução nossa*)¹³⁷.

O *sujet parlant*, assim, dependendo da perspectiva abordada, passa a ser uma necessidade teórica ou uma constatação empírica, a qual ultrapassa as questões da linguística *stricto sensu*. Para Bloomfield, por exemplo, a *parole*

deve ser explicada por suas condições externas de aparição: ele chama essa tese de mecanismo, e a opõe ao mentalismo, inadmissível a seus olhos, segundo a qual a *parole* deve ser explicada como um efeito dos pensamentos (intenções, crenças, sentimentos) do falante (DUCROT ; TODOROV, 1972, p.49, *tradução nossa*)¹³⁸.

Em língua portuguesa, também consultamos o *Dicionário de Linguística da Enunciação* e encontramos duas ocorrências para o verbete “sujeito falante” (“falante” não consta como termo) – um segundo Bally, e outro segundo Ducrot:

sujeito falante (1) s. m. Bally

Outras denominações: indivíduo falante, locutor, sujeito.

Definição: marcação por meio da língua que um indivíduo faz de si mesmo, do mundo, da sociedade, das situações e dos demais indivíduos que o cercam. (...)

sujeito falante (2) s. m. Ducrot

Outras denominações: sujeito empírico.

Definição: ser dotado de atividade psicofisiológica necessária à produção do enunciado (FLORES et al, 2009, p.223-4, *grifo do autor*).

¹³⁵ Retomaremos a discussão com apoio em De Palo (2010) (cf. 2.1.1)

¹³⁶ « Les seules causes vérifiables sont à chercher dans l'activité des sujets parlants, qui transforment la langue en l'utilisant » (DUCROT ; TODOROV, 1972, p.27)

¹³⁷ « il n'est pas vrai, selon Saussure, que le fonctionnement du langage — son utilisation par les sujets parlants pour les besoins de la communication — soit une cause de désorganisation, qu'il aboutisse à ce nivellement grammatical déploré par Bopp » (DUCROT ; TODOROV, 1972, p.31).

¹³⁸ « doit être expliquée par ses conditions externes d'apparition : il appelle cette thèse le mécanisme, et l'oppose au mentalisme, inadmissible à ses yeux, selon lequel la parole doit s'expliquer comme un effet des pensées (intentions, croyances) sentiments) du sujet parlant » (DUCROT ; TODOROV, 1972, p.49).

Podemos notar que tanto Bally quanto Ducrot fazem referência ao sujeito empírico – para Bally, inclusive, *sujeito falante* e *locutor* operam como sinônimos (FLORES et al, 2009, p.157). Assim, podemos dizer que tais definições estão em oposição com as perspectivas de “locutor” segundo Benveniste e segundo Ducrot. Conforme a perspectiva ducrotiana, *locutor* “é o ser do discurso, distinto do sujeito falante (ser empírico)” (FLORES et al, 2009, p.158). Para Benveniste, o locutor é um “indivíduo linguístico”, cuja compreensão é importante porque possibilita a formulação de outra noção: a de *sujeito* e, conseqüentemente, a de *subjetividade* (FLORES et al, 2009, p.157).

A partir dessas observações, nos questionamos: como o *falante* foi abordado (ou evitado) a partir de Saussure? Temos consciência da complexidade de tal pergunta, a qual pode nos levar a uma ampla gama de direções e abordagens. Assim sendo, será necessário operarmos um recorte, de viés saussuriano, a fim de esboçarmos um caminho que nos permita buscar respostas. Abordaremos estas questões a fim de contextualizarmos a discussão e com a finalidade de compreender a construção epistemológica de um conceito que, empiricamente, não pode ser ignorado, mas que, teoricamente, muitas vezes fica à margem dos estudos linguísticos. Afinal, o que podemos dizer sobre o *sujet parlant* e em que medida este conceito está embricado no conceito da *langue* saussuriana?

Iniciaremos este percurso visitando um artigo de Marina De Palo (2010), cuja abordagem vai além dos estudos linguísticos, oportunizando-nos a ampliação da concepção de falante, assim como sua conseqüente delimitação nos estudos linguísticos. Em seguida, ampliaremos nossa discussão revisitando um artigo de Raffaele Simone (1995) especificamente sobre a questão do *falante* a partir da reflexão promovida por Ferdinand de Saussure, assim como suas implicações para o conceito de *langue*.

2.1.1 De *sujeito* a *falante*

Iniciamos a discussão observando como a problemática do *sujeito*, vinculada mais amplamente às humanidades, passou a ser um problema do *falante* para o campo da linguística em geral. Para isso, nesta seção, acompanharemos a reflexão de Marina De Palo (2010) sobre a transição de uma noção de “sujeito cognitivo” a de “sujeito linguístico” – ou seja, como passamos a olhar para o *sujeito* a partir de uma perspectiva específica dos estudos linguísticos. É importante sublinharmos, especialmente, a discussão sobre os termos *falante*

em língua portuguesa e *sujet parlant* em língua francesa (cf. 2.1), em decorrência da possibilidade de se optar pelo termo “falante” ou pela locução “sujeito falante”; a escolha entre uma ou outra expressão como tradução de *sujet parlant* pode produzir efeitos de leitura distintos – e que estão relacionados, de certa forma, com o debate promovido por De Palo. Veremos o papel de Saussure nessa transição do “eu transcendental” ao “eu empírico” apontado pela pesquisadora, e em como Benveniste contribuiu para uma espécie de segunda “virada linguística” ao definir o falante em relação a sua função linguística.

Em *Sujet cognitif et sujet linguistique*, Marina De Palo (2010) aborda a questão do sujeito pelas perspectivas da psicologia e da linguística (com ênfase nas perspectivas de Bréal, Saussure e Benveniste), mostrando como o encontro entre ambas áreas do saber conduziram a questão do sujeito à empiria. A pesquisadora aponta, assim, como ocorreu a passagem da subjetividade transcendental à subjetividade empírica, analisando a busca das relações entre forma e função na língua em Bréal, assim como, mais geralmente, a aproximação entre os estudos linguísticos e a psicologia. Conforme Marina De Palo, a via anti-psicologista do final do século XIX e início do século XX resultou em uma abstração dos conceitos, conforme vislumbramos no início do capítulo com apoio em Faraco e Negri (1998) e de Ducrot e Todorov (1972).

A autora inicia sua análise demonstrando a visão schleicheriana da língua e dos estudos linguísticos. Para August Schleicher (1821-1868)¹³⁹, a língua era vista como um organismo vivo, totalmente independente de uma concepção de falante. A língua, deste ponto de vista, tem vida própria: “Esse programa de naturalização da linguagem se encontra no interior de um programa de des-historização do ser humano que deve ser subtraído da história” (DE PALO, 2010, p.38, *tradução nossa*)¹⁴⁰. Também a partir dos estudos de Paul Broca (1824-1880), houve uma biologização dos estudos linguísticos. Conforme De Palo,

Essa fundação antro-po-biológica do falante inicia a tematização da interface entre organismo e indivíduo falante, situando o problema não nos termos da psicologia individual, mas sob o plano sub-pessoal. Ela será preciosa para Saussure, que faz referência à base neurológica da língua e à descoberta de Broca (CLG/E 182.IIIC) (DE PALO, 2010, p.39, *tradução nossa*)¹⁴¹.

¹³⁹ August Schleicher situa os estudos da *glotologia* ou *glótica* como o estudo científico de uma língua; qualquer relação com a “vontade”, com o “pensamento”, com a sintaxe e com o estilo estão no campo da *filologia* (cf. De Palo, 2010).

¹⁴⁰ « Ce programme de naturalisation du langage se trouve à l’intérieur d’un programme de dé-historicisation de l’être humain qu’il faut soustraire à l’histoire » (DE PALO, 2010, p.38).

¹⁴¹ « Cette fondation antro-po-biologique du sujet parlant amorce la thématisation de l’interface entre organisme et individu parlant, situant le problème non pas dans les termes de la psychologie individuelle mais sur le plan

Na direção oposta, Michel Bréal irá combater a naturalização da linguagem, situando-a no debate das ciências históricas: para ele, a língua só existe idealmente: é apenas na relação com o homem que se pode falar sobre a sua “realidade” – as palavras, nessa perspectiva, teriam existência apenas no momento em que são pensadas e compreendidas (DE PALO, 2010, p.71). Curiosamente, De Palo mostra que as reflexões de Michel Bréal provocaram interesse de pesquisadores da linguística cognitivista na década de 1990, “que viu um modelo alternativo à linguística estrutural de origem saussuriana ao mostrar o papel do falante na linguagem” (DE PALO, 2010, p.41, *tradução nossa*)¹⁴².

Marina De Palo também aponta algumas semelhanças entre Bréal e Saussure, particularmente no que diz respeito ao vocabulário utilizado para estabelecer analogias entre *langue* e memória:

Esse ponto de vista também será um problema em Saussure (CLG/E 268-9, 1995IIID, 2000IIID) que, ao desenvolver as relações associativas, utiliza as mesmas metáforas de memória que as utilizadas por Bréal (armário, filme fotográfico, dicionário, tesouro, depósito) (DE PALO, 2010, p.43, *tradução nossa*)¹⁴³.

As semelhanças também se deixam entrever quando Marina De Palo ressalta que, a partir de Bréal, pode-se dizer que “a lógica da linguagem é aquela dos falantes” (2010, p.44, *tradução nossa*)¹⁴⁴; por outro lado, Bréal não utiliza a expressão *sujet parlant* para falar do locutor, como em Saussure¹⁴⁵. Bréal tem interesse claro pelo que chama *aspecto subjetivo da linguagem*, analisado a partir do ato de fala concreto. O sentido, assim, está fortemente relacionado à *intenção*, mais do que à forma linguística. A autora salienta que o elemento subjetivo da linguagem é, para Bréal, seu fundamento originário:

Assim, através da consideração de elementos subjetivos, Bréal analisa o ato concreto da fala e leva em consideração as principais relações de sentido, estudando principalmente a correlação com os mecanismos que presidem a produção e a compreensão do enunciado (DE PALO, 2010, p.45, *tradução*

sub-personnel. Elle sera précieuse pour Saussure qui fait référence à la base neurologique de la langue et à la découverte de Broca » (DE PALO, 2010, p.39).

¹⁴² « qui a vu un modèle alternatif à la linguistique structurale d’origine saussurienne en montrant le rôle du sujet parlant dans le langage » (DE PALO, 2010, p.41)

¹⁴³ « Ce point de vue aura aussi une issue chez Saussure (CLG/E 268-9, 1995IIID, 2000IIID) qui, en développant les rapports associatifs, utilise les mêmes métaphores de la mémoire que celles utilisées par Bréal (casier, plaque photographique, dictionnaire, trésor, dépôt) » (DE PALO, 2010, p.43).

¹⁴⁴ « La logique du langage est celle des sujets parlants » (DE PALO, 2010, p.44).

¹⁴⁵ Em Stawinski (2013), abordamos as aproximações e diferenças entre Bréal, Saussure e Benveniste quanto à subjetividade na linguagem.

nossa)¹⁴⁶

A partir da *virada linguística* saussuriana, a pesquisadora mostra como a ideia de signo de Bréal estava ligada a um programa naturalista, no qual o pensamento é passível de tradução a partir da linguagem. O signo, para Bréal, é a tradução de *ideias latentes, dados lógicos e objetivos*, existindo, portanto, *a priori*. A ideia saussuriana de signo é vista como ponto essencial de uma mudança de paradigma ao considerar a *ideia* ou *conceito* como *significado*:

O significado não é um dado lógico, não é mais identificável nem com a idéia abstrata empirista, nem com a idéia inata idealista, mas é definido de maneira correlativa dentro de cada sistema linguístico. O signo e, portanto, o significado não é introspectivo, mas de natureza social (DE PALO, 2010, p.46, *tradução nossa*)¹⁴⁷.

A leitura estruturalista, criticada pela autora, procurou abstrair a questão introspectiva, buscando afastar-se de ideias da psicologia em função de encontrar um lugar específico para os estudos linguísticos: apesar disso, ao contrário do que seria indicado na edição póstuma do CLG, *langue*, na concepção saussuriana, jamais poderia ser cindida da relação com o sujeito. Como é destacado pela autora:

A virada saussuriana não estabelece de maneira nenhuma uma cisão entre *langue* e sua relação com o sujeito (psicológico, biológico, neurológico): a faculdade da linguagem não pode jamais ser separada do corpo vivente, do organismo e do cérebro do falante (DE PALO, 2010, p.47, *tradução nossa*)¹⁴⁸.

A partir da nossa leitura, acreditamos que é possível, na edição do CLG, vislumbrar a importância do falante para a concepção de *langue* saussuriana. Mais do que a edição, a leitura que se fez tradicionalmente do CLG (vide a corrente estruturalista) foi responsável por abstrair o falante do conceito de *langue*, e o debate sobre o sujeito nos Estudos da Linguagem acaba testemunhando uma transição do “sujeito transcendental” ao “sujeito empírico”. Logo, o papel de Ferdinand de Saussure será fundamental, como é observado pela autora:

É Saussure que realizará essa passagem do *moi transcendental* ao *moi empírico*, com todas as implicações psicologicistas que essa passagem

¹⁴⁶ « Ainsi, à travers la considération des éléments subjectifs, Bréal analyse l’acte concret de la parole et prend en considération les principales relations de signification en étudiant surtout la corrélation avec les mécanismes qui président à la production et à la compréhension de l’énoncé » (DE PALO, 2010, p.45).

¹⁴⁷ « Le signifié n’est pas une donnée logique, il n’est plus identifiable ni avec l’idée abstraite empiriste, ni avec l’idée innée idéaliste mais il est défini de façon corrélatrice à l’intérieur de chaque système linguistique. Le signe, et par conséquent le signifié, n’est pas de nature introspective, mais sociale » (DE PALO, 2010, p.46).

¹⁴⁸ « Le tournant saussurien n’établit en aucune façon une scission de la langue d’avec le rapport avec le sujet (psychologique, biologique, neurologique) : la faculté du langage ne peut jamais être séparée du corps vivant, de l’organisme et du cerveau du sujet parlant » (DE PALO, 2010, p.47).

impõe. A noção de *parole* e o circuito da comunicação que se liga a ela evocam de fato a noção de *sujeito empírico, psicológico* (DE PALO, 2010, p.48, grifo da autora, tradução nossa)¹⁴⁹

Segundo De Palo, Karl Bühler (1879-1963) criticou a abertura de Saussure a um psicologismo ao considerar ao mesmo tempo *langue* e *parole*. É interessante observar que, enquanto alguns leitores criticaram o CLG pela ausência da “substância” – prevalecendo essencialmente uma abordagem abstrata – outros o criticaram pelo pensamento “anti-abstrato”, que leva em conta a materialidade. Talvez seja porque Saussure buscou abordar a linguagem na sua complexidade, presando pelas relações abstratas, sem, no entanto, esquecer que a *langue* precisa manifestar-se através da *parole*. A interpretação de Bühler leva a pensar que “a noção saussuriana de *linguagem*, incluindo *langue* e *parole*, não permite uma abordagem científica e presta-se ao psicologismo” (DE PALO, 2010, p.48, tradução nossa)¹⁵⁰.

Essa “abertura ao psicologismo” é especialmente marcada, por exemplo, pelo uso da expressão “relações associativas” e suas implicações – as quais detalharemos a partir da análise de Raffaele Simone (1995); o termo “associativo” confere um estatuto importante ao *falante*, e com ela, como sublinha De Palo,

introduzem-se aspectos mentalistas do empirismo clássico que dizem respeito à dimensão individual, corporal e histórica da mente (*esprit*) e que restauram seu valor à diversidade de mentes (*esprits*). Mas as relações associativas respondem a uma exigência de economia da língua, de naturalidade, na medida em que constituem uma condição cognitiva, inerente à faculdade da linguagem: sem o mecanismo associativo, sem essa capacidade do espírito humano de se associar o semelhante, a aquisição e o funcionamento da linguagem seriam caóticos (CLG/E 2038 IIR) (DE PALO, p.49)¹⁵¹.

Mais adiante, Marina De Palo dá um passo em direção a Émile Benveniste, demonstrando o lugar ocupado por esse importante linguista na concepção do *sujet parlant* que opera, não em função da *parole*, mas da linguagem: “A semântica de Benveniste desencadeia a virada linguística de Saussure. Não somente o significado não é um conceito,

¹⁴⁹ « C’est Saussure qui réalisa ce passage du *moi transcendantal* au *moi empirique* avec toutes les implications psychologues que ce passage impose. La notion de *parole* et le circuit de la communication qui s’y relie évoquent en effet la notion de *sujet empirique, psychologique* » (DE PALO, 2010, p.48).

¹⁵⁰ « la notion saussurienne de *langage*, en incluant à la fois la *langue* et la *parole*, ne permet pas une approche scientifique et prête le flanc au psychologisme » (DE PALO, 2010, p.48).

¹⁵¹ « s’introduisent donc des aspects mentalistes de l’empirisme classique qui concernent la dimension individuelle, corporelle et historique de l’esprit et qui restituent sa valeur à la diversité des esprits. Mais les rapports associatifs répondent à une exigence d’économie de la langue, de naturalité, dans la mesure où ils constituent une condition cognitive, inhérente à la faculté du langage : sans le mécanisme associatif, sans cette capacité de l’esprit humain à associer le semblable, l’acquisition et le fonctionnement de la langue seraient chaotiques (CLG/E 2038 IIR) » (DE PALO, 2010, p.49).

mas também o *falante* sofre uma espécie de virada linguística” (DE PALO, 2010, p.50, *tradução nossa*)¹⁵². Seu modo de olhar para “aparelho formal da língua” leva a uma concepção linguística de “falante”:

Não é por acaso que Benveniste não tenta apresentar uma noção de falante. O fundamento da subjetividade não é uma consciência transcendental ou psicológica. Não se encontra em Benveniste um pensamento sistemático da memória, do inconsciente, do cérebro do falante (questões consideradas por Saussure) porque ele tenta dar uma resposta semântica ao tema da subjetividade sem cair na armadilha de psicologismo (DE PALO, 2010, p.51, *tradução nossa*)¹⁵³.

O ponto de chegada de Marina De Palo é mostrar que a noção de sujeito linguístico foi encabeçada por Émile Benveniste¹⁵⁴, que delimitou a questão do *moi* à instância de discurso – o locutor, desta forma, é desvinculado da ideia do sujeito empírico ou psicológico, passando a ser tratado como uma função discursiva daquele que se apropria da *langue*, afinal, é “na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 2005a, p.286). O que nos interessa, particularmente, é o modo como Benveniste buscou delimitar a questão do “sujeito” a um debate próprio de sua reflexão linguística, sem, por outro lado, ausentar-se no diálogo com outras áreas. Aproximamos esse movimento à inegável presença do *sujet parlant* nos textos saussurianos, e buscamos mostrar como a questão do *falante* é um problema dos Estudos da Linguagem. Na próxima seção, vamos refletir sobre as implicações da consideração do *sujet parlant* a partir dos estudos de Saussure.

2.1.2 O *sujet parlant* no âmbito da teoria saussuriana

No artigo intitulado *The Language-User in Saussure (and after)*, Raffaele Simone (1995) estuda de forma inédita a questão do falante a partir dos estudos saussurianos. Simone organiza seu artigo apresentando o campo da linguística a partir de dois paradigmas: um cujo

¹⁵² « La sémantique de Benveniste développe le tournant linguistique de Saussure. Non seulement le signifié n'est pas un concept, mais aussi le *sujet parlant* subit une sorte de tournant linguistique » (DE PALO, 2010, p.50).

¹⁵³ « Ce n'est pas par hasard que Benveniste n'essaie pas de présenter une notion de sujet parlant. Le fondement de la subjectivité n'est pas une conscience transcendante ni psychologique. On ne trouve pas chez Benveniste de pensée systématique de la mémoire, de l'inconscient, du cerveau du sujet parlant (questions envisagées par Saussure) parce qu'il essaie de donner une réponse sémantique au thème de la subjectivité sans tomber dans le piège du psychologisme » (DE PALO, 2010, p.51).

¹⁵⁴ Como neste trabalho temos como fonte essencialmente os escritos saussurianos, não nos aprofundaremos aqui na leitura a partir de Émile Benveniste, que poderá ser desenvolvida em trabalhos futuros.

centro é falante, e outro cujo centro é a *langue*. Em um gesto pioneiro, Simone aponta a presença de uma flutuação, na perspectiva saussuriana, entre estes dois pólos, enfatizando aquele voltado para o *sujet parlant*. É importante observar que a expressão *sujet parlant*, no artigo original de Simone, é utilizada como sinônimo de três termos em língua inglesa: *language user*, *speaker* e *speaking subject*. O autor recorre à expressão em francês para estabelecer a sinonímia: todos estes termos serão utilizados para fazer referência à concepção saussuriana de *sujet parlant*.

Raffaele Simone desenvolve algumas considerações quanto aos dois paradigmas: um que toma o *sujet parlant* como parte integral da teoria, abordando as interações entre o falante e o sistema linguístico e seus efeitos para a estrutura linguística; e outro que abstrai o falante, tendo como objetivo apenas abordar a *langue* como um sistema semiótico abstrato, à parte daqueles que o utilizam.

Além de abordar uma problemática até então pouco discutida pelo campo, o autor traz um questionamento fundamental para qualquer estudioso que se veja situado no paradigma centrado no *falante*: “Qual a razão de levar em conta o falante ao formular uma teoria linguística? O que isso revela sobre a natureza da língua?” (SIMONE, 1995, p.236, *tradução nossa*)¹⁵⁵. Antes de discutir a questão, Simone explicita a sua compreensão teórica de *sujet parlant*:

Eu devo inicialmente dizer que a expressão *language user* [usuário da língua] é tomada para referir não apenas o indivíduo isoladamente, mas principalmente o *speaking subject* [sujeito falante] (o *sujet parlant*, nos termos de Saussure) caracterizado basicamente por três traços: (a) ele é um processador de informação e conhecimento; (b) como um processador de informação e conhecimento, ele é crucialmente definido por um conjunto de limitações biológicas (de memória, atenção, percepção, etc); (c) ele é a sede e a fonte de necessidades pragmáticas específicas: troca de bens e serviços, interações de diversos tipos com seus co-específicos (como informar, persuadir, etc), e assim por diante (SIMONE, 1995, p.236, *tradução nossa*)¹⁵⁶.

Brevemente discutiremos cada uma das definições fornecidas por Simone: a primeira delas lida com o falante como um *processador de informação e conhecimento*. Este ponto de

¹⁵⁵ “What is the sense of taking the user into account when formulating a language theory? What does this reveal about the nature of language?” (SIMONE, 1995, p.236)

¹⁵⁶ “I must preliminarily say that the phrase *language user* is taken to refer not to the isolated individual, but rather to the categorial *speaking subject* (the *sujet parlant*, in Saussure's terms) characterised basically by three features: (a) he is a processor of information and knowledge; (b) as a knowledge and information processor, he is crucially defined by a set of biological limitations (of memory, attention, perception, etc.); (c) he is the seat and the source of specifiable pragmatic needs: exchanging goods and services, having interactions of several kinds with his cospecifics (like informing, persuading them, etc.), and so forth” (SIMONE, 1995, p.236).

vista levará o autor do artigo a estabelecer um vínculo direto entre essa capacidade (limitada) de processamento do falante e as suas implicações na *langue*: concepções como o arbitrário relativo e a mudança linguística, assim como a analogia, servirão de exemplos a este ponto de vista. Tal limitação está relacionada com a sua segunda definição, que olha para o falante por uma perspectiva biológica, levando em conta a capacidade de *memória, atenção e percepção*. Por último, Simone destaca o aspecto social do falante, sendo este a base e a fonte de *necessidades pragmáticas* – ou seja, o *falante* precisa da *langue* para a comunicação e expressão.

Para o linguista italiano, considerar o *sujet parlant* como um conceito basilar para os fundamentos da teoria linguística pode contribuir para mostrar se o *falante* exerce ou não alguma pressão na estrutura da *langue*, impondo seus limites. Definir tais imposições pode ajudar a identificar as funções que qualquer idioma deve preencher a fim de ser “um meio de comunicação crucial da espécie humana”¹⁵⁷ (...) já que “o falante e as imposições oferecem uma base crucial para a busca dos universais linguísticos”¹⁵⁸; além disso, segundo o autor, esse estudo pode fornecer parâmetros para a variação das gramáticas e seus limites (cf. SIMONE, 1995, p.236, *tradução nossa*). Para nós, levar o falante em consideração implica levar em conta o mecanismo da *langue*, que opera em função do *falante-ouvinte*. Por exemplo: não haveria sentido a *langue* reproduzir mecanismos que não adentrassem a lógica e as necessidades *daquelles que falam*.

A tradição linguística acabou, em função de sua didatização, separando conceitos fundamentais que, de fato, não podem ser compreendidos fora de sua relação. A “dicotomia” *langue-parole* ainda não foi superada completamente, e é preciso romper com a visão de uma *langue* saussuriana desvinculada da *parole*. Essa cisão entre ambas, e conseqüentemente entre uma linguística da *langue* e uma linguística da *parole* (questões que deveriam ser tratadas de forma distinta, visto que a delimitação de dois campos de estudos diz respeito ao objeto, e não à fundamentação teórica), levou estudiosos a se afastarem da reflexão sobre o falante, com receio de desviar do “objeto da linguística” e de cair em visões consideradas “psicologizantes” e “alinguísticas”. Vejamos algumas outras passagens em que Raffaele Simone aborda as possíveis definições de *sujet parlant*:

Ele [Saussure] normalmente utiliza duas noções diferentes de “falante”: em

¹⁵⁷ “a crucial communication means of the human species” (cf. SIMONE, 1995, p.236).

¹⁵⁸ “the language user and the impositions offer a crucial basis for the search of linguistic universals” (cf. SIMONE, 1995, p.236).

várias ocasiões, o vê como um ator histórico-sociológico, comumente associado à massa (a familiar *masse parlante*); em outros casos, adota um conceito bastante psicológico de falante e de fato o vê como um processador mental, concentrado na aquisição e na organização do seu conhecimento linguístico e na produção do seu comportamento linguístico (SIMONE, 1995, p.239, *tradução nossa*)¹⁵⁹.

Temos, até aqui, duas definições possíveis: (1) o falante como ator social e histórico, vinculado normalmente ao conceito de *massa falante*; (2) o falante como um conceito psicológico, visão que associaremos à concepção de *tesouro da língua*. Simone, todavia, não se restringe a definições *ipsis litteris* do CLG ou das fontes manuscritas – o autor destaca:

Quando digo falante, não me refiro à sociedade de falantes em qualquer sentido sociológico ou histórico, mas ao falante como tentei defini-lo acima, a saber, como um processador limitado de conhecimento e informação, sujeito a necessidades pragmáticas específicas. Não é necessário argumentar que esses conceitos são modernos demais para serem facilmente aplicados a Saussure. O que pode ser moderno nessas referências é apenas terminologia; as questões envolvidas já foram muito bem definidas e intensamente debatidas sob diferentes formas nos tempos de Saussure (SIMONE, 1995, p.239)¹⁶⁰.

Quando partimos do falante ou colocamos a questão do papel operado por esse conceito na concepção de sistema linguístico em Saussure, não estamos lidando com o falante empírico, mas com aquilo que o *falante* representa no mecanismo da *langue*: como afirma Simone, o falante, *como um processador de conhecimento e informação limitado*, justifica o *modus operandi* da *langue* como um sistema de valores negativos, relativos e opositivos. Para que a *langue* seja possível, o falante precisa estabelecer relações a fim de que a *parole* tenha existência e cumpra seu papel. Apesar de não encontrarmos tais definições literalmente, Simone argumenta:

há momentos em que Saussure alude a algumas dimensões do comportamento do falante que podem estar diretamente ligadas à noção de falante que definimos. Tais passagens lidam com questões de importância crucial no âmbito da linguística saussuriana: mudança de som (e mudança da língua em geral), relações associativas, a arbitrariedade dos signos e analogia

¹⁵⁹ “He [Saussure] normally uses two different notions of ‘speaker’: on many occasions he sees him as a sociological and historical actor, usually associated into a mass (the well known *masse parlante*); in other cases, he adopts rather a psychological concept of speaker and he actually views him as a mental processor, concentrated on the acquisition and organisation of his linguistic knowledge and of the production of his language behavior” (SIMONE, 1995, p.239).

¹⁶⁰ “When I say speaker, I don’t refer to the society of speakers in any sociological or historical sense, but to the speaker as I have tried to define him above, namely, as a limited processor of knowledge and information, subject to specifiable pragmatic needs. One has not to argue these concepts to be too modern to be easily applied to Saussure. What may be modern in those references is just terminology; the issues involved were already very neatly defined and intensely debated under different forms in Saussure’s times” (SIMONE, 1995, p.239)

(SIMONE, 1995, p.239, *tradução nossa*)¹⁶¹.

Simone destaca que as teorias linguísticas centradas no *falante*, representadas por Bally e Frei, foram recebidas com certa “desconfiança” pelos linguistas cujo interesse era centrado na *langue*: “a linguística tem tipicamente tendido a colocar esse paradigma [do falante] à margem, e até mesmo criou um conjunto de críticas típicas justamente para abandoná-lo” (SIMONE, 1995, p.233-4, *tradução nossa*)¹⁶². Por que o falante parece ser um problema para os estudos da *langue*? A nós, não parece possível excluir o *sujet parlant* se tivermos como ponto de vista o pensamento saussuriano. Simone destaca: “Em certa medida, o esforço para manter o usuário fora do seu escopo é um sinal típico do medo da variação que a linguística tem manifestado em diversas ocasiões na sua história recente” (1995, p.234, *tradução nossa*)¹⁶³. Afinal, é possível delimitar a linguística que Saussure estava em vias de construir? Poderíamos dizer que a reflexão saussuriana permite que pensemos o *sujet parlant* no centro da reflexão linguística, ou que priorizou essencialmente a *langue*? Se tomamos o paradigma centrado na *langue*, destacam-se duas manifestações particulares e representativas: uma volta-se à teoria da *forma linguística* (ou seja, à visão da *língua como sistema*), enquanto a outra lida com a questão metodológica para a *linguística como ciência*. Já o paradigma centrado no *falante* trata da interação entre *langue* e *sujet parlant*, assim como dos efeitos produzidos pelo falante, seja enquanto indivíduo, seja enquanto massa falante (cf. SIMONE, 1995).

Concordamos com o pesquisador, que defende a existência de uma ambiguidade entre ambos paradigmas – vislumbra-se a coexistência de ambos, com predominâncias que variam conforme a fonte ou passagem estudada. Essa ambiguidade só foi resolvida pelos sucessores de Ferdinand de Saussure. Hjelmslev, por exemplo, manteve sua abordagem centrada na *langue*, enquanto linguistas como Bally e Frei visaram o *falante*¹⁶⁴. Apesar da existência

¹⁶¹ “there are moments when Saussure alludes to some dimensions of the speaker's behavior that can be directly linked to the notion of speaker we have defined. Such passages deal with issues of crucial importance in the framework of Saussurean linguistics: sound change (and language change in general), associative relationships, the arbitrariness of signs, and analogy” (SIMONE, 1995, p.239).

¹⁶² “linguistics has typically tended to put this paradigm to a margin, and it has even created a set of typical criticisms precisely to drop it out” (SIMONE, 1995, p.233-4).

¹⁶³ “To some extent, the effort to keep the user outside its scope is a typical sign of the fear of variation that linguistics has manifested on many occasions in its recent history” (SIMONE, 1995, p.234).

¹⁶⁴ Louis Hjelmslev (1899-1965), foi um linguista dinamarquês, formalista, cuja teoria buscou refletir sobre a língua em sua imanência, ausentando-se, pois, do debate em torno do *falante*. Charles Bally (1865-1947) foi um linguista suíço, sucessor da cadeira de Ferdinand de Saussure na Universidade de Genebra, cujos trabalhos foram dedicados especialmente à estilística, aproximando-o de uma linguística centrada no *falante*. Henri Frei (1899-1980) foi um linguista suíço, cuja obra intitulada *La grammaire des fautes* (1929) lida com exemplos de uso popular da língua francesa.

desses dois paradigmas, a centralidade exclusiva na *langue* foi considerada por muito tempo como a única abordagem aceitável do pensamento saussuriano.

O autor volta a definir uma concepção de *sujet parlant* a partir de Saussure: para ele, o falante pode ser compreendido de duas maneiras – (1) como ator sociológico e histórico; (2) como um conceito psicológico, conforme vimos acima. Simone ainda acrescenta:

Para ter certeza, seria inútil procurar por passagens onde Saussure se refere explicitamente ao falante no sentido que defini acima. (Ao falar do *sujet*, ele se refere principalmente a indivíduos isolados.) Mas há momentos em que Saussure alude a algumas dimensões do comportamento do falante que podem estar diretamente ligadas à noção de falante que definimos (SIMONE, 1995, p.239, tradução nossa)¹⁶⁵

Raffaele Simone passa, assim, a direcionar sua discussão ao paradigma centrado no falante, lançando mão de explicações sobre mudança linguística, relações associativas e sobre o arbitrário do signo e a analogia. O pesquisador aponta a discussão levantada por estas problemáticas como pertencentes ao âmbito da linguística saussuriana. Vejamos o porquê.

A nosso ver, uma das questões mais importantes abordadas por Simone trata justamente do lugar ocupado pelo *sujet parlant* nas *relações associativas* propostas por Saussure. Veremos como a presença do falante toma parte em uma das principais contribuições do linguista suíço, que diz respeito ao mecanismo da *langue*. Relembremos brevemente um dos esquemas que representam as relações associativas no CLG:

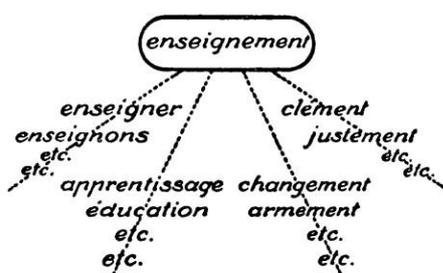


Figura 9 - Relações associativas (CLG, 1995, p.175)

Na figura acima, vemos a representação das possíveis relações associativas a partir da palavra *enseignement*: na primeira linha, estão as relações associadas ao radical; na segunda, ao sentido analógico; na terceira, ao sufixo; na quarta, à sonoridade. Nos cadernos dos alunos, a

¹⁶⁵ “To be sure, it would be of no use to look for passages where Saussure explicitly refers to the speaker in the sense I have defined above. (When speaking of the *sujet*, he mostly refers to isolated individuals.) But there are moments when Saussure alludes to some dimensions of the speaker's behavior that can be directly linked to the notion of speaker we have defined” (SIMONE, 1995, p.239).

representação gráfica das relações associativas é singular em cada anotação, conforme podemos notar a partir da reprodução abaixo, parte da edição crítica de Rudolf Engler:



Figura 10 – Notas em R, G, Ca, C¹⁶⁶ - CLG/E (SAUSSURE, 1989, p.289)

No CLG, o esquema é sintetizado conforme podemos ler na seguinte passagem:

Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra. Enquanto um sintagma suscita a ideia de uma ordem de sucessão e de um número determinado de elementos, os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem em uma ordem determinada (...) Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida (SAUSSURE, 2006, p.146)¹⁶⁷.

A referência ao centro de uma constelação – bem representada especialmente pela última imagem, de Émile Constantin – remete-nos à indicação do *centro associativo* representado pelos alunos, conforme verificamos no capítulo anterior (cf. *fig. 6*), e o centro dessa constelação pode ser encarado a partir da consciência do falante, que é o que determinará certas associações em lugar de outras.

No CLG, as relações associativas são retomadas a partir da perspectiva do arbitrário do signo, e esse movimento, que mostra a tensão entre o arbitrário absoluto e o arbitrário relativo, pode representar a tendência ao equilíbrio do sistema linguístico, que sofre os efeitos produzidos a partir da *parole*. Antes de direcionarmos nosso olhar para esse arbitrário “absolutamente relativo” e sua relação com o *falante*, é válido retomar a discussão acerca do *arbitrário* a partir de Saussure. Há inúmeras discussões a respeito da natureza do arbitrário na reflexão saussuriana, que podem ser encontradas em Suenaga (1999), Choi (2002), Badir

¹⁶⁶ Os esquemas referem-se às reproduções de Albert Riedlinger (R), Léopold Gautier (G), Louis Caille (Ca) e Émile Constantin (C) respectivamente.

¹⁶⁷ « Un mot quel conque peut toujours évoquer tout ce qui est susceptible de lui être associé d’une manière ou d’une autre. Tandis qu’un syntagme appelle tout de suite l’idée d’un ordre de succession et d’un nombre déterminé d’éléments, les termes d’une famille associative ne se présentent ni en nombre défini, ni dans un ordre déterminé [...] Un terme donné est comme le centre d’une constellation, le point où convergent d’autres termes coordonnés, dont la somme est indéfinie » (SAUSSURE, 1972, p.174).

(2017), dentre outros autores¹⁶⁸. Aqui, nosso objetivo é pincelar a discussão com o olhar direcionado para o lugar do *falante-ouvinte* na *langue*.

Primeiramente, vale destacar que o arbitrário, no CLG, aparece em duas ocasiões distintas: no primeiro capítulo da primeira parte, a fim de definir o signo linguístico (SAUSSURE, 2006, p.81); e no terceiro capítulo da segunda parte, a partir do mecanismo da *langue* (SAUSSURE, 2006, p.152). Consultamos o *Léxique de la terminologie saussurienne* (LTS), de Rudolf Engler, que dispõe de duas entradas para *arbitrário*. A primeira ocorrência é sintetizada a seguir:

arbitraire (adj.) = conventionnel, libre (→liberté, nullité, vacuité ; *l'arbitraire* du signe- s.m.- 1329), dans un sens sémiologique, abstraction faite des facteurs temps et masse sociale, hors de toute idée de choix (ENGLER, 1968, p.13).

Engler distingue o arbitrário em três concepções: (a) a relação entre o significante e o significado é convencional; (b) o laço que une as massas amorfas é radicalmente livre; (c) a relação entre a figura vocal como tal (o “som”, ou outra materialidade) e o signo (significante/significado) é arbitrária. Em seguida, temos outra definição de *arbitrário*:

2 arbitraire (adj.) = immotivé. ‘Une partie seulement des signes seront radicalement arbitraires, chez d’autres signes intervient un phénomène au nom duquel on peut distinguer [des degrés] d’arbitraire. [...] Le lien fondamental entre signe et idée arrive dans une partie des signes à être relativement motivé’ 2092. – Godel 255, (ENGLER, 1968, p.14).

Aqui, vemos o lugar ocupado pela discussão sobre o que é (i)motivado na *langue*, tendo em vista que *apenas uma parte dos signos será radicalmente arbitrária*. Assim, dá-se início a uma discussão acerca do arbitrário absoluto e do arbitrário relativo justamente no capítulo sobre o mecanismo da *langue* que, para entrar em funcionamento, depende da *parole* e do *falante-ouvinte*.

Godel destaca uma passagem da *Primeira Conferência de Genebra* (1891), a qual afirma que o arbitrário absoluto diz respeito a “*Tudo que parece orgânico na langue é, na verdade, contingente e completamente acidental*” (GODEL, 1969, p. 38, *grifos do autor*,

¹⁶⁸ Em “Is the arbitrary symmetrical?”, Sémir Badir (2017) aborda o que chama de *assimetria* do significante. O estudioso abre uma possibilidade para que se reflita sobre as relações entre o princípio do arbitrário e um conceito de *escuta*, visto que tal assimetria do signo – representada, na figura do signo, pela flecha vertical e unidirecional do significante em direção ao significado – aponta para uma “dilatação” da porção significante do signo. Tal perspectiva pode nos auxiliar na consideração dos efeitos da *parole* na *langue*. Em Milano e Stawinski (2020) encontra-se uma reflexão mais detalhada da questão.

tradução nossa)¹⁶⁹. A questão sobre a (i)motivação trata-se, na verdade, de um debate cujo centro é o *falante*, conforme podemos concluir a partir de John Joseph (2015). Em *Iconicity in Saussure's Linguistic Work*, Joseph (2015) discute a respeito do arbitrário e da iconicidade, o que acaba nos auxiliando a pensar nas implicações desse princípio linguístico na relação *langue-parole*. Na abordagem do autor, é possível vermos claramente a questão do *falante* e da sua apreensão singular da *parole*, levando o problema da (i)motivação à esfera do falante, e reafirmando o princípio linguístico do arbitrário. Quando consideramos as onomatopeias ou as interjeições, por exemplo, de fato não se trata de dizer que para a *langue* aquela relação é motivada ou não – afinal, é indiscutível que “o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p.132)¹⁷⁰. Desse ponto de vista, a discussão só é possível na esfera da relação entre *langue* e *sujet parlant*: “raramente foi contemplada a possibilidade de que [o signo] seja icônico para alguns falantes ou ouvintes, mas não para outros – que sua iconicidade, em outras palavras, possa ser uma questão de interpretação” (JOSEPH, 2015, p.93, *tradução nossa*)¹⁷¹. Acompanhemos o raciocínio do pesquisador:

O princípio saussuriano do arbitrário sustenta que o signo linguístico opera da mesma maneira, existindo esse vínculo ou não: a palavra *pluit* não é mais “verdadeira” para alguém que ouve a chuva caindo do que para aqueles que como eu não a ouve; nem é mais verdadeira uma palavra como *rain*, na qual qualquer noção de ligação entre som e ideia parece forçada. Pode ser que alguém que ouça a gota de chuva de fato experiencie essa palavra com mais intensidade e vivacidade, mas isso está no nível individual da *parole* (JOSEPH, 2015, p.96-7, *tradução nossa*)¹⁷².

A reflexão de Joseph vai ao encontro das considerações de Raffaele Simone, que, no mesmo sentido, ressalta: “uma associação pode agir em um falante e não [agir] em outro” (SIMONE, 1995, p.243, *tradução nossa*)¹⁷³. Seja para pensar o arbitrário, seja para refletir sobre as relações associativas, reencontramos o *falante* no cerne da discussão. O que vale sublinhar é que, independentemente da singularidade da relação entre *falante* e *langue*, “sincronicamente,

¹⁶⁹ “*tout ce qui semble organique dans la langue est en réalité contingent et complètement accidentel*” (GODEL, 1969, p. 38, grifo do autor).

¹⁷⁰ « Le lien unissant le signifiant au signifié est radicalement arbitraire » (SAUSSURE, 1972, p. 442, grifo nosso).

¹⁷¹ “Rarely has the possibility been contemplated that it [the sign] might be iconic for some speakers or hearers but not for others – that its iconicity, in other words, might be a matter of interpretation” (JOSEPH, 2015, p.93).

¹⁷² “The Saussurean principle of arbitrariness holds that the linguistic sign operates in the same way whether there is such a link or not: the word *pluit* is no 'truer' for someone who hears the rain dropping in it that it is for those like me who do not hear it; nor is it truer a word such as *rain* in which any notion of a link between sound and idea seems far-fetched. It may well be that someone who hears the raindrop in *pluit* experience this word more intensely, more vividly, but that is on the individual level of *parole*.” (JOSEPH, 2015, p.96-7)

¹⁷³ “*an association may act in one speaker but not in another one*” (SIMONE, 1995, p.243)

se um falante está ou não consciente dessas correlações, *os significantes significam*” (JOSEPH, 2015, p.93, *tradução nossa*)¹⁷⁴.

Retornamos a Raffaele Simone e sua discussão acerca do falante a partir de Saussure. Quanto ao arbitrário relativo, esse princípio sintetiza a força do sistema linguístico – que precisa da regularidade em função do *falante*. O arbitrário relativo está ligado à consideração das relações associativas no mecanismo linguístico. Conforme o pesquisador italiano, as relações associativas demonstram a importância da concepção de falante na teoria saussuriana: “Aqui o pano de fundo de suas reflexões é evidentemente psicológico, começando pelo próprio termo *associatif*” (SIMONE, 1995, p.242, *tradução nossa*)¹⁷⁵. A abertura do termo “associativo” para relações singulares entre o falante e a percepção da *langue* parece ter afastado linguistas desta reflexão, tendo em vista que “relações associativas” evoca um sentido psicológico. Conforme aponta Simone, os psicanalistas mantiveram o uso da expressão, enquanto linguistas, a partir de Hjelmslev, passaram a lançar mão da expressão “relações paradigmáticas”. O termo “paradigmático” em detrimento de “associativo” reforça a busca de um “esvaziamento do falante” na teoria linguística, vinculando-se ao *paradigma centrado na langue*.

Sabemos que as preocupações da época eram outras – particularmente havia uma grande preocupação em delimitar o campo e o objeto dos estudos linguísticos, passo inicialmente dado por Saussure. Seguimos nos questionando: por que lidar com o *falante* significa correr o risco de sair do campo da linguística¹⁷⁶? O falante é a razão de haver *langue* – esse sistema semiótico que parece ter existência própria. Simone toca em uma questão crucial: *langue* é este sistema arbitrário, absolutamente relativo, em função da sua própria essência: a *langue* tem como fundamento a *parole* – seus valores relativos, opositivos e negativos estão estreitamente vinculados à necessidade de se fazer compreender. Não é à toa que Simone destaca a intervenção do falante como “ordenadora”, “crucial”: “A base semiótica da língua é constituída, portanto, apenas a partir da ação do falante” (SIMONE, 1995, p.245, *tradução nossa*)¹⁷⁷, afinal, conforme lemos no CLG:

¹⁷⁴ “Synchronically, whether or not a speaker is aware of these correlations, *the signifiers signify*. That is the point of arbitrariness” (JOSEPH, 2015, p.93).

¹⁷⁵ “Here the background of his reflections is quite evidently a psychological one, starting from the very term *associatif*” (SIMONE, 1995, p.242).

¹⁷⁶ A maior ou menor predominância do *falante* como um conceito relevante para reflexão sobre a língua depende, certamente, da linha de pesquisa adotada.

¹⁷⁷ “the ordering intervention of the speaker seems to be crucial for the very foundations of language. The semiotic bases of language is constituted, then, only through the speaker's action” (SIMONE, 1995, p.245).

Todo o sistema da *langue* repousa no princípio irracional da arbitrariedade do signo que, aplicado sem restrições, conduziria à complicação suprema; o espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos, e esse é o papel do relativamente motivado. Se o mecanismo da *langue* fosse inteiramente racional, poderíamos estudá-lo em si mesmo; mas como não passa de uma correção parcial de um sistema naturalmente caótico, adota-se o ponto de vista imposto pela natureza mesma da *língua*, estudando esse mecanismo como uma limitação do arbitrário (SAUSSURE, 2006, p.154)¹⁷⁸.

Visto que uma língua calcada no *radicalmente arbitrário* seria inviável para o *sujet parlant*¹⁷⁹, como aponta Raffaele Simone, entra em jogo um mecanismo que limita o arbitrário absoluto – o arbitrário *relativo*. Para o pesquisador italiano, a abordagem de Saussure quanto à função do arbitrário relativo na *langue* baseia-se, implicitamente, em um modelo de análise que leva em conta o falante. Para Simone, esta é uma problemática semiótica:

Saussure argumenta aqui em termos estritamente semióticos, porque ele aborda uma questão semiótica fundamental – a legitimidade e as vantagens (ou desvantagens) semióticas do arbitrário do ponto de vista do usuário da *langue* como um processador de informações limitado (SIMONE, 1995, p.244, tradução nossa)¹⁸⁰.

Justamente por questões referentes às limitações de memória, o arbitrário relativo entra em jogo para reforçar o laço entre *langue-parole*, como bem aponta Simone,

Fosse o arbitrário o único princípio de ordenação na *langue*, a *langue* seria literalmente imprestável: impediria qualquer tipo de associação e, assim, infringiria uma necessidade típica e crucial do usuário, *i.e.*, que a *langue* seja útil, por exemplo, em termos da memória que deve armazená-la (SIMONE, 1995, p.244, tradução nossa)¹⁸¹.

Podemos ver que os conceitos saussurianos que definem a nossa compreensão de *langue* não podem ser dissociados dos falantes. *Langue* e *parole* só dizem respeito a

¹⁷⁸ « tout le système de la langue repose sur le principe irrationnel de l'arbitraire du signe qui, appliqué sans restriction, aboutirait à la complication suprême ; mais l'esprit réussit à introduire un principe d'ordre et de régularité dans certaines parties de la masse de signes, et c'est là le rôle du relativement motivé. Si le mécanisme de la langue était entièrement rationnel, on pourrait l'étudier en lui-même ; mais comme il n'est qu'une correction partielle d'un système naturellement chaotique, on adopte le point de vue imposé par la nature même de la langue, en étudiant ce mécanisme comme une limitation de l'arbitraire » (SAUSSURE, 1972, p.182). Note-se que *arbitrariedade* é uma escolha da tradução do CLG – o uso em língua francesa é *arbitraire*.

¹⁷⁹ É válido sublinhar que a palavra *esprit* é tomada como uma espécie de *consciência* ou *sentimento* do falante – definida por Cosenza como *um conjunto de faculdades mentais em diferentes graus de consciência*: “**Esprit**: [insieme delle facoltà mentali nei diversi gradi di coscienza (Cfr. *conscience, sentiment*)]” (COSENZA, 2016, p.342).

¹⁸⁰ “Saussure reasons here in strictly semiotic terms, because he touches on a fundamental semiotic question — the legitimacy and the semiotic advantages (or disadvantages) of arbitrariness from the point of view of the language user as a limited information processor” (SIMONE, 1995, p.244)

¹⁸¹ “were arbitrariness the only ordering principle in language, the language would be literally unserviceable: it would prevent any kind of association, and, so doing, it would infringe a typical and crucial need of the user, *i.e.*, language to be handy, for instance in terms of the memory that has to store it” (SIMONE, 1995, p.244).

diferentes perspectivas de um único fato: o de que há línguas. Sabemos que há línguas, que há falantes que pertencem a uma ou a mais comunidades de falantes e que cada falante tem o seu tesouro particular, seu modo único, singular, de perceber a *langue* e de conferir sentido a suas unidades na cadeia discursiva. Sabemos que não é possível apreender o todo de uma língua, pois esta é mutante assim como o são seus falantes. É impossível registrar todas as formas como a *langue* é expressa via *parole*, e por isso é impossível delimitar suas fronteiras, seus limites (pois é ilimitada). A *langue*, abstração de todas as realizações e possibilidades da massa falante, é, portanto, sempre *langue-parole*. Nesse sentido, não é de se surpreender que a *langue* obedeça a regras que a tornam viável para uma comunidade de falantes que a compartilha: “poderíamos dizer que o *esprit* tende a fazer ergonômica uma ferramenta que não o seria por si mesma” (SIMONE, 1995, p.245, *tradução nossa*)¹⁸².

Conforme o autor, conceitos como o de analogia têm relação direta com a indissociabilidade *langue-parole*, aproximando igualmente outros conceitos saussurianos como sincronia-diacronia, relações sintagmáticas-associativas. O procedimento de criação analógica mostra-se como uma porta de entrada para o estudo de processos psicológicos, visto que este procedimento é estreitamente ligado à problemática da inconsciência e da compreensão dos mecanismos linguísticos que lhe dão origem. Destacamos um excerto de uma das definições de *analogia* da coleção terminológica organizada por Cosenza:

Analogie: [v. area B; uno dei due procedimenti regolari di trasformazione delle lingue volto alla creazione di nuove segni linguistici sulla base di elementi già esistenti; si tratta di un fenomeno di trasformazione linguistica di ordine mentale che richiede un certo grado di azione intelligente. Usato anche per indicare il risultato di questo procedimento]; [...]. C'est sur une *analogie* que s'effectue le raisonnement qui est à la base du phénomène. Plus généralement, ce phénomène représente une *association de formes* dans l'esprit, qui est dictée par l'*association des idées représentées*. (p. 161) [...] {*Tesi; Status et motus; I corso; II corso*} (COSENZA, 2016, p.315).

A analogia, assim, é tomada como um procedimento linguístico de *origem mental*, pois depende da associação de formas pelo *esprit* do falante.

Para concluir nossas considerações a partir da leitura de Raffaele Simone, podemos resumir que, segundo o autor, pode-se dizer que Ferdinand de Saussure situou o falante no seu *framework* teórico. As influências para essa inclusão possivelmente seriam os debates psicológicos da época, os modelos com viés biológico da linguagem, forte percepção da

¹⁸² “we could say that the *esprit* tends to make ergonomic a tool which would not be such by itself” (SIMONE, 1995, p.245).

mudança linguística e a consciência do papel do falante na vida da linguagem. Ainda assim, há uma oscilação entre a incorporação do falante e do desvio da questão: “Poderíamos dizer que duas tradições teóricas diferentes derivam da oscilação de Saussure entre um paradigma e o outro, e que cada um deles teve sua própria fortuna” (SIMONE, 1995, p.247, *tradução nossa*)¹⁸³, conforme buscamos demonstrar brevemente a partir dos dois paradigmas apontados pelo autor.

Acreditamos que o falante é de fato uma ponte que liga *langue-parole* de uma maneira indissociável, e que tal ligação está presente, mesmo que implicitamente, nas reflexões que encontramos em Saussure – seja a partir do CLG, seja a partir de suas notas manuscritas, de naturezas tão diversas e que produzem até hoje efeitos nos estudos linguísticos. Para finalizarmos esta seção, resgatamos algumas definições de *sujet parlant* com apoio no LTS de Engler (1968) e na coleção terminológica de Cosenza (2016), as quais nos ajudam a enfatizar a relação conceitual entre *falante* e *langue*.

Conforme podemos verificar em Engler (1968), a existência da *langue* é nitidamente vinculada à concepção de *falante*¹⁸⁴:

sujet parlant: l’individu se servant de la langue. ‘La langue n’existe pas comme entité, mais seulement les sujets parlants’ 98 (L’ensemble des sujets parlants’ 1600) formant la *masse parlante* : ‘pour-qu’il y ait langue, il faut une masse parlante se servant de la langue. La langue pour nous réside dans l’âme collective’ 1285. – subjectif → analyse. → fait. (ENGLER. 1968, p.49).

A *langue* tem sua fundação na *masse parlante*, pois não é possível que falemos em um sistema linguístico abrindo mão do fato social. Há *langue* porque há *parole*, há *parole* porque *escutamos*, e a *escuta* só é possível em função da *langue* – na sua partilha com o outro (cf. 3.3).

Em Cosenza, encontramos entradas para definir *sujet (parlant)*, termo que não consta nos índices remissivos de nenhuma das obras consultadas pelo autor, com exceção do Léxico terminológico organizado por Engler (LTS), cuja definição reproduzimos acima. Apesar disso, a expressão *sujet parlant* tem ocorrência textual nos manuscritos, conforme podemos conferir a seguir. Em *De la double essence du langage*:

Sujet parlant: [individuo che parla una lingua, la cui coscienza linguistica

¹⁸³ “we could say that two different theoretical traditions derive from Saussure’s oscillation between one paradigm and the other, and that each of them has had its own fortune” (SIMONE, 1995, p.247).

¹⁸⁴ Na próxima seção (cf. 2.2) buscamos reforçar o laço entre *langue-parole*. Por ora, chamamos a atenção para o *falante*.

constituisce il punto di riferimento per lo studio degli stati di lingua (Cfr. *conscience, état de langue*); La première expression de la réalité serait de dire que la langue (c'est-à-dire le sujet parlant) n'aperçoit ni l'idée *a*, ni la forme *A*, mais seulement le rapport *a/A*; cette expression serait encore tout à fait grossière. Il n'aperçoit vraiment que le rapport entre les deux rapports *a/AHZ* et *abc/A*, ou *b/ARS* et *blr/B* etc. (p. 156 § 79); Cfr. *conscience, esprit, état de langue, langue, mental, modification, opération, opposition, pensée, psychique, sentiment*. {Ph; Notes Item; LG; I corso; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p.360, grifos do autor)

Aqui, a ideia de *sujet parlant* está vinculada à função de *ouvinte*, pois é o *ouvido* que percebe a relação forma/sentido. Em uma passagem do manuscrito, chega-se a estabelecer uma relação de sinonímia entre *langue* e *falante*: “a primeira expressão da realidade seria dizer que a língua (ou seja, o sujeito falante) não percebe nem a ideia *a*, nem a forma *A*, mas apenas a relação *a/A*” (SAUSSURE, 2004, p.39) – e isso sem abstrair todas as relações possíveis de determinado sistema. O conceito de *sujet parlant* mostra-se essencialmente vinculado ao ponto de vista da linguística sincrônica, já que só existe, linguisticamente, aquilo que é percebido e reconhecido como tendo *valor* para o *ouvinte*. *Langue*, dessa maneira, é definida a partir da *escuta* daquele que fala uma língua. Nas *Notes Item*, novamente, *sujet parlant* está associado a uma função de percepção/consciência do signo linguístico como tal:

Sujet parlant: [celui che parla una lingua]; Les sujets parlants n'ont aucune conscience des *apossèmes* qu'ils prononcent, pas plus que de *l'idée pure* d'autre part. Ils n'ont conscience que du *sème*. C'est là ce qui assure la transformation parfaitement mécanique de l'apossème à travers les siècles. (p. 109); Cfr. *discours, discursif, langage, langue, langue discursive, parole, transmission, trésor*. {Ph; ED; LG; I corso; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p.424)¹⁸⁵

¹⁸⁵ *Sema* e *apossema* não são termos comumente associados à terminologia saussuriana (ao menos, não para leitores não especializados). Assim, vale destacar algumas ponderações de Giuseppe Cosenza, o qual caracteriza tais conceitos como parte de uma “*terminologia 'esotérica'*” que não deixou vestígios no CLG ou nos cursos (COSENZA, 2016, p.56). De acordo com o pesquisador, “Nas Notas item, pode-se ver que *signe* parece coincidir com *sème*, mas o último está vinculado a uma bateria de novos termos: *parasème, aposème, sôme, contre-sôme*; termos com os quais Saussure tenta definir os diferentes aspectos que entram em jogo nos signos. A relação de quase-sinonímia que existe entre *sème* e *signe* parece evidente, mas o valor dos dois termos é diferente porque o sistema teórico em que estão enquadrados muda” (COSENZA, 2016, p.128, *tradução nossa*) [“nelle Notes Item si può notare che *signe* sembra coincidere con *sème*, ma quest'ultimo si lega ad una batteria di nuovi termini: *parasème, aposème, sôme, contre-sôme*; termini con cui Saussure prova a definire i diversi aspetti che entrano in gioco nei segni. La relazione di quasi-sinonimia che sussiste tra *sème* e *signe* sembra evidente, ma il valore dei due termini è diverso poiché il sistema teorico entro cui si inquadrano cambia” (COSENZA, 2016, p.128)].

Nos ELG (antigos Item), é possível compreender o termo *apossema* como sendo o *significante* realizado no discurso: “todo *apossema* é tomado em um momento dado. É o fato de ser considerado assim, na língua, que faz com que ele mereça um nome como *apossema* e não seja, simplesmente, uma sequência fônica”; “(Não é preciso chamar, reciprocamente, de *apossema*, uma fórmula fônica qualquer como *b-d*, mas apenas as fórmulas fônicas que, num certo momento, foram o corpo de um *sema*.)” (SAUSSURE, 2004, p.96).

O *falante* é aquele que tem consciência do signo. Portanto, podemos dizer que *falar* uma língua pressupõe, acima de tudo, estar imerso nos *sons-sentidos*, pois a *langue* só terá existência como fato semiológico – o que pressupõe, necessariamente, um *falante-ouvinte*.

No mesmo sentido em que vimos em ocorrências acima, *sujet parlant* representa aquele que não somente *fala* uma língua, como aquele cuja consciência é ponto de referência da própria linguística sincrônica. Quando falamos em consciência, é o *falante* na sua função de *escuta* que está em jogo – questão que abordaremos a seguir (cf 2.2.2). Em definição derivada do *Primeiro Curso*, lemos:

Sujet Parlant: [individuo che parla una lingua e produce atti di *parole*, ha coscienza dei soli stati di lingua in un momento dato, in questo senso costituisce il punto di riferimento della linguistica sincronica (Cfr. *analyse*); Le groupement des formes tel qu'il resulterait du passé, ce groupement est ignoré complètement du sujet parlant et force le grammairien à établir deux sphères distinctes (p. 67) Cfr. *analyse I*, *conscience*, *grammairien*, *inconscient*, *instinct*, *intention*, *interne*, *linguistique*, *réservoir*, *sentiment*, *subconsciente*, *trésor*, *valeur*, *volonté* {Ph; ED; Notes Item; LG; II corso; III corso} (COSENZA, 2016, p.485-66).

No *Segundo Curso*, é possível vislumbrarmos, na concepção de *falante*, um lugar para a *escuta*, na medida em que o método do linguista, de uma perspectiva sincrônica, pode ser precisamente *observar aquilo que é sentido* (percebido) *pelos falantes*:

Sujet parlant: [soggetto che parla una lingua. I soggetti parlanti costituiscono il punto di riferimento della linguistica sincronica (Cfr. *Sentiment*)] ; Cette perspective du grammairien, du linguiste à pour étalon la perspective des sujets parlants, et il n'y a <pas d'autre méthode> que de se demander quelle est l'impression des sujets parlants. Pour savoir dans quelle mesure une chose est, il faudra rechercher dans quelle mesure elle est dans la conscience des sujets parlants, [dans quelle mesure] elle signifie. <Donc, une seule perspective, méthode : observer ce qui est ressenti par les sujets parlants.> (p. 49) Duale *masse parlante* ; Cfr. *Analogie*, *casier*, *cerveau*, *conscience*, *création analogique*, *faculté du langage*, *formation analogique*, *individu*, *langage/langue*, *magasin*, *novation analogique*, *sentiment*, *parole*, *volonté* {Ph ; ED ; Notes Item ; LG ; I corso ; III corso} (COSENZA, 2016, p.521)

Por fim, no *Terceiro Curso*, o *falante* é definido a partir dos conceitos fundamentais saussurianos – *langage*, *langue*, *parole*:

Sujet parlant: [individuo dotato della *faculté de langage* che ha acquisito una *langue* e che produce atti di *parole* ed ha coscienza della sola sincronia. In questo senso costituisce il punto di riferimento della linguistica (statica o sincronica). Produce atti di *parole* con un certo grado di coscienza che hanno un ruolo primario nei cambiamenti linguistici anche se isolatamente presi non possono modificare la lingua]; En se plaçant au point de vue du sujet parlant: la suite des faits dans le temps est une chose inexistante. Le sujet

parlant est devant un état. De même, le linguiste doit faire table rase <de> ce que est diachronique, de ce qui a produit un état dans le temps, pour comprendre cet état immense. Il ne peut entrer dans la conscience des sujets parlants qu'en adoptant le point de vue d'ignorance des sources. (p. 107) Duale *masse parlante*; cfr. *abstraction, conscience, dépôt, faculté, individu, insctict, intelligence collective, langue, mécanisme1, parole, réalité, sensation psychique* {Ph; ED; Notes Item; LG; I corso; II corso}(COSENZA, 2016, p.561-2).

Falante é o indivíduo dotado de linguagem que adquiriu uma língua e que, portanto, *fala*. Aqui, ele importa como ponto de referência do linguista cujo objeto de estudos é centrado nas línguas de um ponto de vista sincrônico, e as línguas apenas podem ser definidas a partir do que os *falantes* reconhecem como parte desse contrato social.

Ao tratarmos do tema da *escuta* – que será aprofundada a seguir (cf. 3) –, estamos circunscrevendo a nossa discussão em um *entrelugar* – ou seja, pensamos a *langue-parole* levando em consideração o *falante* como posição frente à cadeia discursiva, posição essa vinculada necessariamente a uma posição de *ouvinte*. Pensar os efeitos produzidos na cadeia falada, efeitos linguísticos produzidos a partir de uma concretude, é pensar o falante na sua relação particular e social com a *langue*. Em nossa reflexão, considerar o *falante* significa suportar os efeitos que a *langue* produz – a diversidade de *sentimentos* e de impressões que muitas vezes permanecerão apenas na esfera da *sugestão*, e não na de um dado objetivo.

Considerar o *falante* significa encarar a *langue* em sua capacidade humana e criativa que, longe de existir, de ser tecida de certezas, é, a cada dia, (re)composta por “acidentes” que emergem da singularidade de cada *sujeito* que se apropria da *langue*. A *langue* revela-se, deste ponto de vista, como um *sistema* que jamais será contido pela imanência – caráter tão sonhado por estudiosos que, um dia, acreditaram ser possível falar sobre a *langue* por ela mesma. Considerar o *falante*, no fim das contas, significa situar a linguística ao lado das “ciências humanas”. Na próxima seção, seguiremos discutindo a indissociabilidade entre *langue* e *parole*, desta vez, tendo como pano de fundo a *parole* como experiência.

2.2 A PAROLE COMO EXPERIÊNCIA

Em um artigo de 2014, intitulado *L'expérience de la parole: le thème du sujet parlant*, Antonino Bondi procura estabelecer relações entre *langue*, falante e expressão semiótica, em uma exposição que coloca em perspectiva a abordagem realizada pela linguística cognitiva, a

fenomenologia de Merleau-Ponty¹⁸⁶ e a linguística saussuriana. Para falar sobre a questão, Bondi retoma a noção de *sujet parlant* a partir de pontos de vista distintos:

Se para certas correntes, o sujeito não é senão um simples correlato psicológico, ou seja, um vetor empírico de atualização de um código que supõe representar a objetividade da *langue*, para outros ele foi tratado como uma instância abstrata, colocada no centro de um aparelho enunciativo formal (BONDI, 2014, p.1, *tradução nossa*)¹⁸⁷.

Bondi, assim como De Palo (cf. 2.1.1), mostra como a problemática do *sujet parlant* está presente de diferentes formas nas áreas do conhecimento, mas o pesquisador italiano tem como objetivo compreender mais profundamente como essa noção está implicada no conceito de *experiência* – ponto que interessa particularmente ao fenomenólogo Merleau-Ponty, cujas reflexões demonstram as influências do pensamento saussuriano. Pelo viés da fenomenologia, o *sujet parlant*

é a figura do ser-no-mundo, corpóreo e social, sempre tomada na experiência da *parole*: experiência volátil, extremamente flutuante, e que, no entanto, está imbricada em redes sócio-semióticas compostas pelas dinâmicas de construções linguísticas (organizada em vários níveis coexistentes: morfêmico, lexemático, frástico, textual, etc.) (BONDI, 2014, p.8, *tradução nossa*)¹⁸⁸.

O autor propõe um retorno aos trabalhos de Merleau-Ponty e de Saussure com relação ao *sujet parlant*. Bondi se debruça sobre alguns conceitos importantes da reflexão de Merleau-Ponty (como a *gesticulação*), relacionando-a com princípios saussurianos como a indissociabilidade entre *langue* e *parole* e a noção de *consciência* linguística. Bondi sugere que a noção de *falante* é essencial para teorizar sobre a linguagem, visão essa que seria defendida, mesmo que brevemente, por Saussure:

Para compreender o fenômeno da linguagem, ele diz, é preciso colocar-se dentro de um dispositivo teórico que inclua a noção de falante. (...). Quais são as implicações teóricas desse conceito, que aparentemente é um conceito-chave para a compreensão da linguagem? (BONDI, 2014, p.12,

¹⁸⁶ No terceiro capítulo, retornaremos à Merleau-Ponty e suas considerações quanto à percepção do fenômeno sensível na linguagem (cf. 3.2).

¹⁸⁷ « Si pour certains courants, le sujet n'a été qu'un simple corrélat psychologique, c'est-à-dire un vecteur empirique d'actualisation d'un code supposé représenter l'objectivité de la langue, pour d'autres il fut traité comme une instance abstraite, placée au centre d'un appareil énonciatif formel » (BONDI, 2014, p.1)

¹⁸⁸ « est la figure de l'être-au-monde, corporel et social, toujours pris dans l'expérience de la parole : expérience volatile, extrêmement flottante, et qui est pourtant imbriquée dans des réseaux socio-sémiotiques composés par des dynamiques de constructions linguistiques (organisées sur plusieurs niveaux co-existants : morphémiques, lexématiques, phrastiques, textuels etc.) » (BONDI, 2014, p.8).

tradução nossa)¹⁸⁹.

Essa abordagem do *sujet parlant* como um conceito fundamental para a compreensão da *langue* e da linguagem vai ao encontro da reflexão levantada por Raffaele Simone (1995), com a qual nos identificamos anteriormente. Conforme lemos no próprio CLG, “a língua é viável, não vivente” (SAUSSURE, 2006, p.92)¹⁹⁰, e sobre ela age a força do tempo, assim como a da massa falante. Para Bondi,

Saussure hesita e não vai além das formulações genéricas; mas, olhando mais de perto o que ele pensa, a importância e a natureza do falante estão ligadas a um aparato teórico no qual os conceitos da historicidade da linguagem e das línguas e a temporalidade constitutiva da vida semiótica estão entrelaçados (BONDI, 2014, p.12, *tradução nossa*)¹⁹¹.

Ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar como a noção de falante opera na reflexão saussuriana sobre o sistema linguístico. Esta discussão está diretamente ligada às problematizações a respeito das relações entre *langue* e *parole*. Bondi destaca:

O estudo da relação entre *linguagem*, *langue* e *parole* no sentido saussuriano não se limita a uma reflexão sobre a tensão entre singularidade de performance, diferença e historicidade de línguas e singularidade da faculdade de linguagem. Trata-se também de compreender a articulação deste dispositivo, em que o falante desempenha um duplo papel constitutivo: foco da inteligência coletiva e realizador de ações semiolinguísticas individuais (BONDI, 2014, p.14, *tradução nossa*)¹⁹².

Portanto, será importante debatermos a questão da “consciência do falante”, referência para a linguística sincrônica, visto que o *falante* é responsável por identificar, reconhecer e recortar unidades da *langue* – é somente aí, conforme reiteramos, que podemos pensar que a *langue* existe – afinal, conforme sublinha Bondi:

Um signo é linguístico no momento em que é identificado, reconhecido, aceito e manipulado por uma consciência verbal, que é a do falante, como ser humano e ser social: torna-se falante ao falar! (BONDI, 2014, p.14,

¹⁸⁹ « Pour comprendre le phénomène du langage, dit-il, il faut se placer à l’intérieur d’un dispositif théorique qui comprenne la notion de sujet parlant. [...]. Quelles sont les implications théoriques de ce concept, qui est apparemment un concept clé pour la compréhension du langage ? » (BONDI, 2014, p.12).

¹⁹⁰ « la langue est viable, non vivante » (SAUSSURE, 1972, p.112).

¹⁹¹ « Saussure hésite et ne va pas au delà de formulations génériques ; mais, en regardant de plus près ce qu’il pense, l’importance et la nature du sujet parlant se retrouvent liées à un dispositif théorique où s’entremêlent les concepts d’historicité du langage et des langues et de temporalité constitutive de la vie sémiologique » (BONDI, 2014, p.12)

¹⁹² « L’étude du rapport entre *langage*, *langue* et *parole* au sens saussurien ne se limite pas à une réflexion sur la tension entre singularité de performances, différence et historicité de langues et unicité de la faculté du langage. Il s’agit aussi de comprendre l’articulation de ce dispositif, où le sujet parlant joue un double rôle constitutif : foyer de l’intelligence collective et réalisateur d’actions sémiolinguistiques individuelles » (BONDI, 2014, p.14).

tradução nossa)¹⁹³.

A partir dessa perspectiva, o autor relembra uma passagem na qual Saussure fala em *parole effective* (fala efetiva) e *parole potentielle* (fala potencial), a qual reproduzimos a seguir:

Nós denominamos *sintagma* a fala efetiva,
- ou a combinação de elementos contidos numa seção da fala real,
- ou o regime em que os elementos se encontram ligados entre si por sua sequência e precedência.
Por oposição à *parallélie* ou fala potencial, ou coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis (SAUSSURE, 2004, p.58)¹⁹⁴.

Para utilizar as palavras de Bondi referidas logo acima, poderíamos dizer, então, que a *parole efetiva*, sintagmática, coloca o falante como aquele que *realiza ações semiolinguísticas individuais*, enquanto a *parole potencial* encara esse falante como *centro da inteligência coletiva*. Nesse sentido, vemos com o autor que seria possível dizer que há uma continuidade entre as noções de *langue* e *parole*, “que, além disso, é idêntica à continuidade entre instituição e execução” (BONDI, 2014, p.15, *tradução nossa*)¹⁹⁵. Para Bondi, é a *parole potencial* que toma o lugar de “objeto primário da linguística (...) que atinge essa dimensão, constituindo um modelo de abstração ou identificação de signos, mesmo que seja parte da execução (BONDI, 2014, p.15, *grifo do autor, tradução nossa*)¹⁹⁶. É a partir desses conceitos, fundamentalmente, que o autor une *langue* e *parole* indissolivelmente, visto que a *parole* pode ser vislumbrada de uma perspectiva de realização individual, mas sem esquecer que é seu aspecto coletivo, de *parole potencial*, que destaca o caráter social indispensável à noção de *langue*. Bondi ressalta, a partir daí, a *atividade da linguagem como experiência*:

Voltando à preocupação saussuriana com a individuação dos objetos da disciplina linguística, encontramos a idéia de uma atividade da linguagem como experiência do mundo e do sistema complexo, onde o falante desempenha um papel fundamental, como ser humano e ser social, efetivo e

¹⁹³ « Un signe est linguistique au moment où il est identifié, reconnu, accepté et manipulé par une conscience verbale, qui est celle du sujet parlant, en tant qu’être humain et être social : on devient sujet parlant en parlant ! » (BONDI, 2014, p.14).

¹⁹⁴ « [5.156, première zone] (ELG p.61) - Nous appelons *syntaxme* la parole effective, ou la combinaison d’éléments contenus dans une tranche de parole réelle – ou le régime dans lequel les éléments se trouvent liés entre eux par leur suite et précedence. Par opposition à la *parallélie* ou parole potentielle, ou collectivité d’éléments conçus et associés par l’esprit, ou régime dans lequel un élément mène une existence abstraite au milieu d’autres éléments possibles, [» (SAUSSURE, 2011, p.160).

¹⁹⁵ « qui d’ailleurs est identique à la continuité entre institution et exécution » (BONDI, 2014, p.15).

¹⁹⁶ « constituant un modèle d’abstraction ou d’identification des signes, même si elle fait partie de l’exécution » (BONDI, 2014, p.15).

potencial (BONDI, 2014, p.16, *tradução nossa*)¹⁹⁷.

Antonino Bondi (2014) nos auxilia a tratar da questão sobre a *parole* como experiência que unifica *langue* e *parole* – dois conceitos da teoria saussuriana dependentes de um fenômeno. Buscaremos aprofundar ainda mais a questão com o objetivo de ressaltar a ligação intrínseca entre *langue-parole*, debate que nos encaminhará, posteriormente, à reflexão sobre o *sentimento* da *langue* (CHIDICHIMO, 2009; FADDA, 2013a, 2017). Falar sobre a *experiência* também nos auxiliará na compreensão sobre a *percepção* do fato de linguagem – problemática que nos levará a considerações sobre a linguagem também de um ponto de vista filosófico; da experiência da *parole*, então, passaremos à experiência da escuta (cf. 3.2). Por ora, sigamos no estudo sobre as relações entre *langue* e *parole*.

2.2.1 *Langue* e *parole*: dois conceitos, um fenômeno

Todo estudioso da linguagem precisa mobilizar os termos *língua*, *fala* ou no mínimo *linguagem* – mesmo que não se opere diretamente com esses conceitos, não é possível fugir à questão essencial (e fundadora) da linguística: afinal, o que é *língua*? Para além, ainda, do campo estritamente teórico, o linguista precisa deparar-se com as diferentes formas de *nomear* seu objeto de estudos, que não termina de provocar questionamentos. Este é o maior problema daquele que se coloca frente à língua: lidar com um objeto que é absolutamente indissociável de si mesmo, pois é *falante*, sendo, também, *analista*. Afinal, o que é *língua*? *Langue*? *Language*? Para além do nome, é necessário buscarmos compreender os conceitos que tanto inquietaram Saussure e outros estudiosos – estamos sempre atrás da melhor palavra, do melhor termo. No entanto, sabemos de antemão a ilusão que é definir as unidades da *langue* de maneira fechada, encerrada em si própria. A *langue*, afinal, não cabe na metalinguística. Nossa opção de utilizar *langue* e *parole* sem traduzí-las para o português é um gesto de aproximação conceitual das definições saussurianas.

Quando falamos na indissociabilidade *langue-parole*, estamos sob o ponto de vista do fenômeno: *langue* e *parole* não são passíveis de divisão para o falante-ouvinte. Metodologicamente, no entanto, sabemos, a partir das próprias observações de Saussure, que

¹⁹⁷ « En revenant sur la préoccupation saussurienne d'individuation des objets de la discipline linguistique, on retrouve l'idée d'une activité de langage comme expérience du monde et système complexe, où le sujet parlant joue un rôle fondamental, en tant qu'être humain et être social, effectif et potentiel » (BONDI, 2014, p.16).

tal divisão é necessária ao linguista. Apesar disso, quando pensamos o falante-ouvinte, tem se tornado cada vez mais difícil separar *langue* de *parole*, visto que, para nós, a noção de escuta parece questionar essa divisão – mesmo a metodológica. Uma discussão mais aprofundada sobre o *monsieur A* do circuito da *parole* leva-nos a pensar a figura do falante-ouvinte como uma ponte entre os dois conceitos, cujo fundamento, pode-se dizer, parece estabelecido na *escuta*. Precisamos, porém, nos aprofundarmos mais sobre a noção de *escuta* e suas delimitações para os estudos linguísticos (cf. 3).

A seguir, nesta seção, trabalharemos a partir das diferentes concepções de *língua*, *linguagem* e *fala* em diferentes idiomas, com apoio do *Dicionário dos Intraduzíveis*, organizado por Barbara Cassin (2018). O dicionário dos “intraduzíveis” demonstra a complexidade que a discussão sobre *langue*, *parole* e *langage* desencadeia. As traduções do CLG em diversos idiomas¹⁹⁸ foram responsáveis por divulgar o pensamento promovido a partir das aulas de Saussure. Não podemos esquecer que a opção por um ou outro termo influencia a recepção da obra e as interpretações da crítica, e tal diversidade de pontos de vista sobre *langage*, *langue* e *parole* foi, inclusive, destacada no CLG:

em alemão, *Sprache* quer dizer “língua” e “linguagem”; *Rede* corresponde, aproximadamente à “palavra”, mas acrescentando-lhe o sentido especial de “discurso”. Em latim, *sermo* significa antes “linguagem” e “fala”, enquanto *lingua* significa a língua, e assim por diante (SAUSSURE, 2006, p.22)¹⁹⁹.

Em um segundo momento, voltaremos aos textos de Saussure, assim como às importantes notas de Tullio de Mauro, à edição crítica de Robert Godel e à edição de Rudolf Engler. Esses pesquisadores serão fundamentais para estabelecermos nossa leitura da concepção de *langue* e *parole* nos estudos de Ferdinand de Saussure.

No primeiro volume de *Dicionário dos Intraduzíveis*, dedicado às *línguas* (CASSIN, 2018), temos uma seção voltada exclusivamente às traduções de “Língua/Linguagem/Fala”, organizada por Irène Rosier-Catach, Barbara Cassin, Pierre Caussat e Anne Grondeux. Cada um dos organizadores dedica-se a uma reflexão específica sobre esses três conceitos. A seção inicia com um quadro que apresenta esses três termos em diferentes idiomas (onze idiomas distintos), e que está reproduzido abaixo:

¹⁹⁸ Conforme Mollinová (2013), o CLG foi traduzido para, ao menos, trinta idiomas.

¹⁹⁹ « en allemand *Sprache* veut dire ‘langue’ et ‘langage’ ; *Rede* correspond à peu près a ‘parole’, mais y ajoute le sens spécial de ‘discours’. En latin *sermo* signifie plutôt ‘langage’ et ‘parole’, tandis que *lingua* désigne la langue, et ainsi de suite » (SAUSSURE, 1972, p.31)

Quadro 1 – Langage, langue, parole e suas versões em outras línguas

gr.	logos, glôssa, idioma.
lat.	eloquium, lingua, loquela, idioma, locutio, sermo, oratio.
fr.	langue, langage, parole.
al.	Sprache, Rede.
ing.	language, tongue, speech.
cat.	llengua, llenguatge, parla.
esp.	lengua, lenguaje, favella, habla(r).
it.	lingua, linguaggio, favella, parlare.
port.	língua, linguagem, fala(r).
rom.	limba, limbaj, vorbire.
russo	jazyk, reč.

Fonte: Dicionário dos Intraduzíveis (CASSIN, 2018, p.186)

Sublinhamos a diversidade de possibilidades conceituais a partir de cada um desses idiomas, e nos valeremos desse quadro para refletir sobre as nuances de sentido e suas implicações teóricas. Em “A emergência da diferenciação língua/linguagem/fala”, Anne Grondeux contextualiza a discussão teórica quanto às acepções dos termos em diferentes línguas – que podem significar desde um órgão humano (como *língua*, em português), até um sistema de expressão específico (como *língua = idioma*, em português). Já *linguagem*, assim como seu respectivo *langage* em francês,

designam a faculdade própria do homem de se expressar e de se comunicar. Contudo, desde o século XII, essas palavras designavam a “fala”, o “discurso”, eventualmente com sentido pejorativo (“falação”, “palavrório”), emprego que, mais tarde, se associou à palavra francesa “*parole*” e à palavra portuguesa “fala” (CASSIN et al, 2018, p.186).

Ferdinand de Saussure, ao tentar delimitar, em seus cursos, uma terminologia para a linguística, sabia estar fadado às complexidades da própria língua francesa – problema a que não escaparia teórico algum, independente do idioma falado. Como veremos no decorrer deste capítulo da tese, as tentativas de definição de *langue*, *parole* e *langage* estão sempre em relação, e a separação entre termos é um recurso didático para a reflexão sobre este fenômeno complexo que é a linguagem.

Ainda na seção dedicada ao trio linguagem-língua-fala, Pierre Caussat aborda “o par saussuriano *langue/parole* [língua/fala] e suas traduções” (CASSIN et al, 2018, p.187-92),

listadas no quadro acima. O autor demonstra como a leitura binária (exemplificada pelos idiomas alemão, inglês, russo e latim) ou ternária (francês, italiano, espanhol, português, romeno e catalão) “deve ser fortemente relativizada” (CASSIN et al, 2018, p.189). Isso porque estamos condicionados à interpretação desses termos nos diferentes idiomas, e sua separação em dois ou três termos pode ser considerada até mesmo arbitrária:

Pode-se formular a hipótese de que, procurando bem, é possível encontrar sempre os meios de proceder às duplicações e/ou às contrações que se desejar. Isso volta a confirmar indiretamente a teoria da “arbitrariedade do signo linguístico”: os significantes não possuem aderência rígida e sua distribuição esperada torna-se dispersão, acarretando a dispersão dos significados. Deveríamos qualificar a distinção entre *langue* e *parole* de “artificial” [*factae*], no sentido usado por Descartes (2004, p.76-77)? (CASSIN et al, 2018, p.189).

A recepção de Saussure no Brasil foi acompanhada por uma forte didatização dos conceitos presentes do CLG, contribuindo para uma interpretação pautada por relações dicotômicas. Ao longo dos últimos anos, graças a estudos de diversos pesquisadores e ao acesso ampliado das fontes manuscritas, foi possível relativizar a leitura excessivamente binária, complexificando as relações entre os conceitos de *langage*, *langue* e *parole*. Já desde as edições de Godel e de Engler, assim como as notas de Tullio De Mauro, os estudiosos mostram como esses conceitos estão implicados uns com os outros, de modo que é inegável refletir sobre a natureza singular do *fenômeno* que interessa aos estudiosos da linguagem – único em sua expressão, mas que pode ser abordado a partir de pontos de vista específicos – desde o mais amplo, como *langage*, ao mais particular, como *parole*. Vejamos a seguir como a discussão é aprofundada pelos referidos pesquisadores.

Robert Godel (1969) mostra aos leitores como os conceitos de *langue* e *parole* estão interligados e questiona até mesmo a presença de uma oposição ou distinção tal qual foi apresentada pelos editores no *Curso de Linguística Geral*. Destacaremos algumas passagens que corroboram esse ponto de vista, reforçando o laço indissociável entre *langue* e *parole* nas reflexões saussurianas. O intuito não é julgar a escolha editorial de Bally e Sechehaye, apenas complexificar a interpretação dessas relações que se solidificaram com o passar dos anos a partir de uma leitura predominantemente dicotômica, que pode induzir, algumas vezes, uma dissociação entre os conceitos.

Há inúmeras passagens em que Saussure menciona a *parole* – o termo consta nos índices terminológicos de todas as obras consultadas por Cosenza (2016), com exceção de *Théorie des sonantes* (apesar de ocorrer textualmente nos manuscritos – cf. *fig. 11*). Nas

referências do CLG, o índice remissivo da edição de 1972 aponta para alguns usos distintos de *parole*: ato individual; distinta da *langue*; modo de existência da *langue*; lugar de todas as mudanças da *langue*. Assim como também há a ocorrência de *circuit de la parole*. De que ponto de vista podemos considerar esse circuito? Conforme vimos no primeiro capítulo, o circuito da *parole* está longe de poder ser resumido a uma compressão de *fala* do ponto de vista da produção articulatória ou da produção das ondas sonoras – o circuito, mera ilustração, como sabemos – dá margem para que se direcione o olhar para os efeitos que a *parole* produz na relação de diálogo.

Conforme o levantamento de Cosenza (2016), *parole* só não consta no índice remissivo de *Théorie des Sonantes*, editado por Marchese – apesar de estar presente textualmente no manuscrito²⁰⁰. Os termos, conforme a organização do autor, pertencem às áreas terminológicas B (linguística histórico-comparativa e gramática clássica) e C (tentativas terminológicas de Saussure), como podemos verificar na ilustração da tabela abaixo:

Entrata	CLG 1922	SM 1957	LTS 1968	KI 1996	KII 1997	KIII 1993	Ph 1995	ThS 2002	ELG 2002	ScL 2011	
Parole	+	+	+	+	+	+	+		+	+	BC

Figura 11 – “*Parole*” em Cosenza (2016, p.598)

Vejamos uma das definições de *parole* que pode ser consultada em Cosenza (2016), referente às aulas do segundo curso ministrado por Saussure:

Parole: [parte del linguaggio]; Par la parole on désigne l’acte de l’individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale. (p. 4) Cfr. *analogie, chaîne, création analogique, discours, formation analogique, langage/langue, la langue, linguistique, novation analogique, phrase, prononciation, sujet parlant* {Ph; Prolusioni; ThS; Notes Item; I corso; III corso} (COSENZA, 2016, p.514)

Parole faz referência ao ato individual, que realiza a faculdade da *linguagem* por meio da *langue*, que é uma convenção social. Vemos uma vez mais como os três conceitos estão imbricados uns nos outros – sem esquecermos, certamente, da *escuta* – sobre a qual nos debruçaremos no terceiro capítulo. Apesar disso, a leitura que se fez de Saussure contribuiu muito para a construção de um senso comum que não apenas distingue *langue* e *parole*: as opõe. Esse lugar comum produziu efeitos na recepção de Ferdinand de Saussure,

²⁰⁰ « on peut avec la dernière facilité montrer que nous ne possédons en général aucune base sur ce qui détermine l’effet acoustique des divers sons dans la parole. (p. 9) {Ph; Prolusioni; Notes Item; I corso; II corso; III corso} » (COSENZA, 2016, p.399).

particularmente no que se refere à recepção brasileira, em decorrência da tradução tardia do CLG.

As fontes manuscritas, seja a partir da sua popularização com os *Escritos de Linguística Geral* (2004 [2002]), seja a partir de textos de acesso mais restrito, permitiram novas interpretações quanto à tal “dicotomia”. A relativização da separação entre dois conceitos ampliou a própria compreensão do fenômeno linguístico: afinal, *é o ponto de vista que cria o objeto*. Considerar a indissociabilidade entre *langue* e *parole* permite ao linguista encarar o fenômeno da linguagem. O acesso às fontes manuscritas também possibilitou a edição de diversos trabalhos detalhados que buscaram demonstrar a complexidade do pensamento saussuriano, inúmeras vezes expresso pelo linguista em notas esparsas, à procura de definições que ainda estavam em vias de construção nos estudos linguísticos – e que, possivelmente, até hoje não encontram um consenso na grande área denominada “Linguística”. Veremos como as fontes manuscritas ajudaram a enriquecer as considerações teóricas sobre *langage*, *langue* e *parole*, com apoio em Robert Godel e Tullio De Mauro.

Em capítulo dedicado aos *problemas de interpretação* da leitura de Saussure, Godel nos auxilia a adentrar a discussão da indissociabilidade dos conceitos *langue-parole*. Ao falar sobre a distinção entre a *langue* e os sons, o signo e sua execução, lemos:

para Saussure, é a integridade da *langue* que importa, e ele pode ter julgado que haveria menos problemas em negligenciar ou minimizar o lado mental do ato de fala do que em diminuir a idéia de *langue* (GODEL, 1969 p.142, tradução nossa, grifo nosso)²⁰¹.

Nesse sentido, é interessante pensar que, levadas a todas as consequências, não há *langue* e *parole*, mas *langue-parole*, visto que *parole* jamais poderá ser definida independentemente da *langue*. A *parole* demanda a existência de um sistema linguístico, e, conforme ressalta o pesquisador, não tem uma definição fechada:

A palavra *parole* ainda não tem nas notas um significado terminológico preciso. Pode-se até mesmo imaginar se a distinção entre *langue* e *parole*, como será estabelecida nos três cursos, não está simplesmente ausente (GODEL, 1969, p.143, tradução nossa)²⁰².

²⁰¹ « pour Saussure, c'est l'intégrité de la langue qui importe, et il a pu juger qu'il avait moins d'inconvénient à négliger ou à minimiser le côté mental de l'acte de parole qu'à risquer de rétrécir l'idée de la langue » (GODEL, 1969 p.142)

²⁰² « le mot *parole* n'a pas encore dans les notes une signification terminologique précise. On peut même se demander si la distinction de la langue et de la parole, telle qu'elle sera établie dans les trois cours, n'en pas simplement absente » (GODEL, 1969, p.143).

Godel aprofunda o debate sobre a suposta oposição *langue-parole* dissolvendo, até mesmo, a ideia da separação entre os aspectos social e individual, conforme lemos abaixo:

É claro que a oposição *langue:parole* não é simplesmente a de signo e de som, de língua e de fonação. Mas tão pouco é aquela do fato social e do fato individual, que, ao contrário, ela sobrepõe: *parole* e *langue* são dois aspectos do mesmo fato social (a linguagem), mas ambos passíveis de serem observados no indivíduo. A *parole*, atividade social, no entanto, se determina em atos individuais – as réplicas de uma conversa, por exemplo. A *langue*, 'consagração do que foi experimentado na *parole*', existe na memória de cada indivíduo como um depósito, um tesouro; ambas podem, portanto, ser consideradas pelo lado social ou pelo lado individual, sendo este último, por definição, subordinado àquele (GODEL, 1969, p.146, tradução nossa)²⁰³.

Nessa passagem, *langue* e *parole* se ligam pelo fato social que é a *langage: langue*, do ponto de vista do indivíduo, é o tesouro; *parole* é a apropriação singular que cada falante faz da *langue*. Já do ponto de vista do aspecto social, *langue* é o partilhado entre os falantes – objeto essencialmente inapreensível; *parole* tem como fundamento o compartilhável: atividade social por excelência. Para falar, é preciso partilhar. Outro ponto em que a indossociabilidade dos conceitos é mostrada com bastante evidência é o da criação analógica:

Ora, essa consagração se realiza “na esfera exterior da *parole*”, e isso só faz sentido se a *parole* designar o ato de comunicação em sua totalidade: a frase enunciada por um dos interlocutores, ouvida e interpretada pelo outro. É nessa condição que o tesouro, onde o indivíduo e depois os elementos de seu discurso, pode crescer com novos elementos consagrados pelo uso comum, “ensaiados na fala um número de vezes suficiente para ele que dele resulte em uma impressão duradoura”: entre a *langue* e a *parole*, a relação é de constante interdependência (GODEL, 1969, p.146, tradução nossa)²⁰⁴.

A criação analógica, assim como a explicação sobre como uma nova palavra entra na *langue* através da *escuta* da *parole* permitirá estabelecermos uma ligação conceitual entre *parole* e *escuta*, a qual será abordada no terceiro capítulo. A leitura do CLG com apoio das notas de

²⁰³ « Il est clair que l'opposition *langue:parole* n'est pas simplement celle du signe et du son, de la langue et de la phonation. Mais pas davantage celle du fait social et du fait individuel, qu'au contraire elle recoupe: parole et langue sont deux aspects du même fait social (le langage), mais susceptibles l'un et l'autre d'être observés chez l'individu. La parole, activité sociale, se résout cependant en actes individuels – les répliques d'une conversation, par exemple. La langue, 'consécration de ce qui avait été essayé dans la parole', existe dans la mémoire de chaque individu comme un dépôt, un trésor; Toutes deux peuvent donc être envisagées par le côté social ou par le côté individuel, celui-ci étant, par définition, subordonné à celui-là » (GODEL, 1969, p.146).

²⁰⁴ « Or cette consécration se réalise 'dans la sphère extérieure de la parole', et ceci n'a de sens que si la parole designe l'acte de communication dans sa totalité : la phrase énoncée par l'un des interlocuteurs, entendue et interprétée par l'autre. C'est à cette condition que le trésor, où l'individu puis les éléments de son discours, peut s'accroître d'éléments nouveaux consacrés par l'usage commun, 'essayés dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu'il en résulte une impression durable': entre la langue et la parole, la relation est de constante interdépendance » (GODEL, 1969, p.146).

Tullio De Mauro também é de grande valor para a nossa compreensão da associação *langue-parole*. Na edição do CLG, lemos:

a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal se não se surpreendesse de início esta associação num ato de fala? Por outro lado, *é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências*. Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: *são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala*; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas (SAUSSURE, 2006, p.27, grifos nossos)²⁰⁵.

Além de vermos claramente os laços indissociáveis que ligam *langue* e *parole*, destacamos também a importância da *escuta* da *parole*: afinal, *é ouvindo os outros que aprendemos nossa língua*; essa experiência nos define como *falantes*. Em nota ao CLG, De Mauro mostra como as definições estão ligadas entre si:

A reformulação editorial do texto manuscrito 160 B. Engler removeu qualquer clareza no CLG para a definição de *langue* e àquela de *parole*. Afirma-se no manuscrito: "a *langue* é um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem nos indivíduos <definição>. A faculdade da linguagem é um fato distinto da *langue*, mas que não pode ser exercido sem ela. Pela *parole* designamos o ato do indivíduo realizando sua faculdade por meio da convenção social que é a *langue* <definição>". A definição suprime toda a ambiguidade: quem, como Valin 194, 23, censura Saussure por não ter chamado *discurso* a *parole*, está errado (SAUSSURE, 1972, nota 63, p.419-20, tradução nossa)²⁰⁶.

²⁰⁵ « la langue est nécessaire pour que la parole soit intelligible et produise tous ses effets; mais celle-ci est nécessaire pour que la langue s'établisse; historiquement, le fait de parole precede toujours. Comment s'aviserait-on d'associer une idée à une image verbale, se l'on ne surprenait pas d'abord cette association dans un acte de parole? D'autre part, *c'est en entendant les autres que nous apprenons notre langue maternelle ; elle n'arrive à se déposer dans notre cerveau qu'à la suite d'innombrables expériences*. Enfin, c'est la parole qui fait évoluer la langue: *ce sont les impressions reçues en entendant les autres qui modifient nos habitudes linguistiques. Il y a donc interdépendance de la langue et de la parole*; celle-là est à la fois l'instrument et le produit de celle-ci. Mais tout cela n'empêche pas d'être deux choses absolument distinctes » (SAUSSURE, 1972, p.37-38, grifos nossos).

²⁰⁶ « Le remaniement editorial du texte manuscrit 160 B. Engler a ôté toute clarté dans le C.L.G. à la définition de la *langue* et ici à celle de la *parole*. On li dans le manuscrit : "la *langue* est en ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus <définition>. La faculté du langage est un fait distinct de la langue, mais qui ne peut s'exercer sans elle. Par la *parole* on designe l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue <définition>". La définition suprime toute ambiguïté: celui qui comme Valin 194. 23 reprochera à Saussure de ne pas avoir appelé *discours* la *parole* fait fausse route » (SAUSSURE, 1972, nota 63, p.419-20)

Seguramente, o debate acerca da relação *langue-parole* ainda pode ser amplamente aprofundado. Na próxima subseção, buscamos vislumbrar como estes dois conceitos parecem se confundir ao levarmos em conta o *sentimento* da *langue* (ou do *falante*), tema presente no próprio CLG, assim como nas notas manuscritas de Saussure. Para isso, lançaremos mão das considerações de Alessandro Chidichimo e Emanuele Fadda.

2.2.2 O sentimento de unidades linguísticas: uma ilusão para ser falante

A discussão acerca do *sentimento* da língua, apesar de instigante, foi pouco abordada nos estudos saussurianos. Alessandro Chidichimo dedicou um artigo exclusivamente à questão, em *Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico* (CHIDICHIMO, 2009). Emanuele Fadda, mais recentemente, também estudou as complexidades envolvidas nessa questão, especialmente em dois artigos e em um livro (FADDA, 2013a; 2013b; 2017). A partir fundamentalmente desses dois autores, buscaremos aprofundar a discussão, com ênfase nos apontamentos de Fadda, que nos apresenta em detalhe como a palavra (ou termo) *sentiment* foi abordada (ou evitada) nos estudos saussurianos. A coleção terminológica de Giuseppe Cosenza (2016) também será uma fonte importante para a discussão, visto que *sentiment* consta na lista de termos, e cuja ocorrência nos índices remissivos podemos verificar em quatro fontes distintas: LTS (1968), KI (1996), KII (1997), ELG (2002). Vejamos as ocorrências na tabela de Cosenza:

Entrata	CLG 1922	SM 1957	LTS 1968	KI 1996	KII 1997	KIII 1993	Ph 1995	ThS 2002	ELG 2002	ScL 2011	
Sentiment			+	+	+				+		C

Figura 12 - “*Sentiment*” em Cosenza (2016, p.605)

Em *De la double essence du langage*, o *sentimento* linguístico é equiparado à *consciência* da unidade linguística – “o sentido pode variar sem que o sentimento da unidade do signo seja vagamente afetado por essas variações” (COSENZA, 2016, p.358, *tradução nossa*)²⁰⁷; nas lendas germânicas, o *sentimento* é definido como “o conhecimento compartilhado próprio a uma comunidade” (COSENZA, 2016, p.444); já na primeira edição do CLG de Saussure, o *sentimento* é compreendido como

²⁰⁷ « le sens peut varier sans que le sentiment de l’unité du signe soit même vaguement atteint par ces variations » (COSENZA, 2016, p.358).

il sentire cosciente, subcosciente o incosciente dei soggetti parlanti rispetto alle unità della lingua, tale sentimento si riferisce solo alla *langue* nel senso sincronico e costituisce il punto di riferimento di tale ambito di studio [...] il sentire della *langue* in quanto entità sociale posseduta dai soggetti parlanti (COSENZA, 2016, p.483).

A partir das anotações da segunda edição do curso de Saussure, *sentimento* é entendido como o *conhecimento prático, implícito*, que cada falante possui a respeito de sua língua:

Sentiment: [conoscenza pratica, in genere non esplicita, che il soggetto parlante ha della propria lingua e che si mostra negli atti linguistici, punto di riferimento della linguistica sincronica in quanto determina *la langue*. In questo senso è da intendersi socialmente dei soggetti parlanti]; Critère de ce qui est abstraction pure <et de ce qui est concret. A tout moment il est parlé du danger des abstractions. Pour se rendre compte de ce que c'est il faut un critère. Ce critère est dans la conscience de chacun.> Ce qui est dans le sentiment des sujets parlants, ce qui est ressenti à un degré quelconque c'est la signification et on pourra dire alors que le concret réel, pas du tout si facile à saisir dans la langue = ce qui est ressenti, ce qui à son tour = ce qui est significatif à un degré quelconque. Ce qui est significatif se traduit par une délimitation d'unité, c'est la signification qui la crée, elle n'existe pas avant: <ce ne sont pas les unités qui sont là pour recevoir une signification.> (p. 24) Cfr. *conscience, langage/langue, langue, parole, sujet parlant, volonté* {ED; LG; I corso} (COSENZA, 2016, p.519).

Apesar dessas ocorrências, apontadas por Emanuele Fadda (2013a) e confirmada pelo levantamento terminológico de Cosenza (2016), a noção de *sentiment* é quase desconhecida. Segundo Fadda, a palavra *sentiment* está listada no léxico de Godel; Engler, de outro modo, liga *sentiment* ao conceito de *sujet parlant* (FADDA, 2013a, p.53). O termo também está presente no índice remissivo dos ELG (2002), assim como na edição do primeiro e segundo curso de Komatsu/Wolff (1996, 1997). Está ausente, entretanto, no índice remissivo no terceiro curso (editado juntamente com R. Harris, em 1993), assim como no índice do próprio CLG – apesar de a palavra aparecer no texto da edição.

Antes de adentrarmos no debate proposto por Emanuele Fadda, retomaremos brevemente as considerações de Alessandro Chidichimo. Em *Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Linguístico* (CHIDICHIMO, 2009) busca responder a duas questões: “Por que os falantes sentem que as palavras que eles utilizam para falar são adequadas para aquilo que eles dizem? Onde está pautada sua certeza?” (CHIDICHIMO, 2009, p.109). Logo de início, vemos como a questão do *sentimento*, para o autor, está centrada essencialmente na figura do *falante* e “suas enunciações concretas”. Conforme o autor, Saussure sempre demonstrou uma preocupação com a questão terminológica – sabemos que essa foi uma angústia constante para o estudioso, expressa inúmeras vezes em seus manuscritos. A palavra

sentiment é utilizada por Ferdinand de Saussure tanto em seu sentido comum, quanto em seu sentido terminológico. Chidichimo apresenta um quadro exemplificando as ocorrências de *sentiment* e seu contexto de realização, que vão além de sua expressão comum (com exceção da referência ao terceiro curso):

Quadro 2 – “*Sentiment*” no corpus saussuriano

L’essence double du langage (1894/1895 De Mauro) Ed. ELG	p.50	Variação do sentido, unidade do signo
Autres écrits de linguistique générale (1891-) Ed. ELG	p.184-187, 193, 195-6, 236	Mudança, morfologia, analogia
Premier course (1907 Riedlinger) Ed. Komatsu 1966	p.48, 72-73 duas vezes, 79, 81 duas vezes, 88, 95-96	Mudança, analogia
Deuxième course (1908-1909) Ed. Komatsu 1997	p.24, 61, 63	Mudança, analogia
Troisième course (1910-1911 Constantin) Ed. CFS 58, 2005 [2006]	p.312, 365	Uso comum do termo

Fonte: Chidichimo (2009, p.110)

É importante ressaltar que, para Alessandro Chidichimo, o *valor epistemológico* da palavra está vinculado à “dinâmica do sujeito falante individual com a *língua*” (CHIDICHIMO, 2009, p.110, *grifos do autor*). Destacamos essa concepção, pois retornaremos a ela a fim de discutirmos se podemos ou não pensar o *sentiment* relacionado à *langue* e à massa falante. O autor aponta que a ausência do sentido epistemológico de *sentiment* no terceiro curso estaria relacionada com uma mudança de ponto de vista com relação ao *falante* que, de indivíduo, passa a ser uma *entidade plural*.

Conforme Emanuele Fadda,

Chidichimo desenha um quadro muito útil (página 110) dos empregos saussurianos de "sentimento", mas parece-me ter vinculado a noção ao contexto do primeiro curso de forma muito estreita, o que o leva a sustentar que o sentimento está em relação somente (ou especialmente) com o falante como um *indivíduo* (p.109 ssq), e com a mudança linguística (FADDA, 2013, p.53-54, *tradução nossa*)²⁰⁸.

Afinal, como encarar a questão? Sentimento da *langue* ou sentimento do *falante*? Para Chidichimo, tanto sentimento da *langue* quanto sentimento do falante são pontos de vista possíveis a partir da leitura de Saussure, no entanto, há uma prevalência da leitura relacionada

²⁰⁸ « Chidichimo dresse un tableau très utile (p. 110) des emplois saussuriens de ‘sentiment’, mais il me semble avoir noué d’une façon trop étroite la notion au contexte du premier cours, ce qui le conduit à soutenir que le sentiment est en rapport seulement (ou surtout) avec le sujet parlant en tant qu’*individu* (p. 109 ssq), et avec le changement linguistique (p. 114 ssq) » (FADDA, 2013, p.53-54).

ao indivíduo. Fadda, apesar de igualmente considerar o sentido *individual* de *sentiment*, faz uma análise detalhada do termo, ampliando o debate para a relação do termo com a *morfologia* em Saussure, além de operar uma distinção entre *sentiment* e *sensation*, conforme expomos a seguir.

Em ‘*Sentiment*’: *entre mot et terme quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure*, Fadda (2013a) discute detalhadamente – sem pretensões de exaustividade – a problemática da palavra *sentiment* nos manuscritos saussurianos. Na introdução de seu estudo, sob o título *De quelque principe pour une mise à jour d’un lexique saussurien*, o estudioso chama a atenção para o fato de que Saussure soube *introduzir* termos: significado, significante, diacronia, sincronia (dentre outros) foram definidos e estabelecidos pelo CLG, no entanto, nos manuscritos, é possível perceber a flutuação terminológica presente nos textos – afinal, as anotações de Saussure não eram textos acabados, mas em vias de construção. Essas possíveis aberturas de sentido, que fazem com que o leitor possa interpretar algumas palavras como *termos* e outras como tendo um sentido comum, geram distintas interpretações da teoria:

Uma das razões (mas talvez não a principal) para a situação atual está na estratégia de reduzir o pensamento saussuriano (e conseqüentemente o léxico) a uma terminologia adotada de maneira mais ou menos consciente por muitos entre seus mais brilhantes exegetas, como Godel, Engler, De Mauro e outros. É por isso que Godel (1957: 252ss), e depois Engler (1968), adotam em seus ensaios o título de “Léxico da terminologia”, que me parece um oxímoro admirável e atesta precisamente essa tensão entre por um lado, a necessidade de um léxico mais amplo e, por outro lado, a de uma *terminologia* fechada (FADDA, 2013a, p.50, *tradução nossa*)²⁰⁹.

Nesse sentido, definir claramente uma rede de termos fixos da teoria saussuriana é inviável, pelo seu caráter de ser um texto não-acabado. Na seção seguinte de seu artigo, sob o título *Mots et termes* (FADDA, 2013a, p.52), o estudioso destaca quatro grupos distintos que orientam a discussão que circunda o “léxico saussuriano”: (1) termos “puros”; (2) palavras => lemas => termos; (3) “vida dupla”: palavras e termos; e (4) palavras que não são termos. O foco do artigo de Fadda está no terceiro grupo, o da “*double vie*”, onde está categorizada a

²⁰⁹ « L’une des raisons (mais peut-être pas la principale) de la situation actuelle réside dans la stratégie de réduction de la pensée (et par conséquence du lexique) saussurienne à une terminologie, adoptée d’une façon plus ou moins consciente par beaucoup d’entre ses exégètes les plus géniaux, comme Godel, Engler, De Mauro et d’autres. C’est pourquoi Godel (1957: 252 *ssq*), et puis Engler (1968), adoptent pour leurs essais lexicologiques le titre « Lexique de la terminologie », qui m’apparaît comme un oxymore admirable et témoigne justement de cette tension entre, d’une part, l’exigence d’un *lexique* plus ample et, d’autre part, celle d’une *terminologie* fermée » (FADDA, 2013, p.50).

expressão “*sentiment*” (sentimento). A partir dessa perspectiva, Fadda busca reforçar o aspecto *social* vinculado ao termo, conforme descrito a seguir:

1. o sentimento é da *langue* (no sentido subjetivo do genitivo) tanto quanto dos falantes (...);
2. os dois sentidos do lema ("como palavra" - o que Chidichimo chama de "uso comum do termo" - e "como termo") afetam mutuamente seu valor;
3. o significado "como termo" não está relacionado à diacronia (no entanto, nem à sincronia) como tal, mas sim à morfologia (FADDA, 2013a, p.54, *tradução nossa*)²¹⁰.

Adiante, Fadda estuda notas tomadas por Constantin, Patois e Riedlinger em um curso de gramática comparada greco-latina ministrado por Saussure de 1909 a 1910. O curso contava com duas partes: uma sobre fonética, outra sobre morfologia. É inicialmente com base nesse *corpus* que o pesquisador demonstra como a noção de *sentimento* está relacionada com uma concepção de morfologia *latu sensu*:

Minha tese será, portanto, a seguinte: o sentimento, em Saussure, é *como termo* o meio (para o falante) e o critério (para o linguista) de qualquer análise morfológica. Como tal, baseia e define a morfologia, e é o seu verdadeiro *objeto* (FADDA, 2013a, p.54, *tradução nossa*)²¹¹.

Podemos dizer que, em suma: (1) a morfologia é responsável pelo “recorte” das unidades; (2) o critério para que o “recorte” seja delimitado é a coincidência com aquilo que é feito pelos falantes da língua em questão; (3) esse “recorte” é operado com base no *sentimento* dos falantes; (4) esse *sentimento* pode ser entendido como “consciência frágil”, “instinto” (FADDA, 2013a, p.56)²¹². Conforme nota dos estudantes, Fadda observa:

Podemos ver que o sentimento é o *objeto* da morfologia, assim como a *langue* é o objeto da lingüística, exatamente no sentido esclarecido por De Mauro: não é a *coisa* sobre a qual trabalhar, mas sim o resultado, o *τέλος* [fim] da atividade do morfologista, o que ele obterá ao final de seu trabalho. Se o objeto da linguística é a *langue*, o objeto da morfologia é o *sentimento* dos falantes que o orienta em suas análises morfológicas (FADDA, 2013a, p.57, *tradução nossa*)²¹³.

²¹⁰ « 1. le sentiment est *de la langue* (au sens subjectif du génitif) autant que des parlants [...]; 2. les deux sens du lemme («en mot» – ce que Chidichimo appelle «emploi commun du terme» – et «en terme») affectent mutuellement leur valeur; 3. le sens « en terme» n’est pas lié à la diachronie (sans l’être pourtant à la synchronie) en tant que telle, mais plutôt à la *morphologie* » (FADDA, 2013, p.54)

²¹¹ « Ma thèse sera donc la suivante : le sentiment, chez Saussure, c’est *en terme* le moyen (pour le sujet parlant) et le critère (pour le linguiste) de toute analyse morphologique. En tant que tel, il *fonde* et définit la morphologie, et en est le véritable *objet* » (FADDA, 2013a, p.54)

²¹² « conscience faible, instinct » (FADDA, 2013a, p.56).

²¹³ « On voit alors que le sentiment est *l’objet* de la morphologie, tout comme la *langue* est l’objet de la linguistique, exactement dans le sens éclairé par De Mauro: ce n’est pas la *chose* sur laquelle il faut travailler,

O *sentimento*, dessa forma, também pode ser estendido aos estudos empreendidos por Saussure nos manuscritos dedicados à fonética? Fadda questiona: “Pode haver um sentimento fonológico?” (2013a)²¹⁴. O pesquisador estabelece uma relação interessante entre os termos *sensação* e *fonética*, e *sentimento* e *morfologia*: a *sensação*, assim compreendida, está vinculada com o fenômeno físico – ou seja, eu tenho a *sensação* física do som (ou de outra materialidade linguística), o que nos leva à fonética; o *sentimento*, por outro lado, tem caráter *interpretativo*: o falante tem o “sentimento” de que determinada seleção sonora ou visual pertença a uma língua – a sua língua, e que certas correspondências entre “som” e “sentido” produzem unidades significativas, morfológicas. Vale destacar que *morfologia*, para Saussure, não é um nível de análise da língua, mas seu próprio fundamento. Só é *langue* o que tem *forma* – quer dizer, o que é delimitável na cadeia discursiva. O “empírico” é aquilo que está relacionado com a substância fônica das línguas (ou substância gestual, considerando línguas sinalizadas) e, conforme o pesquisador ressalta: “O linguista não pode negligenciar este lado empírico, ligado à sua própria experiência como falante” (FADDA, 2013b, p.2)²¹⁵.

Em *Phonétique*, como buscamos demonstrar em artigo intitulado *Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique*, abordamos especificamente a função metodológica que o termo *oreille* desempenha, fazendo um percurso entre o CLG, os ELG e o *Phonétique* (STAWINSKI; MILANO 2017). A discussão acerca do ouvinte em relação ao termo *oreille* também foi objeto de estudos em Stawinski (2016), que se aproximam da abordagem de Fadda em relação ao *Phonétique*, conforme veremos a seguir:

Uma leitura mesmo apressada deste texto mostra que o elemento central das operações em questão na fonética (e que o foneticista deve reconstruir – assim como o morfologista reconstrói as análises ditadas pelo sentimento do falante) é o *ouvido*. Saussure sempre emprega essa palavra (também ausente nos léxicos de Godel e Engler) para designar o *agente* dessas operações (FADDA, 2013a, p.57, *tradução nossa*)²¹⁶.

mais plutôt le résultat, le *τέλος* de l’activité du morphologiste, ce qu’il va obtenir à la fin de son travail. Si l’objet de la linguistique est la langue, l’objet de la morphologie est le *sentiment* des sujets parlants qui les guide dans leurs analyses morphologiques » (FADDA, 2013a, p.57).

²¹⁴ « *Est-ce qu’il peut y avoir un sentiment phonologique ?* » (FADDA, 2013a, p.57)

²¹⁵ « Le linguiste ne peut pas négliger ce côté empirique, lié à sa propre expérience en tant que sujet parlant » (FADDA, 2013b, p.2)

²¹⁶ « Une lecture même hâtive de ce texte montre que l’élément central des opérations dont il est question en phonétique (et que le phonéticien doit reconstruire – tout comme le morphologiste reconstruit les analyses dictées par le sentiment du sujet parlant), est bien l’*oreille*. Saussure emploie toujours ce mot (absent, lui aussi, des lexiques de Godel et d’Engler) pour désigner l’*agent* de ces opérations » (FADDA, 2013a, p.57).

Ao considerarmos as unidades linguísticas, concordamos com Fadda ao situar dois meios pelos quais estas são constituídas: pela *sensation* e pelo *sentimento*. A *sensation*, estando atrelada a uma concepção *fonética* (ou material em sentido mais amplo) pode ser relacionada com o *jugamento* na constituição das unidades. Assim, como afirma Fadda, o *sujet parlant* é equivalente a *oreille*. Conforme vimos no primeiro capítulo, as ocorrências de *oreille*, nos escritos de Saussure, estão atreladas à concepção de recorte das unidades linguísticas, visto que o falante delimita aquilo que é percebido pelo *ouvido*. O *sentimento*, por sua vez, é a *consciência* das unidades de um ponto de vista *morfológico* (em sentido geral): “a dimensão empírica da relação do locutor à sua *langue*”²¹⁷; sendo assim, o autor afirma: “*sensation*: *fonética* : *ouvido* = *sentimento* : *morfologia* : *falante*” (FADDA, 2013b, p.2, *tradução nossa*)²¹⁸. O método do linguista pode ser diretamente relacionado, nesse sentido, à noção de *oreille* presente nos manuscritos em questão:

O ouvido é soberano em sua esfera de competência: ele julga (cf. PH, II, 4v, 17r, III, 6v) e até decide (PH III, 10r) - e seus julgamentos serão lei restritivas para o linguista; obrigatórias para o seu trabalho; mas ele não sente nada (pelo menos no ato de fala). Ele captura, sim, de acordo com Parret (1995-6: 100 ssq), que a chama de “a 'faculdade' em nós que capta a físico-acústica e sua temporalidade” (*ibid.*: 105) (FADDA, 2013a, p.58, *tradução nossa*)²¹⁹.

As considerações de Fadda, assim, nos ajudam aprofundar o debate vinculando a questão do *ouvido* ao *sentimento*. Reforçando a delimitação entre *sentiment* e *sensation*, Fadda destaca:

Os dados do ouvido são tão inconfundíveis quanto os do sentimento, mas são de natureza diferente, e também podemos notar observando que o sentimento, ao contrário do ouvido, não é ele mesmo um agente, mas se refere a um sujeito (que, no entanto, não é tão fácil de determinar) (FADDA, 2013a, p.59, *tradução nossa*)²²⁰.

Para o pesquisador, há um laço entre a consciência do falante e “o verdadeiro objeto da linguística”. É a partir das leituras expostas no presente capítulo que buscamos ressaltar como o *falante* pode ser encarado como um dos aspectos centrais da reflexão linguística

²¹⁷ « la dimension empirique du rapport du locuteur à sa langue » (FADDA, 2013b, p.2).

²¹⁸ « sensation : phonétique : oreille = sentiment : morphologie : sujet parlant » (FADDA, 2013b, p.2).

²¹⁹ « L'oreille est souveraine dans sa sphère de compétence : elle juge (cf. PH., II, 4v, 17r ; III, 6v) et même décide (PH III, 10r) – et ses jugements seront loi contraignante pour le linguiste ; contraignants pour son travail ; mais elle ne ressent rien (du moins, dans l'acte de parole). Elle saisit, plutôt, selon le mot de Parret (1995-6 : 100 ssq), qui l'appelle 'la 'faculté' en nous qui saisit le physicoacoustique et sa temporalité' » (*ibid.*: 105) » (FADDA, 2013a, p.58).

²²⁰ « La donnée de l'oreille est tout aussi indubitable que celle du sentiment, mais elle a tout autre nature, et on peut également s'en apercevoir en remarquant que le sentiment, à la différence de l'oreille, n'est pas lui-même un agent, mais qu'il renvoie plutôt à un *sujet* (lequel, pourtant, n'est pas si facile à déterminer) » (FADDA, 2013a, p.59).

saussuriana. O legado de Saussure ainda produz efeitos no pensamento de linguistas contemporâneos, e é sob os efeitos de suas notas, de seus (re)leitores, continuadores e até mesmo de seus refutadores que as ideias aqui propostas tomam forma.

Nossa trajetória do *Monsieur B* (capítulo 1) ao *Monsieur A* (capítulo 2) teve como objetivo olhar como *falante* e *ouvinte* são inseparáveis em termos do funcionamento da *langue*, pensando especialmente na questão sobre o que determina a delimitação das unidades linguísticas – ou seja, o *signo* que existe em razão do *sentimento da langue*, compartilhado por *falantes* que estão eternamente sob os efeitos do *ouvido*. Pensar o falante como o outro lado da moeda, tendo como contraparte o ouvinte, situa o debate dos Estudos da Linguagem para além da lógica da imanência, da “língua pela língua”. Considerar o *falante* como tendo um estatuto teórico central possível em linguística subverte a ideia de que a *langue* é o único objeto passível de ser analisado – como se fosse possível, levando às últimas consequências, estudá-la com total abstração do fenômeno. Sem *parole* não há *langue*, e esses conceitos parecem entrelaçados com uma noção de *escuta* – sem a posição do “outro”, um *ouvinte*, tampouco a *langue* tem existência. Para além dos três termos fundadores *langage*, *langue* e *parole*, acreditamos no valor de ampliarmos nossa visão em direção à *escuta*. Não a escuta fisiológica, mas aquela do *sentido*: eu recorto unidades pois as *ouço*, *sinto* e *falo*. A *parole*, desta maneira compreendida, é a apropriação da *langue*, sob os efeitos da escuta. Temos procurado mostrar como a reflexão a partir do *ouvido* nos encaminha para a consideração de um conceito de *escuta* nos Estudos da Linguagem, e é esse o caminho que tomaremos no próximo capítulo.

No primeiro capítulo deste trabalho, com Jacques Coursil, acompanhamos a inovação do olhar para o circuito da *parole* pelo viés da *função muda da linguagem*. Tal perspectiva permitiu a descentralização da figura do *falante*, aproximando-nos de nossa busca pela *escuta* nos Estudos da Linguagem. Ao longo deste capítulo sobre o *Monsieur A*, vimos, inicialmente, o encontro entre *langue* e *parole* na figura daquele que é, em princípio, protagonista da troca dialógica: o *falante*. Pudemos ver como as concepções de falante operaram nos Estudos da Linguagem – seja para exercer um papel central, seja para funcionar às margens dos estudos linguísticos. Mais especificamente, observamos o *sujet parlant* no âmbito da teoria saussuriana, em uma trajetória que partiu do *sujeito* para chegar ao *falante* propriamente dito. Tudo isso nos encaminhou para considerarmos a *parole* como experiência, atrelada à concepção de que tanto *parole* quanto *langue* são parte de um fenômeno singular, dependentes tanto da função de produção do *sujet parlant*, quanto da função muda operada

pelo *sujet écoutant*, tendo em vista que, para que haja *langue*, é preciso que o *falante-ouvinte* reconheça, tenha o *sentimento* de que aquilo que falo/escuto é *signo*. Nesse sentido, concluimos este capítulo nos perguntando: o *sujet parlant* não seria também *sujet écoutant*? Quando lançamos essa pergunta, não estamos querendo lidar com a questão fenomenológica das ações de falar e escutar, mas sim de tomar esses conceitos como operadores de uma epistemologia de base saussuriana. O par *falante-ouvinte* não seria responsável por sintetizar, pela função da *escuta*, as noções fundamentais que delimitam o objeto de estudos da linguística de inspiração saussuriana, aliando produção-interpretação, concretude-abstração, *parole-langue*? Buscaremos aprofundar essas questões no próximo capítulo.

3 A ESCUTA LINGUÍSTICA: EFEITOS DO *OUVIDO*

Pensar em uma noção de escuta a partir dos Estudos da Linguagem não é uma tarefa simples; ancorada na abstração do sistema, a leitura estruturalista da linguística acabou por afastar-se das perspectivas que olham para a complexidade da relação entre materialidade e abstração. Essa visão deixou em segundo plano questionamentos e problematizações acerca da manifestação concreta da língua, levando a um extremo a ideia de que a língua é *forma, não substância*. No entanto, encarar o fato material não significa abrir mão da abstração, afinal, é justamente o jogo dos signos que interessa ao linguista, e parece incontornável a necessidade de a linguística em geral reunir em seu escopo considerações que envolvam concretude e a abstração. O intuito deste capítulo será, portanto, pensar a *escuta* tanto no seu caráter de fenômeno sensível perceptível, quanto no seu caráter de estatuto semiológico, afastando o binarismo que separaria a forma do sentido – cisão impraticável do ponto de vista do falante e do linguista – portanto, da *langue*.

Estamos em uma época em que o acesso à tecnologia é amplamente facilitado: há possibilidade de gravarmos áudios e vídeos; de registrar os movimentos articulatórios do falante durante a produção oral; de medir o espectro de ondas sonoras, analisar o conjunto de formantes²²¹ na análise acústica da fala, além de ser possível analisar a fala a partir de programas computacionais²²². Enfim, inúmeros mecanismos que instrumentalizam o estudioso da língua a analisar suas variações de produção e percepção, e até mesmo analisar as áreas de atividade cerebral durante uma produção falada ou durante a escuta de uma língua, nativa ou estrangeira. Todos esses estudos, de inegável importância à construção do conhecimento, vinculam-se aos mais variados pontos de vista teóricos, que atribuem à “escuta” concepções igualmente diversas. Não poderia ser de outra forma, afinal, *é o ponto de vista que cria o objeto* – e a “escuta” tem sido objeto de análise de diferentes campos do saber, desde a música ao ensino de línguas, aquisição, comunicação, filosofia, psicanálise, psicologia, fonoaudiologia, educação, estudos literários etc²²³.

²²¹ “Um formante é um modo natural de vibração (ressonância) do trato vocal” (KENT; READ, 2015, p.48).

²²² Cf. Prado (2007) para modelos computacionais de análise da produção falada.

²²³ Apenas a título de exemplo, ao buscar “escuta” (no campo “título” ou “assunto” na ferramenta de pesquisa Periódicos Capes), estes são alguns dos resultados encontrados em diferentes áreas: “Escuta, silêncio, linguagem” (FOGEL, 2017); “Escuta e interação cênica (FERNANDINO, 2010); “Práticas radiofônicas: ação, contracenação e escuta” (SPRITZER, 2011); “Uma posição sobre a escuta na clínica de linguagem” (LIER-DEVITTO; EMENDABILI, 2015), “Introdução à arqueologia da escuta – do som e da voz como objetos de enunciação”, Capeller (2011), dentre outros.

Nosso intuito inicial será mostrar como a *escuta* tem sido compreendida e abordada como um conceito a partir de um levantamento em dicionários, enciclopédias e obras específicas relacionadas cujo ponto de interesse seja especificamente a *escuta* – ou cuja problemática tangencie a questão para uma perspectiva dos Estudos da Linguagem. Esperamos que tal empreendimento nos auxilie a situar em seguida como a *escuta* tem sido considerada de uma maneira mais geral para, enfim, relacioná-la especificamente ao contexto dos estudos linguísticos.

Particularmente, a nossa trajetória de pesquisa, que partiu de questionamentos sobre a transcrição de falas sintomáticas, teve como plano de fundo a questão da *escuta*: naquele momento, concluímos que o transcritor-analista, ao se colocar na posição de ouvinte que deve registrar a produção do outro, não consegue olhar para o fato de linguagem sem construir, ele próprio, um dado linguístico singular. Para transcrever – e para escutar – é preciso tornar própria a *langue*: eu escuto aquilo que ressoa em mim. A *escuta*, portanto, não é objetiva²²⁴, pois depende de um *ouvido*, que recorta, analisa, julga as unidades da língua. Esta ação de recorte das unidades ultrapassa o escopo da transcrição: ela é a base de toda a construção do objeto da linguística como a conhecemos hoje.

A noção de *escuta* manteve-se presente no decorrer da elaboração da pesquisa sobre *O lugar do ouvinte a partir do legado saussuriano* (STAWINSKI, 2016), que acabou levando-nos à necessidade de buscar uma definição de *escuta* que pudesse operar nos Estudos da Linguagem. Essa busca foi anunciada na dissertação, ao vislumbrarmos a importância do aspecto fônico da língua e seu papel crucial para a reflexão linguística – levando em consideração tanto o CLG quanto os ELG e outras fontes do corpus de textos saussurianos, como o manuscrito *Phonétique* e textos de leitores de Saussure.

Neste capítulo, nosso objetivo é situar, em um âmbito geral, os estudos sobre a *escuta*, levando em consideração as implicações interdisciplinares que tal proposta conceitual impõe. Visitaremos, ainda que brevemente, a partir de que áreas e de que pontos de vista a *escuta* vem sendo estudada, a fim de situarmos a nossa perspectiva e delimitarmos nossos objetivos. Após essa retomada, analisamos inicialmente as acepções de *escuta* lançando mão tanto da

²²⁴ Em *Princípios metodológicos da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas*, Oliveira (2013) destaca a preocupação em buscar análises objetivas no contexto das transcrições fonéticas, com vistas a apreender, via transcrição, a fala do paciente, sem, entretanto, dar espaço à presença da interlocução – o dado, afinal, poderia ser “influenciado” pela presença da fala em relação com o(a) terapeuta. A autora sublinha, inclusive, o uso comum de “julgadores” da *escuta* em pesquisas de natureza fonético-fonológica: frente a um dado considerado inteligível, lança-se mão do julgamento de três transcritores diferentes, com o intuito de diminuir a subjetividade do resultado da transcrição.

consulta em dicionários e enciclopédias quanto em trabalhos que estudam especificamente a questão – sem nos restringirmos ao terreno da linguística, mas privilegiando as contribuições de leitores da obra saussuriana. Ao realizar esse percurso, acreditamos ser possível propormos uma definição do termo que esteja circunscrita aos estudos linguísticos prospectivos à reflexão saussuriana.

Em suma, a trajetória que temos percorrido até aqui iniciou-se empiricamente há oito anos, com o trabalho extenuante de escuta e transcrição de sessões de atendimento fonoaudiológico – e não apenas da escuta das sessões propriamente, mas da *escuta* da transcrição realizada por outros transcritores. Tal empreendimento colocou em jogo o lugar fundamental da escuta também teoricamente. Esse percurso teórico levou-nos à hipótese de uma *noção* de escuta – não bastaria, apesar disso, nos limitarmos a uma *noção*: este capítulo tem como intuito reivindicar a *escuta* como um conceito para o campo dos Estudos da Linguagem – de *noção*, passaremos à delimitação de um conceito que se mostra marcadamente presente (mesmo que, por vezes, de forma pressuposta), como vimos até aqui, nas considerações linguísticas de Saussure e, particularmente, de alguns de seus leitores contemporâneos.

Tal conceito, como sabemos, não é definido por Saussure, mas depreendido a partir da leitura atenta ao aspecto fônico da língua, que convoca o leitor dos textos saussurianos a refletir, constantemente, sobre os efeitos de sentido provocados na cadeia discursiva. Quando o linguista pergunta-se sobre a delimitação das unidades linguísticas, e considera o *sentimento* do falante como determinante para que uma *langue* seja compreendida e definida enquanto tal, é na condição de *ouvinte* que o linguista se encontra. Quando o linguista discute a diferença entre um som que pertence ou não a uma língua, novamente, é de uma *escuta* que se trata, pois é na recepção – ou seja, é a partir do ponto de vista receptivo do circuito da *parole* – que uma porção material pode ser identificada, ou não, como parte de um sistema linguístico. Se é *langue* aquilo que é *real* para o *falante*, é a partir da *escuta* que este reconhecimento pode ser operado.

No capítulo anterior, traçamos o caminho da relação *langue-parole* que partiu da concepção de *falante* a fim de refletir sobre a *parole* como experiência linguística, dependente, como tal, de um fenômeno que provoca o *sentimento* que transforma *som* em *signo*.

Provocadas pelo questionamento de Giuseppe D’Ottavi²²⁵, nos perguntamos se a *parole* saussuriana também compreende “lado receptivo” do ato de linguagem. Arriscamos dizer que a *parole* saussuriana não pode ser amplamente compreendida fora das reverberações da *escuta*. Para lidar com a construção de tal conceito, no entanto, será produtivo estabelecer um diálogo entre os estudos tributários de Saussure e outras obras que ultrapassam os limites da linguística. Afinal, quando se trata de *escuta*, temos à disposição muitos pontos de vista distintos (fisiológico, articulatório, psicológico, linguístico...), o que torna a delimitação de nossos estudos uma tarefa complexa: é sempre de uma escolha teórico-metodológica que se trata. Sabemos dos riscos de tais escolhas – do aprofundamento de uma leitura em detrimento de outras... Apesar disso, tal recorte é necessário e estará calcado na consideração do fenômeno linguístico.

Na primeira seção deste capítulo, “Entre ouvir e escutar: no rastro das definições” (cf. 3.1), discutiremos a respeito das diferenças entre os dois termos a partir de verbetes de dicionários em língua portuguesa e línguas estrangeiras – com foco naquelas mobilizadas em leituras basilares para este trabalho. Com apoio em Barthes e Havas (1987), ampliaremos a discussão sobre a *escuta* estabelecida pelos autores na Enciclopédia Einaudi. Seguiremos no rastro das definições com o apoio de filósofos, particularmente Jean-Luc Nancy (2014) e Rafael Echeverría (2003), estudiosos que se interessaram especificamente pela problemática da *escuta*, tendo como objetivo estabelecer um deslocamento de tais considerações para os Estudos da Linguagem; outro filósofo que nos ajudará a refletir sobre a *escuta*, mesmo que de forma mais indireta, é Maurice Merleau-Ponty, levando em consideração seus apontamentos acerca da percepção e do fenômeno sensível.

Já na segunda seção, “Em busca da *escuta*: um conceito linguístico?” (cf. 3.2), buscamos delimitar de que maneira um conceito de *escuta* está implicado em nosso campo; nos valeremos de uma retomada de Roman Jakobson (1969a, 1969b, 1977, entre outros), nesse sentido, a fim de resgatar as considerações do autor – conhecedor, continuador e também crítico dos estudos saussurianos – visto que Jakobson dedicou-se amplamente à problemática das relações entre *som* e *sentido*. Um autor contemporâneo que lida com a complexidade dessas relações nos estudos linguísticos é Federico Albano Leoni (2014), cujos apontamentos também servirão para embasarmos nossa compreensão acerca da *escuta* nos Estudos da Linguagem.

²²⁵ O questionamento foi realizado a partir da banca de qualificação desta tese, realizada em 29 de agosto de 2019.

Nossas perguntas serão feitas desde a linguística saussuriana, mas, como já sublinhamos, a *escuta* nos convoca a deslocamentos, que servirão para delimitarmos esse conceito e situá-lo nos estudos linguísticos, prospectivos à teoria saussuriana. Como diria Saussure, “a língua, ou o sistema semiológico qualquer que seja, não é um barco no estaleiro, mas um barco lançado ao mar” (2004, p.248); podemos nos valer da mesma analogia para falar do nosso ponto de vista, fundamentado na linguística, mas inalienável daquilo que nos rodeia – nossas reflexões, portanto, estarão permeadas pelas contribuições promovidas por outras áreas do saber cujo interesse na linguagem levou à questão da escuta.

3.1 ENTRE *OUVIR* E *ESCUTAR*: NO RASTRO DAS DEFINIÇÕES

Muito antes de poder ser pensada como conceito, a noção de escuta está implicada por nosso próprio *sentimento* linguístico – o que “escuta” significa? “Escutar” é o mesmo que “ouvir”? Qual o sentido corrente de *escuta* em língua portuguesa (e em outras línguas)? Partimos da consulta do Dicionário Houaiss (2001) dos termos “ouvir”, “escutar”, “audição” e “escuta”, a fim de retomarmos a discussão iniciada no primeiro capítulo (cf. *1.1*).

Começemos pelos verbos. *Escutar*: “(1) estar consciente do que está ouvindo; (2) ficar atento para ouvir; dar atenção a; (3) esforçar-se para ouvir com clareza”. *Escutar*, a princípio, está relacionado a um fator “ativo” por parte do ouvinte, pressupondo “consciência”, “atenção” e “esforço”. *Ouvir*: “(1) perceber (som, palavra) pelo sentido da audição; escutar; (2) dar atenção a; atender, escutar; (3) ter o sentido da audição”. “Ouvir” está mais associado ao *sentido* da audição: é *perceber* o som a partir de sua materialidade. Assim como o verbo *escutar*, *ouvir* também está vinculado à ideia de dar atenção àquilo que se ouve.

Quanto aos substantivos, veremos as acepções de escuta e de audição. *Escuta*: “ação de escutar, de ouvir com atenção”. *Audição*: “(1) ato de ouvir ou escutar; percepção dos sons pelo ouvido; audiência. (2) (físio) função sensorial que permite captar os sons pelo ouvido e transmiti-los, através do nervo auditivo, ao cérebro, onde são recebidos e analisados”. A partir dessas breves definições, é possível perceber uma distinção entre escutar e ouvir: poderíamos dizer que o primeiro verbo está mais amplamente ligado à esfera do sentido – compreender e conferir sentido, pois a escuta é uma *ação* do ouvinte; no caso do segundo verbo, “ouvir” está mais vinculado à ideia de audição – ou seja, relacionado à questão da percepção física.

O que nos dizem outros idiomas? Embarcaremos em uma contextualização terminológica, etimológica e tradutória do termo *escuta*, visto que a comparação com outros idiomas pode ajudar-nos a melhor compreender como o conceito é referido atualmente, levando em conta, além disso, que a reflexão aqui desenvolvida teve como base obras e artigos em outros idiomas, como a língua francesa, inglesa, italiana e espanhola. Em língua francesa, por exemplo, temos *écouter*, *entendre*²²⁶; em inglês, *to listen* e *to hear*; em espanhol, *escuchar* e *oír*; em italiano, *alscotare*, *udire* e *sentire*. A leitura dos verbetes em outros idiomas pode abrir horizontes e perspectivas para uma nova compreensão do termo. Vejamos mais de perto tais definições.

Em francês, há dois sentidos principais do verbo *entendre*: escuta como *audição* do fenômeno físico; e escuta como *compreensão e interpretação* de um significado:

ENTENDRE, verbe trans. I. Domaine de l'audition

A. [Le suj. a une attitude passive, son oreille est frappée par un son ou un bruit perceptible dans son aspect purement physique ou dont on ne retient que l'aspect physique] Percevoir par l'oreille. (...)

B. Comprendre quelque chose dans un sens donné (ENTENDRE, 1994).

Entendre, dessa maneira, é um ato passivo de apreensão do fenômeno sonoro, mas também pode ser compreendido como sinônimo de *compreender*. Esse verbo acaba por aliar dois aspectos da *escuta* que, por vezes, podem ser colocados em oposição – em uma palavra, tanto a sensação física quanto a interpretação do sentido estão em jogo. Já *écouter*, sinônimo de *escutar* em português, caracteriza-se como uma *atividade consciente*, ou seja, não é passiva:

ÉCOUTER, verbe trans. A. – [Souvent en liaison/ou en oppos. avec *entendre**, en face duquel il exprime l'effort volontaire; cf. *regarder* et *voir*] Tendre l'oreille vers ce qu'on peut entendre, prêter attention à ce qu'on entend. Synon. inusité dans la lang. cour. *ouïr* (ÉCOUTER, 1994).

Comparando ambos verbos em língua francesa, podemos dizer que o primeiro, levando em conta o aspecto da *audição*, está mais próximo da passividade – já que se pode ouvir (*entendre*) ruídos em geral, e não apenas *língua*; enquanto o segundo (*écouter*) está associado à escuta do sentido, que necessita, portanto, de atenção do ouvinte. O substantivo *écoute* traz a seguinte definição: « **ÉCOUTE**, subst. fém. Domaine de l'*ouïe* A. – 1. Fait d'*écouter* avec attention. a) *D'écoute*. Qui est fait pour l'*écoute*. b) *À l'écoute*, *aux écoutes*. Très attentif au(x) bruit(s), dans une attitude de vigilance ou de curiosité » (ÉCOUTE, 1994). A escuta está

²²⁶ *Ouïr*, segundo o *TLFi*, é um uso antigo da língua francesa, sinônimo de *entendre*.

inserida no domínio da audição – carregando, também, um sentido de *estar à escuta* como vigilância, em segredo.

Em espanhol temos dois termos, *oír* e *escuchar*, próximos de *ouvir* e *escutar* em língua portuguesa. Vejamos as definições do dicionário da *Real Academia Española*:

Oír del lat. *audīre*.

1. tr. Percibir con el oído los sonidos.
2. tr. Dicho de una persona: Atender los ruegos, súplicas o avisos de alguien, o a alguien.
3. tr. Hacerse cargo, o darse por enterado, de aquello de que le hablan [...] (OÍR, 2014).

Novamente, vemos um termo ligado à percepção sonora pelo ouvido, que também pode aproximar-se da escuta atenta voltada a dar atenção, compreender; é o termo *escuchar*; no entanto, que está vinculado mais fortemente à concepção da escuta voltada para o *sentido*:

escuchar del lat. vulg. *ascultāre*, lat. *auscultāre*.

1. tr. Prestar atención a lo que se oye.
2. tr. Dar oídos, atender a un aviso, consejo o sugerencia.
3. intr. Aplicar el oído para oír algo.
4. prnl. Hablar o recitar con pausas afectadas (ESCUCHAR, 2014).

O substantivo *escucha* carrega o sentido de ouvir em segredo, assim como vigiar – que os termos em português e em francês também denotam:

Escucha 1. f. Acción de escuchar. 2. f. Acción y efecto de espiar una comunicación privada. 3. f. En los conventos de religiosas y colegios de niñas, mujer que tiene por oficio acompañar en el locutorio a las que reciben visitas para oír lo que se habla. [...] a la escucha 1. loc. adv. Prestando atención para oír algo. Estar, ponerse, seguir a la escucha (ESCUCHA, 2014).

Quanto às diferenças entre *oír* e *escuchar*, Rafael Echeverría reforça: “Embora sua raiz seja biológica e se assente no fenômeno da audição, escutar não é ouvir. Escutar pertence ao domínio da linguagem e se constitui em nossas interações sociais com os outros” (ECHEVERRÍA, 2003, p.83, *tradução nossa*)²²⁷. O autor nos ajudará a aprofundar a discussão na próxima seção (cf. 3.1.1).

Em língua inglesa, é possível estabelecer uma comparação com os verbos *hear* e *listen*. No *Cambridge Dictionary*, há três entradas para *hear*:

hear [receive sound] (...) to receive or become aware of a sound using your ears: *She heard a noise outside.* (...);

²²⁷ “Aunque su raíz es biológica y descansa en el fenómeno del oír, escuchar no es oír. Escuchar pertenece al dominio del lenguaje, y se constituye en nuestras interacciones sociales con otros” (ECHEVERRÍA, 2003, p.83).

hear [be told] (...) to be told or informed (of); receive news: *Have you heard the news?* (...)

hear [listen] (...) to listen to someone or something attentively or officially: *I heard a really interesting programme on the radio this morning.* (HEAR, 2007, p.591)

A primeira ocorrência diz respeito à recepção dos sons através das orelhas – é uma concepção *física*; a segunda ocorrência faz referência ao significado de “ser informado” de algo, “ouvir” notícias; a última entrada trata-se de um sinônimo de *listen*: ouvir alguém, ou algo, com atenção.

Vejam a definição de *listen*:

listen (...) to give attention to someone or something in order to hear them: *What kind of music do you listen to? She does all the talking – I just sit and listen.* (...) (LISTEN, 2007, p.741)

Listen, assim, pressupõe a ação de escutar atentamente – seja uma fala, sejam sons em geral. Quanto ao substantivo *listening*, o verbete é encontrado no *Collins Dictionary*: “the act of concentrating on hearing something (as modifier) the act of paying attention” (LISTENING, 2020) – novamente, observamos que a ação de *escutar atentamente* é um sentido importante da denotação de *listen*. Em suma, segundo o *Cambridge Dictionary*, “hear” serve para falar de sons, música, e não está relacionado à vontade de ouvir: pode-se “ouvir” um som sem intenção. “Listen”, por outro lado, vincula-se a uma ideia de atenção proposital (LISTEN, 2007, p.741). Nesse sentido, pode-se dizer que “hear” serve para expressar um *evento* – no caso, o evento sonoro –, enquanto “listen” serve para expressar uma *ação* – portanto, o foco está no sujeito que *escuta*. Apesar disso, nenhum dos dois verbos confunde-se, como em francês, com a ação de *compreender* ou *interpretar*.

No caso do italiano, temos três termos: *ascoltare*, *udire* e *sentire*. Conforme o Dicionário online *Il Nuovo De Mauro*:

Ascoltare 1. udire con attenzione, stare a sentire: *ascoltare la musica, le parole, il canto degli uccelli; anche ass.: ascolta, devo dirti una cosa / ascoltare la messa, assistervi*
2. estens., prestare ascolto, dare retta: *ascoltare i genitori, i buoni consigli | esaudire: le nostre preghiere furono ascoltate* (ASCOLTARE, 2020).

Ascoltare aproxima-se de *escutar*, *écouter*, *escuchar* e *listen*: é ação de ouvir uma fala, com atenção aos sentidos. O substantivo *ascolto* é descrito da seguinte maneira: “1. l’ascoltare: essere, stare in ascolto; l’ascolto è disturbato da rumori” “2. attenzione; porgere, prestare, dare ascolto, dare retta” “3. Audience” (ASCOLTO, 2020). *Udire*, por outro lado, tem maior

aproximação com *ouvir*, *oír* e *hear*, pois está associado a ouvir um rumor ou barulho – sem relação a um sentido linguístico propriamente dito. Apesar disso, pode também significar ouvir com atenção:

Udire 1. v.tr., percepire attraverso l'orecchio: *udire un suono, un rumore; all'improvviso si udì un boato, udire un canto in lontananza, si udiva qcn. ridere*
2. v.tr. , *venire a sapere, conoscere tramite informazioni comunicate a voce: hai udito le ultime notizie?, ho udito che sta per partire; anche v.intr.: ho udito della sua partenza*
3. v.tr. CO ascoltare prestando attenzione: *udire recitare una poesia, OB udire un discorso, il giudice ha udito il teste | udir messa, assistervi | udire uno, seguire come scolaro le lezioni di un particolare insegnante (UDIRE, 2020).*

Sentire é um termo com maior complexidade quando o relacionamos com a língua portuguesa. Vejamos algumas de suas principais acepções:

Sentire *I 1a. provare percezioni legate agli stimoli sensoriali che derivano dalla sfera fisica strettamente individuale o dall'ambiente circostante: sentire caldo, freddo, sete, sonno, sentire i brividi della febbre, sentire mal di capo*
I 1b. riconoscere, giudicare qcs. assaggiandolo, annusandolo, toccandolo: sentire al tatto, all'odore, al sapore [...]
I 2a. udire: sentire un grido, un rumore | stare ad ascoltare: sentire una conferenza, sentire un concerto (SENTIRE, 2020).

Em primeiro lugar, temos a questão do *sentimento* a partir da sensação acústica ou sensorial como um todo – assim como posso *sentir* um som, *sinto* calor ou frio, sabor ou odor (os cinco sentidos). É interessante observar que, em italiano, *sentire* pode estar associado à escuta, assim como ao *sentimento* / *sensação psíquica* (“como me sinto”). Tal singularidade auxilia-nos na busca de aliar a sensação acústica à ideia de recorte das unidades linguísticas e ao *sentimento* do falante²²⁸.

Todas essas definições nos ajudam a considerar as diversas propriedades que compreendemos estar em jogo para a consideração da *escuta* linguística, mas é preciso aprofundar a discussão com o auxílio de definições especializadas relacionados à *escuta*, como veremos a seguir. Até aqui, pudemos compreender que há sutis diferenças entre *ouvir* e *escutar*; menos ligado ao órgão *ouvido*, o termo *escutar* é mais apropriado a nossas considerações com relação à *escuta linguística*: *escutar* pressupõe *ouvir uma língua* – não no sentido da capacidade auditiva, mas no da compreensão do sistema linguístico: à *escuta* dos sons, eu *escuto língua*. Estar à escuta da língua é uma condição da qual não podemos escapar:

²²⁸ Abordamos a questão do *sentimento* a partir da linguística saussuriana em 2.2.2.

a partir do momento em que nos tornarmos *falantes*, somos condicionados eternamente à escuta da *langue*. Em uma das definições em *Escuta*, Roland Barthes e Roland Havas (1976) apontam tal aspecto, como veremos a seguir.

O texto do verbete “escuta” foi publicado, originalmente, em 1976, no 11º volume da Enciclopédia Einaudi – traduzida para a língua portuguesa em 1987²²⁹. Vale destacar que o termo “escuta” não aparecia até então em enciclopédias do gênero, o que demonstra o seu caráter de contemporaneidade com relação às diferentes áreas do conhecimento. Para dar início à discussão, é estabelecida uma comparação entre *ouvir* e *escutar* por Barthes e Havas, que aprofundará a discussão realizada acima:

Ouvir é um fenômeno fisiológico; escutar é um ato psicológico. As condições físicas da audição (os seus mecanismos) podem descrever-se recorrendo à acústica e à fisiologia do ouvido; mas a escuta só se pode definir a partir do seu objeto, ou, se preferirmos, do seu objetivo. (BARTHES & HAVAS, 1987, p.137)

Visto que o “objeto” da escuta varia, Barthes e Havas optam por definir três tipos de escuta, buscando sintetizar e simplificar três pontos de vista considerados fundamentais para uma compreensão geral do termo.

O primeiro tipo de escuta está relacionado à *capacidade* que iguala homens e animais, no sentido em que ambos são capazes de exercer a escuta orientados por *índices*: “o lobo escuta um ruído (possível) da presa, (...) a criança, o apaixonado escuta os passos que se aproximam e que são talvez os passos da mãe ou do ser amado” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.137). Essa escuta é como um *alerta*, e está associada ao seu lugar como um dispositivo *natural*, não sendo exclusiva do falante:

a escuta é essa atenção ‘prévia’ que permite captar tudo o que seria suscetível de perturbar o sistema territorial; é uma forma de defesa contra a surpresa; o seu objeto (aquilo para que tende) é a ameaça, ou, inversamente, a necessidade; a matéria-prima da escuta é o índice, quer assinalo o perigo, quer permita a satisfação da necessidade (BARTHES & HAVAS, 1987, p.138).

Essa função da escuta, vinculada essencialmente ao que logo acima foi atribuído ao sentido de *ouvir*, assim como os outros tipos de escuta, não pode ser desvinculada do fato fisiológico –

²²⁹ O texto “Escuta” também foi publicado no Brasil em 1990, através da tradução dos ensaios de Roland Barthes presentes em *O óbvio e o obtuso* (1990).

seja da produção sonora, seja da capacidade física de ouvir ou de captar a materialidade significante²³⁰. Ainda sobre esta primeira escuta indiciária, os autores destacam:

Morfologicamente, ou seja, em termos de espécie biológica, a orelha parece ser feita para esta captura do índice que passa: é imóvel, fixa, ereta como um animal à espreita. Como um funil orientado do exterior para o interior, recebe o maior número possível de impressões e canaliza-as para um centro de vigilância, de seleção e de decisão (BARTHES & HAVAS, 1987, p.138).

Essas impressões não são passivas: elas demandam, daquele que escuta, uma “seleção”: é preciso que “o confuso e indiferenciado se torne distinto e pertinente, e que toda a natureza adquira a forma específica de um perigo ou de uma presa: a escuta é a própria operação dessa metamorfose” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.138-9), o que nos levará ao próximo tipo de escuta.

O segundo tipo é o ato de *decifrar*: “são *signos* que se tentam captar através do ouvido, e isto é, certamente o próprio do homem: escuto como leio, ou seja, segundo determinados códigos” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.137). Adentramos, a partir daqui, na esfera essencialmente antropológica do ato de escutar: “escutar é colocar-se em posição de decodificar o que é obscuro, confuso ou silencioso, para fazer surgir na consciência o ‘sub’ sentido” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.139). Ultrapassamos, então, a concepção de escuta como índice para pensar a transformação do índice em signo, que é a escuta do sentido:

aquilo que é escutado já não é o possível (a presa, a ameaça, ou o objeto de desejo que se manifesta sem pré-aviso), é o segredo, ou seja, aquilo que, oculto pela realidade, só pode aceder à consciência humana através de um código que serve, simultaneamente, para cifrar e decifrar essa realidade. (BARTHES & HAVAS, 1987, p.139)

Esse segundo tipo de escuta vê a matéria fônica como matéria a ser “decodificada”. Além disso, o signo, sendo próprio do homem, pressupõe o diálogo: conforme a descrição dessa concepção, “a ordem de escutar é o apelo total de um sujeito a outro” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.140) – sendo a relação de ambos estabelecida pelo “contato quase físico” entre voz e ouvido (BARTHES & HAVAS, 1987, p.140). Assim, “a interpelação leva a uma interlocução, na qual o silêncio do ouvinte será tão ativo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.141). A “decodificação” não deve ser compreendida literalmente – a escuta é *segredo* pois não há uma verdade a ser

²³⁰ No caso das línguas de sinais, a materialidade é visual; essa materialidade pode, inclusive, ser tátil, como prova o caso da Helen Keller, menina cega e surda que se apropriou da língua por meio da percepção tátil de sinais manuais.

desvendada. Dessa maneira, *a escuta fala* porque é singular e depende da interpretação / compreensão do ouvinte. Esse último ponto será particularmente importante para o nosso entendimento de uma concepção de escuta voltada para os Estudos da Linguagem.

O terceiro tipo de escuta, por outro lado, ultrapassa a esfera do signo: este tipo “não presta atenção ao que é dito, ou emitido, mas sim a quem fala, quem emite: desenvolve-se, em princípio, num espaço intersubjetivo, em que ‘escuto’ também quer dizer ‘escuta-me” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.137); essa escuta é operada pela psicanálise. O objetivo, diferentemente dos tipos anteriores, é afastar-se da seleção daquilo que pode ser compreendido para deixar-se levar pela voz²³¹: “Nesta sede do significante em que o sujeito pode ser ouvido, o movimento do corpo é, antes de mais nada, aquele em que a voz tem origem (...). A escuta da voz inaugura a relação com o outro” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.142). Essa relação só pode ser estabelecida na partilha entre sujeitos. Neste tipo de escuta,

O psicanalista, ao esforçar-se por captar os significantes, aprende a “falar” a língua que é o inconsciente do paciente, tal como a criança, mergulhada no banho da língua, capta os sons, as sílabas, as consonâncias, as palavras, e aprende a falar. A escuta é este jogo de captura dos significantes, através do qual o *in-fans* se transforma em ser falante (BARTHES & HAVAS, 1987, p.143).

Barthes e Havas justificam a necessária “digressão psicanalítica”: é a partir da comparação entre os diferentes tipos de escuta que conseguimos vislumbrar a originalidade da “escuta moderna” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.144), que ultrapassou os aspectos indiciário e significante do que se compreendia por escuta até então. A noção mais moderna de escuta, ancorada na psicanálise, ajuda-nos a entrever a falta na comunicação. É também a partir da psicanálise que, segundo os autores,

os papéis implícitos no ato de escutar já não têm a fixidez de antigamente; já não existe, por um lado, aquele que fala, se entrega, confessa e, pelo outro, o que ouve, cala, julga e sanciona; (...) sua escuta é ativa (BARTHES & HAVAS, 1987, p.144)²³².

²³¹ Fazendo referência a Freud, os autores destacam: “quando a atenção incide com intensidade particular em determinado ponto, elimina-se outro em compensação, e esta escolha é ditada por expectativas e tendências próprias. É precisamente o que se deve evitar [na escuta psicanalítica]; fazendo depender a escolha da expectativa, corre-se o risco de só se encontrar o que já se sabia; seguindo as próprias inclinações, falsifica-se tudo o que possa vir a ser objeto de percepção. Não esqueçamos nunca que, com frequência, o significado daquilo que se ouve só se revela mais tarde” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.142).

²³² Tal ponto de vista aproxima-se de Coursil (2000), cujas considerações apontam para o aspecto ativo e constante da escuta, conforme demonstraremos no decorrer do capítulo.

Por que colocamos ênfase nesse aspecto? Conforme discutimos no primeiro capítulo, na linguística em geral, os esquemas de comunicação²³³ foram geralmente representados da seguinte maneira: o falante (ativo, quem *age* por meio da fala) *transmite* uma mensagem ao interlocutor (passivo, que *recebe* a fala); o interlocutor realiza uma operação de decifração (vide o segundo tipo de escuta) da matéria ouvida, que tem por objetivo desvendar a emissão do falante.

A passividade do interlocutor não é comumente questionada. O ouvinte, em seu silêncio, não é visto como atuante a não ser quando passa à posição de locutor do esquema da comunicação. A concepção moderna de escuta torna-se um marco importante para destacarmos sua função ativa também do ponto de vista linguístico. No campo dos Estudos da Linguagem, Jakobson (1969a, 1969b, 1977, dentre outros), Coursil (2000), D'Ottavi (2010), Albano Leoni (2014) e Utaker (2016) nos auxiliarão a refletir sobre a não passividade da escuta.

Antes deles, porém, lançaremos mão de considerações filosóficas, as quais podem contribuir com um conceito mais amplo de escuta considerada de uma forma interdisciplinar para, então, afinarmos o conceito para nosso contexto específico.

3.2 DO SENTIDO SENSÍVEL AO SENTIDO SENSATO: À ESCUTA DA FILOSOFIA

Tendo em vista a complexidade e interesse interdisciplinar no que diz respeito à escuta, dedicaremos esta seção aos estudos da filosofia preocupados com a delimitação de tal conceito. Nosso diálogo estará fundamentado, basicamente, nas considerações de Jean-Luc Nancy em *À escuta* (2014), e de Rafael Echeverría em *Ontología del lenguaje* (2003) – cujas obras trazem reflexões que lidam especificamente com a compreensão sobre a natureza da *escuta*. Também lançaremos mão de algumas discussões promovidas por Maurice Merleau-Ponty em *A prosa do mundo* (1974) e em *Fenomenologia da percepção* (1999), tendo em vista que pensar a *escuta* abarca refletir sobre a *percepção* e sobre o *fenômeno sensível*, concepções com as quais o autor trabalha.

²³³ Parece-nos que Jakobson (1969b) inicia uma reflexão sobre a não passividade do ouvinte, apesar de não avançar na questão.

Em *À escuta*, Jean-Luc Nancy²³⁴ (2014) aprofunda a reflexão sobre o que compreende por tal conceito, questionando-se sobre os limites da *escuta* na filosofia. A leitura do autor, assim, será um deslocamento por nós proposto a fim de refletir como o estudioso pensa a *escuta* e como busca operar essa concepção em seu campo específico, para que possamos lançar mão da nossa leitura com relação aos Estudos da Linguagem. Para além do texto de Nancy em *À escuta*, a edição em língua portuguesa do livro nos presenteia com notas de tradução que reforçam algumas das questões apontadas com relação aos sentidos de *écoute* em francês. Vislumbramos como a delimitação da noção de *escuta* é complexa, por estar relacionada a diferentes concepções teóricas e campos do saber, assim como em diferentes línguas, conforme buscamos apontar. Levando isso em consideração, justificamos nosso empreendimento teórico em buscar definir um termo que ainda não está delimitado no campo dos estudos linguísticos, tendo como fundamento a linguística saussuriana.

Uma das distinções iniciais que Nancy estabelece é entre *escuta* e *entendimento*. Em nota de tradução da obra, realizada por Fernanda Bernardo, lemos as nuances que diferenciam os dois termos, importantes para o debate: “Em francês, ‘*entendre*’ e ‘*entendement*’, não reenviam linguisticamente a ‘ouvir’, mas sim a ‘*tendre*’, a ‘*tendre à*’ [‘tender para...’, ‘propender’], e podem também deixar-se ouvir no sentido de ‘ver’: ‘vejo’ [ou ‘entendo’] o que se ‘quer dizer’” (NANCY, 2014, p.11). Será necessário estabelecermos o que compreendemos por tal termo. Com relação a esta palavra, Nancy afirma que “‘*écoute*’ [‘escuta’] designou um lugar a partir de onde se escuta em segredo” (NANCY, 2014, p.15), o que remete àquele que “está à escuta”, à espreita do sentido, e que podemos aproximar da segunda concepção de Barthes e Havas referida acima – a escuta como *ato de decifrar*, assim como ao sentido de *escucha* em espanhol (cf. 3.1). Somos remetidos, assim, ao verbo *escutar*:

a este núcleo de sentido onde se combinam o uso de um órgão sensorial (o ouvido, a orelha, *auris*, palavra que dá a primeira parte do verbo *auscultare*, ‘prestar ouvidos’, ‘escutar atentamente’, de onde provém ‘escutar’) e uma tensão, uma intenção e uma atenção que marca a segunda parte do termo (NANCY, 2014, p.15-16).

²³⁴ Mauricio Mendonça Cardozo apresenta o autor: “Nascido em 1940, em Bordeaux (França), Jean-Luc Nancy é professor emérito da Universidade de Estrasburgo, instituição em que lecionou ao longo de quase quatro décadas. Autor de uma obra bastante extensa e de títulos importantes, a exemplo de *L’absolu littéraire: Théorie de la littérature du romantisme allemand* (1978), em coautoria com Lacoue-Labarthe, *Le partage des voix* (1982), *La Communauté désœuvrée* (1983), *Corpus* (1992), *Le sens du monde* (1993), *Être singulier pluriel* (1996), *La création du monde ou la mondialisation* (2002), *La décloison* (2005), *Tombe de sommeil* (2007), entre outros, seu trabalho foi fortemente marcado pelo diálogo e pela amizade com grandes nomes do pensamento contemporâneo, como Philippe Lacoue-Labarthe e Jacques Derrida” (NANCY, 2013, p.414).

Ao longo do texto, podemos encontrar várias definições de *escuta* propostas por Nancy: “Escutar é dar ouvidos – expressão que evoca uma mobilidade singular, entre os aparelhos sensoriais, do pavilhão do ouvido –, é uma intensificação e um cuidado, uma curiosidade ou uma inquietude” (NANCY, 2014, p.16). Em seguida, encontramos: “escutar é estar inclinado para um sentido possível, e conseqüentemente não imediatamente acessível” (NANCY, 2014, p.17). Essa segunda definição interessa-nos particularmente, deslocando-a para a relação de diálogo entre um *ouvinte que fala* e um *falante que ouve*, a *escuta* não é um objeto apreensível: ela é singular e se dá na relação com o outro: “a escuta endereça-se – ou é suscitada por – àquilo onde o som e o sentido se misturam e ressoam um no outro ou um pelo outro” (NANCY, 2014, p.18).

A condição de *ouvinte* que fundamenta nossa reflexão dialoga amplamente com as considerações do autor, assim como com àquelas de Coursil (2000), que enfatiza a escuta como um *acontecimento*: para Nancy, “a escuta ocorre *ao mesmo tempo* que o evento sonoro”(…) “aquele que emite um som ouve o som que emite” (NANCY, 2014, p.31)²³⁵. *Falar é escutar*. Quais as implicações linguísticas de tal consideração? O falante não pode desvencilhar-se da escuta, estando sempre sob os efeitos do *ouvido*. Logo, podemos dizer que a escuta é a função linguística²³⁶ por excelência, que liga inevitavelmente a *langue* à posição de ouvinte da *parole*. Uma das noções fundamentais da reflexão de Nancy é a *ressonância*, que nos remete à discussão acerca do circuito para além da *parole* (cf. 1.2.1). O filósofo chega a falar em uma metáfora de língua como *caixa de ressonância*, em oposição às analogias que descrevem a língua como um espelho (imagem esta que nos leva à concepção de que a língua reflete o pensamento). Retornaremos a essa questão (cf. 3.2.2) a partir da nossa leitura de Arild Utaker (2016).

Ao refletir sobre os cinco sentidos, Nancy observa uma singularidade com relação à *díade escutar-ouvir*, a qual destacamos abaixo:

Cada ordem sensorial comporta assim a sua natureza simples e o seu estado tenso, atento ou ansioso: ver e olhar, cheirar e aspirar ou farejar, provar e saborear, tocar e tactear ou apalpar, ouvir e escutar. Ora, acontece que este último par, o par auditivo, mantém uma relação particular com o sentido na acepção intelectual ou inteligível da palavra (como “sentido sensato”, se se quiser, por distinção com o “sentido sensível”) (NANCY, 2014, p.16).

²³⁵ Tal consideração da escuta da própria fala também é referida por Heidegger: “The simultaneousness of speaking and listening has a larger meaning. Speaking is of itself a listening. Speaking is listening to the language we speak” (HEIDDEGER, 1971, p.123) [“A simultaneidade de falar e escutar tem um sentido mais amplo. A fala é ela mesma uma escuta. Falar é escutar a língua que falamos” (*tradução nossa*)].

²³⁶ Em 3.2.2 falaremos sobre a escuta como função linguística.

Pensar a escuta como pertencente à ordem do *sentido sensato* é pensar “o som percebido palavra” (NANCY, 2014, p.17) – e é o som percebido palavra que interessará à linguística. Tal consideração não significa que o aspecto material é descartável: apenas não reside aí o fundamento linguístico. O *som percebido palavra* necessita da presença do *outro* – e esse outro se faz presente, também, na escuta da própria voz. Como temos buscado reiterar ao longo deste trabalho, ao lidarmos com a *escuta*, torna-se difícil separar o *eu* que fala do *tu* que escuta: como sujeitos da linguagem, somos *ouvintes* ou *escutadores* desde o momento em que nos apropriamos da língua. Partimos do *sentido sensível* dos sons indistintos ao *sentido sensato*, utilizando as expressões de Nancy, ao operarmos a delimitação das unidades linguísticas. Certamente, tal *sentido sensato* não é exclusividade das línguas orais; as línguas de sinais – como *línguas* que são – também ultrapassam o *sentido sensível* da visão para chegar ao *sentido sensato*. Compreendemos tal “procedimento” como inerente à função simbólica indispensável a qualquer expressão linguística.

Outro ponto que merece ser sublinhado está relacionado à questão do que se compreende por *discurso*. Segundo Nancy,

em todo o dizer (e eu quero dizer em todo o discurso, em toda a cadeia de sentido) há ouvir e, no próprio ouvir, no fundo dele, uma escuta: o que quereria dizer: talvez seja preciso que o sentido não se contente com fazer sentido (ou com ser *logos*), mas além disso ressoe (NANCY, 2014, p.17).

Essa passagem ajuda-nos a reforçar a *escuta* como conceito independente da percepção auditiva propriamente dita. O que se *escuta* não são sons, mas *langue*, apreensível a partir da cadeia discursiva – seja oral ou visual (via *parole*). Em consonância com Nancy, compreendemos que “o ouvido está aguçado pelo ou segundo o sentido” (NANCY, 2014, p.47).

O lugar ocupado pelo *sentido* nos leva a pensar o sujeito que fala – “não há ‘sujeito (o que sempre quer dizer ‘sujeito de um sentido’) senão ressoando, respondendo a um ímpeto, a um apelo, a uma convocação de sentido” (NANCY, 2014, p.53). Tal apelo não pode ser redutível à transmissão de um código ou informação, conforme buscamos sublinhar na discussão a partir do circuito da *parole*, esboçado por Saussure, e que Nancy retoma a seu modo:

A comunicação não é a transmissão, mas sim a partilha que faz sujeito: a partilha sujeito de todos os ‘sujeitos’. Desdobra, dança, ressonância. O som em geral é em primeiro lugar a comunicação nesse sentido. Em primeiro lugar não comunica nada – que não seja ele mesmo (NANCY, 2014, p.71).

Rafael Echeverría vai ao encontro das considerações de Nancy, justamente por ressaltar a particularidade da troca subjetiva que o diálogo supõe. Em *Ontología del Lenguaje*, Echeverría (2003) dedica um capítulo especificamente à escuta, intitulado *El escuchar: el lado oculto del lenguaje*²³⁷. No capítulo dedicado ao *escuchar*, Echeverría é enfático na consideração da escuta como determinante da comunicação humana e aponta que a transmissão de informação é uma falácia. O autor também diferencia *escuchar* e *oír*, e inclui em suas reflexões questões que vão para a esfera da *intención* – problema que ultrapassa nosso interesse do ponto de vista linguístico. Assim, faremos referência às propostas do autor as quais enriquecem o diálogo com nossa perspectiva linguística.

Retomando o problema da “transmissão” de informação, também problematizada por Nancy, Echeverría afirma: “enquanto mantivermos nosso conceito tradicional de linguagem e comunicação, dificilmente conseguiremos captar o fenômeno da escuta” (ECHEVERRÍA, 2003, p.81, *tradução nossa*)²³⁸, precisamente porque a escuta, tomada em sua complexidade, não é passível de discretização. Apesar disso, conforme o autor, a consideração da escuta é fundamental para que reflitamos sobre a linguagem:

Se examinamos detidamente a comunicação, nos daremos conta de que ela repousa, principalmente, não na fala, mas na escuta. A escuta é o fator fundamental da linguagem. Falamos para sermos escutados. A fala efetiva só é alcançada quando seguida pela escuta efetiva. A escuta valida a fala. É a escuta, não a fala, o que confere sentido ao que dizemos. Portanto, a escuta é o que dirige todo o processo da comunicação (ECHEVERRÍA, 2003, p.81-2, *tradução nossa*)²³⁹.

As considerações de Echeverría não estão distantes do que outros autores têm buscado apontar na área dos Estudos da Linguagem – seja Coursil (2000), com a função muda; D’Ottavi (2010), ao considerar o *Monsieur B*; ou Albano Leoni (2014), ao tratar das dicotomias desequilibradas (dentre elas, o destaque do *falante* em detrimento do *ouvinte*) –

²³⁷ Notemos que a *escuta* é seguidamente remetida a esse caráter de fenômeno escondido ou de certa forma intangível em comparação à fala – “lado oculto”, “o outro lado” e “função muda” – para utilizar termos de Echeverría (2003), Fiumara (1990) e Coursil (2000) respectivamente – são denominações que encontramos ao longo de nossas pesquisas.

²³⁸ “mientras mantengamos nuestro tradicional concepto del lenguaje y la comunicación, difícilmente podremos captar el fenómeno del escuchar” (ECHEVERRÍA, 2003, p.81)

²³⁹ “Si examinamos detenidamente la comunicación, nos daremos cuenta de que ella descansa, principalmente, no en el hablar sino en el escuchar. El escuchar es el factor fundamental del lenguaje. Hablamos para ser escuchados. El hablar efectivo sólo se logra cuando es seguido de un escuchar efectivo. El escuchar valida el hablar. Es el escuchar, no el hablar, lo que confiere sentido a lo que decimos. Por lo tanto, el escuchar es lo que dirige todo el proceso de la comunicación” (ECHEVERRÍA, 2003, p.81-2).

isso para mencionar apenas alguns autores que abordamos até aqui²⁴⁰. Conforme sublinha Echeverría,

É surpreendente perceber a pouca atenção que prestamos ao fenômeno da escuta. Se buscamos a literatura a respeito, descobriremos que é muito escassa. (...) Durante séculos tomamos a escuta como resolvida (ECHEVERRÍA, 2003, p.82, *tradução nossa*)²⁴¹.

De fato, como foi possível observar ao longo de nossa pesquisa, a questão da *escuta* é marginalmente abordada em diversas áreas – entretanto, não identificamos uma preocupação em aprofundar o conceito de *escuta* com relação ao fenômeno linguístico. Por outro lado, é possível identificar uma busca por definir a capacidade ou habilidade da *audição*, o que pode levar a concepções de “escuta” que reduzam a questão a aparatos tecnológicos. Echeverría ajuda-nos a refletir sobre o problema de tal redução.

Quando pensamos a *escuta* linguística, é preciso que nos afastemos de concepções que entendem a *escuta* do falante como equiparável à “escuta” de um aparato tecnológico. A “transmissão de informação” tomada literalmente é uma falácia, afinal, o que o interlocutor “recebe” do locutor é *interpretado*. Concordamos, portanto, com Echeverría, ao ressaltar que pensar a interação entre falante e ouvinte nos moldes da decodificação é considerar que o sentido não é importante – e a língua portuguesa ajuda-nos, aqui, a pensar no *sentido* como aquilo que foi *ouvido*. Para o circuito de uma máquina enviar uma mensagem, por exemplo, esta não precisa de maneira alguma reconhecer o código / mensagem enviado(a). Tal conhecimento, por outro lado, é imprescindível ao falante. Ao comparar a recepção de um instrumento à escuta linguística renunciamos àquilo que é tão singular ao humano: o sentido²⁴². O marco tecnológico, como observa Echeverría, é deficiente “quando é utilizado

²⁴⁰ Em “*The other side of language: a philosophy of listening*”, Corradi Fiumara (1990) sublinha o papel dessa função muda da linguagem, como a nomeia Coursil, na aquisição de uma língua: “a criança começa a falar porque o adulto escuta” (1990, p.118, *tradução nossa*). Apesar disso, a autora afirma que tudo se passa como se uma parte não negligenciável da linguística manifestasse um pensamento prioritariamente ancorado a um ‘falar sem escutar’” (FIUMARA, 1990, p.3, *tradução nossa*).

²⁴¹ “Es sorprendente darse cuenta de la poca atención que le hemos prestado al fenómeno del escuchar. Si buscamos literatura sobre éste, encontraremos que es muy escasa. [...] Durante siglos hemos dado por sentado el escuchar” (ECHEVERRÍA, 2003, p.82).

²⁴² Steven Pinker (2020), em fala recente, aponta que há uma diferença radical entre a forma com a qual um software, por exemplo, lida com a língua (em comparação a um falante-ouvinte de fato). Um programa de reconhecimento de voz como o do Google, por exemplo, apresenta uma “compreensão” muito reduzida em comparação a um ouvinte real: não há compreensão conceitual – apenas literal –, além de não haver representação semântica propriamente dita. Em *O Instinto da Linguagem* (2004), Pinker aborda em inúmeras passagens a complexidade da percepção humana com relação à apreensão da língua: “A percepção da fala é outro dos milagres biológicos que compõem o instinto da língua (...) para tirar vantagem do meio sonoro, a fala tem de superar o problema de que o ouvido é um gargalo informacional estreito. Em suas primeiras tentativas de desenvolver máquinas de leitura para cegos na década de 40, os engenheiros imaginaram um conjunto de ruídos

para compreender a comunicação humana. A noção de transmissão de informação esconde, precisamente, a natureza problemática da escuta humana” (ECHEVERRÍA, 2003, p.82, *tradução nossa*)²⁴³, afinal, a fala pode produzir efeitos distintos a depender do ouvinte: “dizemos o que dizemos e os demais escutam o que escutam: dizer e escutar são fenômenos diferentes” (ECHEVERRÍA, 2003, p.83, *tradução nossa*)²⁴⁴.

Concordamos com Echeverría ao sublinhar a diferença que existe, necessariamente, entre aquilo que foi produzido na *parole* e aquilo que foi *ouvido*. Já apontamos esta distinção no estudo do próprio circuito da *parole* – que não se abstém, como outros modelos metafóricos, de estabelecer uma relação com um circuito simples de comunicação. As discussões promovidas por Saussure acerca do signo linguístico não esconderam o fato básico e essencial de que o compartilhado entre “*Monsieur A*” e “*Monsieur B*” não significa que a troca dialógica seja transparente. O tesouro individual de cada falante representa bem a singularidade do fenômeno linguístico, que não é igual para todos os falantes, e que só encontra unidade na *massa falante* – inapreensível objetivamente. E a “ciência” não costuma interessar-se por dados inalcançáveis. Talvez a dificuldade em abordar mais profundamente a *escuta* resida justamente no problema da interpretação. Retomando as singularidades entre *ouvir* e *escutar*, Echeverría observa:

O que diferencia a escuta da audição é o fato de que quando escutamos, criamos um mundo interpretativo. O ato de escutar sempre implica compreensão e, portanto, interpretação. Quando atribuímos uma interpretação a um som, passamos do fenômeno da audição ao fenômeno da escuta. Escutar é ouvir mais interpretar. Não há escuta se uma atividade interpretativa não estiver envolvida. Aqui reside o aspecto ativo da escuta. Quando observamos que escutar implica interpretar, nos damos conta de que a escuta não é a dimensão passiva da comunicação que se supunha (ECHEVERRÍA, 2003, p.83-4, *tradução nossa*)²⁴⁵.

que correspondiam a letras do alfabeto. Mesmo com treinamentos heróicos, as pessoas não conseguiam reconhecer os sons numa velocidade superior à de bons operadores de código Morse. (...) Em termos de decodificação da fala, nenhum sistema construído pelo homem se equipara a um ser humano. Não por falta de necessidade ou de esforços” (PINKER, 2004, p.200). Em outra passagem, o linguista afirma: “Na verdade, tende-se a atribuir aos computadores mais crédito em termos de compreensão do que eles merecem” (PINKER., 2004, p.242). Em estudos futuros, será interessante empreender uma leitura das considerações de Pinker tendo um conceito de *escuta* linguística como horizonte.

²⁴³ “cuando se utiliza para comprender la comunicación humana. La noción de transmisión de información esconde, precisamente, la naturaleza problemática del escuchar humano” (ECHEVERRÍA, 2003, p.82).

²⁴⁴ “decimos lo que decimos y los demás escuchan lo que escuchan; decir y escuchar son fenómenos diferentes” (ECHEVERRÍA, 2003, p.83).

²⁴⁵ “Lo que diferencia el escuchar del oír es el hecho de que cuando escuchamos, generamos un mundo interpretativo. El acto de escuchar siempre implica comprensión y, por lo tanto, interpretación. Cuando atribuímos una interpretación a un sonido, pasamos del fenómeno del oír al fenómeno del escuchar. Escuchar es oír más interpretar. No hay escuchar si no hay involucrada una actividad interpretativa. Aquí reside el aspecto

Objeto inapreensível, não podemos mensurar ou analisar os efeitos produzidos pelo *ouvido*. Quando procura-se analisar a fala, busca-se o apoio na escrita, nas transcrições ou mesmo na análise perceptual das ondas sonoras. A possibilidade de “captura” da fala não deixa de ser uma ilusão – seja na posição de analistas da língua, seja na posição de falantes, tal distanciamento é negado pela linguística em função da natureza singular do objeto que é a *langue*. Para além disso, como sujeitos de linguagem, estamos sob constante efeito da nossa própria fala – não é à toa que Coursil (2000) destacou a constância da escuta. Echeverría reforça: “Quando conversamos, dançamos uma dança na qual a fala e a escuta se entrelaçam” (ECHEVERRÍA, 2003, p.92, *tradução nossa*)²⁴⁶.

A *escuta*, em nossa visão, tem como elemento chave indispensável a *ressonância* que, literalmente, significa a *repercussão de sons*. Entretanto, quando tomamos emprestada a expressão *ressonância*, utilizada por Nancy, não é da *repercussão física dos sons* que estamos tratando, mas da *repercussão como fundamento do diálogo* – os *sons-sentidos* produzem seus efeitos na posição de *ouvinte* a que estamos sujeitos desde que nos tornamos seres de linguagem. Como bem observa o autor, a *escuta* é distinta da *audição* na medida em que depende da função simbólica, que é sempre compartilhada: “o fenômeno da escuta surge quando, a partir da nossa capacidade biológica de ouvir sons, somos também capazes de remeter esses sons a um domínio consensual em que, para uma comunidade determinada, eles se veem iluminados de sentido” (ECHEVERRÍA, 2003, p.92, *tradução nossa*)²⁴⁷. Reforçamos, no entanto, que tal “iluminação” de sentido é apenas uma figura de linguagem – afinal, forma e sentido são inseparáveis quando consideramos a *langue*.

Outro autor da filosofia que pode ajudar-nos a delimitar o conceito de *escuta* é Maurice Merleau-Ponty (1974; 1999). Além de ter se interessado pelas questões da linguagem, sendo central a *percepção* como forma de conhecimento, o filósofo foi influenciado pelo pensamento saussuriano²⁴⁸, e é possível verificar tal influência no decorrer de sua obra.

activo del escuchar. Cuando observamos que escuchar implica interpretar, nos damos cuenta de que el escuchar no es la dimensión pasiva de la comunicación que se suponía que era” (ECHEVERRÍA, 2003, p.83-4).

²⁴⁶ “Cuando conversamos, bailamos una danza en la que el hablar y el escuchar se entrelazan” (ECHEVERRÍA, 2003, p.92).

²⁴⁷ “el fenómeno del escuchar surge cuando, a partir de nuestra capacidad biológica de oír sonidos, somos también capaces de remitir esos sonidos a un dominio consensual en el que, para una comunidad determinada, ellos se ven iluminados de sentido”. (ECHEVERRÍA, 2003, p.92)

²⁴⁸ Em uma tese sobre a linguagem em Merleau-Ponty, Mariana Scarpa sublinha a influência de Saussure na obra do filósofo: “Se na obra de 1945 havia a necessidade de se recuar a um cogito tácito para que a clareza da fala se estabelecesse, agora a partir dos estudos feitos através da linguística de Saussure, Merleau-Ponty sinaliza que é possível fornecer uma descrição da experiência da linguagem que se enraíza no sensível, sem recuar a uma consciência silenciosa (a um cogito tácito). Há referências explícitas ao linguista, as quais aparecem na obra do

Apesar de Merleau-Ponty não ter trabalhado com o conceito de *escuta* como é o caso de Nancy e Echeverría, sua reflexão acerca da percepção e do fenômeno sensível podem nos servir de pistas para a *escuta* que buscamos propor. Destacaremos algumas passagens de suas obras *Fenomenologia da percepção* (1999) e *A prosa do mundo* (1974).

Uma das questões centrais problematizadas pelo filósofo é quanto ao fenômeno sensível, cuja abordagem, conforme aponta Scarpa (2017), está ancorada na concepção saussuriana da indissociabilidade entre “som” e “pensamento”, ilustrada no CLG no encontro das massas amorfas (cf. SAUSSURE, 2006, p.131). Nesse sentido, para Merleau-Ponty, “a linguagem não é entendida como ‘materialização do pensamento’ e nem mesmo o pensamento é tido como ‘espiritualização da linguagem’; nem só matéria, nem puro espírito” (SCARPA, 2017, p.91). Além de aliar concretude e abstração, Merleau-Ponty ressignifica o lugar do *outro* na relação com a matéria sensível – movimento que dialoga com o entendimento de que o signo linguístico não tem um valor positivo, pois depende de um sistema e de seu emprego na cadeia falada. Dessa maneira, a experiência da linguagem não será tomada como a tradução da matéria sensível – como se a percepção fosse independente daquele que fala ou escuta – mas será “compreendida pelo seu potencial alusivo, de expressividade linguística indireta” (SCARPA, 2017, p.75). Essa perspectiva pode ser observada em *Fenomenologia da Percepção*, quando o filósofo afirma que “o ‘sensível’ não pode mais ser definido como o efeito imediato de um estímulo exterior” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.29).

É possível relacionarmos essas considerações de Merleau-Ponty à discussão sobre o *sentido sensível* e o *sentido sensato* destacada por Nancy – para nós, o *sentido sensível* está vinculado ao fenômeno sonoro apreendido pelo *ouvido*, enquanto o *sentido sensato* está associado à escuta linguística, condicionada a uma *atividade* do ouvinte. A busca pela *objetivação* é inevitável, e estudos sobre a percepção sonora em detrimento de uma concepção de *escuta* que lida justamente com o inapreensível da língua ilustra bem tal problemática. No decorrer de nossos estudos, buscamos pela definição de *escuta*, *écoute*, *escucha*, *ascolto* e *listening* em dicionários diversos e em enciclopédias gerais e especializadas. Tal empreendimento mostrou-nos que há uma diversidade considerável com relação aos estudos sobre a *escuta* – ou melhor, sobre a *percepção auditiva* – visto a dificuldade em encontrarmos

fenomenólogo francês acerca da capacidade da linguagem de produzir novas significações através de diferentes composições e organizações estabelecidas pelos próprios signos, permitindo uma maleabilidade de sentidos, os quais emergem de maneira indireta em uma cadeia expressiva” (SCARPA, 2017, p.129)

definições que ultrapassassem a esfera da percepção física ou sensorial (objetos matematizáveis, representáveis). Ao tratar da “sensação”, Merleau-Ponty observa:

É inevitável que, em seu esforço geral de objetivação, a ciência pretenda representar-se o organismo humano como um sistema físico em presença de estímulos definidos eles mesmos por suas propriedades físico-químicas, que procure reconstruir sobre essa base a percepção efetiva, e fechar o ciclo do conhecimento científico descobrindo as leis segundo as quais se produz o próprio conhecimento, fundando uma ciência objetiva da subjetividade. Mas também é inevitável que essa tentativa fracasse (MERLEAU-PONTY, 1999, p.32).

Por que fracassa? A linguagem é uma faculdade *humana*, apreendida pelo falante (ou *sujet parlant*, para usar a expressão recorrente utilizada por Saussure) na relação de escuta singular que estabelece a partir da troca com o outro. A apropriação da língua é condição da subjetividade, e como falantes-ouvintes, não é possível nos afastarmos de tal objeto. A percepção, assim como a escuta, não é passível de objetivação – e diríamos que tampouco a *langue*, pois podemos apenas analisar a *parole*. Quando falamos, sofremos os efeitos da nossa fala, assim como provocamos efeitos no *ouvido* do outro. O único aspecto passível de ser discreto é, de fato, a produção física e as condições articulatórias que possibilitam tal produção, no entanto, como *falantes*, não somos apenas uma junção de órgãos com funções biológicas a desempenhar. A *langue* é uma particularidade do sujeito que fala, que experiencia as línguas de um modo singular, e olhar para o fenômeno linguístico com as lentes das ciências passíveis de matematização parece redutor²⁴⁹.

Merleau-Ponty percebe a complexidade do debate promovido por Saussure e sublinha a incapacidade de se considerar o *signo* fora de sua função de expressão simbólica – portanto subjetiva e passível de produzir efeitos distintos daqueles esperados. Na seção “O corpo como expressão e a fala”, uma das partes de *Fenomenologia da Percepção*, o filósofo destaca:

rigorosamente, não existem signos convencionais, simples notação de um pensamento puro e claro para si mesmo, só existem falas nas quais se contrai a história de toda uma língua, e que realizam a comunicação sem nenhuma garantia, no meio de incríveis acasos linguísticos (MERLEAU-PONTY, 1999, p.255).

²⁴⁹ Para o filósofo italiano Giorgio Agamben, “A comprovação científica da experiência que se efetua no experimento – permitindo traduzir as impressões sensíveis na exatidão de determinações quantitativas e, assim, prever impressões futuras – responde a esta perda de certeza transferindo a experiência o mais completamente possível para fora do homem: aos instrumentos e aos números” (AGAMBEN, 2008, p.26).

Novamente vemos na filosofia a problemática da não-comunicação, da impossibilidade de encarmos a língua como um código transparente passível de decodificação²⁵⁰. A experiência, reforçamos, não é objetivável:

O gesto fonético realiza, para o sujeito falante e para aqueles que o escutam, uma certa estrutura da experiência, uma certa modulação da existência, exatamente como um comportamento de meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim e para o outro, de uma certa significação. *O sentido do gesto não está contido no gesto enquanto fenômeno físico ou fisiológico. O sentido da palavra não está contido na palavra enquanto som. Mas é a definição do corpo humano apropriar-se, em uma série indefinida de atos descontínuos, de núcleos significativos que ultrapassam e transfiguram seus poderes naturais* (MERLEAU-PONTY, 1999, p.262, grifo nosso).

Esse *apropriar-se* de núcleos significativos é inerente ao sujeito da linguagem, e quando pensamos em uma *escuta linguística* esse é o pano de fundo para compreender a complexidade de tal conceito, que busca uma aproximação entre *percepção* e *escuta do sentido* ao mesmo tempo em que delimita suas particularidades. Pensar a escuta demanda que nos questionemos acerca da percepção, do sentido sensível, ao mesmo tempo em que a alienação do corpo é fundamental para o fenômeno semiológico. Na enciclopédia Einaudi, ao falar sobre *gesto*, Rivière afirma: “Antes de ser funcional, comunicativo ou estético, o gesto é aquilo que aliena ao homem uma parte do seu corpo para o mergulhar na rede significativa da socialidade” (RIVIÈRE, 1987, p.14) – e a *escuta* leva essa *rede significativa da socialidade* ao extremo, inclusive no que se refere à impossibilidade de garantia da comunicação. Como afirma Merleau-Ponty em *A prosa do Mundo*,

a ideia mesmo de uma *expressão consumada* é quimérica: o que chamamos assim é a comunicação conseguida. Mas ela só o é se aquele que escuta, em vez de seguir malha por malha da cadeia verbal, retoma por sua conta e ultrapassa ao consumá-la a gesticulação linguística do outro (MERLEAU-PONTY, 1974, p.43).

A comunicação considerada de tal maneira depende da relação de *alteridade* que expõe, precisamente, a necessidade *daquele que escuta* de ultrapassar a esfera da passividade – sem esse passo, não há *escuta*, apenas *decodificação*, e a decodificação não é um gesto humano,

²⁵⁰ A linguista Claudine Normand aponta o problema da comunicação e o ponto de vista filosófico: “Que os locutores, ao trocarem suas falas (e *fala* designa em Saussure tanto o escrito quanto o oral), possam se comunicar os pensamentos é um objeto de espanto de que os filósofos tomaram consciência desde sempre sem resolver o mistério dessa função de representação” (...) “o espantoso não é somente que duas ordens julgadas disparatadas, o pensamento e o som, possam assim se encontrar ligadas e que o mundo se torne inteligível pelas palavras - maravilamento filosófico; deve-se maravilhar, por outro lado, com o fato de que aqueles que falam, em certas condições, compreendem-se” (NORMAND, 2009, p.55-6).

conforme Echeverría nos ajudou a pensar, ao observar que dispositivos mecânicos ou *softwares* não precisam *interpretar* o código recebido, apenas decodificá-lo conforme o programado. Para o *falante*, decodificar não é uma tarefa viável, e, para resgatar uma das passagens de Barthes e Havas mencionada acima (cf. 3.1), relembremos: “o silêncio do ouvinte será tão ativo como a palavra do locutor: poder-se-ia dizer que a escuta fala” (BARTHES & HAVAS, 1987, p.141). Sobre a *atividade* dessa função muda, Merleau-Ponty é claro:

Não sou somente ativo quando falo, mas precedo minha palavra no ouvinte; não sou passivo quando ouço, mas falo a partir do... que diz o outro. Falar não é somente uma iniciativa minha, ouvir não é sofrer a iniciativa do outro (MERLEAU-PONTY, 1974, p.151).

Escuta, portanto, é partilha – nas palavras de Nancy, “partilha que faz sujeito” (NANCY, 2014, p.71). Apesar de não estarmos trabalhando exatamente com um conceito de sujeito, mas de *falante*, ressaltamos a subjetividade não apenas da *parole*, mas da escuta – movimento que temos empreendido neste trabalho desde o primeiro capítulo, ao discutirmos acerca do circuito *para além da parole*. A leitura de Merleau-Ponty também aponta na mesma direção, e é possível vislumbrarmos as duas pontas do circuito da *parole* ligarem-se:

Quando ouço, não é preciso dizer que tenho a *percepção auditiva* dos sons articulados, mas o discurso fala em mim; ele me interpela e eu ressoo, ele me envolve e me habita a tal ponto que não sei mais o que é de mim e o que é dele. Nos dois casos, eu me projeto em outrem, o introduzo em mim, nossa conversação se parece com a luta dos dois atletas nas duas pontas da única corda. O *eu* que fala está instalado em seu corpo e em sua linguagem não como numa prisão, mas ao contrário, como num aparelho que o transporta magicamente na perspectiva de outrem (MERLEAU-PONTY, 1974, p.34)

Essa introdução de mim em outrem sintetiza a natureza da escuta; o *ressoar* da interpelação do outro se aproxima da concepção de ressonância de Nancy, além de dialogar com a natureza social e ao mesmo tempo individual da *langue* saussuriana: a *langue* é social, mas o que caracteriza esse sistema sincrônico é o *tesouro linguístico* de cada falante – inapreensível em sua totalidade, pois a *langue* é feita de passado, presente e futuro.

Nesta seção da tese, buscamos apoio em três filósofos que, cada um a seu modo, discutiram a questão da escuta. Jean Luc Nancy e Rafael Echeverría trouxeram suas definições de *escuta*, enquanto Merleau-Ponty contribuiu para uma reflexão a partir do fenômeno sensível e suas implicações desde a fenomenologia da percepção. Os três estudiosos são unânimes quanto à impossibilidade de encararmos a comunicação como uma

decodificação, a qual pressuporia sentidos *a priori*, desligados da relação de alteridade e da subjetividade. É nesse sentido que esses autores contribuem particularmente para uma visada da *escuta* que ultrapassa a *audição*, reforçando a diferença entre *ouvir* e *escutar* tratada acima (cf. 3.1). Os três filósofos também destacam, de certo modo, a constância da *escuta* com relação à fala: o fato de que uma posição de falante pressupõe a posição (condição) de ouvinte é fundamental para que pensemos a *escuta* em sua complexidade – a *escuta* é efeito; portanto, subjetiva e inapreensível. Essa “digressão” filosófica, para lançar mão de um termo utilizado por Barthes e Havas, – ou conversa de/na fronteira, como preferimos dizer, é necessária a nós para fundamentarmos a investida que daremos em direção a uma concepção de *escuta linguística*.

3.3 EM BUSCA DA ESCUTA – UM CONCEITO LINGUÍSTICO?

Nesta seção, buscaremos mostrar como a *escuta* tem sido definida ao longo dos anos, e em que medida tal conceito está presente nos estudos linguísticos. Podemos falar que *escuta* é um conceito linguístico? Se sim, é um conceito geral ou específico de alguma perspectiva teórica? Em que medida está presente uma reflexão sobre a *escuta* nos Estudos da Linguagem? É importante lembrar que levaremos em conta termos relacionados ou considerados sinônimos de *escuta* em outros idiomas (cf. 3.1), e tal consideração não está isenta de suas implicações, visto que cada idioma tem seu próprio esquema de relações e valores concorrentes com o termo estudado aqui. Nos valeremos dessas complexidades para problematizar a *escuta linguística*.

A primeira fonte que servirá de guia é a obra *The Sourcebook of Listening Research* (WORTHINGTON; BODIE, 2018), organizada por Debra Worthington e Graham Bodie²⁵¹. O objetivo é resumido em (a) fornecer uma história do campo; (b) dar início ao estabelecimento de um conjunto comum de termos; e (c) delinear os pontos fortes e fracos das abordagens teóricas do campo (cf. *preface*, p. XXII). O livro será usado como um primeiro ponto de referência para nos dar uma ideia do que está sendo considerado como *listening*, e em que medida esses estudos se relacionam – ou se afastam – da perspectiva de *escuta* que buscamos.

²⁵¹ Debra Worthington é professora e pesquisadora na área de Comunicação (Auburn University), centrando seus estudos sobre *listening* nas áreas de medição e avaliação. Graham Bodie é professor e pesquisador também na área da Comunicação (University of Mississippi), e seus estudos estão voltados para a comunicação interpessoal. Ambos pesquisadores encaram a *escuta (listening)* como uma *competência*.

Conforme podemos ver no quadro²⁵² que segue, ao longo dos anos há diferentes definições de *listening*, recolhidas em trabalhos que datam de 1925 a 2011:

Quadro 3 – The Sourcebook of Listening Research

Autor(es)	Ano	Definição
Tucker	1925	An analysis of the impressions resulting from concentration where an effort of will is required
Rankin	1926	The ability to understand spoken language
Nichols	1948	The comprehension of expository materials presented orally in a classroom situation
Barbe & Meyers	1954	The process of reacting to, interpreting, and relating the spoken language in terms of past experiences and a future course of action
Brown & Carlson	1955	The aural assimilation of spoken symbols in a face-to-face speaker–audience situation, with both oral and visual cues present
Barbara	1957	A definite, usually voluntary, effort to apprehend acoustically
Spearritt	1962	The active process involved in attaching meaning to sounds
Barker	1971	The selective process of attending to, hearing, understanding, and remembering aural symbols
Weaver	1972	A process that takes place when a human organism receives oral data; the selection and retention of aurally received data
Kelly	1975	A rather definite and deliberative ability to hear information, to analyze it, to recall it at a later time, and to draw conclusions from it
Steil <i>et al.</i>	1983	Consists of four connected activities – sensing, interpreting, evaluating, and responding
Wolff <i>et al.</i>	1983	A unitary-receptive communication process of hearing and selecting, assimilating and organizing, and retaining and covertly responding to aural and nonverbal stimuli
Wolvin & Coakley	1988	The process of receiving, attending to, and assigning meaning to aural stimuli
rownell	1994	An overt behavior that conceptualizes the teaching and training process
ILA	1996	The process of receiving, constructing meaning from, and responding to spoken and/or nonverbal messages
Cooper	1997	Listening competency means behavior that is appropriate and effective. Appropriateness means that the content is understood, and effectiveness deals with the achievement of interactive goals.
de Ruyter & Werzels	2000	(As perceived by customers) A set of interrelated activities, including apparent attentiveness, nonverbal behaviors, verbal behavior, perceived attitudes, memory, and behavioral responses.

²⁵² Este quadro está limitado a trabalhos publicados em língua inglesa.

Bostrom | 2011 | The acquisition, process, and retention of information in the interpersonal context

Fonte: Worthington; Bodie (2018, p.4)

Podemos verificar que há várias definições de *listening* relacionadas a ações em comum: analisar, interpretar, assimilar, apreender, entender, reter/relembrar informações, avaliar, responder, ouvir... Além disso, na maior parte das definições, há indicação explícita de que o termo *listening* está relacionado diretamente à escuta de uma *língua* – afastando-se, portanto, do aspecto meramente auditivo de escuta. Para os organizadores do livro, entretanto, falta “rigor científico” nas definições encontradas em tais obras:

Definições conceituais devem ser fundamentadas em marcos teóricos e revisadas ao longo do tempo (...) O fato é que, embora o campo da escuta tenha mais de meio século de idade, muito do que contribui para o processo de escuta não é bem compreendido (WORTHINGTON; BODIE, 2018, p.10, tradução nossa)²⁵³.

Uma das questões que chamam a atenção para o livro como um todo, no entanto, é a ausência de fundamentação linguística *strictu sensu* para definir o conceito de *listening*: em toda a obra, não se encontram referências a obras fundamentais da área linguística – há apenas uma menção a Noam Chomsky. A ausência de um referencial teórico cuja problemática linguística seja central parece apontar que o termo *listening* é tratado muito mais como um *canal* comunicativo, e não como uma *função linguística* propriamente dita.

Na *Oxford Research Encyclopedia of Communication*, Bodie (2016), que é um dos organizadores de *The Sourcebook of Listening Research* (WORTHINGTON; BODIE, 2018), propõe a seguinte definição para *listening*:

Listening is recognized as a multidimensional construct that consists of complex (a) affective processes, such as being motivated to attend to others; (b) behavioral processes, such as responding with verbal and nonverbal feedback; and (c) cognitive processes, such as attending to, understanding, receiving, and interpreting content and relational messages. Research in the communication studies discipline has focused most heavily on the cognitive processes of listening with the least attention afforded to behavioral components. Although several models of listening have been put forward, scholars still struggle with basic notions of how best to define listening for research purposes and how to incorporate listening into mainstream theoretical frameworks (BODIE, 2016).

²⁵³ “Conceptual definitions should be grounded in theoretical frameworks and revised over time [...] The fact is that although the field of listening is over a half century old, much of what contributes to the listening process is not well understood” (WORTHINGTON; BODIE, 2018, p.10).

A *escuta*, ao que tudo indica, não está associada diretamente a aspectos linguísticos, apesar de pressupor o conhecimento de ao menos uma língua. Buscamos pela definição na coleção *Oxford Research Encyclopedias*, porém, não encontramos uma definição de *listening* nas enciclopédias especializadas em Estudos da Linguagem. Seguimos em nossa busca e encontramos uma publicação em língua inglesa intitulada *Teaching and researching listening*, de Michael Rost (2011) – livro pertencente a uma série sobre linguística aplicada²⁵⁴. Nesse livro, é possível traçar um breve percurso quanto aos estudos relacionados à questão no contexto dos estudos linguísticos.

Conforme Rost (2011), ao longo dos anos 1900, os avanços tecnológicos permitiram a gravação de áudio, e a fonética acústica acabou ganhando destaque, sendo considerada com um grande avanço na pesquisa em comunicação. O termo *listening* passou a ser definido “em termos de gravação confiável de sinais acústicos no cérebro para uso posterior” (ROST, 2011, p.1, *tradução nossa*)²⁵⁵. Já entre 1920-1930, as investigações acerca da psique humana promoveram uma definição de *listening* como “um processo amplamente inconsciente controlado por mecanismos cognitivos misteriosos” (ROST, 2011, p.1-2, *tradução nossa*)²⁵⁶. Em 1940, o advento da telecomunicação levou ao interesse quanto ao processamento de informações: “*listening* foi definido em termos de transmissão bem-sucedida e recriação de mensagens” (ROST, 2011, p.2, *tradução nossa*)²⁵⁷. Nos anos 1950, seguiram-se os avanços na ciência computacional, e com isso o conceito de *listening* passou a ser associado a ações de esmiuçar e rotular o *input*, com o objetivo de armazenar e recuperar informações de maneira eficiente. Em 1960, a psicologia transpessoal interessou-se pela escuta definindo-a a partir da relação entre o mundo interior tanto do falante quanto do ouvinte²⁵⁸. Nos anos 1970, o globalismo e a antropologia passaram a olhar para o termo *listening* invocando esquemas culturais. O comportamento organizacional ganhou espaço em 1980, compreendendo *listening* como uma habilidade interpessoal, e lançando mão do termo *active listening* (escuta ativa). Em 1990, novamente com avanços tecnológicos da computação, possibilitando a análise de dados em larga escala, reforçou-se a concepção de *listening* como *processamento de input*.

²⁵⁴ Editada por Candlin Christopher, a série *Applied Linguistics in Action* conta com treze obras, dentre as quais quatro são dedicadas às habilidades de falar (*speaking*), escrever (*writing*), ler (*reading*) e escutar (*listening*).

²⁵⁵ “in terms of reliably recording acoustic signals in the brain for later use” (ROST, 2001, p.1).

²⁵⁶ “a largely unconscious process controlled by mysterious cognitive mechanisms” (ROST, 2001, p.1-2)

²⁵⁷ “listening was defined in terms of successful transmission and re-creation of messages” (ROST, 2001, p.2)

²⁵⁸ “In the 1960s, with the rise of transpersonal psychology, listening was defined by heuristics for understanding the inner worlds of both the speaker and listener” (ROST, 2001, p.2)

Finalmente, nos anos 2000, o *networking* digital passou a incluir, na definição de *listening*, a ideia de conexão rápida e eficiente com uma rede de pessoas (cf. ROST, 2011).

Segundo Rost, tais mudanças de concepção ou foco refletem as alterações das expectativas sobre o que é possível alcançar através de um estudo da escuta. O estudioso ainda afirma:

Como a escuta é essencialmente um processo transitório e invisível que não pode ser observado diretamente, precisamos de descrições indiretas - analogias e metáforas para descrevê-la. (...) a maioria das definições de escuta que encontro parecem gravitar em direção a uma das quatro orientações: receptiva, construtiva, colaborativa e transformacional. (ROST, 2011, p.2)²⁵⁹

A orientação receptiva vê a escuta em seu aspecto passivo, cujo foco é o falante; a orientação construtiva lida com a construção e representação do significado (alguns mais voltados ao falante, outras ao dito, outras ao não dito); a orientação colaborativa detém-se sob a escuta pelo viés de negociação do significado com o falante, além da atitude responsiva; já a orientação transformacional tem relação com o criar significado através de envolvimento, imaginação e empatia a partir da escuta. É importante situarmos a proposta de Rost para que compreendamos nosso lugar no debate.

Tendo em vista a escuta como um *processamento* de informação, o autor aponta quatro pontos de vista para problematizar o que pode ser compreendido por *listening*: processamento neurológico, linguístico, semântico e pragmático. O processamento neurológico diz respeito às relações entre ouvir e escutar (*hearing / listening*), com maior foco no processamento auditivo. Já o processamento linguístico está vinculado à percepção do *discurso* (fala, *speech*), com vistas a realizar a identificação de “unidades de língua falada” (ROST, 2011, p.27)²⁶⁰. No que diz respeito ao processamento semântico, observa-se que há uma noção de “compreensão completa”, que faz referência ao fato de “o ouvinte ter um conceito claro na memória para todas as referências usadas pelo falante, não necessariamente os mesmos referentes na memória do falante” (ROST, 2011, p.54, *tradução nossa*)²⁶¹. Por fim, a perspectiva pragmática descreve *listening* como um “fenômeno de linguagem de um ponto de vista

²⁵⁹ “Because listening is essentially a transient and invisible process that cannot be observed directly, we need indirect descriptions - analogies and metaphors to describe It.” [...] “most definitions of listening I encounter seem to gravitate toward one of four orientations: receptive, constructive, collaborative and transformative” (ROST, 2001, p.2)

²⁶⁰ “units of spoken language” (ROST, 2001, p.27).

²⁶¹ “Complete comprehension then refers to the listener having a clear concept in memory for every reference used by the speaker, not necessarily the same referents in the speaker’s memory” (ROST, 2001, p.54).

subjetivo do falante e do ouvinte, e a intersubjetividade que é co-construída em uma interação” (ROST, 2011, p.78, *tradução nossa*)²⁶².

Vislumbramos, com Rost, o termo *listening* considerando a partir de diversos pontos de vista: como processamento auditivo (percepção física); a partir da identificação das unidades do discurso (reconhecimento de que os “sons” pertencem a uma língua); da compreensão (escutar pressupõe entendimento); e de fenômeno que constrói a intersubjetividade. Retomaremos esses aspectos ao final deste capítulo; por ora, vale destacar que cada um desses aspectos mencionados é objeto de um nível de análise distinto – sendo possível, portanto, analisá-los separadamente. Nosso objetivo, por outro lado, é olhar para *escuta* não apenas como um fenômeno linguístico, mas como um conceito teórico fundamental que deriva, certamente, da nossa experiência de *sujet parlant*, mas que reverbera em outros conceitos fundamentais dos estudos saussurianos – como a própria delimitação das unidades linguísticas – o que nos leva necessariamente a uma retomada dos conceitos de *langue-parole* – dessa vez, à escuta do sentido.

3.3.1 À escuta do sentido

Do rastro das definições entre ouvir e escutar à busca de uma concepção linguística de escuta – a trajetória que temos empreendido em busca da *escuta* nos Estudos da Linguagem leva-nos necessariamente à *escuta do sentido*. E voltamos a reiterar: tal *sentido* é dependente tanto da sensação quanto de sua abstração, condicionados pela posição de *ouvinte* (o *Monsieur B* do circuito da *parole*). Um dos maiores representantes dos estudos sobre as relações entre som e sentido é, sem dúvidas, Roman Jakobson. O linguista russo é um dos grandes mestres da linguística – e um dos poucos a se aventurar em tantos aspectos diversos da linguagem, visto que, para ele, “a Linguística se interessa pela linguagem em todos os seus aspectos – linguagem em operação, linguagem à deriva, linguagem em estado nascente, linguagem em dissolução” (JAKOBSON, 1971a, p.239, *tradução nossa*)²⁶³. Para Federico Albano Leoni, autor de *Des sons et des sens*,

²⁶² “phenomena of language from the subjective point of view of the speaker and the listener, and the intersubjectivity that is co-constructed in an interaction” (ROST, 2001, p.78).

²⁶³ “Linguistics is concerned with language in all its aspects – language in operation, language in drift, language in the nascent state, and language in dissolution” (JAKOBSON, 1971a, p.239).

Jakobson, certamente o mais culto e o mais universal de todos os fonólogos do século XX, consegue, além do mais, combinar sua herança funcionalista, sua visão complexa dos fatos da linguagem, a atenção ao ouvinte e à acústica, com as aspirações matemáticas da linguística americana e a perspectiva binária da informática (ALBANO LEONI, 2014, p.91, *tradução nossa*)²⁶⁴.

Como herdeiro (e crítico) dos princípios saussurianos, Jakobson não poderia deixar de estar presente neste capítulo, e para isso foi preciso selecionarmos alguns de seus textos em meio à vastidão de sua obra publicada.

Como veremos a partir de seus escritos, Roman Jakobson é um dos linguistas que retoma, de maneira insistente, a concepção saussuriana de *valor*. Acreditamos que este é um conceito primordial para compreender a função da *escuta*: ao ouvinte não interessa decompor os sons da cadeia falada, ter consciência dos atos articulatórios ou da fisiologia que propicia a experiência auditiva; ao ouvinte interessam os *efeitos* – não apenas os efeitos sonoros, mas os efeitos promovidos por este laço entre *forma-sentido* – forma sentida, interpretada e compreendida em sua função simbólica e linguística. Retomamos algumas passagens das primeiras aulas de Jakobson na *École libre des Hautes Études* em Nova Iorque a fim de situar a importância da reflexão promovida pelo estudioso com relação ao fenômeno sonoro de um ponto de vista linguístico, além de situar, juntamente com o autor, as particularidades e avanços dos estudos fonéticos e fonológicos – o que nos levará a pensar a *escuta* a partir do ponto de vista de uma *função linguística*.

Na primeira de suas *Seis lições sobre o som e o sentido*, Jakobson (1977) sintetiza a longa trajetória dos estudos fonéticos aos estudos fonológicos, mostrando o papel desempenhado pela fonética articulatória, assim como pela fonética experimental (ou instrumental)²⁶⁵ e as limitações de ambas perspectivas no que se refere à interpretação do fenômeno audível. O linguista insiste no caráter basilar da *função* para que se compreenda mais profundamente o aspecto sonoro e significante da língua, demonstrando a “passagem” do significante ao significado – ou melhor, o entrelaçamento de ambos, no emaranhado formado pelo fenômeno sonoro. Jakobson aponta o fato de que, no decorrer do século XIX,

²⁶⁴ « Jakobson, certainement le plus cultivé et le plus universel de tous les phonologues du XX^e siècle, réussit, en outre, à conjuguer son héritage fonctionnaliste, sa vision complexe des faits de langue, l’attention pour l’auditeur et pour l’acoustique, avec les aspirations mathématisantes de la linguistique américaine et la perspective binaire de l’informatique » (ALBANO LEONI, 2014, p.91).

²⁶⁵ Jakobson deixa clara sua preferência com relação à expressão “fonética instrumental” em detrimento de “fonética experimental”, apesar de a última ser mais comum – no entanto, menos precisa. A fonética experimental estava pautada de fato na instrumentalização tecnológica, que permitiu análises até então impensáveis.

foi a linguística que, passo a passo, à medida que ganhava terreno, se apoderou do estudo dos sons da linguagem, estudo a que se deu o nome de fonética. Enraizava-se na linguística da segunda metade do último século um empirismo sensualista na sua forma mais ingênua que se fixava cegamente e instantaneamente na experiência exterior, e naturalmente o aspecto espiritual da linguagem, o sentido, o mundo das significações, apagava-se perante o aspecto material da linguagem, perante a sua matéria sonora. O estudo das significações, a semântica, ficava muito para trás, enquanto que a fonética fazia progressos rápidos e até tendia para ocupar o lugar central na ciência da linguagem (JAKOBSON, 1977, p.21).

A escola neogramática, como destaca o autor, estava interessada nas origens das línguas – a finalidade, portanto, não era uma preocupação dos estudos gerais da linguagem, nesse sentido, “Estudava-se a linguagem sem a preocupação de conhecer quais as necessidades culturais que ela satisfaz” (JAKOBSON, 1977, p.21). A orientação dos neogramáticos levava ao estudo das formas sem considerar as funções linguísticas, o que autorizou o *esquecimento* ou apagamento do *sentido* do aspecto sonoro nas línguas:

Esquecia-se propositadamente o fato de se tratar de um significante, visto não ser de maneira nenhuma a função linguística dos sons que interessava os linguistas, mas os sons como tais, os sons “em carne e osso”, sem atender ao papel que desempenham na língua (JAKOBSON, 1977, p.21).

Qual a função desempenhada pelos sons como *significantes*? Para Jakobson, não há dúvidas: “Quando eu falo, é para ser ouvido” (JAKOBSON, 1977, p.22), e a função deste *outro* – o ouvinte – não é a de ser receptáculo de uma fala a ser decodificada: o fenômeno acústico será interpretado, na medida em que demanda uma *escuta* capaz de desembaraçar a *fita amorfa*, para usar uma expressão de Saussure. O fenômeno linguístico só é possível na relação de interlocução, e sua análise depende de tal consideração. Assim, conforme Jakobson,

Dos dois aspectos do som, é portanto o aspecto acústico que apresenta antes de tudo um valor intersubjetivo, social, enquanto que o fenômeno motor, ou, por outras palavras, o trabalho do aparelho vocálico, é simplesmente uma condição fisiológica do fenômeno acústico (JAKOBSON, 1977, p.22).

O linguista, assim como Saussure, atentou para a diferença e relação entre os aspectos motor e acústico do estudo do som na *langue*. Ao falar, o “*Monsieur A*” produz um efeito de escuta inevitavelmente – seja pela escuta da própria fala, seja pelo efeito que produziu no outro (ou ambos). Para que se estude os *efeitos*, é preciso mobilizar uma infinidade de conceitos linguísticos – e o principal deles é o de *valor*: o efeito de *distinção* permite ao falante-ouvinte analisar a cadeia falada e recortá-la em unidades linguísticas. Jakobson ressalta:

o estudo autônomo da fonação decompõe os sons que analisa numa

quantidade desconcertante de pormenores, sem que ele próprio possa dar-nos uma resposta à questão essencial, conhecer o valor que a língua confere a cada um destes inúmeros pormenores (JAKOBSON, 1977, p.24).

O linguista russo insiste na *questão essencial do valor* das unidades, percebida e reconhecida na cadeia discursiva: “Saussure supõe que é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio” (JAKOBSON, 1977, p.25). Assim como Jakobson reconhece o mérito das considerações de Ferdinand de Saussure, o linguista é de fato um leitor especialmente atento às nuances do pensamento saussuriano, e lança mão de seus fundamentos para pensar o *som* e o *sentido* de uma maneira até então singular, trazendo exemplos não apenas da literatura, mas da língua em uso, seja pelo viés da aquisição, seja a partir de exemplos da clínica de linguagem. A consideração da complexidade do fenômeno sonoro, sempre tomado a partir de sua função significante, é herdeira do pensamento saussuriano. Conforme aponta Jakobson,

não é o dado acústico em si que nos permite subdividir a cadeia da palavra em unidades distintas mas apenas o valor linguístico deste dado. O grande mérito de Saussure foi ter compreendido exatamente que um dado extrínseco existe já inconscientemente quando, ao estudar o ato fonatório, se abordam as *unidades* fonéticas e quando se delimitam os sons da cadeia falada. (JAKOBSON, 1977, p.25)

Poderíamos dizer que a área responsável por abrir caminhos para a *escuta linguística* foi, de fato, a fonologia²⁶⁶. Nascida a partir das teses do Círculo de Praga, cuja inspiração, sabemos, é também tributária de Saussure, aliar fisiologia, articulação e acústica foi o que possibilitou encararmos, a partir do *corpo*, os efeitos de sentido (leia-se, distintividade e valor) da *langue*. Ao final de sua primeira lição, Jakobson retoma a *função* de escuta²⁶⁷ na língua:

Dissemos que se fala para ser ouvido; é preciso acrescentar que se quer ser *ouvido* para ser compreendido. É o caminho do ato fonatório até ao *som* propriamente dito e do som até ao sentido! Abandonamos aqui o campo da fonética, disciplina que estuda os sons unicamente no seu aspecto motor e acústico, e abordamos um novo domínio, o da fonologia, que estuda os sons da linguagem no seu aspecto linguístico (JAKOBSON, 1977, p.30).

Certamente esse “abandono” não é literal – a fonologia precisa de fundamentos da fonética, mas é o ponto de vista fonológico que coloca em jogo as engrenagens dos “sons e sentidos”

²⁶⁶ Em *O fonema – Linguística e História*, Rodrigo Garay sublinha: “a distinção entre Fonética e Fonologia foi sistematizada em uma teoria ao redor da década de 1920, pelos integrantes do Círculo Linguístico de Praga” (GARAY, 2016, p.13), e Nikolai Trubetzkoy (1890 – 1938) é apontado como o responsável por situar as diferenças entre as duas disciplinas.

²⁶⁷ Função de escuta é uma expressão utilizada por nós – não é uma das funções da linguagem propostas por Jakobson, apesar de ser uma *pressuposição* a partir de suas reflexões acerca do lugar de interlocução.

do sistema linguístico. Essas considerações estão longe de permanecerem restritas às lições ministradas por Roman Jakobson, sendo possível perceber como a noção de *valor* produziu em diversos outros escritos da obra jakobsoniana. Reduzido algumas vezes a “linguista da comunicação”, Jakobson operou a partir de fundamentos basilares da teoria linguística com uma dedicação incomparável e reeamos reduzir a complexidade de seus estudos e suas análises, mas é preciso operarmos um recorte. Assim, após termos situado brevemente algumas questões acerca da complexidade do fenômeno acústico por um viés da linguística tributária de Saussure, vamos a outro texto, o qual dialoga com o debate sobre comunicação, abordado também pelos filósofos acima referidos.

Em *Linguística e Comunicação*, Jakobson (1969b) trata dos modelos que buscam representar a comunicação e, para isso, o linguista ressalta a diferença entre a troca de mensagens do ponto de vista linguístico da “extração de informação” do mundo, conforme podemos verificar no excerto a seguir:

McKay nos previne contra a confusão entre a troca de mensagens verbais e a extração de informação do mundo físico, duas coisas que foram abusivamente unificadas sob a etiqueta de ‘comunicação’; para McKay, esta palavra tem inevitavelmente uma conotação antropomórfica que ‘embrulha toda a questão’. Um perigo semelhante existe quando se interpreta a intercomunicação humana em termos de informação física. *As tentativas de construir um modelo da linguagem sem relação alguma com quem a fale ou ouça, e de hipostasiar assim um código desligado da comunicação efetiva, ameaçam reduzir a linguagem a uma ficção escolástica* (JAKOBSON, 1969b, p.81, grifos nossos)²⁶⁸.

É inevitável relacionarmos essa passagem de Jakobson com os apontamentos dos filósofos com os quais trabalhamos acima (Cf. 3.1.1). Nancy vê a comunicação para além da transmissão, aliando-a necessariamente à partilha; Echeverría coloca a *escuta* no centro da comunicação; e Merleau-Ponty afirma que a expressão consumada é quimérica. Tanto esses filósofos quanto Jakobson apontam para a nulidade de esvaziarmos o lugar daquele que fala e daquele que escuta das considerações sobre a linguagem. Um modelo linguístico precisa incluir as posições de falante e ouvinte a fim de que não seja reduzido a um circuito análogo à

²⁶⁸ O texto em língua inglesa pode ser encontrado na coletânea *Selected Writings II*, sob o título “*Linguistics and Communication Theory*”: “MacKay warns against the confusion between the exchange of verbal messages and the extraction of information from the physical world, both abusively unified under the label ‘communication’; this word has for him an inevitably anthropomorphic connotation ‘which bedevils discussion’. There is a similar danger when interpreting human inter-communication in terms of physical information. Attempts to construct a model of language without any relation either to the speaker or to the hearer, and thus to hypostasize a code detached from actual communication, threaten to make a scholastic fiction out of language” (JAKOBSON, 1971b, p.576).

mera tradução de informações físicas em signos linguísticos. Jakobson nos mostra que a linguística pode comprometer-se com a singularidade que nosso objeto de estudos, como linguistas, nos impõe.

Seguimos com Jakobson e Halle em *Fundamentals of Language* (1956), cuja importância é marcada, segundo Albano Leoni, tanto pela influência para a discussão teórica quanto práticas dos estudos fonológicos, que ecoaram na segunda metade do século XX. Para o pesquisador, a obra de Jakobson e Halle uniu a América e a Europa,

harmonizando em matrizes binárias os *traços* da tradição bloomfieldiana com os componentes do conteúdo fonológico de Troubetzkoy, fornecendo um modelo de representação de fatos não apenas fonológicos, mas linguísticos, e que serão amplamente divulgados até hoje (ALBANO LEONI, 2014, p.91, *tradução nossa*)²⁶⁹.

A primeira parte do livro é dedicada à fonética e à fonologia, e os autores fundamentam a discussão acerca dos traços e seu valor distintivo na *langue*. Destacaremos apenas algumas passagens da obra que nos ajudam a pensar sobre o fenômeno auditivo, sem perder de vista a posição de ouvinte (*listener*), referenciada ao longo de todo o livro.

Relembramos um excerto no qual Jakobson e Halle discutem a respeito dos estágios do *evento de fala* (*speech event*):

O status da mensagem entre os caminhos corporais do falante e do ouvinte, as vibrações transmitidas no ar, são cada vez mais dominadas, devido principalmente ao incrível avanço da acústica moderna. A tradução do estímulo físico, primeiro em processos auditivos e depois em processos neurológicos, está prestes a ser mapeada (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.32, *tradução nossa*)²⁷⁰.

Em 1956, os avanços da tecnologia já eram perceptíveis, causando impacto nos estudos linguísticos. Para os autores, “o estudo psicológico da percepção sonora tem procurado isolar os diversos atributos subjetivos do som e determinar a capacidade discriminatória dos

²⁶⁹ « en harmonisant dans les matrices binaires les *features* de la tradition bloomfieldienne avec les composantes du contenu phonologique de Troubetzkoy, fournissant un modèle de représentation des faits non seulement phonologiques mais linguistiques, et qui sera largement diffusé jusqu’à nos jours » (ALBANO LEONI, 2014, p.91).

²⁷⁰ “The status of the message between the bodily pathways of the speaker and listener, the transmitted vibrations in the air, are ever more adequately mastered, owing especially to the amazing advance of modern acoustics. The translation of the physical stimulus, first into aural and then into neural processes, is about to be charted”. (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.32)

ouvintes para cada uma das dimensões do estímulo” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.32-3, *tradução nossa*)²⁷¹, e a questão da *interpretação linguística* já era vislumbrada pelos autores:

O ouvinte correlaciona a mensagem recebida com o código comum para si e para o falante. Assim, o papel dos componentes sonoros e combinações em padrões linguísticos é implícito na percepção dos sons da fala. Para descobrir que elementos motores, acústicos e perceptivos dos sons são utilizados em um determinado idioma, devemos ser guiados por suas regras de codificação: uma análise fisiológica, física e psicológica eficaz dos sons da fala pressupõe sua interpretação linguística (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.33, *tradução nossa*)²⁷².

Essa passagem auxilia-nos a compreender melhor a complexidade do problema relacionado à escuta. Se falamos para sermos ouvidos, e para isso dependemos da compreensão²⁷³, é válido considerar que a *escuta* será sempre indissociável das concepções de *langue* e de *parole*. Para os pesquisadores,

Quanto mais próximos estivermos em nossa investigação do destino da mensagem, mais precisamente podemos medir as informações transmitidas pela cadeia sonora. Isso determina a hierarquia operacional dos níveis em sua relevância decrescente: perceptiva, auditiva, acústica e motora (esta última não carrega nenhuma informação direta ao receptor, exceto pela ajuda esporádica da leitura labial). A experiência auditiva é o único aspecto da mensagem codificada realmente compartilhada pelo remetente e pelo destinatário, uma vez que o falante normalmente ouve a si mesmo. (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.33-4, *tradução nossa*)²⁷⁴.

O que está em jogo nessas impressões é justamente a percepção da diferença – sem, entretanto, excluir os outros fatores envolvidos no processo de delimitação das unidades linguísticas. Em outra de suas publicações – dessa vez em coautoria de Linda Waugh, *The Sound Shape of Language* tem uma seção dedicada à percepção da fala, na qual é retomada a complexidade da experiência auditiva.

²⁷¹ “The psychological study of sound perception has endeavored to isolate the diverse subjective attributes of sound and to determine the discriminatory capacity of the listeners for each of the dimensions of the stimulus” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.32-3).

²⁷² “The listener correlates the incoming message with the code common to himself and the speaker. Thus the role of sound components and combinations in the linguistic pattern is implicit in the perception of speech sounds. To find out what motor, acoustic and perceptual elements of sounds are utilized in a given language, we must be guided by its coding rules: an efficacious physiological, physical and psychological analysis of speech sounds presupposes their linguistic interpretation” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.34).

²⁷³ “We speak to be heard and need to be heard to be understood” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.34).

²⁷⁴ “The closer we are in our investigation to the destination of the message, the more accurately can we gauge the information conveyed by the sound-chain. This determines the operational hierarchy of levels in their decreasing pertinence: perceptual, aural, acoustical and motor (the latter carrying no direct information to the receiver except for the sporadic help of lip-reading). The auditory experience is the only aspect of the encoded message actually shared by the sender and the receiver since the speaker normally hears himself” (JAKOBSON; HALLE, 1956, p.33-4).

Jakobson e Waugh afirmam: “O valor perceptual dos traços distintivos controla seu aspecto físico-motor e está diretamente ligado ao nível acústico, que na fala está igualmente à disposição do locutor e do destinatário” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.64, *tradução nossa*)²⁷⁵. Não é por acaso que os autores relembram a passagem do CLG na qual se afirma que “a impressão produzida pelo ouvido é a base natural de toda a teoria” (SAUSSURE, 2006, p.49)²⁷⁶: as impressões apenas surtem efeitos no *ouvido* quando produzem *diferença* – e o reconhecimento das diferenças está fundamentado na *langue*, compartilhada socialmente através do uso. Nem tudo que é ouvido produz valor linguístico, e a capacidade de percepção do *ouvinte* não pode ser reduzida à capacidade de percepção física: “Nos últimos anos, a questão do feedback motor para o ouvinte foi levantada e perseguida com particular atenção e insistência. Tal feedback reforça inquestionavelmente a capacidade perceptiva do ouvinte” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.64, *tradução nossa*)²⁷⁷.

Uma das áreas de estudos de grande interesse para a reflexão da percepção linguística é a da aquisição, em que é possível notar que, “mesmo antes das primeiras tentativas de falar, crianças demonstram uma habilidade para discernir e entender a língua falada” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.65, *tradução nossa*)²⁷⁸. Essa capacidade de percepção acústica parece ilimitada, entretanto, à medida em que a criança é exposta a um idioma:

O desenvolvimento da capacidade da criança de selecionar os traços distintivos primários do estoque de traços que percebe no discurso endereçado a ela pelos adultos não pode ser interpretado como testemunho do crescimento gradual e lento de sua habilidade articulatória. A fase pré-linguística do balbúcio da experiência do bebê muitas vezes mostra a notável variedade de sua produção motora, que posteriormente dá lugar a uma surpreendente escassez de "sons funcionais" em seu uso precoce da língua (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.66, *tradução nossa*)²⁷⁹.

²⁷⁵ “The perceptual value of the distinctive features controls their psychomotor aspect and is directly linked with the acoustic level, which in speech is equally at the disposal of the speaker and of the addressee” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.64).

²⁷⁶ « L'impression produite sur l'oreille est la base naturelle de toute théorie » (SAUSSURE, 1972, p.63).

²⁷⁷ “Through recent years, the question of motor feedback for the listener has been raised and followed with particular attention and insistence. Such feedback unquestionably reinforces the perceptual capability of the listener” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.64).

²⁷⁸ “Even before their first attempts at speaking, children show an ability to discern and to understand spoken language” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.65).

²⁷⁹ “The development of the child's ability to select the primary distinctive features from the stock of features he perceives in the speech addressed to him by adults cannot be interpreted as testimony to the gradual and slow growth of his articulatory skill. The prelinguistic, babbling phase of the infant's experience often shows the remarkable variety of his motor production, which subsequently gives way to a surprising scarcity of "functional sounds" in his early use of language” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.66).

Tal percepção das unidades está diretamente ligada ao efeito distintivo das unidades linguísticas, e portando a percepção é um conceito complexo, que mobiliza tanto aspectos concretos quanto abstratos.

Nessa obra de Jakobson e Waugh, também encontramos uma passagem na qual os autores propõem delimitar o processo de escutar *fala* (ou *parole*, para lançarmos mão do termo saussuriano):

Escutar a fala [*speech*] é um processo sequencial que lida com ‘sons, palavras e frases recém-desaparecidos e envolve o uso repetitivo da chamada síntese simultânea’ (uma transposição de um evento sequencial para um processo síncrono) na memória de curto prazo do ouvinte (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.76, grifo nosso, tradução nossa)²⁸⁰.

O excerto destacado traz o ponto de vista da discussão da memória, que demanda uma síntese daquilo que foi ouvido na cadeia falada. A *escuta linguística* – como estamos chamando – é definida, nessa passagem, como um processo de apreensão de palavras “recém desaparecidas”: é a efemeridade da cadeia discursiva que enfatiza o caráter singular da escuta e seu papel ativo por parte seja do falante, seja do ouvinte. Ressaltamos esse aspecto a fim de salientar o papel ativo da *escuta*, que demanda do interlocutor uma ação interpretativa que delimitará os sons e os sentidos da cadeia ouvida. Essa característica da não-consignação da cadeia falada é também abordada por Coursil (cf. 1.3).

Em outra passagem de *The Sound Shape of Language*, sublinhamos o papel *primário* que Jakobson e Waugh atribuem à “escuta”:

Vários fortes exemplos de evidência empírica para o papel primário desempenhado pelo fator auditivo na percepção da fala foram oferecidos para discussão por David S. Palermo (1975) e ao menos dois de seus argumentos devem ser citados: a percepção da fala se desenvolve antes da produção da fala e em casos patológicos esta é possível sem capacidades produtivas, enquanto “o contrário nunca ocorre” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.66-67, tradução nossa)²⁸¹.

Sublinhamos aqui que *perceber a fala* é mais do que *ouvir*: trata-se de reconhecer, em algum grau, que o objeto da minha escuta é de natureza linguística – a capacidade de reconhecer a *langue* está vinculada à concepção de escuta linguística; na fase pré-linguística na aquisição

²⁸⁰ “Listening to speech is a sequential process dealing with 'just-vanished sounds, words, and sentences and involving the repetitive use of so-called 'simultaneous synthesis' (a transposition of a sequential event into a synchronous process) in the short-term memory of the perceiver” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.76).

²⁸¹ “Several strong pieces of empirical evidence for the primary role played by the auditory factor in speech perception have been offered for discussion by David S.Palermo (1975) and at least two of his arguments should be cited: speech perception develops prior to speech production and in pathological cases is possible without productive capacities, while ‘the reverse is never the case’” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.66-67).

de linguagem, o bebê tem a capacidade de audição aberta a todos os sons, pertencentes ou não a um idioma, por exemplo. Essa audição, à medida em que a criança é exposta a um sistema de valores e diferenças, delimita as unidades já em uma *escuta*. A passagem do ouvir ao escutar, nesse sentido, é característica do *devir* falante²⁸².

Procuramos, até aqui, realizar uma breve retomada de Roman Jakobson no sentido de demarcar o lugar ocupado por esse linguista nas relações entre *langue, parole e escuta*. O grande volume de publicações do autor já proporcionaria um estudo exclusivo – mas não exaustivo – em direção à constituição de uma história da *escuta* nos Estudos da Linguagem – tal empreendimento ficará para pesquisas futuras. Seguindo o mesmo caminho do entrelaçamento entre *som e sentido*, damos continuidade à discussão com o auxílio de Federico Albano Leoni²⁸³. O pesquisador italiano é professor de linguística na *Università degli Studi di Napoli Federico II*, autor de *Manuale di fonética* (1995) e *Dei suoni e dei sensi. Il volto fonico delle parole* (2009) – obra republicada em língua francesa no ano de 2014 sob o título *Des sons et des sens* (2014). É a partir da leitura dessa obra (ALBANO LEONI, 2014) que aprofundaremos a seguir nossa discussão acerca da *escuta*.

Em *Des sons et des sens*, Albano Leoni busca apresentar, a partir de um ponto de vista singular, as abordagens sobre “os sons e os sentidos” nos Estudos da Linguagem em geral. Não é à toa o uso do plural: o pesquisador procura justamente mostrar a diversidade – de percepções, de interpretações – aparentemente não tão caro à tradição linguística. Conforme o estudioso, o livro é uma espécie de retomada, em parte, de artigos de sua autoria publicados ao longo dos últimos anos (2001 a 2005, principalmente). O autor justifica seu empreendimento teórico de *Des sons et des sens* em decorrência de três questões principais: (1) reticência das teorias com relação aos fenômenos; (2) desequilíbrio entre as teorias e as práticas linguísticas; (3) caráter auto referencial de arquiteturas fonológicas sofisticadas, que parecem indiferentes ao problema do significado (ALBANO LEONI, 2014). Não temos o intuito de retomar todas as teses de Federico Albano Leoni, mas de nos apropriarmos de sua discussão, que reverbera fortemente nos estudos relacionados à consideração de uma *escuta*

²⁸² Em *Do balbucio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante*, Milano e Flores (2015) discutem a passagem do balbucio às palavras na aquisição da linguagem, tendo como base o artigo *Why ‘mama’ and ‘papa’* de Roman Jakobson. A discussão promovida pelos pesquisadores coloca em destaque a interlocução, com ênfase na escuta que o adulto oferece à fala da criança.

²⁸³ Federico Albano Leoni (1942) estudou na Universidade de Roma, onde foi aluno de Tullio De Mauro. Nos últimos anos, o autor tem se dedicado a discutir os fundamentos da linguística do século XX, em direção ao que poderíamos chamar de uma linguística da *parole* (cf. www.filmod.unina.it/antenati/AlbanoLeoni.htm).

linguística para além da percepção sonora. Sendo assim, nos debruçaremos sob pontos cruciais para nossa pesquisa, os quais destacaremos a seguir.

Merece destaque a abordagem sobre as *dicotomias desequilibradas* – dentre elas, a do *falante-ouvinte*, discutida preliminarmente no primeiro capítulo deste trabalho (cf. 1.1.1). A visada assimétrica dos clássicos pares *langue-parole*, *signifiant-signifié* e *locuteur-auditeur* parece significativa: o que *parole*, *signifié* e *auditeur* têm em comum? Acreditamos que é a impossibilidade de capturá-los. Explicamos: como aponta Albano Leoni, “a linguística, ao menos a partir do século XIX, escolheu o caminho que levava a uma representação exclusivamente discreta dos fenômenos” (ALBANO LEONI, 2014, p.14, *tradução nossa*)²⁸⁴, e tal ponto de vista, voltado para a análise de dados *discretos*, não se aplica a fenômenos subjetivos: a *parole*, assim como o *signifié*, “com seus inevitáveis lembretes da subjetividade e do *esprit* do locutor/ouvinte” escapam a tal lógica (ALBANO LEONI, 2014, p.14-5, *tradução nossa*)²⁸⁵.

Uma das consequências da fuga ao “psicologismo” foi o tratamento dado ao *significante*, abstraindo-se deste a complexidade da relação com o *significado* – visto estar tão próximo da *interpretação*: “o *significante* é sobretudo estudado fora de seu *significado*” (ALBANO LEONI, 2014, p.19, *tradução nossa*)²⁸⁶. Com efeito, segundo o pesquisador,

A consequência dessa história é que o estudo da escuta e da percepção auditiva da língua despertam apenas um interesse limitado dos linguistas, e é, antes, objeto de discussões em um nível essencialmente técnico, em um quadro disciplinar resultante da cooperação entre psicoacústica, neurolinguística e fonética (ALBANO LEONI, 2014, p.22, *tradução nossa*)²⁸⁷.

No mesmo sentido, Jakobson chega a afirmar em entrevista a Pomorska que “ainda que a percepção dos sons seja primeiramente um fato psico-acústico, essa definição logo caiu, com as acusações de subjetivismo e as exigências de fundamentos objetivos” (JAKOBSON; POMORSKA, 1985, p.38). Mesmo Jakobson era crítico às abordagens excessivamente psicológicas, e não deixou de fazer ressalvas a considerações de Baudouin de Courtenay ou

²⁸⁴ “la linguistique, du moins à partir du xixe siècle, a choisi la voie qui portait vers une représentation exclusivement discrète des phénomènes” (ALBANO LEONI, 2014, p.14).

²⁸⁵ “avec leurs inéluctables rappels à la subjectivité et à l’esprit du locuteur/auditeur” (ALBANO LEONI, 2014, p.14-5).

²⁸⁶ « le signifiant soit surtout étudié en dehors de son signifié » (ALBANO LEONI, 2014, p.19).

²⁸⁷ « La conséquence de cette histoire est que l’étude de l’écoute et de la perception auditive de la langue ne suscite qu’un intérêt limité des linguistes et qu’elle fait plutôt l’objet de discussions, sur un plan essentiellement technique, et dans un cadre disciplinaire résultant de la coopération entre psycho-acoustique, neurolinguistique et phonétique » (ALBANO LEONI, 2014, p.22).

mesmo ao CLG. Na segunda de suas *Seis lições sobre o som e o sentido*, as críticas são evidentes:

É apenas através da análise do funcionamento dos sons na língua que se pode estabelecer o sistema de fonemas de uma língua dada. *Scerba e alguns outros alunos de Baudouin de Courtenay preferiram recorrer a um método diferente, o da introspecção psicológica. Fizeram apelo à consciência linguística do sujeito falante. De acordo com a sua concepção, o fonema é uma representação acústico-motora que a consciência do sujeito falante está apta a distinguir (...) a presença na consciência é apenas o resultado desse valor. É portanto lógico tomar como critério da análise o fato primário, quer dizer, o valor distintivo dos elementos analisados e não o fato secundário, quer dizer, a nossa atitude mais ou menos consciente em relação a estes elementos. Este último critério faz-nos passar do domínio da linguística ao domínio da psicologia (JAKOBSON, 1977, p.42, grifos nossos).*

A partir de nossa leitura, vemos que, para Jakobson, seria necessário que Scerba renunciasse a qualquer definição das unidades caso a consciência do falante estivesse em jogo. Certamente essa discussão é datada aos estudos da época, entretanto, ela ainda se faz presente quando pensamos na posição de *falante-ouvinte* no recorte das unidades linguísticas. No capítulo anterior (cf. 2.2.2) buscamos apontar precisamente a discussão quanto ao *sentimento* do falante a partir de Saussure e leitores. É claro que, como aponta Jakobson na passagem selecionada acima, o que está em jogo é o *valor*, entretanto, não cremos ser possível separar o *valor* da percepção do *falante-ouvinte* da *langue*, levando em consideração, principalmente, o laço indissociável entre *langue* e *parole*. Ainda segundo Jakobson,

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “os fonemas são antes do mais entidades opositivas, relativas e negativas” (JAKOBSON, 1977, p.44).

Como linguistas, não devemos perder de vista o mecanismo da *langue*, e o *falante* – que também é sempre *ouvinte* –, para nós, tem um papel ativo a desempenhar em tal mecanismo. Apesar disso, retornando aos apontamentos de Albano Leoni, “a única concessão reservada ao ouvinte consiste na introdução, pela psicoacústica, de escalas subjetivas (por exemplo em *semitons* ou *Bark*) para avaliação dos sons. Mas do sujeito que percebe, você nunca sabe se e

como ele também é um sujeito inteligente” (ALBANO LEONI, 2014, p.20, *tradução nossa*)²⁸⁸.

Federico Albano Leoni ajuda-nos a reforçar a função da *escuta* como delimitadora das unidades linguísticas, ressaltando o papel ativo do *ouvinte* – sem perder de vista o caráter linguístico de tal atividade. Conforme o pesquisador, utilizando-se de um exemplo que compara os pares mínimos *pierre* e *bière*, é preciso ter em mente que “não é a sequência sonora em si que dirá ao ouvinte o que a palavra realmente significa. O trabalho hermenêutico do ouvinte deve, portanto, ser exercido no contexto e no cotexto para resolver o problema” (ALBANO LEONI, 2014, p.124, *tradução nossa*)²⁸⁹, visto que a presença ou ausência de vibração das pregas vocais (que resultam em /b/ ou /p/) pode ser até mesmo superficial para resolver o problema da ambiguidade. É, portanto, necessário que se considere a atividade do *ouvinte* em sua complexidade, para além de um processo de decodificação da matéria ouvida: a *escuta* pressupõe a percepção, o reconhecimento do *valor* de determinada unidade, e tal reconhecimento não é possível *a priori*, pois é efeito produzido pelo *ouvido*. Sendo assim, concordamos com Albano Leoni ao afirmar que

O processo de compreensão é o resultado da convergência de diferentes movimentos. É um processo interpretativo, hermenêutico, probabilístico e não combinatório. O conceito de “decodificação”, com todas as suas características mecânicas e automáticas, deve, portanto, ser substituído pelo conceito de “interpretação” (ALBANO LEONI, 2014, p.129, *tradução nossa*)²⁹⁰.

Acreditamos que, para falarmos em *escuta*, faz-se necessário o abandono da visão de *langue* como código a ser utilizado e decifrado pelo *falante-ouvinte*. É preciso substituir a noção de decodificação para a de *interpretação* linguística, sem que isso signifique adentrar o campo da psicologia. A fim de situarmos melhor a discussão, buscamos o termo *interprétation* na coleção terminológica organizada por Cosenza (2016), e encontramos a seguinte descrição, a partir das anotações referentes ao segundo curso de Saussure:

Interprétation: [in riferimento alla langue e al suo meccanismo che opera

²⁸⁸ « La seule concession réservée à l’écouteur consiste en l’introduction de la part de la psycho-acoustique d’échelles subjectives (par exemple en demi-tons ou en bark) pour l’évaluation des sons. Mais du sujet qui perçoit, on ne sait jamais si et comment il est aussi un sujet intelligent » (ALBANO LEONI, 2014, p.20).

²⁸⁹ « ce ne sera pas la séquence phonique en soi qui dira à l’auditeur ce que signifie vraiment le mot. Le travail herménétique de l’auditeur devra donc s’exercer sur le contexte et sur le cotexte pour résoudre le problème » (ALBANO LEONI, 2014, p.124).

²⁹⁰ « Le processus de compréhension est le résultat de la convergence de différents mouvements. C’est un processus interprétatif, herménétique, probabiliste et non combinatoire. Le concept de ‘décodage’, avec tout ce qu’il comporte de mécanique et d’automatique, devrait donc être remplacé par le concept d’‘interprétation’ ». (ALBANO LEONI, 2014, p.129)

sempre una reinterpretazione delle unità, determinando degli spostamenti di valore del sistema]; Il y a là deux ou trois phénomènes mais tous reposent sur une interprétation des unités. La langue interprète ce qu'elle a reçu pas toujours comme elle l'a reçu. La valeur de chaque terme a changé mais c'est avant tout une nouvelle répartition des unités. (p. 33)

La création analogique apparaît comme un chapitre particulier, <une branche> du phénomène <de l'activité générale> de l'interprétation, <de la distinction des unités:> (p. 62) (COSENZA, 2016, p.507).

Interpretação, portanto, faz referência à reinterpretação das unidades linguísticas, não em um sentido psicológico, mas tendo como cerne o *valor* no sistema. Um conceito importante dentro da lógica dessa *interpretação* é o de *analogia*: quando temos um novo termo utilizado pelos falantes, este pode ou não adentrar no mecanismo da *langue*. Quando a inovação ocorre, os valores das unidades são reinterpretados e realocados no sistema.

Concluimos esta seção ressaltando que, segundo Albano Leoni, a ênfase no *ouvinte* nos estudos linguísticos coloca em destaque dois argumentos implícitos: (1) no processo comunicativo, “a validação semiótica da produção fônica é dada pelo ouvinte que compreende”²⁹¹; (2) atribuindo ao *ouvinte* uma função central – que, para nós, resume-se à função de *escuta* –, “considera-se necessariamente como primária a dimensão dialógica (um ouvinte implica um falante)” (ALBANO LEONI, 2014, p.142, *tradução nossa*). Uma perspectiva monológica, por outro lado, é viável ao centralizar-se o lugar do falante em detrimento do ouvinte, mas “corre-se o risco de eliminar os sujeitos e o mundo da atividade linguística (ALBANO LEONI, 2014, p.142, *tradução nossa*)²⁹².

Com apoio fundamental promovido pelas reflexões de Jakobson, assim como àquelas estimuladas por Albano Leoni, buscamos mostrar alguns caminhos que nos levam à *escuta do sentido*, ressaltando a posição do ouvinte na interpretação das unidades linguísticas para além da percepção auditiva. Na próxima seção, damos continuidade à nossa empreitada, dessa vez em busca de delimitar nossa proposta de *escuta* como um conceito linguístico. Para isso, será necessário nos debruçarmos acerca das diferenças entre *órgão* e *função*, visto que temos lançado mão de termos como *ouvido* e *escuta*, os quais podem motivar uma interpretação fisiológica em detrimento de uma concepção linguística.

²⁹¹ « la validation sémiotique de la production phonique est donnée par l'auditeur qui comprend » (ALBANO LEONI, 2014, p.142).

²⁹² « on considère nécessairement comme primaire la dimension dialogique (un auditeur implique un locuteur), alors qu'en conférant une telle fonction au locuteur, il est légitime de choisir aussi une perspective qui soit seulement monologique ; en considérant le texte en soi, on court le risque d'éliminer les sujets et le monde de l'activité linguistique » (ALBANO LEONI, 2014, p.142).

3.3.2 Do órgão à função: a *escuta* como conceito linguístico

Inauguramos esta seção relembrando uma observação importante: a *escuta* não faz parte de um repertório conceitual de termos fundamentais para os estudos linguísticos. *Linguagem, língua e fala*, apesar de estarem longe de uma definição consensual para as diversas perspectivas teóricas da *Linguística*, são termos sobre os quais o linguista precisa debruçar-se. Nesse sentido, esta investigação tem como objetivo arejar um debate acerca de uma proposta de conceito possível de *escuta* para os Estudos da Linguagem, tendo como ponto de partida a reflexão linguística de base saussuriana. Nesta seção, um grande colaborador será o pesquisador Arild Utaker²⁹³, através de seu livro intitulado *La philosophie du langage: une archeologie saussurienne* (UTAKER, 2016). Nosso foco está centrado no capítulo 9 – *Corps: oreille et temps* – em que o autor se debruça sobre questões fundamentais que nos encaminham para a consideração de uma *escuta* linguística enraizada na concepção saussuriana de *langue*.

O pensamento de Arild Utaker surpreende pela profundidade com a qual o autor aborda a questão do *ouvido* a partir de Saussure, e vários de seus apontamentos convergem para a leitura que temos feito até aqui acerca da *escuta* no campo dos Estudos da Linguagem. Apesar de Utaker ser filósofo de formação, sua reflexão linguística mostra-se essencial para o leitor-pesquisador que está aberto a aventurar-se pelos efeitos do *ouvido* na *langue-parole*. Conforme as palavras de Utaker,

Nem a lógica, nem o cérebro, nem o aparelho vocal podem explicar a linguagem. É por isso que ler Saussure requer um verdadeiro trabalho teórico e terapêutico; trata-se de nos desprendermos de nossos lugares comuns para pensar a linguagem de maneira diferente (UTAKER, 2016, p. IV, tradução nossa)²⁹⁴.

Um dos aspectos cruciais para que possamos delimitar a *escuta* linguística é considerar dois pontos de vista complementares: um que leva em conta o *ouvido* como órgão, e outro que

²⁹³ Arild Utaker é filósofo e professor na Universidade de Bergen. Reeditada em 2016, a primeira edição de *La philosophie du langage: une archeologie saussurienne* foi publicada no mesmo ano do lançamento dos *Écrits de linguistique générale* (SAUSSURE, 2002a), obra responsável pelo acesso amplo inédito ao manuscrito da dupla essência da linguagem – tema caro ao pesquisador norueguês. A coincidência dos anos de publicação não nos parece apenas um detalhe, mas justamente um indício da relevância do debate promovido por Saussure na contemporaneidade.

²⁹⁴ « Ni la logique, ni le cerveau, ni l'appareil vocal, ne peuvent expliquer le langage. C'est pourquoi lire Saussure demande un vrai travail théorique et thérapeutique ; il s'agit de nous déprendre de nos lieux communs pour penser le langage autrement » (UTAKER, 2016, p. IV).

visa o *ouvido* como exercendo uma função. Por que a discussão sobre órgão e função é relevante para pensar a escuta? Primeiramente, quando falamos em *ouvinte* e em *ouvido* pode ser difícil para o leitor distinguir essas palavras da concepção fisiológica de *orelha* – ou seja, ao estudo do aparelho fonador e da *orelha* como órgãos humanos que desempenham uma função biológica em nosso corpo; apesar disso – e como já foi observado desde o primeiro capítulo –, quando falamos no *ouvido* e no *ouvinte* não estamos tratando da capacidade fisiológica: estamos considerando a *função* linguística possibilitada pelo *ouvido* – a *escuta*. É por essa razão que podemos *escutar* a fala em uma língua oral, assim como podemos *escutar* a fala em uma língua de sinais; ou, até mesmo, *escutar* um texto escrito²⁹⁵. O que está em jogo é a *função linguística* que envolve o reconhecimento de pertencimento a uma língua dada, que está na dependência do *ouvido*.

Função é o termo mais apropriado que encontramos para falar sobre a *escuta linguística*: assim, se acreditamos que exista a função da *parole* – manifestação da *langue* –, podemos falar de uma função linguística operada pela escuta? É importante refletir sobre tal distinção, visto que, para chegarmos a um conceito de escuta, foi preciso resgatar o *corpo* e a *materialidade*, relegados ao lugar de pura “substância” e, portanto, secundários para a linguística que busca abstrair a materialidade tendo como justificativa o estudo das “formas”. Conforme apontamos, tanto Saussure quanto Jakobson mostraram a impossibilidade de separar forma e sentido, e de levar em conta as complexidades envolvidas no fenômeno linguístico; tal ponto de vista não significou buscar uma relação de causa e consequência entre órgão e função da *langue*, e Utaker mostra-nos que há uma disjunção entre *função* (escuta) e *órgão* (orelha). Ressaltamos também que, como temos buscado reiterar, nossa compreensão de escuta, apesar de estar essencialmente inspirada no aspecto fônico da língua, não é restrita ao fenômeno sonoro: a escuta linguística é imprescindível de uma substância material cuja forma de manifestação é diversa, sendo necessariamente atrelada a uma função simbólica.

Outra questão importante levantada por Utaker é o entendimento de que “a resposta linguística reside unicamente no ato de percepção” (UTAKER, 2016, p.220, *tradução nossa*)²⁹⁶; tal afirmação propicia um afastamento da lógica de que a função do *ouvinte* é *tomar a palavra* – visão que limita o circuito da *parole* ao fator da produção verbal e, portanto, reduz o *ouvinte* à posição de receptor passivo. Se a resposta linguística reside na percepção, é

²⁹⁵ Marília Librandi-Rocha (2011) cunhou o termo *escritas de ouvido* ou *listening by ear* justamente para tratar do que considera uma “escrita auditiva”, características de autores da literatura brasileira como João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Machado de Assis.

²⁹⁶ « La réponse linguistique réside uniquement dans l’acte de perception » (UTAKER, 2016, p.220).

válido reiterar a interdependência entre os conceitos de *langue-parole* e *escuta*, na medida em que é a percepção que dá vida e corpo à *langue*. A *escuta*, dessa maneira, pode ser compreendida como a resposta imediata da *parole*: quando *Monsieur A* fala a *Monsieur B*, ambas funções – de *parole* e de *escuta* – misturam-se, entrelaçando-se na rede que é a *langue*: é neste encontro entre *parole* e *escuta* que a *langue* tem existência. Eu falo porque escuto. Escuto porque há *parole*. Relembramos e adaptamos a analogia de Merleau-Ponty referida anteriormente: *falante* e *ouvinte* são como dois atletas nas duas pontas de uma única corda – o *fio* discursivo repercute em ambos; para Utaker, “Esquecemos que uma fala é apenas *fala ouvida*, que os movimentos de articulação produzidos pelos órgãos fonatórios tornam-se *parole* apenas na presença de um ouvido” (UTAKER, 2016, p.215, *grifos nossos*)²⁹⁷. Essa visão sintetiza o que temos buscado mostrar a partir do nosso percurso teórico, iniciado no primeiro capítulo a partir da discussão do circuito da *parole* levando em conta o *Monsieur B* (cf. 1.2).

É principalmente a partir da compreensão do som como fenômeno duplo – discussão cara à Saussure – que Utaker demonstra a interdependência entre função linguística e órgão, sem, entretanto, reduzi-la ao aparelho fonador e à orelha:

Fenômeno ignorado, a dualidade sonora explica como o corpo humano se torna um corpo de linguagem. Porque o som – articulado e ouvido – remete, por um lado, a um órgão – o aparelho vocal –, por outro, à função linguística exercida pela audição. A função depende de um órgão, mas não pode ser explicada a partir dele. (UTAKER, 2016, p.215, *tradução nossa*)²⁹⁸

A função exercida pela *escuta* é o que permite ultrapassar a concepção da *parole* para além do viés articulatório: é certo que dependemos de um *corpo* – entretanto, é no seu caráter simbólico, caracterizado pela própria alienação da matéria, que encontramos a *langue* saussuriana. A *langue* tem como característica depender de uma materialidade que não é palpável, mas *sensível* (no sentido de que depende de um *falante-ouvinte*); seja como fenômeno sonoro ou visual, a *parole* produz efeitos que não são redutíveis a um registro. O fenômeno sonoro evidencia o caráter da efemeridade da *parole*, e a supressão do *ouvido* na teoria linguística parece estar relacionada justamente à sua materialidade *sensível* – o que apontamos, também, a partir de Albano Leoni. Conforme observa Utaker: “O som é invisível;

²⁹⁷ « On oublie qu'une parole n'est parole qu'entendue, que les mouvements articulatoires produit par les organes phonatoires ne deviennent parole qu'en présence d'une oreille » (UTAKER, 2016, p.215)

²⁹⁸ « Phénomène méconnue, la dualité sonore explique comment le corps de l'homme devient un corps du langage. Car le son – à la fois articulé et entendu – renvoie d'un côté à un organe – l'appareil vocal –, de l'autre à la fonction linguistique qui s'exerce par l'ouïe. La fonction dépend d'un organe, mais ne s'explique pas à partir de lui » (UTAKER, 2016, p.215).

é também, portanto, teoricamente invisível, contanto que as metáforas ópticas se perpetuem” (UTAKER, 2016, p.217, *tradução nossa*)²⁹⁹. Os estudos relacionados à percepção auditiva, com o avanço da tecnologia, ofereceram a ilusão de apreensão do fenômeno linguístico quando, na verdade, estava-se apenas analisando sons – a figura vocal como tal. Como vimos acima com Jakobson e Halle (1956) (cf. 3.3.1), os estudos fonéticos foram bastante impulsionados, na ânsia de apreensão de um fenômeno até então não-palpável. Em um artigo intitulado *Introdução à arqueologia da escuta – do som e da voz como objetos de enunciação*, Capeller (2011) resgata um pouco da história sobre o advento da tecnologia e o estudo do *som*, que passou a ter lugar como objeto de análise. Capeller destaca dois momentos históricos importantes. Primeiramente,

o som, como objeto, surge apenas em finais do século XIX, possibilitado (mas não determinado) pelo advento dos já mencionados novos dispositivos de escuta que permitiram, pela primeira vez na história da humanidade, a fixação de ondas sonoras eletricamente transduzidos (CAPELLER, 2011, p.11)

É evidente que essa mudança repercutiu não apenas nos estudos sonoros acerca da música, mas na própria forma de analisar as línguas orais – pela primeira vez na história, abriu-se caminhos para “a possibilidade de estudo e manipulação dos sons como sons, e não como tons, palavras ou vozes” (CAPELLER, 2011, p.11). Posteriormente, entre 1870 e 1930 houve o desenvolvimento de diversos dispositivos, dentre esses o telefone, o gramofone e o alto-falante, “que visavam, antes de qualquer outra coisa, à captura da voz como veículo de significação” (CAPELLER, 2011, p.13). Arild Utaker retoma a importância de tais inovações para os estudos linguísticos e estabelece uma relação interessante entre o que significou o telégrafo para Jakobson e o fonógrafo³⁰⁰ para Saussure: “Um substitui a escrita pelos sinais, o outro separa a fala da boca e do pensamento” (UTAKER, 2016, p.218, *tradução nossa*)³⁰¹. O fonógrafo permitiu que a voz fosse ouvida na ausência daquele que fala. Para Utaker, o gramofone funciona também como uma metáfora: “O gramofone é um ouvido que emite o som recebido, o ouvido que fala; não imitando o aparelho articulatório, as pregas vocais, mas

²⁹⁹ « le son est invisible; il est donc aussi théoriquement invisible tant que les métaphores optiques se perpétuent » (UTAKER, 2016, p.217)

³⁰⁰ O fonógrafo foi inventado por Thomas Edison (1847-1931) em 1877, sendo o primeiro aparelho com a capacidade de gravar e reproduzir sons. O gramofone foi inventado por Emil Berliner (1851-1929) em 1888. A diferença entre os dois dispositivos é que o fonógrafo utilizava um cilindro, enquanto o gramofone reproduzia sons de um disco plano (cf. MC QUEARY, 1990).

³⁰¹ « L’un remplace l’écriture par des signaux, l’autre détache la parole de la bouche et de la pensée » (UTAKER, 2016, p.218)

gravando o som como é ouvido, coloca em evidência o ouvido enquanto espaço de som” (UTAKER, 2002, p.217)³⁰².

A analogia do gramofone como o *ouvido que fala* ilustra as reverberações da evolução tecnológica na concepção do que passou a ser passível de produção, reprodução, recepção e análise da matéria audível. Poderíamos ver aí um exemplo radical da importância do *efeito acústico* independentemente do aparelho articulatório: o que importa fundamentalmente não é a “boca” ou a “orelha”, mas os efeitos provocados a partir da escuta³⁰³. Conforme observa Utaker, “o efeito não é um reflexo de sua causa; linguisticamente, é o efeito que é primordial (...) A audição é uma função linguística que não pode ser reduzida ao ouvido como órgão, à sua fisiologia” (UTAKER, 2016, p.219, *tradução nossa*)³⁰⁴. O que é linguisticamente significativo, portanto, é o efeito provocado pela materialidade, que é *sensorial*. Podemos pensar que, por esse viés, o que está em jogo não é a matéria por si só (o “som como tal”), mas o *sentido*, vinculado ao *corpo/ouvido que sente* (ou o “som como signo”). É, portanto, válido dizer que “valorizar o oral não significa acentuar o aparelho vocal. O essencial é o som ouvido, inserido em uma temporalidade que lhe é própria” (UTAKER, 2016, p.221, *tradução nossa*)³⁰⁵.

Temos buscado ressaltar a importância dos efeitos produzidos pelo *ouvido* em trabalhos anteriores (STAWINSKI, 2016; MILANO et al., 2016; STAWINSKI; MILANO, 2017); o ponto de vista de Utaker ajuda-nos a reforçar esse aspecto, aliando o conceito de *escuta* à relação intrínseca entre *langue e parole*:

Esquecemos que as palavras só existem quando percebidas, por exemplo, quando as lemos. Pior, esquecemos o principal uso da linguagem, que é o de escutar alguém falar ou de ler um texto. Como a linguagem é *a priori* considerada como a atividade de falar, a fonologia tende a nos fazer esquecer o outro aspecto da *parole*, a audição (UTAKER, 2016, p.225, *tradução*

³⁰² « Le gramophone est une oreille qui émet le son reçu, l’oreille qui parle ; n’imitant pas l’appareil articulatoire, les cordes vocales, mais enregistrant le son tel qu’il est entendu, il met en évidence l’oreille en tant qu’espace du son » (UTAKER, 2002, p.217)

³⁰³ As possibilidades dos efeitos provocados pela escuta de uma voz que independe de um corpo é tema de um artigo sobre o filme *Ela*: “O que o filme de Jonze coloca em destaque é a voz como a singular propriedade que têm os homens de formular sonoramente seus desejos, opiniões, sentimentos... Não se trata mais de pensar no que é dito, mas no invólucro do dito”; “falar em voz é falar em efeitos. Em que lugar a voz encontra abrigo? Na escuta do outro” (MILANO; FLORES, 2014). A problemática da voz merece maior aprofundamento em suas relações com a concepção de *escuta*

³⁰⁴ « L’effet n’est pas un reflet de sa cause ; linguistiquement, c’est l’effet qui est primordial (...) L’audition est une fonction linguistique non réductible à l’oreille en tant qu’organe, à sa physiologie » (UTAKER, 2016, p.219).

³⁰⁵ « Faire valoir l’oral ne signifie pas accentuer l’appareil vocal. L’essentiel est le son entendu, tel qu’il s’insère dans une temporalité qui lui est propre » (UTAKER, 2016, p.221).

nossa)³⁰⁶.

Cabe salientar aqui que, ao contrário de Utaker, não fazemos uso do termo *audição* (*ouïe*), justamente para evitar reduzir *parole* e *escuta* ao ponto de vista articulatório-fisiológico. Acreditamos que o termo *escuta* vincula *langue* e *parole* na medida em que tem como centro os *efeitos* provocados pelo *ouvido*: nesse sentido, as posições de falante e ouvinte não são possíveis senão pensadas em conjunto. Apesar disso, o peso da *parole* como aquilo que possibilita a análise linguística em função da sua *representação* (seja gráfica ou visualmente) acaba lançando a *escuta* em um campo considerado obscuro, que adentra a esfera da *interpretação* de cada falante-ouvinte da *langue* – e a interpretação parece ser um problema, ao menos, difícil para os estudos linguísticos.

Em um artigo intitulado *Hermeneiaphobia: Why an 'inventive linguistics' must first embrace interpretation*, John Joseph (2010) aborda a questão das barreiras criadas nos estudos linguísticos para o estudo da interpretação. De fato, como o autor demonstra, a linguística em geral buscou afastar-se da abertura que a consideração do falante-leitor³⁰⁷ possibilita ao falarmos sobre os *sentidos* de um discurso, seja falado ou escrito, buscando, assim, o sentido “verdadeiro e único”. Para o pesquisador, a semântica gerativa e a teoria da tradução são as únicas áreas interessadas na interpretação como uma atividade criativa ou inventiva. Mas, afinal, o que esse suposto “medo da interpretação” – a *hermeneiafobia* – tem a nos dizer sobre a escuta? Na verdade, acreditamos que tem mais a ver com a ausência da consideração do *ouvido* do que qualquer outra questão, precisamente porque o problema da *escuta* não pode ser desvinulado de uma noção de interpretação.

Como temos visto até aqui com o auxílio da leitura de diversos pesquisadores, como Coursil (2000), Albano Leoni (2014) e Utaker (2016) – a partir da leitura que fazemos de Saussure (1995; 2004; 2006; dentre outros) –, som e sentido são dois aspectos inseparáveis que instituem o signo linguístico. No entanto, a experiência vivenciada pelo *ouvido*, por não ser passível de objetivação, parece contribuir para a resistência de falar-se no *Monsieur B* do

³⁰⁶ « On oublie que les mots n'existent que perçus, par exemple quand on les lit. Pire, on oublie la principale utilisation du langage qui est d'écouter quelqu'un parler ou de lire un texte. Le langage étant a priori considéré comme l'activité de parler, la phonologie a tendance à nous faire oublier l'autre aspect de la parole, l'ouïe » (UTAKER, 2016, p.225).

³⁰⁷ Incluímos neste “leitor” a concepção de *ouvinte*, visto que o que está em jogo no debate acerca da interpretação é a *atividade* do interlocutor, sob os efeitos da *parole*. De acordo com o Joseph (2010), “A gramática foi ensinada em parte para controlar a 'decodificação' da mensagem, mas ainda mais para garantir que ela foi 'codificada' corretamente em primeiro lugar, para minimizar a margem de interpretação” (JOSEPH, 2010, p.95, *tradução nossa*).

ciurcuito da *parole*. Apesar disso, Utaker nos ajuda a mostrar como *langue*, *parole* e *escuta* (que utilizamos em lugar de *ouvido*) são conceitos interdependentes:

"Sob" a palavra e "sob" a escrita, Saussure descobre o que não é dado ao locutor. Ele [o locutor] ouve alguém falar ou ele lê um texto, mas o contexto – o espaço – a partir do qual ele ouve ou lê, não é, por si só, audível. Escutamos o que os outros dizem, não o que torna nossa escuta possível: a *langue*. Mas também podemos dizer que a *langue* é exatamente isso com o que falamos ou ouvimos. É então o instrumento necessário para receber a *parole* do outro e, nesse sentido, falamos com a *langue*, e não com a boca (UTAKER, 2016, p.226, *tradução nossa*)³⁰⁸.

Para Utaker, *escutamos* porque há *langue*³⁰⁹. Acrescentaríamos, porém, à reflexão do autor, que não escutamos o que os outros dizem, mas sofremos os efeitos do que foi dito pelo outro. A *langue* é o que instaura as posições de falante e ouvinte via *parole*, e é pela *escuta* que adentramos a esfera simbólica. O que está em jogo é a própria concepção da *langue* saussuriana como sistema que torna o diálogo possível a partir da *escuta da parole*:

De fato, valorizamos teoricamente o locutor e a *parole*, e esquecemos o fundo (o espaço) a partir do qual o locutor fala. Saussure, ao contrário, coloca em relevo a passividade da *parole* dominada pelo ouvido. Assim, falamos graças à *langue*, graças a essas “impressões acústicas”, assim como escutamos os outros por elas. Saussure aborda a linguagem no nível de sua recepção: eu falo porque eu recebi uma língua, e o que eu digo só se torna *langue* se for ouvido (UTAKER, 2016, p.227, *tradução nossa*)³¹⁰.

As “impressões acústicas”, nesse sentido, operam como uma “caixa de ressonância”³¹¹, que reverbera, através da *parole*, entre a *massa falante*. A *langue*, criada e fornecida pela coletividade, depende dessa “ressonância” de sons-sentidos; essa ideia de caixa de

³⁰⁸ « Sous » la parole et « sous » l'écriture, Saussure découvre ce qui n'est pas donné au locuteur. Il entend quelqu'un parler ou il lit un texte, mais le fond – l'espace – à partir duquel il entend ou lit, n'est pas, en lui-même, audible. Nous écoutons ce que disent les autres, non pas ce qui rend notre écoute possible : la langue. Mais nous pouvons aussi bien dire que la langue, c'est justement ce avec quoi on parle ou entend. Elle est alors l'instrument nécessaire pour recevoir la parole de l'autre, et, dans ce sens, on parle avec la langue, et non avec la bouche (UTAKER, 2016, p.226).

³⁰⁹ Assim como Utaker, Claudine Normand aborda a relação entre *langue* e *parole* vislumbrando o sistema como aquilo que possibilita a apreensão da *parole*: “A língua não é a fala, ela é o que permite falar, isto é, o que permite dar conta dessa observação recorrente: há locutores, chamados assim porque falam e se compreendem. Dizer que eles dispõem de uma língua comum é, de certa forma, a primeira hipótese que é preciso formular desde que se queira ultrapassar a simples evidência” (NORMAND, 2009, p.55).

³¹⁰ « De fait, on valorise théoriquement le locuteur et la parole, et on oublie le fond (l'espace) à partir duquel le locuteur parle. Saussure, au contraire, met en relief la passivité de la parole, dominée par l'oreille. Ainsi, on parle grâce à la langue, grâce a ces 'empreintes acoustiques', de même qu'on entend les autres par celle-ci. Saussure aborde le langage au niveau de sa réception : je parle parce que j'ai reçu une langue, et ce que je dis ne devient langue que s'il est entendu » (UTAKER, 2016, p.227).

³¹¹ “A *langue* não é espelho, mas ‘caixa de ressonância’ (UTAKER, 2016, p.232, *tradução nossa*); « La langue n'est pas miroir, mais 'caisse de résonance' ».

ressonância também está presente em Jean-Luc Nancy (2014), para sublinhar, justamente, o papel da interlocução/diálogo com o outro, estabelecida no circuito da *parole*.

Ao estudarmos o circuito da *parole*, é difícil nos afastarmos da ideia de que há “etapas” que são desenvolvidas em momentos distintos (por exemplo, fonação-audição). Sabemos, no entanto, que tal separação temporal não é possível, e que a *escuta* e *parole* são sincrônicas:

Quando falamos, somos obviamente nosso próprio ouvido (...) A escuta tem sobre a *parole* uma retroação (...) Esse efeito retroativo na produção da *parole* é uma condição: submetida ao ouvido e, portanto, regulada pela escuta, a *parole* influencia a si mesma (UTAKER, 2016, p.231, tradução nossa)³¹².

Para Utaker, no momento em que Saussure coloca em jogo o *ouvido*, o circuito monológico não pode mais resistir: uma vez mais, vemos a *constância* da *função muda* proposta por Jacques Coursil (cf. 1.3.1), em que no circuito da *parole*, *falante* e *ouvinte* estão sob os efeitos do *ouvido*. A consideração do tempo toma uma nova dimensão³¹³: “Não se trata de um ‘tempo físico’, mas de um tempo que marca justamente o salto do físico (ou fisiológico) ao psíquico” (UTAKER, 2016, p.233, tradução nossa)³¹⁴. Considerar a *langue* como uma *caixa de ressonância* é uma analogia que possibilita unir, de maneira indissociável, o par *langue* e *parole*, além de ressaltar de forma evidente o lugar que a *escuta* pode ocupar nos Estudos da Linguagem. Além disso, a *caixa de ressonância* também serve para sublinhar a ideia do aspecto social da *langue* saussuriana, que só é possível na relação com o *outro*.

Retomamos uma última vez o circuito da *parole* para pensarmos no circuito da *escuta*, afinal, a *escuta* vai muito além da percepção sonora, e funciona como um conceito de ligação entre aspectos fundamentais da reflexão saussuriana: pensar a *escuta* implica olhar para a dupla essência da linguagem, que opõe a figura vocal como tal e a figura vocal como signo (e não significante e significado); essa discussão nos leva para as massas amorfas e a delimitação das unidades linguísticas, que, como reforçamos até aqui, depende do reconhecimento de que aquilo que ressoa no meu *ouvido* é *parole*, e é a partir deste reconhecimento que podemos falar em *langue*. A constância da *escuta* nos leva a uma

³¹² « Lorsque nous parlons, nous sommes évidemment notre propre oreille (...) L’écoute a sur la parole une rétroaction » (...) Cet effet rétroactif sur la production de la parole est une condition : soumise à l’oreille et donc réglée par l’écoute, la parole s’influence elle-même » (UTAKER, 2016, p.231).

³¹³ Arild Utaker abre a possibilidade de aprofundarmos uma discussão acerca do tempo e os princípios de linearidade e consecutividade que abordaremos em trabalhos futuros.

³¹⁴ « Il ne s’agit pas d’un ‘temps physique’, mais d’un temps qui marque justement le saut du physique (ou physiologique) au psychique » (UTAKER, p.2016, p.233).

conclusão inevitável: “O locutor só é possível, portanto, como ouvinte” (UTAKER, 2016, p.234, *tradução nossa*)³¹⁵. Não é por acaso que Jacques Coursil (2000) faz uma releitura do circuito da *parole* por um viés do *ouvinte que fala* e do *ouvinte que escuta*: é preciso admitir que o ouvinte é sempre um *moi*³¹⁶, instaurado pela condição de alteridade da linguagem³¹⁷. Nessa direção, sublinhamos com Utaker:

Assim, há *langue* quando o que eu digo me afeta (meu ouvido a mim), como afeta ao outro (seu ouvido a si). Além disso, o locutor é uma segunda pessoa para o ouvinte, assim como o ouvinte é uma segunda pessoa para aquele que fala (UTAKER, 2016, p.234, *tradução nossa*)³¹⁸.

Ao aprofundarmos nossas leituras de e a partir de Saussure, passamos a olhar para o *falante* de uma maneira particular: de produtor de sons e sentidos, o falante tornou-se indissociável da função de *escuta* linguística – afinal, nos apropriamos da *langue* ainda na *função muda da linguagem*. Nos permitimos um (aparente) desvio para acompanhar uma reflexão de Paul Zumthor:

Voz implica ouvido. Mas há dois ouvidos, simultâneos, uma vez que dois pares de ouvidos estão em presença um do outro, o daquele que fala e o do ouvinte. Ora, a audição (mais que a visão) é um sentido privilegiado, o primeiro a despertar no feto; (...) Uma vez lançado ao mundo, no turbilhão de sensações que a agridem, a criança exibe o prazer que experimenta com a maravilhosa abertura de seu ouvido. O ouvido, com efeito, capta diretamente o espaço ao redor, o que vem de trás e o que está na frente. A visão também capta, certamente, um espaço; mas um espaço orientado e cuja orientação exige movimentos particulares do corpo. É por isso que o corpo, pela audição, está presente em si mesmo, uma presença não somente espacial, mas íntima. Ouvindo-me, eu me autocomunico. Minha voz ouvida revela-me a mim mesmo, não menos – embora de uma maneira diferente – que a outro (ZUMTHOR, 2002, p.86-87).

Certamente, esta é uma questão mais filosófica do que linguística *stricto sensu*, mas não se trata de saber se o que vem “antes” é *parole*, *langue* ou *escuta* – o que não podemos negar é

³¹⁵ « Le locuteur n’est donc possible que comme auditeur » (UTAKER, 2016, p.234).

³¹⁶ Retomamos, aqui, a leitura que Coursil faz a partir de Émile Benveniste (cf.1.3.2).

³¹⁷ Para Émile Benveniste, “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o parceiro que, dotado da mesma língua, tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo. A partir da função linguística, e em virtude dessa polaridade, eu:tu, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares” (BENVENISTE, 2005b, p.27). Acreditamos que a reflexão benvenistiana ainda tem muito a contribuir em trabalhos futuros com relação à *escuta*.

³¹⁸ « Ainsi, il y a langue quand ce que je dis m’affecte moi (mon oreille à moi) comme elle affecte autrui (son oreille à lui). De plus, le locuteur est une deuxième personne pour l’auditeur, tout comme l’auditeur est une deuxième personne pour celui qui parle » (UTAKER, 2016, p.234).

que a escuta do outro é fundamento do que compreendemos como *langue*. A escuta é ressonância, é composição, é efeito.

Nos propomos, ao concluir este capítulo, a ensaiarmos uma definição de escuta que tenha como fundamento as principais considerações realizadas neste trabalho. A indissociabilidade entre *langue-parole*, abordada no capítulo anterior, mas já presente desde o primeiro capítulo a partir da posição de ouvinte na delimitação da *langue*, convoca-nos, constantemente, a nos questionarmos acerca do par *falante-ouvinte* e da imagem pendular sugerida pelo circuito da *parole*, para utilizar uma imagem sugerida por D’Ottavi (2010). Nos perguntamos, assim, se a *parole*, conforme sugeriu D’Ottavi, também compreende a *escuta linguística* – e acreditamos que podemos responder que sim.

Afinal, o que compreendemos como escuta? A escuta é uma função³¹⁹ linguística, definida a partir de três pressuposições.

(1) A *duplessência*³²⁰ da linguagem, ou seja, a ultrapassagem da *figura vocal como tal* à *figura vocal como signo*. Assim, podemos dizer que a *escuta* tem um aspecto concreto e abstrato, pois a escuta depende da materialidade (substância) que será perceptível, ao mesmo tempo que precisa ultrapassá-la para que se torne compreensível (abstração): “Ligada à escuta, a *parole* está vinculada à *langue*. Através da audição, ela só pode percorrer a cadeia fonética como um envelope gramatical que a carrega e a torna possível” (UTAKER, 2016, p.234, *tradução nossa*)³²¹. Em nossa perspectiva, sublinhamos que a *escuta* é dependente de um sentido físico não restrito à audição. Deste modo, a *escuta* é uma ação provocada pela percepção de uma materialidade fônica ou visual, que possibilita a delimitação de unidades linguísticas. Reafirmamos: pode-se escutar um livro por meio da leitura, ou escutar uma fala em língua de sinais. O que está em jogo não é o canal, mas a função.

(2) Assim, *escutar* é estar sob efeito da *langue-parole*. A delimitação das unidades linguísticas é uma operação ativa de recorte da matéria sensível em signos linguísticos, e a *escuta*, portanto, é o que delimita a *langue*. Tal condição está relacionada à presença do *outro* na cadeia discursiva, e, portanto, ao aspecto social da *langue*. A delimitação das unidades como uma operação ativa ressalta o aspecto dialógico do circuito da *parole* e busca unir as noções de *falante-ouvinte* e *langue* – para utilizarmos uma expressão de Nancy (2014), o que

³¹⁹ Daiane Neumann, na leitura preliminar desta tese, contribuiu para pensarmos a *escuta* como uma *função linguística*. Não pretendemos, aqui, pensar a escuta como uma função biológica: estamos tratando de uma função abstrata, linguística, relacionada essencialmente à função simbólica da linguagem.

³²⁰ Sobre o neologismo, conferir nota 61.

³²¹ « Rattaché à l’écoute, la parole est rattachée à la langue. À travers l’ouïe, elle ne peut qu’entourner la chaîne phonétique comme une enveloppe grammaticale qui la porte et la rend possible » (UTAKER, 2016, p.234).

está em jogo é o “som” percebido *palavra*, ou seja, o que é linguisticamente significativo é o *efeito* (não a causa), que depende da atribuição de *valor* àquilo que foi *ouvido*.

(3) A interlocução é a condição que fundamenta a *escuta* e que é operada pela posição de *ouvinte*, posição constante e inalienável daquela de *falante*. Pensando na relação *langue-parole*, resgatamos mais uma vez Jakobson: “falamos para sermos ouvidos, e precisamos ser ouvidos para sermos compreendidos” (JAKOBSON & WAUGH, 2002, p.98, *tradução nossa*). A *escuta* deve implicar, assim, a ideia de escuta *linguística*, afastando-se dos aspectos estritamente fisiológicos da *audição*, afinal, *escutar* supõe uma *inclinação para um sentido possível* (NANCY, 2014).

Tomamos a *escuta* como parte de uma rede conceitual, amarrada às concepções de *langue*, *parole* e à presença do *ouvido*, que indica também ser um suporte metodológico para a análise linguística. Tal conceito tem como suporte, a partir de nossa leitura, o pensamento saussuriano, e é um ponto de chegada que, na verdade, faz-se recomeço. Conforme reiteramos durante esta tese, a *escuta* como um fundamento teórico não foi proposta ou desenvolvida por Saussure, mas buscamos demonstrar como a questão do *ouvido* e seus efeitos fazem parte da concepção saussuriana de *langue*. O *ouvido* de Saussure é aquele que *julga, sanciona, delimita, percebe* as unidades da *langue* – e esse *ouvido* está indiscutivelmente ligado ao par *falante-ouvinte*. A presença desse *ouvido* é o que nos levou a vislumbrar uma escuta a partir das considerações do linguista, no entanto, o intuito não era nos restringirmos essencialmente ao que podemos encontrar textualmente nos manuscritos saussurianos, mas sim aos efeitos advindos de um pensamento que mostrou-se constantemente em construção. Nos valemos de uma entrevista de Daniel Gambarara, ex-presidente do *Cercle Ferdinand de Saussure*, e reafirmamos: “ler Saussure, lê-lo realmente, lentamente e refletindo sobre o que se lê, nos novos documentos mais importantes, significa deslocar-se, dando um passo, não para trás, mas para o lado” (FIGUEIRA; GAMBARARA, 2019, p.423). Diríamos ainda que, não é apenas dar um passo para o lado, mas para frente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um texto precisa ser concluído, mas tal “encerramento” está longe de ser definitivo. A nossa trajetória empreendida até aqui é fruto de uma longa busca, cujo início, apesar de indireto, deu-se em 2012, a partir de nossas inquietações sobre a transcrição de falas sintomáticas, que se expandiram até chegar, aos poucos, ao aspecto fônico da língua e à condição de ouvinte sugerida nos textos saussurianos – empreitada realizada entre 2014 e 2016 e que resultou na dissertação de mestrado (STAWINSKI, 2016). As considerações lidas até aqui, portanto, são resultado dos estudos e discussões conjuntas no grupo de pesquisa *O rastro do som em Saussure*, a partir de leituras que nos provocaram a considerar a *escuta* como um conceito pertinente aos Estudos da Linguagem. Pretendemos que esta tese seja vislumbrada como um novo início, antes de ser uma conclusão, pois consideramos que mais um passo foi dado em direção a uma fundamentação teórica e epistemológica acerca dos efeitos que a *escuta* pode provocar para além da teoria de base saussuriana, podendo incentivar repercussões teóricas, metodológicas e práticas.

Para tentarmos dar conta da tarefa de pensar a *escuta* de um ponto de vista linguístico, esboçamos um caminho, iniciado no primeiro capítulo, que partiu do *Monsieur B*, em busca de inverter a lógica predominante no campo dos Estudos da Linguagem e fazer um trajeto especular de *ouvinte* a *falante*, com vistas a aprofundar o debate acerca das relações indissociáveis entre *langue* e *parole*. Nesse capítulo, procuramos demonstrar como o *ouvido* se faz presente na reflexão saussuriana, ressaltando suas implicações terminológicas para a teoria linguística. Para isso, tivemos como base a coleção terminológica saussuriana organizada por Giuseppe Cosenza (2016), e particularmente o manuscrito *Phonétique* – porta de entrada para a nossa concepção de *ouvido* como um conceito teórico tributário de Saussure. Em seguida, aprofundamos a concepção de *ouvinte* como uma posição de análise linguística e exploramos a ideia do circuito saussuriano *para além* da *parole*, com o objetivo de enfatizarmos, com inspiração em Coursil (2000) e em D’Ottavi (2010), o aspecto *ativo* do *ouvinte*.

Por fim, concluímos o primeiro capítulo revisitando a ideia fundamental de Coursil quanto à *função muda da linguagem*. Foi a partir dos estudos desse pesquisador que abordamos algumas considerações a respeito das bordas temporais da *parole*, com o intuito de nos lançarmos em uma abertura do conceito de *escuta* para além da audição da materialidade sonora – isso porque o autor estabelece uma aproximação entre escutar e ler, precisamente

porque tem como centro a reflexão sobre o lugar do *outro* na cadeia falada. Nesse sentido, o autor nos auxiliou a pensar no *ouvinte* como um “eu” (falante), estabelecendo uma simetria entre *eu* e *tu*.

Já no segundo capítulo, encaramos o *Monsieur A*, o *falante*. De início, exploramos as concepções de *falante* e os efeitos desta noção nos Estudos da Linguagem, empreitada principiada com uma pesquisa em dicionários e enciclopédias especializadas. Esse levantamento nos encaminhou para uma discussão sobre o problema do *sujeito* nos Estudos da Linguagem, a partir de Marina De Palo (2010). A autora mostrou como se deu a passagem de uma ideia de *sujeito* a uma ideia de *falante* propriamente dito. Pudemos, assim, aprofundar o lugar do *sujet parlant* a partir de Saussure, observando a dependência entre os conceitos de *langue* e *falante*. Para isso, observamos as relações associativas e sua função reguladora da *langue*, ponto enfatizado por Raffaele Simone (1995).

Enfim, na segunda parte do segundo capítulo, passamos a sublinhar a *parole* como experiência linguística, com inspiração nas considerações do linguista Antonino Bondi (2014), que vislumbra o lugar da experiência a partir da linguística cognitiva, da fenomenologia de Merleau-Ponty e da linguística saussuriana. A *parole* tomada como *experiência* teve como intuito abordar a indissociabilidade de tal conceito com relação à concepção de *langue*, cujo apoio encontramos em Godel (1969), assim como nas notas de Tullio De Mauro (SAUSSURE, 1972). Tudo isso nos levou à problematização do *sentimento* da *langue* (ou do falante) presente nos manuscritos saussurianos, com apoio nas considerações de Alessandro Chidichimo (2009), Emanuele Fadda (2013) e, uma vez mais, na coleção terminológica de Giuseppe Cosenza (2016).

Finalmente, no terceiro capítulo efetivamos nossa abordagem da *escuta* linguística, trajetória inaugurada com uma investigação preliminar em dicionários de português, francês, inglês, espanhol e italiano – visto que nesta tese tivemos como apoio a leitura de artigos e livros escritos nesses idiomas –, tendo como objetivo apontar possíveis similaridades e, também, singularidades em cada uma das definições encontradas. Em seguida, buscamos suporte no verbete *escuta* da enciclopédia Einaudi, escrito por Barthes e Havas (1897), definição de caráter singular, que permitiu-nos percorrer três tipos de escuta, desde um ponto de vista fisiológico até um ponto de vista psicanalítico.

Ainda em direção a uma ampliação e complexificação da noção de *escuta*, buscamos apoio nos estudos de três filósofos: Nancy (2014), Echeverría (2003) e Merleau-Ponty (1999), autores que, apesar de estarem inseridos em perspectivas diversas, lidaram, diretamente com o

lado oculto da linguagem. Esses filósofos da linguagem contribuíram para o enriquecimento da compreensão acerca da *escuta*, enfatizando não apenas a *escuta* como ativa e singular, mas como lugar em que se instaura a *alteridade*. Do sentido *sensível* passamos ao sentido *sensato* – aquele que foi percebido e interpretado pelo falante, sob os efeitos do *ouvido*.

Posteriormente, realizamos uma breve retomada de concepções de *escuta* (*listening*) nos últimos anos, conforme levantamento realizado em *The Sourcebook of listening research* (WORTHINGTON; BODIE, 2018). Essa consulta nos permitiu verificar as diferentes acepções do termo, mas, além disso, também demonstrou a ausência de uma reflexão fundamentalmente linguística da *escuta*, cujo interesse parece mais voltado para a compreensão da *escuta* como uma *habilidade* do que como um conceito com repercussões teóricas para a compreensão dos conceitos de *língua*, *fala* ou mesmo de *falante-ouvinte*. Na área da linguística – especificamente da linguística aplicada, Michael Rost (2011) nos auxiliou a olhar amplamente para os diferentes pontos de vista dos quais podemos nos valer para encarar a *escuta*: de uma perspectiva neurológica, linguística, semântica e pragmática. Na mesma direção do que foi apontado em Worthington e Bodie (2018), a *escuta* é compreendida como uma *habilidade* – os objetivos de ambos os trabalhos não são refletir teoricamente sobre um conceito de *escuta* para a linguística em geral, mas, antes, demonstrar diferentes métodos de análise e pesquisa, voltando-se, basicamente, para aspectos fonético-fonológicos do ponto de vista da recepção/percepção.

As duas últimas seções do terceiro capítulo foram dedicadas a leituras influenciadas pelo pensamento saussuriano. Com Roman Jakobson (1971a) e Albano Leoni (2014), nos colocamos à *escuta do sentido*, tendo como fundamento as relações entre *som-sentido*. Novamente, foi possível ver, a partir desses autores, a posição de *ouvinte* como essencial à compreensão de *langue*, *parole* e *falante*, o que nos levou a reforçar a *escuta* para além da percepção auditiva. Já a partir de Arild Utaker, pudemos enfatizar o papel do *ouvido* na delimitação das unidades linguísticas, refletindo acerca do *ouvido* como órgão (que nomeamos *orelha*) e do *ouvido* como *função* – estritamente ligada à concepção saussuriana de *langue*. Além disso, o autor também reforça a *alteridade*, trazendo uma noção de ressonância para pensar, além do aspecto fônico, a necessidade do *outro* para que possamos definir o que é *langue*. Nesse sentido, não há espaço para uma concepção monológica da linguagem, algo que, como vimos, repetiu-se nos outros autores mencionados acima – sejam linguistas ou filósofos. Essa trajetória de pesquisa permitiu-nos propor o embrião de um conceito de *escuta* que é prospectiva aos estudos saussurianos e que, como tal, não pretende encerrar-se.

Esperamos que a leitura até aqui tenha instigado nossos leitores a considerar a questão da *escuta* como um conceito que merece ser ainda aprofundado pelos estudiosos da linguagem, vinculados ou não aos estudos de base saussuriana.

É certo que muito ainda precisa ser desenvolvido: pensar a *escuta* nos levará, inevitavelmente, ao estudo da *voz* – outro conceito que, apesar de estar essencialmente vinculado à nossa compreensão sobre o que é uma *língua*, tem ainda pouco espaço na linguística atualmente – e junto à *voz*, a prosódia, a entonação e o *valor* desses aspectos na língua, seja na aquisição, na clínica de linguagem ou no ensino de línguas. A *escuta* ainda pode abrir caminhos para a consideração de diferentes materialidades – como é o caso das línguas de sinais, que têm sido objeto de estudos de Laura Frydrych (2020, no prelo) –, assim como para os estudos literários, em diálogo com o conceito de *escritas de ouvido* proposto por Marília Librandi-Rocha (2011). A *escuta* nos leva a refletir sobre a leitura em voz alta, o papel do fônico e a alteridade na linguagem – como demonstram Milano (2017b) e Stevanin (2019). Enfim, a *escuta* tomada como um conceito pensado a partir dos Estudos da Linguagem pode repercutir em uma maneira renovada de encararmos o fenômeno linguístico.

Encerramos esta tese na companhia de John Joseph, com a confiança de que buscamos um espaço inventivo nos estudos linguísticos:

difícilmente podemos afirmar que somos “linguistas inventivos”, a não ser que passemos a capacidade de invenção a ouvintes, leitores, intérpretes, acabando com o monopólio da produção - atribuída a falantes e escritores -, e da análise e interpretação - atribuída a linguistas, etimologistas e críticos literários (...) Qualquer projeto para uma linguística “inventiva” deve superar essa hermeneiafobia primordial e abraçar as dimensões humanas da linguagem, que tratam de como interpretamos textos e enunciados, sempre individualmente, às vezes inventivamente; e como nos interpretamos linguisticamente (JOSEPH, 2010, p.100; 103, *tradução nossa*)³²².

Sigamos, portanto, à *escuta*.

³²² “we can hardly claim to be ‘inventive linguists’ unless we turn over the capacity for invention to listeners, readers, interpreters, ending the monopolies enjoyed on the production end by speakers and writers and on the analytical and interpretative end by linguists, etymologists and literary critics” [...] “Any project for an ‘inventive’ linguistics must outgrow this primordial hermeneiafobia and embrace the human dimensions of language, which are all about how we interpret texts and utterances, always individually, sometimes inventively; and how we interpret each other linguistically” (JOSEPH, 2010, p.100; 103).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. 1ª reimpressão. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.
- ALBANO LEONI, F. Saussure, la syllabe et le phonème. In: *Histoire Epistémologie Langage* 29.1: 115-136, 2007.
- _____. *Des sons et des sens*. La physionomie acoustique des mots. Lyon : ENS Éditions, 2014.
- ASCOLTARE. In: *Il Nuovo vocabolario di base della lingua italiana*. Internazionale. it, 2020. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/parola/>. Acesso em: 07 mai 2020
- AUDIÇÃO. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001. Acesso em: 07 mai 2020
- BADIR, S. Is the arbitrary symmetrical?. In: *Semiotica*, v. 2017, n. 217, 2017.
- BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 27-43, 1990.
- BARTHES, R.; HAVAS, R. Escuta. In: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1987. Volume 11. p.137-145.
- BODIE, G. Communication. In: *The Oxford Research Encyclopedia*. Oxford University Press USA, 2016. Disponível em: <https://oxfordre.com/communication/view/10.1093/acrefore/9780190228613.001.0001/acrefore-9780190228613-e-279>. Acesso em: 04 Abr 2020.
- BONDI, A. L'expérience de la parole: le thème du sujet parlant. In : *Revue-Texte*, XIX, 1, 2014, p.1-19. Disponível em: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=3443>.
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005a.
- _____. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005b.
- _____. O aparelho formal da enunciação. In: *Problemas de linguística geral II*, 2ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2006, p.81-92.
- BRIGHT, W. *International encyclopedia of linguistics*. New York: Oxford University Press, 1992.
- CAPELLER, I. Introdução à arqueologia da escuta – do som e da voz como objetos de enunciação. In: *Ciberlegenda*, v. 2, n. 24, 2011.
- CHIDICHIMO, A. Saussure e o Sentimento: A Forma do Sentimento Lingüístico. In: *Rua*, v. 1, n. 15, p. 109-122, 2009.
- CHOI, Y. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.

- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.
- CONSIGNAÇÃO. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Ed. Objetiva, 2001.
- CONSTANTIN, E. *Linguistique générale. Cours de M. Le Professeur de Saussure. In: Cahiers Ferdinand de Saussure*, 58. Genève: Droz. (C), 2005 (2006), p.79-288.
- COSENZA, G. *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*. Alessandria : Edizioni dell'Orso, 2016.
- COURSIL, J. Analytique de la Phonologie de Saussure: les deux théorèmes. In : *Linx*. Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre, n. 7, p. 323-352, 1995.
- _____. Le Syllabaire Saussurien In: *Langages*, n. 129, p. 76-88, 1998.
- _____. *La Fonction Muette du Langage*. Petit-Bourg: Ibis Rouges Éditions, 2000.
- _____. *Valeurs pures: le paradigme sémiotique de Ferdinand Saussure*. Lambert-Lucas: Paris, 2015.
- D'OTTAVI, G. Ferdinand de Saussure e Monsieur B. In: *Bollettino di italianistica*, v. 7, n. 1, p. 71-91, 2010.
- _____. Nine Easy Pieces: Os Manuscritos de Ferdinand de Saussure em Harvard. In: *Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH 2*, São Paulo: FFLCH-USP, 2017.
- DE MAURO, T. Introdução. Tradução: Maria Iraci Sousa Costa e Amanda Eloina Scherer. In: *Fragmentum* n. especial. Jul./Dez. 2018. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM.
- DE PALO, M. Sujet cognitif et sujet linguistique. In: *Histoire Épistémologie Langage*, v. 32, n. 2, p. 37-55, 2010.
- ECHEVERRÍA, R. *Ontología del lenguaje*. Santiago: Ediciones Granica SA. 2003.
- ÉCOUTE. In: *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020
- ÉCOUTER. In: *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020
- ENGLER, R. *Léxique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers, Spectrum, 1968.
- ENTENDRE. In: *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020
- ESCUCHA. In: *Real Academia Española*. Madrid: ASALE, 2014. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 07 mai 2020
- ESCUCHAR. In: *Real Academia Española*. Madrid: ASALE, 2014. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 07 mai 2020

- ESCUTA. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001.
- ESCUTAR. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001.
- FADDA, E. 'Sentiment': entre mot et terme quelques notes sur le travail et la langue de Ferdinand de Saussure. In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 66, p. 49-65, 2013a.
- _____. La notion de 'sentiment', la morphologie et la cognition langagière (in)consciente. In : *Travaux du 19ème CIL | 19th ICL papers*. Congrès International des Linguistes, Genève 20-27 Juillet 2013b.
- _____. *Sentimento della lingua: per un'antropologia linguistica saussuriana*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2017.
- FARACO, C.; NEGRI, L. O falante: que bicho é esse, afinal?. In: *Revista Letras*, v. 49, 1998.
- FERNANDINO, J. Escuta e interação cênica. In: *ouvirOUver*, v. 6, n. 2, 2010.
- FIGUEIRA, R; GAMBARA, D. Entrevista Daniele Gambarara a Rosa Attié Figueira. In: *Leitura*, v. 1, n. 62, p. 422-425, 2019.
- FIORIN, J. L.; FLORES, V; BARBISAN, L. (Orgs.). *Saussure - a invenção da linguística*. Editora Contexto, 2013
- FIUMARA, G. *The other side of language: a philosophy of listening*. New York: Routledge, 1990.
- FLORES, V. et alii. *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FOGEL, G. Escuta, silêncio, linguagem. *Aufklärung*. *Revista de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 47-58, 2017.
- FOREL, C. Un bon exercice de lecture du Cours de linguistique générale. In: *Entornos*, v. 29, n. 2, p. 211-218, 2016.
- FREI, H. *La Grammaire des fautes: introduction à la linguistique fonctionnelle*. Slatkine, 1929.
- FRYDRYCH, L. *A teoria linguística saussuriana, a essência dupla da linguagem, e o diálogo entre gesto e língua (de sinais): materialidade em questão*. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020, no prelo.
- GAMBARARA, D. "Ordre Graphique Et Ordre Théorique: Présentation De Ferdinand De Saussure, Ms. Fr. 3951/10." In : *Cahiers Ferdinand De Saussure*, no. 60 (2007): 237-80. Acesso em 13 set 2020. <http://www.jstor.org/stable/27758758>.
- GARAY, R. *O fonema: linguística e história*. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/148985>. Acesso em: 14 mar 2020

GAUTIER, L. "Entretien Avec M. De Saussure, 6 Mai 1911." In : *Cahiers Ferdinand De Saussure*, no. 58 (2005): 69-70. Acesso em 13 set 2020. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27758717>.

GODEL, R. "Nouveaux Documents Saussuriens Les Cahiers E. Constantin." In : *Cahiers Ferdinand De Saussure*, n. 16, 1959, pp. 23–32. JSTOR, www.jstor.org/stable/23803180. Acesso em 13 Set. 2020.

_____. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genebra: Librairie Droz, 1969.

HEAR. In: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. 2^a ed. Cambridge University Press 2007.

JAKOBSON, R. Saussure's unpublished reflexions on phonemes. In *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n^o 26. Mélanges de Linguistique offerts a Henri Frei. Genève, Librarie Droz, 1969a.

_____. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969b.

_____. Two Aspects of Language and two types of aphasic disturbances. In: *Selected Writings II – word and language*. Mouton, The Hague, Paris, 1971a.

_____. Linguistics and communication theory. In: *Selected Writings II – word and language*. Mouton, The Hague, Paris, 1971b.

_____. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

JAKOBSON, R.; HALLE, M. *Fundamentals of language*. Mouton & Co's-Gravenhage: Mouton. 1956.

JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. *Diálogos*. Cultrix, 1985.

JAKOBSON, R.; WAUGH, L. R. *The Sound Shape of Language*. Berlin: Mouton de Gruyter. 2002.

JOSEPH, John E. Hermeneiaphobia: Why an 'inventive' linguistics must first embrace interpretation. In: *Inventive linguistics*, p. 95-105, 2010.

_____. Iconicity in Saussure's linguistic work, and why it does not contradict the arbitrariness of the sign, In: *Historiographia Linguistica*, vol. 42, no. 1/2, pp. 85-105. 2015.

JOSEPH, J; VELMEZOVA, E. (ed.). *Le Cours de linguistique générale: réception, diffusion, traduction*. Cahiers de l'ILSL, № 57, 2018. UNIL.

KENT, R.; READ, C. *Análise acústica da fala*. Tradução: Alexsandro Rodrigues Meireles. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

KOERNER, E. *Ferdinand de Saussure: Origin and development of his linguistic thought in western studies of language*. Springer-Verlag, 1973.

LIER-DEVITTO, M; EMENDABILI, M. Uma posição sobre a escuta na Clínica de Linguagem. In: *Linguística*, v. 31, n. 2, p. 73-82, 2015.

LISTEN. In: *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*. 2ª ed. Cambridge University Press 2007.

LISTENING. In: *Collins English Dictionary Online*. Harper Collins, 2020. Disponível em: <https://www.collinsdictionary.com/dictionary/english>. Acesso em: 05 mai 2020

MALMKJAER, K. *The linguistics encyclopedia*. London: Routledge, 2009

MERLEAU-PONTY, M. *O homem e a comunicação - A prosa do Mundo*. Trad. Celina Luz. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

_____. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILANO, L. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *Eutomia*, v. 1, n. 16, p. 245-258, 2015.

_____. Le statut du phonique dans le CLG. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure – Revue suisse de linguistique générale*, Genebra, v. 70, p. 85-100, 2017a.

_____. O Sertão em voz alta. In: *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, p. 76-83, maio/ago. 2017b.

_____. Às voltas com o tu em Benveniste: uma reflexão sobre a noção de escuta em linguística. In: OLIVEIRA, G; ARESI, F. (Orgs.). *O universo benvenistiano: enunciação, sociedade, semiologia*, no prelo, 2020.

MILANO, L; FLORES, V. Os sentidos da voz e a definição do humano. In: *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre - RS, p. 8, 14 abr. 2014.

_____. Do balbucio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 50, n. 1, p. 64-72, jan.-mar. 2015.

MILANO, L; STAWINSKI, A. O arbitrário e/é a escuta. In: *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

MILANO, L; STAWINSKI, A; GOMES, J. Por uma noção de escuta a partir do legado saussuriano. *Eutomia*, Recife, v. 17, n. 1, p. 92-104, jul. 2016.

MILLER, G. *Langage et communication*. Trad. de l'anglais par Colette Thomas. Paris : Presses Universitaires de France, 1956.

MOLLINOVÁ, E. Les traductions et les oeuvres basées sur Cours de linguistique générale. 2013. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mémoire de licence). Faculté des Lettres, Université Palacky à Olomouc. Olomouc, 2013. Disponível em: http://theses.cz/id/1jso5b/Les_traductions_et_les_oeuvres_bases_sur_cours_de_linguis.pdf. Acesso em: 28 mai. 2020

NANCY, J. *À escuta*. Belo Horizonte: Edições Chão de Fabrica, 2014.

_____. Fazer, a poesia. In: *Alea*, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 414-422, Dec. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-

106X2013000200010&lng=en&nrm=iso. Acesso em 29 Nov 2019.
<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2013000200010>.

OÍR. In: *Real Academia Española*. Madrid: ASALE, 2014. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 07 mai 2020

OLIVEIRA, R. *Princípios metodológicos da transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Odontologia, Instituto de Psicologia, Curso de Graduação em Fonoaudiologia, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/88289>, acesso: 10 jun 2020

OREILLE. In: *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020

ORELHA. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001.

OUIË. In: *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020

OUVIDO. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001.

OUVIR. In: HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Ed. Objetiva, 2001.

PARRET, H. Les manuscrits saussuriens de Harvard. In: *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 47, p. 179-234, 1993.

_____. Réflexions saussuriennes sur le temps et le moi. In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*, volume 49, pp. 85-119, Genève: Droz, 1995.

_____. Métaphysique saussurienne de la voix et de l'oreille dans les manuscrits de Genève et de Harvard. In : BOUQUET, S.; BADIR, S. *Cahier L'Herne Ferdinand de Saussure*, 2003, 62-79.

_____. Le fondement impensable de la théorie linguistique saussurienne, *ACTES SÉMIOTIQUES* (Online). 2011, n° 114. Disponível em: <http://epublications.unilim.fr/revues/as/1865>. Acesso em 02 dez 2019.

_____. L'intimité fuyante de Saussure: 'la théorie de la chaîne sonore est une étude des plus [] [Écrits, 241]. *Congrès International 100 ans avec Saussure*, Université de Sao Paulo, 16/20 septembre 2013.

_____. *Le son et l'oreille: Six essais sur les manuscrits saussuriens de Harvard*. Limoges, Lambert-Lucas, 2014a.

_____. Les grandeurs négatives: de Kant à Saussure". *Actes Sémiotiques* [on line], n.117. 2014b. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5081>. Acesso: 25/03/2020.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Martins Fontes, 2004.

_____. *Language, Cognition and Human Nature*. ABRALIN ao vivo – Linguists online. Youtube. 2020. (Comunicação Oral).

PRADO, J. *Constelação fônica e redes neurais artificiais: aplicabilidade na análise computacional da produção da fala*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2007.

QUIJANO, C. «Sous le signe du doute - présentation des textes de E. Constantin. In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n° 58, 2005.

RIBEIRO, J. "A língua é um traje coberto de remendos feitos de seu próprio tecido": uma reflexão sobre os neologismos a partir da teoria saussuriana. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2019.

ROCHA, M. L. Writing by Ear: Clarice Lispector, Machado de Assis, and Guimarães Rosa and the Mimesis of Improvisation. In: *Brazilian Improvisations / Improvisações Brasileiras*. Vol 7, No 1, 2011. Disponível em: <https://www.criticalimprov.com/index.php/csieci/issue/view/113>. Acesso em: 31 ago 2019.

ROST, M. *Teaching and researching listening*. 2nd Edition. London: Pearson Education Limited, 2011.

SAUSSURE, F. de. *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, Charles Bally et Léopold Gautier (a cura di), Genève, Sonor; Lusanne, Payot; Heidelberg, C. Winter, 1922.

_____. *Édition critique du 'Cours de linguistique générale' de F. de Saussure*. Traduit par Louis-Jean Calvet. Paris: Payot, 1972.

_____. *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.

_____. *Troisième cours de linguistique générale (1910–1911) d'après les cahiers d'Émile Constantin/Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910–1911) from the notebooks of Émile Constantin*. Edited by Eisuke Komatsu. English trans. R. Harris, Oxford: Pergamon, 1993.

_____. *Phonétique*. Il manoscritto di Havard - Houghton Library bMS Fr 266 (8). Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Unipress, Padoue, 1995.

_____. *Premier cours de linguistique générale, par les cahiers d'A. Riedlinger (1907)*. Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1996.

_____. *Deuxième cours de linguistique générale, par les cahiers d'A. Riedlinger et Ch. Patois (1908-9)*. Éd. et trad. par E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo/Séoul, Pergamon, 1997.

_____. *Écrits de linguistique générale*. ed. Engler Rudolf, Bouquet Simon. Gallimard, Paris: Gallimard, 2002a.

_____. *Théorie des sonantes*. Il manoscritto di Ginevra. Bibliothèque Publique de Genève. Edizione a cura de Maria Pia Marchese. BPU: Genève, 2002b.

_____. *Escritos de linguística geral*. Organização e edição por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. *Curso de linguística geral*. Organização por Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª edição. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Science du langage. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372*. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des Écrits de linguistique générale, établie par René Amacker, Genève, Droz. 2011.

_____. *Anagrammes homériques*. Présentes et edités par PierreYves Testenoire. France: Éditions Lambert-Lucas, 2013.

SAUSSURE, F. de; GAMBARARA, D. "La Théorie De La Voyelle Et De La Syllabe." Cahiers Ferdinand De Saussure, no. 64 (2011): 180-91. Acesso em 13 set 2020. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/43615531>.

SENTIRE. In: *Il Nuovo vocabolario di base della lingua italiana*. Internazionale. it, 2020. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/parola/>. Acesso em: 07 mai 2020

SIMONE, R. The Language-User in Saussure (and after). In: *Historical Roots of Linguistic Theories*. Ed. by Lia Formigari and Daniele Gambarara, Amsterdam, Benjamins, 1995, p.233–250.

SOFIA, E. *La collation Sechehaye du 'cours linguistique générale' de Ferdinand de Saussure* (1913). Édition, introduction et notes par E. Sofia. Leuven: Peeters, 2015.

_____. *O estudo da obra de Ferdinand de Saussure: problemas teóricos, filológicos e editoriais*. 123º Seminário de Estudos Avançados. UFSM, Silveira Martins, 2019. (Comunicação Oral).

SPRITZER, M. Práticas radiofônicas: ação, contracenação e escuta. In: *Urdimento-Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 2, n. 17, p. 137-142, 2011.

STAWINSKI, A. A heterogeneidade na transcrição de fala sintomática: marcas subjetivas. *XXIV Salão de Iniciação Científica*. Anais...Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/63518>.

_____. *A subjetividade na linguagem: aspectos linguísticos*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2013.

_____. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta saussuriana*. 2016. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/140177>.

_____. O ‘som’ como figura vocal e o ‘som’ como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Leitura*, v. 1, n. 62, p. 69-85, 2019.

STAWINSKI, A; MILANO, L. Sobre objeto e método: do CLG ao manuscrito Phonétique. In: *Gragoatá*, Niterói, v.22, n. 44, p. 1172-1183, set.-dez. 2017.

STEVANIN, A. *A presença do som em Grande Sertão: Veredas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2019.

SUENAGA, A. «Des deux arbitraires, absolu et relatif, à un arbitraire ‘primaire’ – le fait linguistique et le devenir du signe chez Saussure . In : *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n.52. Genève: Droz, 1999.

SUJET PARLANT. *Le Trésor de la Langue Française informatisé*. Nancy: CNRS Editions, 1994. Disponível em: <http://atilf.atilf.fr/tlfi.htm>. Acesso em: 07 mai 2020

TOMATIS, Alfred. *L'oreille et le langage*. Ed. Seuil: Paris, 1963.

TODOROV, T.; DUCROT, O. (eds.). *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, Paris: Seuil, 1972

UDIRE. In: *Il Nuovo vocabolario di base della lingua italiana*. Internazionale. it, 2020. Disponível em: <https://dizionario.internazionale.it/parola/>. Acesso em: 07 mai 2020

UTAKER, A. *La philosophie du langage : une archeologie saussurienne* . Limoges : Lambert-Lucas, 2016.

WORTHINGTON, Debra L.; BODIE, Graham D. (Ed.). *The sourcebook of listening research: Methodology and measures*. John Wiley & Sons, 2017.